

Série Favoritos

Livro 1

A large, ornate, black decorative frame with swirling flourishes surrounds the title text.

**Meu**  
**Árabe**  
**Favorito**

R.Kéthully



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Série Favoritos  
Livro 1



**Meu**  
**Árabe**  
**Favorito**

R.Kéthully

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Sinopse

Kamal Abdo é um árabe bonito, rico e mulherengo.

Depois de um escândalo que o envolve com uma mulher casada. Seu pai o obriga a vim para o Brasil trabalhar em uma das filiais da Empresa de Telecomunicações Abdo. Resistente a essa ideia Kamal tenta mudar a decisão do seu pai, que é irredutível.

Com o tempo ele percebe que sair da Arábia Saudita foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Sem pais, sem regras, sem sociedade rígida. Ele pode fazer o que sempre fez. Usar as mulheres. Sem se preocupar com as consequências.

Dois anos se passaram e Kamal tem um problema. Ele precisa de uma secretária. Não uma mera secretária, mas sim uma que não queira levá-lo para cama. E ele conseguiu. Mariana Assunção. A indiferente Mariana, que parece não ser atingida pelo seu charme e beleza.

Mas será que ele vai conseguir não se atrair pela indiferente Mariana?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

**Querido leitor,**

**Seja bem-vindo ao meu pequeno mundo. Espero que goste do livro e que possa dar altas risadas com Kamal e Mariana.**

**Eu mesma me diverti muito escrevendo-o.**

**Essa obra foi criada para ser uma comédia romântica. Então, se algo lhe parecer fora do normal, lembre-se que isso é um livro fictício.**

**Algumas coisas que acontecem no livro podem ou não fazer parte da cultura árabe. Não há limites para a imaginação.**

**Atenciosamente,  
R. Kéthully**



## Capítulo 1

O lhei o imponente prédio. Faz

alguns dias que a agência me notificou sobre a vaga de secretária, mas devido aos diversos exames que tive que fazer para poder ocupar a vaga, essa era a primeira vez que eu via o meu local de trabalho. Esse não era exatamente o emprego que eu tinha em mente, mas devido as minhas circunstâncias não posso exigir muito.

Sou formada em jornalismo, mas sempre trabalhei na área de relações públicas. Gostaria de atuar na minha área, mas ultimamente o mercado não deseja as minhas habilidades. A crise nos

pegou de jeito. E para pagar as minhas contas preciso de um emprego, mesmo que seja de secretária.

Entrei no prédio e rapidamente me dirigi a recepção. Uma linda moça morena me atendeu liberando minha entrada assim que conferiu quem eu era e quem seria a partir de hoje. A secretária de Kamal Hamdam Abdo. Pelo nome já sei que é estrangeiro e algum homem poderoso da Ásia, definitivamente deve ser um velho. Só espero que ele não seja tarado, tive problemas no meu antigo trabalho devido a isso. Já me preparei psicologicamente para qualquer assédio sexual que possa receber.

Apertei o botão do elevador e segundos depois me vi no RH. Cristina a assistente que me atendeu e me acompanhou durante esses dias, sorriu para mim quando me aproximei e lhe entreguei os exames que eu havia feito. Ela era uma mulher legal de sorriso fácil e conversa simples. Seus cabelos castanhos e curtos combinava com ela. Seus olhos sorriam quando falava e isso fazia ela parecer mais jovem do que era. Depois de analisar todos os documentos, ela me direcionou ao

## PERIGOSAS ACHERON

último andar para falar com o chefe, sozinha.

*Ela não devia me acompanhar?*

O último andar estava completamente vazio. Passei as portas de vidro e a visão era única, se eu pudesse descrever o lugar diria que era luxo, puro luxo. *Isso são fios de ouro?* Encarei a parede passando minhas mãos pela seda. Me senti como se estivesse em uma dessas novelas asiáticas. Eu nunca viajei fora do Brasil para saber exatamente, mas já assisti filmes o suficiente para saber que isso era o mais perto que eu chegaria de algo desse gênero. Voltei minha atenção para o ambiente e encarei a mesa que provavelmente seria minha. Uma enorme porta atrás da mesma gritava “Chefe aqui”.

Fiquei indecisa sobre bater ou não. *E se ele estiver ocupado?* Mas Cristina me mandou descer. *E se ele estiver no telefone e eu o atrapalhar?* Eu não queria cometer um erro no meu primeiro dia. Eu precisava desse emprego. Esperei alguns segundos para ver se alguém iria aparecer.

Minutos depois um moreno da cor do pecado apareceu e assim que me viu, ele sorriu.

— Ei moça bonita. O que faz aqui em pé? —

seu tom não era malicioso. Então relaxei e sorri para ele. Ele não me parecia estrangeiro, na verdade era bem brasileiro. Um mulato muito bonito.

— Eu sou a nova secretária do senhor Abdo. Não sei se é assim que se pronuncia. Me desculpe.

Ele riu.

— Não precisa se desculpar, você pronunciou corretamente. Venha. — disse me segurando pelos ombros e me guiando pelo corredor a direita. — Vou lhe deixar na sala de reuniões e direi a ele que você já chegou. Desculpe o transtorno, mas é que a antiga secretária se demitiu e nenhuma das que colocamos no lugar era apta para o trabalho. — ele fez uma careta e abriu a segunda porta do corredor. A sala de reuniões. Entrei, mas ele permaneceu na porta.

— Prazer, meu nome é Marcos Rossi. — ele estendeu a mão.

— Mariana Assunção. — apertei sua mão.

— Seja bem-vinda Mariana. Com licença. — ele se despediu e eu me sentei para esperar o meu “*novo*” chefe.

— Bom dia! — uma voz rouca e potente

## PERIGOSAS ACHERON

disse assim que entrou pela sala. Me sobressaltei e olhei o homem a minha frente. Prendi o ar. Pelo sotaque ele não é do Brasil. Rosto afilado, barba bem feita, olhos cor de mel, cabelos negros bem arrumados, roupa impecável. Com certeza ele é estrangeiro. *E que estrangeiro.*

— Bom dia senhor. — achei minha voz depois de um tempo, descobrindo como voltar a respirar.

Ele me encarou ainda em pé.

Ele saiu fazendo sinal para que eu o seguisse e foi o que eu fiz. Ele foi na frente e sem querer me peguei olhando para a sua bunda. *Aí Deus, que bunda é essa? Na verdade que homem é esse?* Mesmo com o terno que devia valer mais que meu apartamento, toda sua estrutura óssea estava distribuída perfeitamente e não deixava nada a desejar. Eu podia ver seus músculos definidos saltando pelo caro terno. Ele deve ser algum assessor ou braço direito do homem para poder comprar uma roupa tão cara como essa, ou o relógio de ouro que acompanha o seu traje. Afastei os pensamentos pecaminosos que estava tendo e me dediquei a decorar mentalmente todo o ambiente.

PERIGOSAS ACHERON

Então percebi que ele não disse seu nome e nem perguntou o meu. *Eu devia me apresentar?* Ele me levou a minha futura mesa.

— Essa será a sua mesa. — me encarou. — Naquela direção. — apontou para um corredor contrário ao que nos viemos e seguimos para lá. Ele abriu cada sala. — Temos uma mini cozinha, mais salas de reuniões, vídeo conferência, banheiros femininos e masculinos. — ele voltou para a minha suposta mesa, comigo ainda o seguindo. — Aqui atrás fica o Sr. Abdo. Esse é o andar ao qual você trabalhará, nada de muito interessante. Basicamente preciso de você para atender telefonemas, tomar notas em algumas reuniões, organizar documentos, arquivar, dentre outras atividades que veremos durante o decorrer do trabalho.

Dei um pequeno sorriso gentil e assenti.

— Certo.

— Você é muito bonita. — o encarei surpresa. Não foi sua afirmação que me incomodou, mas sim a intensidade de seus olhos. *Ele estava dando em cima de mim?* Franzi o cenho tentando entender a situação.

— Obrigado senhor. — parei sem saber

PERIGOSAS ACHERON

como chamá-lo, já que ele não havia me dito seu nome. — Mas creio que isso não é um comentário propício para um local de trabalho. — era bom manter as coisas no profissional. Eu não queria me envolver em problemas sentimentais, já bastava os que eu tinha.

Ele me olhou de cima a baixo, e eu não estava gostando nada de seu olhar, muito menos da sua atitude.

— Você aceitaria tomar uma bebida comigo depois do expediente?

— Não. — disse sem parar para pensar. — Me desculpe, mas o senhor esta passando dos limites. — eu estava nervosa. Ele podia por causa da minha ousadia me demitir? *Será que ele tinha esse poder?* Eu preciso desse emprego. Mas também não vou aceitar assédio sexual. Mesmo que o autor do assédio seja um maldito gostoso. Só de pensar no que aconteceu no meu antigo trabalho meu estômago se revira.

— Uma pena. — resmungou encarando meu corpo lentamente. — Porque você é bem *ladhidh*<sup>[1]</sup>.

— falou a última parte em sua língua mãe e não pensei duas vezes em lhe dar um tapa estralado no

PERIGOSAS ACHERON

rosto. Parei espantada e nervosa com minha atitude. Nem comecei a trabalhar e já ia ser demitida.

Eu sei um pouco de árabe. Fiz um curso que desisti depois de duas semanas. Isso foi o que me fez ficar a frente na vaga para secretária. Ele devia saber que eu saberia o que significava a palavra. Estava em meu currículo. *Merda!* Eu ainda não acredito que bati no cara. *Por que tenho que ser tão impulsiva?*

Eu estava quase chorando quando do nada ele começou a rir, segurando e massageando seu rosto. O encarei sem entender. *Ele ficou louco?*

— Parabéns srt. Assunção. Você acaba de passar no meu teste. Acho que agora podemos trabalhar.

Ele seguiu em direção a sala do chefe, me deixando para decifrar suas palavras. Eu ainda estava tentando entender o que aconteceu quando ele me encarou novamente.

— A propósito. — disse estendendo sua mão. — Meu nome é Kamal Abdo.

Meus olhos arregalados era uma leve indicação da surpresa que tive, mas o pior era o sentimento de culpa que eu estava tendo. Eu havia

PERIGOSAS ACHERON



dado um tapa na cara do meu chefe. Eu estava muito ferrada. Vendo que eu não tinha nenhuma reação para pegar em sua mão. Ele simplesmente sorriu e piscou um olho para mim entrando em sua sala.

\*\*\*

Chocada era eufemismo para o meu estado de espírito.

Depois que me recuperei do fato que meu chefe não era um velho caquético, e sim um deus grego em forma de homem. E que intencionalmente eu havia lhe dado um tapa na cara. Resolvi que era hora de me familiarizar com o meu local de trabalho. Então sentei em minha mesa. As coisas ainda estavam estranhas. Coloquei minha cabeça em minhas mãos frustrada. Eu havia realmente lhe dado um tapa na cara? E ele não me demitiu. Eu não sei se eu choro envergonhada ou se agradeço por não ser demitida.

*Mas de que teste ele falara?* Talvez, seja melhor eu nem saber.

Tentei me concentrar no trabalho e procurei a  
PERIGOSAS ACHERON

agenda para saber seus compromissos do dia. Organizei seus compromissos de hoje e de amanhã. Eu precisava compensar pelo que tinha feito. E iria fazer isso com o trabalho. Segundos depois ele me chamou pelo interfone. Levantei e fui até sua sala nervosa. *Será que ele mudou de ideia e vai me demitir?*

— Sim senhor. — disse assim que fiquei de frente a ele.

— Quero que entregue esses papéis no RH. — ele me passou os papéis. — É o seu contrato assinado. Espero que eu não precise assinar sua carta de demissão logo após.

Suspirei aliviada. Ele não vai me demitir.

— Eu também espero senhor. Preciso muito desse emprego. — murmurei.

— Ótimo! Já que estamos entendidos. — começou pegando seu paletó. — Cancele meus compromissos para hoje.

*Será que eu devia avisar que ele tinha uma conferência hoje às duas da tarde com a central na Ásia?* Dei de ombros e me calei. Ele é o chefe e esse é o meu primeiro dia. Ele deve estar ciente da conferência.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo.

— Obrigada! Não voltarei mais hoje. — assenti e ele pegou suas coisas saindo da sala. O segui.

— Senhor Abdo? — chamei antes que me faltasse coragem.

— Sim. — ele se virou para me encarar.

— É... me desculpe pelo, pelo... — apontei para o meu rosto, no exato lugar que eu havia batido nele.

— Oh, não se preocupe com isso. — disse sorrindo e indo em direção ao elevador.

Sentei em minha mesa observando sua linda bunda pelo vidro da entrada e suspirei. Eu não podia ter esses pensamentos. Ele era meu chefe e não passaria disso. Mas que ele era um pedaço de mau caminho eu não podia negar.

Peguei a agenda e comecei a desmarcar ou realocar seus compromissos. Passei as últimas horas convencendo pessoas ignorante e mau educadas. Alguns entendiam quando eu dava uma desculpa esfarrapada do porquê o Sr. Abdo não podia atendê-los, mas outros não eram assim tão amigáveis.

Por volta das onze da manhã Marcos apareceu.  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei moça bonita. Você ainda está aqui?

O olhei céptica e levantei uma das sobrancelhas tentando entender suas palavras.

— Por que não estaria? Fui contratada para ser a nova secretária.

Ele riu.

— Só imaginei que você não duraria nem dez minutos.

O encarei abismada. O que ele queria dizer com isso? Ele achava o quê? Que eu não era apta para o trabalho como as outras contratadas? Suspirei me acalmando antes de fazer mais alguma besteira.

— E por que você acharia isso? — tentei me controlar, amansando meu tom o mais brando possível. — Você achava que eu não era apta para o trabalho.

— Deixa para lá. — disse com um sorriso.

— Não. Eu quero saber. — disse firme.

— Tudo bem. Kamal lhe convidou para tomar sei lá, um café? — perguntou.

Não foi exatamente um café.

— Sim. Ele convidou. — murmurei envergonhada e desconfiada. O tapa que dei no meu chefe rondando toda hora minha cabeça.

## PERIGOSAS ACHERON

— Hum. E o que foi que você fez? — perguntou interessado.

Fiquei mais vermelha que o possível.

— Você não vai querer saber. — disse tentando fugir do assunto. Ele me encarou.

— Nem pensar. Desembucha. O que você fez?

— Lhe dei um tapa na cara.

A gargalhada que Marcos deu me assustou.

— Kamal encontrou a secretária perfeita. Acredito que seremos colegas de trabalho por muito tempo. — me encolhi na cadeira com suas palavras. Marcos parecia ter gostado de minha atitude. Mas eu não. Eu estava muito envergonhada.

Ele começou a ir para a sala do Sr. Abdo ainda sorrindo.

— Ele não está. — informei. — Saiu faz algumas horas e não volta mais hoje.

— Como? — neste momento o sorriso e todo ar tranquilo evaporou dele. Isso não devia ser bom.

— Ele não está. — repeti.

Marcos me encarou com um olhar assassino em seu rosto e seguiu em direção as escadas. Eu sabia que aquela raiva não era direcionada a mim,  
PERIGOSAS ACHERON

mas isso não me impedia de estremecer preocupada.

— Avise-me se ele retornar. — disse antes de sumir pelas escadas de incêndio.

— Tudo bem. — respondi ao vento, já que o Marcos já havia desaparecido.

Me levantei e segui até ao elevador, depois de trancar as portas de vidro por questões de segurança. Apertei o botão do andar do RH e esperei as portas se fecharem apertando meu contrato em minhas mãos.

\*\*\*

Assim que entrei no local e Cristina me viu, me saudou com um enorme sorriso. Entreguei o contrato.

— Parabéns! — disse animada. — Vejo que passou no teste. Pensei que teria que contratar mais algumas candidatas. — murmurou aliviada.

— Que teste? — fiz-me de desentendida. Apesar de já ter sacado o que houve e do Marcos esclarecer um pouco as coisas. Eu queria mais detalhes. Como por exemplo: o porquê desse teste.

Ela sorriu traiçoeira.

— Vamos dizer que quando as mulheres veem o Sr. Abdo, não pensam em outra coisa a não ser levá-lo para cama. — *isso eu não podia negar*. Ele é um pedaço de mal caminho. Mas também agora é o meu chefe, o que me faz abstrair da mente qualquer pensamento pecaminoso. — O teste é uma maneira dele ver se as mulheres conseguem se controlar ao redor dele. Ele não quer uma mulher suspirando e babando por ele toda hora. Ele precisa de uma secretária, não de uma amante.

— Entendo.

— O que você fez para ser contratada?

*Dei um tapa em sua cara*. Corei com a lembrança. Eu não podia sair dizendo a todo mundo o que aconteceu.

— Só fui eu mesma. — disse com um sorriso amarelo. O que não deixava de ser verdade. A impulsiva e imprudente Mariana que só pensava depois de agir. *Essa sou eu!*

Mas agora que sei de tudo. Estou preparada e armada para resistir a qualquer teste e permanecer nesse emprego até que eu encontre algo na minha área. Por isso, nada de cair na lábia do Sr. Abdo.

— Ei. Que tal se almoçarmos juntas? — perguntou Cristina.

— Tudo bem. — disse agradecida pelo convite.

— Certo. — ela olhou para o relógio. — Te encontro no térreo daqui a trinta minutos.

— Ok. — acenei concordando e voltei para o meu andar.

\*\*\*

Depois que almoçamos. Cristina desceu no seu andar me dando tchau. Assim que as portas se abriram no último andar, o telefone começou a tocar freneticamente. Tentei abrir as portas de vidro o mais rápido possível e atender, mas as chaves não ajudavam. Depois de alguns segundos consegui alcançar o telefone.

— Empresa de Telecomunicações Abdo. Escritório de Kamal Abdo, Mariana Assunção falando.

— *Tamrir alhatif abni.*<sup>[2]</sup> — falou o homem agitado.

De todas as palavras que ele falou, eu só entendi “*abni*” — filho. Não sou uma *expert* em PERIGOSAS ACHERON



árabe. Eu só estudei duas semanas.

— Senhor? Será que poderia falar mais devagar?

Não sabia se ele me entenderia ou escutaria, já que desde que falou a primeira frase não parou de xingar e eu nem queria saber o que significava: *Hara*.

— *Você no estende minha língua?* — perguntou em um português arrastado e errado, quase não entendi.

— Só algumas palavras.

— *Ok. No vo descuti iso. Quero fala com Kamal.*

Tentei controlar o riso. Parecia que eu estava falando com uma criança de cinco anos.

— Infelizmente o Sr. Abdo não está disponível. — informei. — O senhor quer deixar recado?

E os xingamentos começaram de novo.

— *Deixa recado? Você sabe com quem fala?*

*O senhor não me deu a chance de perguntar,* pensei irônica. Era cada gente doida.

— Não senhor.

— *Samir Hamdam Abdo, o dono da empresa.*

Gelei. Eu estava falando com o chefe. O chefe do meu chefe.

— Oh. O senhor. — falei nervosa. — Tudo bom?

— *Onde está Kamal?*

— Infelizmente eu não sei.

— *Como no sabe? Voccê é a secretália dele. Temos uma confelência hoje e alguém ligou desmarcando.*

— Sim. Fui eu. — informei com medo de que tivera cometido um erro. Um grave erro. — Deixei recado com a sua secretária.

— *E po que aljahim<sup>[3]</sup> você faria iso?* — ele gritou com tanta força que meus ouvidos quase explodiram.

— Porque o senhor Abdo me pediu.

Ouvi um suspiro pesado na linha.

— *Certo. Diga aquele waqah<sup>[4]</sup> que quero fala o mais rápido possível com ele. Entendes?*

— Sim. — disse e ele não me deixou falar mais nada, desligando o telefone na minha cara. *Ótimo! Era só o que me faltava.*

O problema agora era como eu iria encontrar o Sr. Abdo. Nem o número de celular dele eu tinha. *Beleza de chefe*. Me deixar sozinha no meu primeiro dia. Quando eu ia ligar para o Marcos perguntando se ele podia me fornecer o número do chefe desaparecido, o telefone em cima da mesa tocou novamente.

— Empresa de Telecomuni... — nem consegui terminar minha saudação.

— *Passe para o Kamal*. — dessa vez era uma mulher e pelo tom era arrogante. Revirei os olhos.

— Ele não está.

— *Mentira. Ele vem me ignorando esses dias, mas sei que ele está aí*.

— Senhora, o Sr. Abdo não se encontra no local. Avisarei a ele que a senhora ligou. — informei sem paciência. Eu precisava localizá-lo, não ficar batendo papo com gente mal-educada. — Qual o seu nome?

— *Não é da sua conta*.

— Então tchau. — disse e desliguei.

Para tudo na vida tem um limite. E o meu já havia se esgotado com essa mulher. Eu sei que sou PERIGOSAS ACHERON

só uma secretária, mas não sou obrigada a ficar escutando desrespeito de ninguém. Peguei a lista de ramais da empresa e encontrei o do Marcos.

— *Marcos.* — disse seco. Ele estava irritado. *Será que ainda era com o Sr. Abdo?*

— Er... Sou eu Mariana, é que... — ele me interrompeu.

— *Ah Mari. Precisa de algo?*

— Sim. É que o Abdo pai ligou e quer falar urgentemente com Abdo filho. Será que você poderia me passar o número... — nem terminei. O que tinha com esse povo hoje que não me deixa terminar de falar.

— *Não. Não posso. Não é nada pessoal querida Mari, mas Kamal precisa de uma lição. Ele não pode ficar saindo da empresa e não cumprir com as suas responsabilidades. Se precisar de algo fora o número de Kamal, me ligue.* — e desligou na minha cara.

Olhei para o telefone com cara de tacho, mas no fim o coloquei no gancho. *Bom, eu tentei.* Dei de ombros e procurei o que fazer. Ainda nem tinha dado duas horas da tarde e eu percebi que o dia iria ser longo. Meus pensamentos se confirmaram

PERIGOSAS ACHERON

quando quase duas horas depois uma loira alta, muito alta, desceu do elevador.

Ela veio andando em câmera lenta. Como se quisesse demonstrar o quão fina e elegante era, mas eu não podia negar. Ela era! Alta, magra, rosto fino, olhos de um azul claro envolvente, e uma pele de seda. A mulher parecia ter saído de um comercial de produtos femininos.

— Posso ajudá-la? — perguntei quando se aproximou.

— Vim falar com Kamal. — disse apontando o dedo para mim. — E você não vai me impedir. — pela sua voz, percebi que era a mulher do telefone de horas atrás.

*Ótimo, era só o que faltava.*

## Capítulo 2

Ela se encaminhou para a porta atrás de mim. Levantei-me rapidamente, a segurando antes que entrasse. *Nem morta ela iria entrar aí.* Não vou perder meu recente emprego, só porque uma girafa loira invadiu a sala do chefe.

— O Sr. Abdo não está. — informei ainda a segurando. Mas ela era mais forte e mais alta que eu. Ponto para ela.

— Me solte sua insolente.

— Desculpe-me, mas ele não está. Você terá que se retirar e voltar depois.

— Claro que está. — ela me empurrou, mas eu a segurei novamente. — Me solte!

— Não.

Então ela começou a gritar:

— Kamal, Kamal... Sou eu... Huhuhu... Querido!

— Ele não vai te ouvir. — revirei os olhos.  
— Porque ele não está.

Ela me olhou mortalmente, *tacou* a bolsa de grife nas minhas costas me tirando do caminho e entrou na sala. Peguei o telefone e chamei os seguranças.

— Eu disse: Ele não está. — entrei na sala irritada. Ela já estava acomodada em uma das cadeiras em frente a mesa.

— Não tem problema. Eu espero.

— Ah! Mas não espera mesmo.

— E quem vai me impedir? Você? — ela me analisou de cima a baixo com desdém. Eu sou pequena e magra, não podia com uma mulher como ela.

— Não. — e nesse momento os seguranças chegaram. Sorri de sua cara de espanto. — Eles.

— Você chamou os seguranças? Tá louca? Você sabe quem eu sou?

— Não. E depois que você me machucou,  
PERIGOSAS ACHERON

nem quero saber. Podem levá-la.

Os seguranças a agarraram pelos braços, enquanto ela se debatia.

— Kamal vai saber o que você fez sua... Sua anã de jardim.

— Isso é o máximo que você consegue fazer? Me xingar de anã? Já ouvi coisas piores.

Ela rosnou. Os seguranças a arrastaram até o elevador, enquanto eu me sentava em minha mesa tentando lembrar onde havia parado meu serviço quando aquela louca me atrapalhou.

— Onde eu estava? Ah, organizando os documentos para assinar e arquivar.

\*\*\*

Olhei para o relógio pregado no alto da parede de frente para a minha mesa. Suspirei. Finalmente o expediente havia acabado. Corri para o *busão* e quando cheguei em casa me joguei na cama. O dia havia sido bem estressante e eu já estava vendo o que me aguardava amanhã. Com certeza aquela mulher irá dizer ao Sr. Abdo o que fiz. Fechei os olhos com força. Não consegui passar nem dois dias no emprego, esse deve ser o meu PERIGOSAS ACHERON



recorde. A última vez consegui suportar uma semana em uma lanchonete.

Alguém bateu na porta do meu pequeno apartamento. Ele podia ser pequeno, mas era bem confortável e o mais importante. *Meu!* Abri a porta. E quem eu não queria ver nem pintado de ouro, estava ali diante de mim com cara de cachorro morto. Eduardo, *meu ex*. Ele sorriu ao me ver, e eu simplesmente fechei a porta em sua cara me direcionando para a cozinha.

— Mari! — gritou esmurrando minha porta.  
*Idiota!*

— Vai embora. — gritei de volta.

— Por favor, abre a porta. — implorou. —  
Vamos conversar.

— Se você não sair daqui agora Eduardo, vou chamar a polícia e pedir ao juiz uma ordem judicial para você ficar mais de cinquenta metros longe de mim. Você entendeu?

Um silêncio se fez do outro lado, então deduzi que ele havia ido embora. Preparei um sanduíche com suco para jantar e voltei para o meu quarto.

— Ah! — gritei com o susto que levei  
PERIGOSAS ACHERON

derrubando o prato de sanduíche e o copo de suco no chão. — Edu o que você está fazendo aqui? — ele estava sentado em minha cama, com seus pés imundos no meu colchão. — Como entrou?

— Eu tenho as minhas *artimanhas*. — sorriu cínico.

Olhei para a janela aberta.

— São mais de cinco andares.

— Disse a sua vizinha que queria fazer uma surpresa. — confessou dando de ombros. — Ela me deixou pular a sacada.

— Idiota! — me abaixei tentando recuperar meu jantar. — O que preciso fazer para você ir embora?

— Só me perdoar.

Encarei seus lindos olhos azuis incrédula. — Você me traiu.

— À cinco meses.

— Exatamente. E o que te faz pensar que meus pensamentos mudaram de lá para cá?

— Mari, qual é? — disse se levantando. — Já foi. Ela não significou nada para mim.

— Não, errado. — me levantei irritada abandonando minha comida no chão. — Eu não  
PERIGOSAS ACHERON

significo nada para você.

— Quem disse isso? — ele se aproximou, ficando de frente para mim. — Você é o que mais importa para mim. — e assim seus lábios foram parar no meu pescoço, fechei os olhos apreciando. Gemi. Ele sabia bem meus pontos fracos.

Suas mãos não perderam tempo e minha blusa já estava no chão, com os meus seios sendo esmagados por elas. Não percebi quando ele me deitou na cama, muito menos quando levantou a minha saia, tirou minha calcinha e enfiou seu *minúsculo* pau em mim.

Acordei do meu transe com uma leve ardência na minha região íntima. *Cadê as preliminares?* Eu nem estava lubrificada. Mas para ele isso não importava. Encarei o Edu, tentando descobrir como eu viera parar aqui, embaixo dele. Ele estava com os olhos fechados, investindo rapidamente sobre mim. Eu tinha me esquecido. Sexo com Edu era sempre assim, frio e sem graça. Não vou negar que senti meu estômago se contrair, eu iria gozar. Mesmo com a frieza do momento. Gemi e fechei os olhos, estava quase lá, quase lá...

— Ah, gozei. — gritou Edu saindo de cima  
PERIGOSAS ACHERON

de mim e meu orgasmo retrocedeu.

Permaneci ainda na mesma posição, tentando entender o ocorrido e a frustração bateu na minha cara.

— Fora da minha casa. — gritei.

— Mari... — nem o deixei terminar, o segurei pelo braço e sai o arrastando pela casa. Ele ainda estava um pouco trêmulo por causa do gozo que ele compartilhou sozinho, suas calças abertas e seu pinto balançando. Abri a porta, o empurrando e a fechando em sua cara.

Assim que expulsei o Edu. Ligue para a minha melhor amiga, a minha irmã. Ela atendeu no segundo toque.

— *Espero que seja importante e que...* — e o *chororó* começou. Eu estava chorando. — *O que houve Mari?*

— Eu transei com o Edu.

— *É, realmente você tem um motivo para chorar, porque o que você fez querida não foi transar.* — enquanto ela falava de como o Edu não sabia satisfazer uma mulher, que o pau dele era pequeno, que isso, que aquilo. Eu pensava na burrada que fiz. Acabei alimentando as esperanças

PERIGOSAS ACHERON

dele e essa não era a minha intenção, nós não iríamos voltar. — *Então, me conta o que aconteceu?* — Milena me tirou de meus devaneios.

— Eu tive um dia bem estressante. Então ele apareceu aqui querendo voltar, me agarrou e aconteceu. — resumi.

— *Conseguiu desestressar pelo menos?*

Gemi frustrada. — Não.

— *Então querida irmã, você tem um problema.*

\*\*\*

Dormi tranquilamente, depois de um belo orgasmo proporcionado pelo meu *vibrador*. E acordei pronta para mais um dia de trabalho. Mas antes de ir para a empresa, tive que ter uma bela conversa com a minha vizinha e explicar que o homem que ela deixou entrar em minha casa era um traficante procurado pela polícia, e que resolveu se esconder no meu apartamento. A coitada da senhora quase teve um enfarte. Mas bem merecido, quem manda deixar “*estranhos*” invadirem meu quarto.

— Mas ele disse que era seu namorado. — explicou. *Ela não precisava saber que era quase verdade.*

— E a senhora acreditou? — fiz a maior cara de assustada. — Se o Papa chegasse aqui dizendo que era o coelhinho da páscoa a senhora iria acreditar também? — sei que fui um pouco grossa, mas ela tinha que aprender o perigo da situação.

Depois de vários pedidos de desculpas e um busão lotado. Cheguei a minha mesa no horário certinho. E até um pouco mais cedo que o Sr. Abdo. Então aproveitei para repassar os compromissos para o dia.

As portas do elevador se abriram e um certo árabe saiu de lá seguindo em minha direção, e pela sua cara eu tinha feito algo muito, muito errado.

— Mariana. — falou forte e grosso sem nem parar para me olhar. — *Fi gharfati alan.* — e entrou na sala.

Olhei de um lado a outro. *Será que ele deu bom dia?* Como mencionei anteriormente, eu só fiz duas semanas de curso. Segundos depois ele colocou a cabeça pela porta, me olhando de uma forma bem estranha.

— Pensei que você falasse árabe.

— Hum... só algumas palavras. — *o que quer dizer quase nada*. O olhei sem graça. — Vamos dizer que eu não era uma aluna muito aplicada. — *ou muito frequente*.

Ele levantou a sobrancelha intrigado.

— Pois bem. Falarei na língua que você entenderá. NA MINHA SALA AGORA. — ele não gritou, mas pela potência da sua voz para mim era como se tivesse gritado. Praticamente pulei da cadeira e entrei na sala temerosa. Ele já estava perto de sua mesa andando de um lado a outro. *Será que aquela girafa deu com a língua nos dentes? Não duvido nada*. O nervosismo me abateu e eu soltei as palavras uma por cima da outra, tentando me justificar. Eu faço muito isso quando estou nervosa.

— Desculpa. Não era a minha intenção chamar os seguranças, mas ela foi entrando, me bateu, e invadiu sua sala, e... — ele me encarou sem entender.

— Do que você está falando? — perguntou me olhando de um jeito estranho. Ele se escorou em sua mesa e pela posição pude ver o *volume* em PERIGOSAS ACHERON

sua calça. *Oh Jesus*. Depois da noite passada eu não podia estar vendo isso.

— Você não vai me demitir por causa da mulher de ontem? — afastei os pensamentos indecentes para me focar no problema da situação.

— Que mulher? — perguntou. — Eu quero saber, quem lhe deu autonomia para desmarcar uma conferência ontem.

— Ah. — suspirei aliviada. — O senhor. — respondi prontamente.

— Eu.

— Sim. Lembro-me muito bem. O senhor disse: *Cancele meus compromissos para hoje*. — tentei imitar sua voz, o que só o fez ficar mais irritado. E o pior, eu não sabia se era comigo.

— Mas você devia ter me lembrado. — esbravejou.

— Epa, epa, epa. — comecei a me defender. — Era o meu primeiro dia de trabalho. Eu não sabia o que era importante ou não, já que o meu chefe me deixou sozinha. — dei ênfase nas palavras seguintes. — No. Meu. Primeiro. Dia.

— Eu já entendi que era o seu primeiro dia. Da próxima vez me impeça de sair se possível. —  
PERIGOSAS ACHERON



acenei concordando. — Vou perdoar dessa vez, já que eu também tive culpa. — suspirou. — Agora que estamos entendidos. Que história é essa de mulher e seguranças?

Arregalei os olhos. *Adeus emprego novo!*

— Bom... — comecei tentando ganhar tempo e pensar em algo que pudesse amenizar a situação, mas era impossível. Então expliquei que nem um furacão, derrubando tudo pela frente, no meu caso as palavras. *Eu já disse que faço isso quando estou nervosa?* — Ontem uma mulher ligou perguntando pelo senhor e eu disse o óbvio, que o senhor não estava. Mas ela não acreditou e venho aqui pessoalmente, invadiu sua sala e não quis sair. — respirei. — Então chamei os seguranças.

Ele me olhou inexpressivo, saindo de sua posição á minha frente para se sentar em sua cadeira. *É agora!* Prendi a respiração.

— Você fez bem.

*Opa! Eu ouvi direito.*

— Oi?

— Você fez bem. — repetiu. — Nunca me passe ligações de mulheres e nunca, em hipótese alguma as deixe passar do saguão do prédio. Não

PERIGOSAS ACHERON

entendo como ela conseguiu entrar, já que os seguranças tem ordens bem explícitas para não deixar nenhuma mulher subir sem ser anunciada.

— Certo. — falei incerta.

— Ela disse o nome?

— Não. — *e eu nem quis saber.*

— Melhor assim. — resmungou olhando alguns papéis em sua mesa. — Melhor não saber o nome para não ficar com peso na consciência.

Olhei para o meu chefe incrivelmente gostoso. *Sério isso?* De repente me senti com pena da mulher.

— Algum problema Mariana? — me olhou curioso. Despertei do meu transe.

— Não senhor. — me recompus. — Deseja passar a sua agenda agora?

— Sim.

— Vou buscá-la. — comecei a sair da sala.

— Mariana? — chamou.

— Sim. — me virei.

— Esqueça o senhor. Meu nome é Kamal. Sinto-me como se fosse o meu pai, quando você fica me chamando assim.

— Certo sen...Kamal. — sorri sem graça e  
PERIGOSAS ACHERON

sai da sala.

Respirei fundo e agradei aos céus por continuar empregada. Peguei a agenda e voltei para a sala aliviada. *Hora de trabalhar.*

## Capítulo 3

Um mês.  
Um mês já  
havia se

passado e eu estava muito feliz em ver a cor do meu salário. Não vou negar, o mês fora agitado. Tive que organizar um monte de coisa, já que fazia alguns meses que estavam sem secretária e as que colocavam no lugar da Judite, a mulher que pediu demissão, não serviam para o cargo pelo simples fato de não passarem no teste do Kamal. E por falar nele, nos desenvolvemos uma amizade muito bonita entre patrão e empregado. Ele manda e eu obedeço. E assim respeitamos um ao outro. Claro que os testes continuaram. O que eu achava meio infantil, mas eu entendia o seu lado. Ninguém iria querer uma secretária suspirando pelo corredor a

PERIGOSAS ACHERON

cada passo seu. Eu acho que ele até gosta de me ver revidar suas investidas. Mas eu não estou a fim de ser a próxima vítima dele. Já basta um Eduardo na minha vida, não preciso de outro.

E por falar no Eduardo. Ele tentou invadir meu apartamento novamente. Mas acabou indo preso porque minha vizinha levou a sério o que falei para ela. E quando o reconheceu, chamou a polícia para prender “*o traficante*”. Confesso que ele mereceu. Mas depois de rir até não aguentar mais sobre a situação, fui até a delegacia dar algumas explicações. Os policiais entenderam, até porque não tinham provas contra ele para continuar detido. Mesmo assim ele ainda passou umas boas horas no *xilindró* como forma de punição.

Mas o que mais me incomodou nesse mês que se passou, foram os telefonemas que recebi. Confesso que tive pena de cada mulher que ligava para falar com Kamal. Uma, duas, três ligações, depois dessa percebiam que ele as estava ignorando e não ligavam mais. Não podemos esquecer das insistentes que invadiam o saguão do prédio e exigiam falar com ele. A maioria era retirada pelos seguranças. *Oh mulheres desesperadas*. Ele devia

PERIGOSAS ACHERON

*trepas* muito gostoso para ter uma orda de mulheres aos seus pés.

Voltei meus pensamentos para a situação do dia.

— Não senhorita. — disse tentando enfiar na cabeça de outra “*seguidora*” que Kamal não estava.

— *Mas eu quero falar com ele.* — falou chorosa, revirei os olhos. *Não só você queridinha. Tenho uma pilha de recados para ele e vários documentos para ele assinar, mas o homem simplesmente sumiu.*

— Quando ele chegar passarei o recado. — fui o mais profissional possível, mas minha vontade era dizer umas boas verdades para ela. — Qual é o seu nome mesmo?

— *Bruna.* — fingi escrever no papel repetindo o seu nome, mas a única coisa que fiz foi continuar jogando paciência pelo computador. Era assim quando Kamal não estava. Eu tinha que fazer algo para passar o tempo, já que minhas atividades não eram muitas e minha tarde se tornou livre. Depois de um mês tendo organizado sua agenda e documentos, não me restara muita coisa para fazer. Principalmente quando ele não estava.

— Ok Bruna, tenha uma... — e ela desligou. Elas sempre fazem isso. Fiz careta para o telefone e o coloquei no gancho.

— Pela sua cara era mais uma das conquistas de Kamal. — Marcos se aproximou. Sorri para ele.

Nossa convivência durante esse mês havia se transformado em amizade. Marcos era um cara muito legal. Ele até almoçara comigo e a Cristina um dia desses. Mas o que mais me impressionou era o fato dele ser noivo e amar sua noiva pela forma como falava dela. *Menos um na pista*. Não que eu estivesse interessada. Mas ele era um pecado.

Marcos era o gerente sênior da empresa aqui no Brasil. Mandava em tudo. Mas como Kamal foi mandado para cá, e ele era o filho do dono. Marcos acabou sendo rebaixado de cargo. Acabei entendendo esse estresse todo que ele tinha com meu chefe, já que Kamal era bem *displicente* no que se dizia com as coisas da empresa. Ao contrário de Marcos que era bem cuidadoso quando se tratava da *Empresa de Telecomunicações Abdo*. Apesar disso, eles eram grandes amigos. Não sei quando essa amizade começou, mas Marcos era o

PERIGOSAS ACHERON

único que enfrentava Kamal e Marcos era o único que Kamal deixava interferir em sua vida.

— Não sei se vou aguentar muito tempo nesse emprego se essas mulheres continuarem ligando. — falei desinteressada, pegando uma pilha de papel. Ele riu.

— Você não está nem louca sair daí. Não quero passar mais dois meses sendo o secretário de Kamal. — sorriu brincalhão. — Por falar nele. Ele está?

Balancei a cabeça em negação.

— Ok então. Depois falo com ele. — fez uma careta. Assenti. — E Mari? — o encarei. — Não deixe que ele veja o que você faz nas suas tardes livres.

Ele encarou o computador com um sorriso e eu segurei a risada.

— Vou lembrar disso. — e ele se foi. Me deixando sozinha nesse enorme andar solitário. Pelo menos eu tenho o computador.

\*\*\*

Estava em minha mesa separando alguns  
PERIGOSAS ACHERON



documentos para arquivar. O dia havia começado chuvoso e eu estava agradecida por ser sexta-feira. Isso significava dois dias de descanso. Meu chefe havia dado o ar da graça e estava assinando a pilha de papéis que separei. Uma vibração na mesa me fez encarar meu celular. Vi minha cara metade na tela e sorri atendendo.

— Fala logo que estou muito ocupada.

— *Isso é jeito de falar com a sua maninha? — Milena às vezes é tão sentimental.*

— Mi, estou cheia de coisas para fazer. — expliquei. — O Sr. Ab... Kamal está e tenho que tirar algumas xerox que ele solicitou.

— *Tudo bem, tudo bem. Não vou tomar muito o seu tempo. Nossa! Fico até com medo com você tão responsável assim.* — murmurou soltando uma gargalhada.

— Parou com a gracinha? — perguntei, mais rindo do que séria.

— *Só quero chamá-la para almoçar. Tenho uma notícia muito boa.* — falou misteriosa.

— Só espero que não seja outro filme pornô. — sorri com a lembrança.

Depois do que o Edu havia aprontado comigo.  
PERIGOSAS ACHERON

Milena apareceu lá em casa numa sexta-feira à noite, com vários filmes dizendo que íamos fazer uma “*sessão pipoca*”. No começo não entendi suas intenções até ela colocar o primeiro filme. Eu devia imaginar, já que ela trabalha para uma empresa de pornografia.

— *Você é tão sem graça maninha.*

Ignorei suas palavras.

— Estarei no restaurante ao lado do trabalho ao meio-dia. Não se atrase. — informei e desliguei o celular voltando ao trabalho.

Segundos depois ela me mandou uma mensagem de texto: “*Estarei lá!*”

\*\*\*

Estava me preparando para ir almoçar. Só faltava alguns minutos, quando uma voz grossa e forte me assustou.

— *Mariana!* — chamou — *Pode vim a minha sala, min fadlik!* <sup>[5]</sup>

Parecia até que ele estava ali presente do meu lado, mas só foi o interfone. Me levantei e entrei na sala.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Precisa de algo? — perguntei formalmente.

— Preciso que tire mais xerox desses documentos. — me entregou a pilha de papéis. — E que volte mais cedo do almoço, temos uma conferência de meio-dia e quarenta e cinco da tarde, e preciso que você tome nota.

Acenei concordando e já bolando um plano para não magoar os sentimentos da minha irmã.

— Ok. Tudo bem.

— Gostaria de parabeniza-la pelo seu trabalho.

— Obrigado.

— Sabe... Podíamos ir tomar uns *drinks* qualquer dia desses, para comemorar seu desempenho. — e o teste começou. Sorri para ele.

— Senhor, quer dizer Kamal. Não me leve a mal, mas não acha que esses testes sem sentido deveriam acabar. Eu já vi como você trata as mulheres e não estou afim de entrar na sua lista. Então não se preocupe, porque nosso relacionamento será inteiramente profissional.

Quando terminei de falar ele estava boquiaberto, parei no tempo. *Eu disse isso a ele?* Segundos depois ele riu.

PERIGOSAS ACHERON

— *Hadha hu alssabab fi 'annani muthluk.* [\[6\]](#)

De tudo que ele falara, eu entendera “gosto” e “você”. *Será que ele estava dizendo que gostava de mim?* Preciso retomar minhas aulas de árabe urgentemente. Aquela revelação me deixou atônita. Claro que o “gostar” dele não tinha nada de malicioso, mas por essa eu não esperava. Se fosse outra pessoa, por tudo que eu falei, teria me demitido sem pensar duas vezes.

— Vou tomar isso como algo bom, eu acho. — murmurei ainda pasma. — Se não precisa mais de nada, vou almoçar para voltar logo.

Ele assentiu e eu sai da sala. Deixei os papéis para tirar xerox quando voltasse em cima da mesa, peguei minha bolsa e sai correndo para os elevadores.

*Eu precisava começar a pensar antes de falar.*

\*\*\*

Encarei minha cópia no restaurante. Sim, minha cópia. Eu e Milena somos gêmeas, quase idênticas. O que nos diferencia é o nariz, felizmente puxei ao nariz do meu pai afilado, enquanto o dela

PERIGOSAS ACHERON

é mais achatado. Outra coisa que não é comum, mas que faz muita gente duvidar quem é quem. É o cabelo castanho. O meu é mais rebelde do que o dela, que é liso. Ainda acho que ela passa chapinha, mas ela prefere morrer a confirmar minhas suspeitas. Fora isso, temos a mesma altura, peso e olhos verdes.

Milena se levantou quando me viu se aproximar e me abraçou. Dei—lhe um beijo me sentando.

— Precisamos ser rápidas. Preciso voltar para o trabalho. — sentenciei já chamando o garçom e fazendo meu pedido.

— Estou tão orgulhosa de você Ma, você está levando esse trabalho muito a sério. Parabéns! — disse com os olhos brilhando de orgulho. De nós duas, ela era a mais reponsável.

— Obrigada. — sorri corando. — O que houve? — perguntei querendo ser rápida e mudando a atenção de mim. Ao contrário da minha irmã, eu não gostava de ser o centro das atenções.

— Vou viajar para a Índia. — soltou alegre.

— Oi? Como assim? E o seu trabalho?

— Exatamente por isso. Vou à trabalho.

Eu e minha gêmea nos formamos no mesmo curso: *jornalismo*. Nós optamos em ir para a área de relações públicas. Mas Milena foi um pouco mais radical, indo trabalhar para uma empresa pornográfica. Na verdade ela juntou o útil ao agradável. Milena sempre foi a mais soltinha das duas, por isso a sua vasta experiência com os homens. Eu não sou nenhuma santa, mas também não sou tão atrevida quanto ela.

— E quantos dias você vai passar lá? — perguntei pesarosa. *Eu não estou gostando disso.*

— Dois meses.

— Tanto tempo. — murmurei sem saber o que dizer. — Que legal. — minha falta de entusiasmo, me delatou. Eu não estava feliz por ela. Sei que estou sendo mesquinha e uma péssima irmã, mas com quem vou contar nesses dois meses. *Milena é o meu porto seguro.*

— Nossa! Você poderia ficar feliz por mim?

— Eu estou. — menti. — É que nunca passamos tanto tempo longe uma da outra.

Quando decidimos nos mudar para São Paulo e deixar nossa cidade — Natal, foi uma decisão em conjunto. Eu não queria vim, mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

conseguiria ficar muito tempo longe dela. Então, a segui até aqui.

— Isso é verdade, mas eu sei que você vai ficar bem até eu voltar.

— O que vou fazer esse tempo todo sem você? — chorei.

— Sobreviver. — sorriu. — Mari, você tem que aprender a sobreviver sem mim.

— Não sei se consigo.

— Consegue sim. Faz quase dois anos que você mora sozinha e você está se saindo muito bem. — disse sorrindo.

Sorri lembrando do dia da minha mudança. Eu queria e não queria me mudar. Eu queria ter o meu cantinho e conseguir sobreviver por mim mesma. Sempre fui a irmã que precisava ser cuidada e olhada. Eu sempre entrava em muitas confusões. Acredito que seja por isso e por eu ser mais nova meio minuto, que ela aderiu para si a responsabilidade de cuidar de mim. E eu acabei me acostumando com isso.

— Eu vou sentir saudades. — murmurei aceitando a triste realidade.

— Eu sei. — disse com um sorriso de PERIGOSAS ACHERON

compreensão. — Por isso hoje à noite nós vamos sair. É sexta—feira. Você tem trabalhado duro nessas últimas semanas e pensei em sairmos para comemorarmos a sua permanência no trabalho, e a minha viagem. O que acha?

— Não sei. — eu até que queria sair, mas também queria muito dormir todo o final de semana.

— Não aceito não como resposta.

A encarei sorrindo e acenando em concordância. *Essa era a minha irmã.*

— Tudo bem. Mas você paga as bebidas. — disse sorrindo de sua cara.

\*\*\*

Cheguei a minha mesa faltando três minutos para o horário da conferência. *Dá tempo ir no banheiro.* Corri para o “*toailete*” em tempo recorde. Fiz minhas necessidades e voltei a minha mesa pegando o caderninho de anotações, e toda a documentação necessária para a conferência. Cheguei a sala aos tropeções, mas me recompus colocando um sorriso no rosto assim que abri a

PERIGOSAS ACHERON



porta.

Kamal estava sentado na cabeceira da mesa, com Marcos ao seu lado. Meu sorriso se desmanchou quando vi a sua cara.

— Está atrasada. — resmungou.

Olhei meu relógio de pulso. Uma hora e quarenta e sete minutos. Ninguém entende esse homem Uma hora é irresponsável e despreocupado, outra hora quer ser o *Sr. Certinho*. Suspirei me sentando do seu outro lado.

— Dois minutos. — resmunguei.

— Que seja. — disse ligando o telefone.

Logo a voz do senhor Abdo pai foi ouvida pelo viva—voz. Ele falava em árabe, mas Kamal disse algo como “*Pai, fale português*” e o velho *danosse* a falar errado como na primeira vez que conversei com ele. Tive vontade de rir, mas segurei o riso e peguei os pápeis para começarmos.

— Tudo pronto Mariana? — perguntou me encarando. Acenei em concordância, pegando o bloquinho e a caneta. — Ótimo. Podemos começar.

\*\*\*

Ajeitei meu vestido azul justo quando sai do táxi. Milena também ajeitou seu vestido tomara que caia preto e entramos na boate. A casa noturna estava “*bombando*”. Quase não encontramos uma mesa vaga, mas logo uma foi desocupada e nos sentamos.

— Então... Quando você vai me abandonar? — perguntei me acomodando.

— Deixa de ser dramática Mariana. — resmungou com um sorriso. — Na quarta-feira. Você vai me levar ao aeroporto não é?

— Claro.

— Viajo às 20:00hs. Por favor, não se esqueça e nem se atrase. — me repreendeu sabendo dos meus hábitos. Era bem típico de mim esquecer as coisas e me atrasar.

— Não vou.

— E nada de *dar* para o Edu, você merece coisa “*maior*”.

Sorri. — Você quis dizer melhor não?

— Não. Maior realmente. — revirou os olhos. — Aquele pau pequeno dele. — desdenhou com um balançar de mão.

— Não entendo essa sua implicância com ele

PERIGOSAS ACHERON

Milena. Você vive falando do tamanho do pau do Edu, fala como se já tivesse visto o... — paro minha frase no meio diante da sua cara culpada. — Você transou com ele? — eu estava pasma com minha própria insinuação.

— Nem pensar. Tá louca. — ela parecia bem ofendida.

— Então como você... — parei tentando imaginar em que situação minha irmã viu o meu “*ex*” pelado.

— No casamento da Sabrina. — confessou desconfortável. Encarei minha irmã diante da sua revelação.

— Então você já sabia antes de mim? — eu queria chorar. Ninguém gosta de levar “*gaia*”<sup>[7]</sup> e saber que sua metade, sua gêmea, sabia antes de você que seu namorado te traiu e não falou nada. Isso dói. Foi por causa dessa traição, que fiquei sabendo um mês depois pela própria *amante*, que eu e o Edu terminamos. E o pior foi que ele fez isso no casamento da própria irmã.

— Desculpa. — disse cabisbaixa. — Eu sabia que você iria descobrir mais cedo ou mais tarde, só não queria ser aquela que estragou o seu PERIGOSAS ACHERON

relacionamento.

A encarei sem saber o que dizer ou o que fazer. O silêncio se prolongou. Mesmo com a música alta parecia que um abismo foi aberto entre nós, só o que fazíamos era nos encarar. A tensão estava grande. Eu queria quebrar esse clima chata e estranho. Ia pedir para ir para casa, mas Milena se adiantou.

— Vou pegar as bebidas. — ela saiu rapidamente se perdendo na multidão em direção ao bar. Eu ainda não sabia o que pensar, mas eu sabia que não conseguiria ficar com raiva dela, eu só estava magoada. Se a situação fosse inversa eu seria a primeira a abrir seus olhos, talvez seja meu genes impulsivo que não me permite ficar de boca calada. Mas, independente disso ela tinha que ter me contado.

Milena voltou com as bebidas minutos depois, mas o sorriso em seu rosto me dizia que alguma coisa havia acontecido no meio do caminho. Ela não voltaria alegrinha depois do que me disse.

— O que aconteceu?

Ela me encarou ponderando se me contava ou não, mas por fim preferiu se calar. *Cachorra*, odeio PERIGOSAS ACHERON

ficar curiosa.

— Nada maninha, segunda-feira você descobre.

Sua frase enigmática ficou em minha cabeça, mas minha insistência foi logo focada em outra situação. Ela estava *batizando* a minha bebida.

— O que você está fazendo? — puxei a bebida de seu alcance. — Eu não vou me drogar.

— Deixa de ser careta Mariana é só um *pozinho* de nada.

— Eu não vou me drogar. — me surpreendi com a minha frase. Em outro momento um *pozinho* seria muito bem vindo.

— Olha, eu te trouxe aqui para se divertir e estraguei tudo contando o que não devia. Você pode estar me odiando no momento... — a cortei.

— Você sabe que é impossível te odiar. Mas estou bem magoada.

— Eu sei e me arrependo profundamente, mas não posso voltar atrás. — murmurou. — Você tem trabalhado muito e está muito tensa. Só quero me divertir com você como nos velhos tempos.

Olhei a minha cópia e peguei a bebida batizada. Realmente eu precisava relaxar. Minutos depois todas as minhas preocupações, inseguranças,  
PERIGOSAS ACHERON

medos e mágoas foram embora. Nos aventuramos na pista de dança e eu me senti sendo observada. Estava escuro, mas eu podia jurar que um cara moreno muito parecido com o meu chefe me encarava. Fechei os olhos, eu só podia está delirando. Sorri sabendo que era o efeito da bebida e dancei como se não houvesse amanhã.

\*\*\*

Acordei com meu celular tocando freneticamente na mesinha de cabeceira. Tentei pegá—lo com os olhos fechados, sem sucesso. Minha cabeça deu um salto de 360° quando abri os olhos e tentei pegar o celular. O que resultou comigo no chão, mas consegui atender antes que caísse na caixa postal.

— Alô? — perguntei sonolenta.

— Aonde você está? — a voz do outro lado não era nada amigável. Engoli em seco. De repente a tontura passou e meus olhos se arregalaram.

— Não sabia que eu trabalhava no sábado. — essa era a única coisa que eu pude pensar.

— Claro que trabalha. — ele estava muito PERIGOSAS ACHERON

irritado. — A partir do momento que você marca UMA CONFERÊNCIA NO SÁBADO, É OBRIGATÓRIO VOCÊ ESTÁ AQUI. — estremei com a elevação da sua voz.

— Mas eu deixei tudo organizado. Pensei que você sabia. Seu *bip* não apitou?

— É claro que apitou. No exato momento que eu estava *fodendo*. Você pode imaginar minha frustração?

Eu podia imaginar, mas ele não precisava me contar esse detalhe.

— Você tem meia hora para estar aqui ou considere-se demitida. — ele desligou na minha cara e eu encarei o celular gemendo frustrada. O relógio marcava 9h25min e eu ainda tinha que me arrumar.

Estava me levantando do chão quando ouvi um gemido baixo vindo da minha cama, debaixo dos lençóis. Encarei o amontoado assustada e quase gritei quanto um corpo apareceu se espreguiçando.

O intruso me encarou com um sorriso lindo.

— Quem é você?

— Se esqueceu de mim *gata*? — perguntou com o sorriso muito. Quando não respondi ele PERIGOSAS ACHERON

tentou uma tática diferente. — Transamos a noite toda.

Me sentei na cama, o celular ainda em minhas mãos. Eu devia está muito drogada mesmo para não lembrar de ter dado para um cara *gostoso* desse. Músculos definidos, cabelos raspados, olhar intenso. O cara era uma perdição. Era uma pena eu não lembrar.

— Desculpe, mas eu não lembro. — disse envergonhada. — Eu estava muito bêbada. — *ou muito drogada!*

— Tudo bem. — disse se levantando e vestindo sua roupa.

Encarei o relógio — 9h32min. — eu iria me atrasar, mas não podia deixar um cara desses ir embora sem mais nem menos. Ainda mais, quando eu não lembrava de ter transado com ele. O mínimo que eu podia fazer era o café da manhã.

— Você gosta de misto quente? — perguntei com um sorriso de esperança. Ele sorriu de volta e acabamos na cozinha tomando café com leite e um delicioso sanduíche.

\*\*\*



Encarei o azulejo do meu banheiro, enquanto tentava tomar um banho rápido e tirar todo o cheiro de álcool e sexo do meu corpo, quando mãos em meus quadris me assustaram. Seus lábios estavam em meu pescoço e um membro rígido entre minhas pernas. Meu cérebro apitava que eu não tinha tempo para isso, mas meu corpo respondia outra coisa.

— Não tenho tempo para isso. — murmurei já entregue.

— Por isso seremos rápidos. — disse em meu ouvido, pulando as preliminares e me penetrando profundamente. Eu podia sentir o látex da camisinha. Seu pau era grosso e suas estocadas fortes, era impossível não gozar em poucos segundos. Suas mãos me seguravam com força, enquanto a água molhava nossos corpos.

Me segurei na parede e o deixei concluir seu serviço, deixando meu corpo trêmulo e saciado. Senti quando seu membro pulsou se derramando em mim. Quando recuperamos um pouco da nossa sanidade, ele saiu de dentro de mim. Retirou a camisinha de seu membro e a jogou no lixo, me

PERIGOSAS ACHERON

permitindo tomar um banho rápido.

Essa tivera sido a pós-foda mais rápida e gostosa que já tive. Terminei meu banho com um enorme sorriso.

\*\*\*

Pablo, o carinho que eu tinha feito sexo selvagem a noite toda e não havia lembrado, mas que me deu uma pós-foda maravilhosa no banheiro antes de eu ir trabalhar, foi bem atencioso e legal me ajudando a arrumar as coisas, enquanto eu corria para cima e para baixo tentando ficar apresentável.

— Obrigado! — disse me despedindo dele na entrada do meu prédio. — E desculpa me esquecer, mas é que eu realmente estava muito bêbada. — eu ainda me sentia culpada por ter esquecido tudo o que houve na madrugada.

— Não se preocupe. — ele se aproximou do meu rosto me dando um beijo quente e sussurrando no meu ouvido. — O banheiro foi bem intenso e você estava bem lúcida. Quem sabe não repetimos a dose. — disse me estendendo seu cartão de visita.

PERIGOSAS ACHERON

Pablo, corretor de imóveis.

Corei e sorri orgulhosa. Ele acabara de massagear um ego feminino.

— Obrigado! Quem sabe um dia. Agora, realmente eu preciso ir.

Ele acenou concordando e me deu outro beijo quente e intenso, que me fez ter vontade de voltar para o apartamento e relembrar o que passei a madrugada fazendo, mas eu não podia. *Inferno!*

— Tchau! Até a próxima. — e ele se foi virando a esquina.

Estava esperando um táxi quando uma figura se materializou ao meu lado, como um fantasma.

— Então é assim agora? Você *dá* para qualquer um.

Sorri convencida. Acenando para o táxi que se aproximava.

— Exato. Menos para você.

O táxi parou ao meu lado. Abri a porta.

— Mariana. — ele agarrou meu braço. — Eu estou falando com você.

— E eu não tenho tempo para ficar de papo furado com você Edu, me faz um favor e me deixa em paz. — entrei e bati a porta do táxi. Disse o PERIGOSAS ACHERON

endereço ao motorista, inclinei minha cabeça no assento e esperei chegar ao meu destino.

\*\*\*

Cheguei dez minutos atrasada. Entrei na sala nem me importando com o *chilique* que Kamal ia dar. Eu não tinha obrigação de vim trabalhar em pleno sábado e se fosse a qualquer advogado eu poderia processá-lo por coação. Mas eu não podia fazer isso, por que eu ainda precisava do emprego.

— Espero receber hora extra por isso. — murmurei irritada pelo comprimido que tomei — para passar a ressaca, não estar fazendo efeito.

— E eu espero voltar para a minha transa. — falou emburrado.

— Disso eu não posso falar, já que você atrapalhou a minha. — disse corando em seguida. *Eu falei isso mesmo? Ah! Que se dane.*

Ele me encarou e conectou o telefone, ligando o viva-voz em seguida. Vozes começaram a ecoar, mas eu não estava mais presente no recinto. Minha mente se desligou e eu visitei a terra dos sonhos.

Acordei com alguém me cutucando. Quando  
PERIGOSAS ACHERON

vi que era Kamal dei um pulo da cadeira, ficando em pé e me ajeitando.

— Meu Deus! Desculpa. Quanto tempo eu dormir? — perguntei ainda grogue.

— Duas horas.

— Duas horas? — o olhei perplexa.

— Vamos! — disse ele pegando seu paletó.

— Para onde? — perguntei sem entender.

— O mínimo que eu posso fazer por você é te levar para almoçar.

— Nem venha com seus joguinhos uma hora dessa. Eu estou cansada e com sono. — murmurei.

— Não é nenhum jogo. — disse irritado. — Sinto muito por ter empatado a sua *foda*, mas eu fiquei muito irritado pelo maldito bip ter me acordado. Então quis me vingar, só que agora vendo você dormindo na cadeira me arrependi. É só um almoço.

O encarei. Não tinha nada que denunciasse alguma armação oculta em suas feições. Que mal havia em aceitar? Era só um almoço, não um pedido de casamento. Dei de ombros.

— Só vou porque eu também estou com fome. — disse pegando minhas coisas e o seguindo até o  
PERIGOSAS ACHERON

seu carro. Um *lamborghini* preto. *Uau!*

Kamal parou em um dos melhores restaurantes da região. Entramos e seguimos em direção a uma das mesas vagas. Era quase uma hora da tarde e o sanduíche que comi antes de ir para o trabalho, já havia desaparecido a muito tempo do meu estômago. Encarei meu chefe e dei um sorriso amarelo, olhando tudo ao redor para ver se encontrava algo legal para dizer.

*Isso estava ficando constrangedor.*

Fizemos o pedido e o garçon se afastou. Minutos se passaram e nenhum dos dois falou. Eu não sabia o que conversar e pela sua cara ele se encontrava na mesma situação que eu.

— Eu não sabia que você tem uma irmã gêmea.  
— meu queixo caiu.

— Como você sabe sobre a minha irmã? —  
ninguém na empresa sabia sobre a Mi. Não que eu tivesse vergonha ou algo parecido, eu só não vi necessidade de falar para as pessoas sobre a minha gêmea.

— Ela tentou se passar por você ontem a noite.  
— o sorriso em seu rosto me disse que algo mais havia acontecido.

O olhei em pânico. Eu não acredito nisso. Eu vou matar a Milena. Agora eu entendia a sua frase enigmática da noite passada. “*Segunda-feira você descobre*”.

— E como você sabe que não era eu?

Eu sabia muito bem que se Kamal abordou Milena na boate, ela não perderia a oportunidade em se passar por mim. Ela já fizera muito isso.

— O seu nariz e o cabelo. Até porque ela parecia muito segura de si quando falou comigo.

*O que ele quer dizer com isso? Que eu não sou uma pessoa segura?* Acho que o meu rosto denunciou alguma coisa porque ele tratou logo de se explicar.

— Não que você não seja... — parou pensativo antes de se complicar mais em suas palavras.

— É assim que você conversa com as suas *seguidoras*? Apontando seus defeitos? — soltei de uma vez irritada.

— Normalmente não conversamos.

Franzi o cenho.

— Mas quando vocês saem devem falar de algo?

— Nós não saímos.

— Mas você pelo menos conversam não é?

— Mariana. — Kamal me encarou e a forma como ele estava me olhando me dizia que eu não iria gostar de sua resposta. — Meus encontros com as mulheres são só para interesses sexuais.

— Nossa. — murmurei chocada diante da frieza a que ele se referia ao meu gênero.

— Não quero ofender Mari, mas as mulheres que eu geralmente “*saio*”, não são mulheres que querem encontros e romantismo.

— Todas nós queremos.

— Uma mulher que procura um homem primeiramente para sexo, não merece meu respeito e atenção.

— Então devo me sentir lisonjeada por você me trazer para almoçar e está conversando comigo? — bebi água em meu copo tentando disfarçar meu desconforto com a conversa.

— Deve.

Não me senti lisonjeada muito menos feliz por está ali com ele. Depois dessa conversa nada produtiva o nosso almoço chegou. Comi rapidamente. Não porque eu estava com fome ou fosse mal educada, e sim, porque eu queria ir logo

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

para casa e me afastar desse projétil de homem gostoso, mas vulgar e desrespeitoso. Ou seriam as mulheres que não se davam ao devido valor. Vai saber.

Saimos do restaurante e por causa da minha pressa acabei tropeçando na calçada e quase caindo, se não fosse por braços me segurando eu havia caído de cara no chão. Encarei meu salvador e sorri sem graça.

— Obrigada. — me aprumei ageitando minha roupa e segui em direção ao carro.

Kamal me deixou em casa. E assim que tranquei a porta, joguei meus sapatos para o lado caçando meu celular em minha bolsa. Procurei o número já tão conhecido por mim e liguei. Ela atendeu no primeiro toque.

— Que história é essa de *dar* em cima do meu chefe?

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 4

**A**risada de Milena ecoou pelo meu celular, fazendo meu ouvido vibrar.

— *Ele já te contou?* — para ela a situação estava sendo muito engraçada.

— Como você pôde Milena? — eu estava indignada.

— *Eu não sabia quem ele era, não pode me culpar.* — se defendeu.

— Mas precisava dar em cima do cara?

— *Calma aí. Eu não fiz nada, ele que se chegou. Eu só aproveitei.* — eu podia sentir seu sorriso.

— O que aconteceu? — porque Kamal não iria “*se chegar*”, pelo menos não comigo.

O suspiro exasperado de Milena foi bem audível.

— *Você quer que eu conte a história?* — eu

PERIGOSAS ACHERON

sabia que ela não estava gostando. — *Fala sério!*

— Estou falando bem sério, agora desembucha.  
— disse firme.

— *Ok.* — fez uma pausa e arrastou o que acho ser uma cadeira e começou. — *Quando fui pegar as bebidas, no meio do caminho o cara me abordou. Quando um cara gato, lindo de morrer, deus grego lhe intercepta, o que você faz?*

— Corre. — disse sarcástica.

— *Haha irmãzinha, nem pensar.*

— O que ele disse?

— *Disse que não te imaginava naquele tipo de lugar, estava surpreso e eu pensei que era alguém que eu conhecia.*

— Ainda bem que ele sabia que não era eu. — resmunguei ainda não entendendo como Kamal havia reparado no meu nariz e cabelo.

— *Isso é o que é engraçado. Ele logo soube que não era você, assim que se aproximou.*

— Claro, meu nariz é mais bonito.

— *Em compensação meu cabelo é mais liso.*

— Vaca! — xinguei indignada. Ela sabia que eu era muito sensível em relação a isso. Como ela era sensível com relação ao seu nariz.

— *Você que começou.*

— Desculpa.

— *Desculpada.* — ela sorriu. —

*Principalmente porque você agora se livrou daquele carma do seu ex.*

— Como assim?

— *Você transou com outro homem e viu o que você estava perdendo na vida. Eduardo era um carma que te impedia de ver o que a vida tem a oferecer, agora você está liberta.*

— Haha Milena, você é muito engraçada. — olhei ao redor do meu apartamento desconfiada. Se a Mi descobrisse que eu não lembrava de nada da noite anterior, ia ser motivo de gozação para a vida toda. Por isso resolvi não contar esse detalhe. Tem coisas que devemos manter para nós.

— *Obrigada, herança de família.* — revirei os olhos porque eu sabia de quem ela estava falando. Da minha querida avó, que Deus a tenha. A velha era do mesmo jeito que da Milena — safada. E fazia questão de não esconder as suas saídas noturnas. Papai ficava possesso.

— Que bom que essa herança só ficou em um lado da família.

— *Tem certeza? Porque o sarcasmo ficou todinho para você, maninha.*

— Você está impossível hoje. — resmunguei, mas minha conversa sobre Kamal ainda não tinha acabado. — Pode me contado o resto. — sentenciei.

Ela suspirou irritada.

— *Ainda Mari? Esquece isso, já passou. O cara nem ficou irritado, achou até engraçado eu tentar me passar por você.*

— Porque você fez isso? — perguntei com a voz elevada.

— Bom... Porque ele é gostoso e estava desperdiçando o tempo dele com você? Você nem ia dar para o cara.

— Ele é meu chefe. — praticamente gritei. — Eu não transo com ele.

— *Mas deveria.*

— Milena! Dá para contar a história sem pausas?

— *Ok.* — resmungou. — *Quando fui ao bar, escutei alguém chamando o seu nome. No começo não dei atenção, mas depois me toquei que alguém estava nos confundindo novamente e quando vi o*  
PERIGOSAS ACHERON

*deus na minha frente, não perdi tempo. Eu sabia que você não iria ficar com ele, então eu resolvi deixar ele acreditar que era você. Mas ele percebeu que não era você. Mesmo assim eu insisti e ele começou a rir, dizendo que a Mariana que ele conhecia não daria em cima dele tão descaradamente, foi aí que ele se apresentou. E eu descobri que era o seu chefe.*

— Por que você não me disse na boate?

— *E estragar a sua cara quando descobrisse? Nem pensar. Apesar que eu não vi sua cara, mas do jeito que você é, posso imaginar.*

Eu estava com muita raiva da Milena.

— Pode imaginar a cara que estou fazendo agora?

— *Não. Manda uma foto.* — e gargalhou.

— Sabe de uma coisa. Tchau! — disse desligando o celular antes que eu brigasse feio com minha cópia. *Ela não podia ter feito isso, não podia.*

Assim que desliguei fiquei pensando o que fazer nessa tarde de sábado ensolarada. Tomei um banho, vesti uma roupa leve e comecei a arrumar meu apartamento, principalmente as coisas que

PERIGOSAS ACHERON

deixei espalhadas quando cheguei. Peguei a bolsa do chão e um cartão de visita caiu no chão. Encarei o nome do carinha de hoje cedo, sorri pensativa.

Esse certamente não era o momento de se ter um relacionamento. Mas quem disse que sexo casual é compromisso? Peguei o celular e disquei o número mandando uma mensagem. A resposta foi instantânea. Sorri e terminei a limpeza, correndo para o meu quarto em seguida. Coloquei uma *lingerie* preta que eu havia comprado a alguns meses para usar com o Edu — isso antes de eu levar “*gaia*”. E sentei na sofá apreensiva.

A campainha tocou. Levantei de uma vez quase caindo no processo. Corri para atender em uma pose totalmente sexy.

— Oi. — disse sorrindo.

— Nossa. Você está... *Uau*. — ele me olhou de cima a baixo.

— Obrigada. Espero não ter atrapalhado nada.

— Claro que não. E se tivesse atrapalhado, ter essa visão valeu a pena.

Corei.

— Que bom.

— Preparada para relembrar a noite passada?

— Com certeza. — disse o puxando pela sua camisa polo, fechando a porta do apartamento com o pé e o agarrando ali mesmo. Eu devia estar mesmo desesperada por sexo. *Meu Deus, isso é tudo culpa do Eduardo.*

\*\*\*

Sentei em minha mesa ainda sonolenta. Meu final de semana foi intenso, regado a muito sexo, sexo, sexo. Acho que eu estava precisando de sexo casual afinal de contas. Depois do Edu acabei não dormindo com mais ninguém, tudo isso porque eu estava chorando e assistindo filmes idiotas, por uma pessoa que não merecia. O pior é que eu gostava realmente do *canalha*.

Kamal chegou quase ao mesmo instante que eu e lhe dei um sorriso radiante. Ele estranhou, mas também sorriu. Começamos o dia. Ele hoje está ligado no modo trabalho. Era quase hora do almoço quando o telefone em minha mesa tocou. Não falei minha costumeira saudação porque eu sabia que era Cristina, seu ramal estava apitando na tela. Depois

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

de um mês você fica *craque* nesses telefones modernos.

— Oi Cristina.

— *Bom dia.* — disse eufórica. — *Abre teu e-mail agora, estou te mandando um link.*

Fiz o que ela pediu sem entender e cliquei no link que ela havia me mandado. O que vi me deixou sem ar, meus olhos só faltaram pular na órbita e meu coração perdeu uma batida.

— Como isso aconteceu? — não falei para ninguém específico, tinha até me esquecido que Cristina ainda estava na linha.

— *É isso que eu quero saber.* — acordei de meu transe com a sua voz. — *Você terá que me explicar tudo no nosso almoço, agora tenho que desligar. Até daqui a pouco.*

— Até. — disse arrastado ainda encarando a minha foto com Kamal na entrada do restaurante. Ele me segurando com seus fortes braços enquanto eu o encarava sorrindo. A foto fora tirada no momento que eu tropeçara dando a entender tudo errado. O pior de tudo eram as letras garrafais se destacando no post:

## PERIGOSAS ACHERON

## **NAMORADA OU MAIS UMA DE SUAS CONQUISTAS?**

**Quem é a mulher que conseguiu um almoço com  
nosso queridinho Kamal Abdo?**

**E olha que fofo gente, eles estão até mostrando  
afeto público.**

*Que afeto público? O cara só me segurou para  
eu não cair.* Eu estava tentando me explicar para  
um computador, o que não iria dar em nada. Eu  
estava histérica, neurótica, paranóica e quando meu  
celular tocou com minha cópia me ligando foi que  
eu pirei de vez. Eu não estava a fim de falar com  
ela. Então fiz a única coisa que podia fazer no  
momento, imprimir a imagem e fui a sala do meu  
“*querido chefe*”, deixando meu celular cair na caixa  
postal.

— Você viu isso? Está em todo lugar. — joguei  
a imagem em sua mesa andando de um lado para o  
outro. Ele pegou a foto sem entender e me encarou.

— Mariana se acalme. Não fizemos nada, é  
normal. Sou perseguido por paparazzis. — deu de  
ombros.

— Isso pode ser normal na sua vida, não na  
PERIGOSAS ACHERON

minha. O que o povo vai pensar com essas insinuações? Eu não quero ser apontada na rua como mais uma de suas conquistas.

— Assim você me ofende. — disse, mas eu que estava me sentindo ofendida. — Às vezes penso que a imagem que você tem de mim é a pior possível. Sei que uso as mulheres, mas não faço nada que elas não queiram. Eu já lhe expliquei no restaurante e não vou ficar me repetindo. Não tenho culpa se as mulheres gostam de ser usadas. — ele me encarou intensamente. — Diga-me o que você passou fazendo o final de semana? Porque pelo sorriso que você me deu quando chegou hoje, não foi nada menos que *sexo*.

Corei furiosamente. *Estava tão na cara assim?* Em parte ele tinha razão, mas isso não apagava a imagem que estava circulando na internet.

— Isso não importa.

Ele estava irritado agora. E eu não sabia o porquê. Quem devia estar com raiva aqui era eu.

— Claro que importa. Você me pinta como um canalha entre as mulheres, mas acredito que o cara que você dormiu não era seu namorado e nem tinha qualquer relação com você, e para completar você

PERIGOSAS ACHERON

não o verá mais. Você o usou para os seus fins do mesmo jeito que ele te usou. O mesmo acontece comigo, então creio que você não pode me julgar. Estou enganado?

Não, ele não estava. Ele tinha razão. O sexo com Pablo foi bom, mas foi coisa de um final de semana, não iria se estender e nem acontecer novamente. Eu estava julgando Kamal enquanto eu mesma estava fazendo a mesma coisa que ele. Eu era uma cínica, e estava envergonhada. Como não respondi, ele continuou:

— Não se preocupe Mariana. — disse mais calmo. — Daqui a algumas semanas isso será notícia esquecida. Agora podemos voltar ao trabalho?

Respirei várias vezes seguidas me acalmando. Pior que ter uma foto insinuante circulando por aí é ser repreendida por seu chefe sobre sua vida pessoal, e eu não podia nem reclamar, já que eu falei da dele primeiro.

Sai de sua sala pegando minha bolsa e seguindo até o elevador. Kamal tinha mais experiência que eu quando se tratava de mídia. Se ele estava dizendo que iria ficar tudo bem e que em

PERIGOSAS ACHERON

algumas semanas tudo seria esquecido. Quem era eu para desacreditar?

Encontrei uma Cristina eufórica no saguão. Ela praticamente voou em cima de mim, me bombardeando com perguntas.

— É verdade? Vocês estão juntos? Como isso aconteceu? Você será demitida?

Sua última pergunta me assustou.

— Não. De onde você tirou isso?

— Bom. Você sabe o que aconteceu com as outras secretárias. — estremeci. Será que Kamal vai me demiti por isso? Mas eu não tenho culpa. Quem tem é esse árabe de uma figa que me forçou a almoçar com ele.

— Eu sei. Mas acredito que não. — pelo menos isso é o que eu esperava.

Saímos do prédio em direção ao restaurante que ficava próximo, quando um homem estranho com uma câmara no outro lado da rua chamou minha atenção, principalmente porque ele estava me fotografando.

— Aí meu Deus! — disse colocando minhas mãos em meu rosto e andando rapidamente.

— O que foi? — Cristina se alarmou.

— Tem um homem tirando fotos minhas.

Cristina encarou o indivíduo e mandou o clássico dedo do meio para ele e me arrastou rapidamente para o restaurante, nos sentamos e eu joguei minha cabeça em minhas mãos.

— Quanto tempo isso vai durar? — perguntei chorosa.

— Calma. — me consolou, mas eu estava longe de ser consolada. O garçom chegou e fizemos nossos pedidos. — Agora me conte o que aconteceu?

E eu contei. Cristina só me observava e acenava de vez enquanto mostrando que estava acompanhando minha explicação.

— Eu não entendo Cristina. — disse quando terminei. — Por que tanto interesse em quem almoça com Kamal? Foi só um almoço.

— Esse é o problema Mari. Você é a única mulher que almoçou sozinha com ele. Fora as executivas de negócios que sempre estão acompanhadas de um batalhão de acionistas. Ninguém nunca viu Kamal com uma mulher sozinho, intimamente almoçando.

— Impossível. Ele deve ter sido fotografado

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

com mais alguém. — peguei algumas batatas fritas de meu prato e enfiei na boca.

Cristina balançou a cabeça em negação com um sorriso nos lábios.

— Eu nunca vi.

— Então... O que é que eu faço? — perguntei frustrada.

Ela me encarou seriamente.

— Esperar, só esperar. Como o Sr. Abdo disse eles daqui a pouco esquecem. Não se preocupe.

— Obrigada Cristina. — segurei suas mãos amigavelmente com um sorriso leve. Em pouco tempo ela havia se tornado uma amiga. E agora que eu tinha conversado com ela, me sentia mais calma.

— Mas deixando o assunto Kamal de lado, tenho uma novidade para você e acredito que vai te deixar feliz. — disse animada.

— O quê? — perguntei.

— Abriu uma vaga para auxiliar de relações públicas.

Larguei o garfo. — Não brinca.

— Não estou brincando.

Sorri com a notícia.

— E o que eu tenho que fazer?

## PERIGOSAS ACHERON

— Bom... Você vai ter que convencer o Sr. Abdo a te realocar.

Meu sorriso morreu.

— Isso não vai dar certo.

— Por quê?

— Kamal não vai deixar.

Ele estava gostando muito do meu trabalho para me mudar de setor.

— Mas não custa tentar Mari. É a sua chance de estar na sua área e empregada, porque do jeito que as coisas vão, não tenho certeza se você aguenta. — disse e bebeu seu suco.

Eu sabia de tudo isso. Mesmo sabendo que Kamal estava gostando do meu trabalho, a qualquer momento ele poderia se irritar com algo ou pensar algo errado de alguma ação minha e me demitir. E eu precisava do emprego.

Quando voltei do almoço Kamal apareceu com Marcos, eles tinham ido almoçar também. Marcos não falou nada a respeito da foto e muito menos fez piada da situação, eu sabia que ele sabia e eu fiquei muito agradecida por isso. Decidi fazer um pesquisa sobre Kamal devido ao que Cristina e o próprio me disse. *Como assim ele não saia com*  
PERIGOSAS ACHERON



*mulheres?* Ele deve ter uma foto com alguma. Não é possível que tudo se resuma a sexo. Mas para o meu desagrado o desgraçado não tinha nenhuma foto com mulher alguma, em evento nenhum, em almoço nenhum, em porcaria de encontro nenhum. *Inferno, não é a toa que os blogeiros estão tão eufóricos comigo.*

O telefone tocou e eu disse a minha costumeira saudação.

— *Passe parra Kamal.*

Pela voz estrangeira e o português incorreto, eu já sabia quem era.

— Claro Senhor Abdo, um momento. — disquei o ramal e passei a ligação voltando a minha pesquisa. Vi várias fotos de Kamal sozinho e isso era o bastante para eu me sentir lisonjeada como o mesmo disse no restaurante sábado, mas eu não estava. Definitivamente eu não me sentia bem com essa situação.

Peguei alguns documentos que ele devia assinar e fui a sua sala. Eu havia pensado muito sobre o que Cristina falou e ela tinha razão, essa era a minha chance de trabalhar na minha área. Então... *Coragem Mari.*

Marcos ainda estava na sala conversando sobre alguns investimentos.

— Com licença. — disse abrindo a porta e entrando. — Preciso de algumas assinaturas.

— Claro. — entreguei os papéis a ele e esperei. Eu estava nervosa, não sabia se era o momento certo para falar sobre isso, mas vamos lá. *Coragem!*

— O que aconteceu Mari? Você parece tão ansiosa. — Marcos se pronunciou me encarando.

*É agora!*

— É que... — isso estava saindo pior do que eu esperava. — É que eu fiquei sabendo que abriu uma vaga para auxiliar de relações públicas e gostaria de saber se eu...

— Fora de cogitação. — disse Kamal sem nem me olhar e terminado de assinar os papéis.

— Por que não? — perguntei frustrada.

— Porque eu não vou perder minha secretária. — nesse momento ele me olhou com um sorriso cínico. Então eu soube não adiantava reclamar, eu ia morrer sendo secretária de Kamal *gostoso* Abdo. *Inferno! O dia podia ficar pior?*

Voltei para minha mesa o xingando de todos os nomes possíveis e tudo isso em árabe. E olhe que  
PERIGOSAS ACHERON

eu sabia muitos xingamentos. O que era bom para se aprender eu não aprendi, mas o que não prestava isso era comigo mesmo. Mas o bom de você saber uma outra língua é que você pode xingar a vontade sem a outra pessoa saber, o ruim é que eu tinha um maldito árabe no mesmo local e ficaria feliz se ele tivesse escutado cada uma das palavras.

Meu celular apitou me tirando do transe assassino. Minha cópia não estava ligando, mas estava mandando mensagens. Li as mensagens de Milena que consistiam em: “*Não vai atender?*” “*Quero falar com você.*” E “*Não vai me ajudar a arrumar a mala?*”

Eu sabia que essa “*ajuda*” não tinha nada haver com “*ajudar a arrumar a mala*” realmente, ela queria saber sobre as fotos. Estava curiosa e pelo que conheço da Milena ela iria bater no meu apartamento altas horas da noite só para saber a novidade. Então para evitar um tornado chamado Milena Assunção decidi perdoá-la pelo que descobri na boate. Eu não conseguia ficar com raiva dela mesmo. Então mandei um: “*Vou.*” E ela me respondeu: “*Te espero depois do trabalho.*” Larguei o celular e voltei as minhas atividades.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que sai da empresa às 18:00hs, encontrei um Edu enraivecido na frente do prédio. Realmente meu dia só ia piorar. *Acaba logo segunda-feira.*

— *Tá com mania de perseguidor agora?* — disse passando direto por ele.

— E você dando para qualquer um?

Virei. Ele estava bem perto de mim, então não foi difícil meter a mão na sua cara. Sai andando como se nada tivesse acontecido, eu não iria aguentar reclamações do Edu, ele não tinha esse crédito. O pior é que o canalha me seguiu, mas bravo ainda.

— Mariana precisamos conversar? — seu tom era firme. O encarei.

— O que você quer?

— Quero você de volta.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 5

Milena  
tem  
razão.

Eduardo de Azevedo é um *encosto* na minha vida. *Que carma é esse meu Deus que tenho que carregar?* Será que o homem não entende. Vou repetir bem devagarzinho para ver se ele escuta.

— Eu. Não. Quero. Mais. Nada. Com. Você.

— É tudo culpa desses seus amantes. Sei que sua irmã está colocando coisas na sua cabeça, ela nunca gostou de mim. — falou com raiva.

— Não envolva a Milena nisso. — rugi.

Olhei ao redor envergonhada, mas a noite estava tranquila sem muitas pessoas por perto para ver a discussão.

— Mari me escuta...

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não Edu. Escuta aqui você. Me deixa em paz. — implorei.

— Se você me der mais uma chance, eu sei que você vai mudar de ideia. Eu te amo Mari. — ele estava desesperado.

— Eu não vou te dar chance nenhuma Eduardo, nós não vamos voltar. Põe logo isso na tua cabeça e me deixa em paz. — quase gritei lhe dando as costas e procurando um táxi, ele segurou meu braço me puxando para si.

— Eu não vou desistir Mari. Você ainda vai voltar para mim.

— Nunca. — puxei meu braço e me afastei dele.

Aproveitei que um táxi parou para deixar um passageiro e corri para ocupar o lugar, fechando a porta rapidamente na cara do Edu mais uma vez.

Cheguei na casa da Milena — que ficava no centro em um prédio de luxo — com cara de choro.

— O que aconteceu Mari? — perguntou alarmada.

— Podemos não falar sobre isso agora? Eu só quero esquecer que esse dia existiu. — gemi frustrada me jogando em seu sofá.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. — se sentou ao meu lado e alisou meus cabelos. — Eu vou cuidar de você.

E Milena cuidou. Tomei um banho e vesti uma de suas roupas. Estávamos sentadas no sofá com um pote de sorvete assistindo um de seus filmes *pornôs*. Eu já estava mais calma.

— Você não tem outra categoria de filme não? — resmunguei vendo a atriz ser preenchida por dois “*paus*”<sup>[8]</sup> ao mesmo tempo. *Como ela consegue?*

— O que posso fazer se eu ganho de brinde por causa do meu trabalho? — deu de ombros.

— Jogá-los fora? — aconselhei.

Ela me fulminou.

— Claro que não. Até porque eu gosto.

— *Novidade*.

— Pelo sarcasmo posso afirmar que você já está bem. Quer conversar sobre o que houve?

— O Edu quer voltar. — disse ainda encarando a tela.

— E você não vai fazer essa burrada, não é?

— Claro que não. Mas... sei lá me senti balançada com as suas palavras.

— Mari, você ainda gosta dele?

## PERIGOSAS ACHERON

— Já gostei muito, mas hoje não. É que, quando eu estava com Edu minha vida era tão despreocupada. Não existia chefe gostoso, foto circulando na internet. É como se eu quisesse voltar no tempo, quando tudo era normal.

— Entendo o que você está sentindo. Mudar, crescer, evoluir não é fácil, temos que nos adaptar e pelo que vejo você estar se saindo muito bem.

— Sério?

— Claro, estou muito orgulhosa de você.

Das duas, Milena fora a que crescera e se tornara adulta mais rápido. Eu por outro lado, sempre fui dependente de meus pais, da minha irmã. Só a pouco mais de um ano, quando comprei meu apartamento é que aprendi a andar com minhas próprias pernas. Deve ser a síndrome da irmã mais nova. Infelizmente nasci 15 segundos depois da Mi.

— Obrigada Mi. — sorri.

— De nada. — disse e me encarou por alguns segundos.

— O que foi? — perguntei curiosa.

— Eu queria saber se você me perdoou sobre aquele assunto.



Ela estava falando da minha recém descoberta de que ela sabia que o Edu me traía.

— Sim. Eu perdoei. Mas na próxima eu não pordôo. — resmunguei e ela me abraçou.

— Eu te amo Mari.

— Eu também te amo. Agora vamos arrumar essa mala.

— Claro. Mas primeiro você vai me contar a história dessa foto circulando por aí e do chefe gostoso.

Meia hora depois Milena já sabia a história toda e estava morrendo de rir da situação. *Bela irmã que eu fui arrumar*. Estávamos em seu quarto organizando as três malas que ela iria levar. Encarei as diversas roupas jogadas na cama e fiz uma careta. Eu não estava achando engraçado.

— Você vai levar tudo isso? — perguntei mudando o foco da conversa. Chega de falar de mim e Kamal Abdo.

— Claro. — disse pegando uma mini saia preta. — Nunca sabemos quando vamos precisar. — dei de ombros e comecei a colocar as roupas na mala. A noite iria ser longa.

Acabei dormindo na Milena e indo trabalhar  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

com uma de suas roupas *escandalosas*. Minhas pernas estavam de fora mostrando mais do que deveria, meus seios saltavam pelo decote insinuator e minha cintura estava tão marcada que eu estava com dificuldades de respirar. Eu não queria usar essa roupa, mas minha *querida cópia* escondeu minhas roupas do dia anterior, me obrigando a usar esse pedaço de pano. Como eu precisava ir trabalhar e estava como sempre atrasada, não tinha tempo para ir em casa me trocar.

Estava no elevador com alguns caras me olhando descaradamente, quando Kamal entrou com um sorriso cínico e apertou o botão colocando o elevador em movimento.

— Bom dia Mariana.

— Bom dia. — resmunguei corando porque ele estava me olhando de cima a baixo. *Oh Jesus!*

As pessoas começaram a sair em seus andares, nos deixando sozinhos rumo ao último andar.

— Vejo que está mais calma hoje. — sorriu.  
— Isso é bom.

Não respondi. Apenas o encarei tentando entender suas palavras.

## PERIGOSAS ACHERON

O elevador chegou ao nosso destino. Kamal saiu primeiro e me encarou com um sorriso difícil de decifrar.

— Belas pernas. — piscou o olho atrevido e atravessou as portas de vidro rumo a sua sala, me deixando sem graça no elevador.

\*\*\*

No dia seguinte levei Milena ao aeroporto. Nossa despedida foi marcada por muitas lágrimas e “*Regras da Mi*”. Ela fez uma lista de coisas que eu devo fazer, como: sair, beber e dar para qualquer cara uma vez na semana. O que não ia acontecer. Na parte do que não fazer, em hipótese alguma, só tinha uma única regra: Não *dar* para o Edu. Olhei sua lista novamente com pesar e lágrimas nos olhos. Passar dois meses sem a minha cópia vai ser difícil, muito difícil. Mas devo ser forte e me conformar, logo ela estará em casa.

Na quinta-feira acabei chegando cedo na empresa. Milena me mandou uma mensagem dizendo que estava fazendo uma escala em algum aeroporto internacional e disse que já estava com

PERIGOSAS ACHERON

saudades. Almocei com a Cristina e contei sobre o Edu. Por incrível que pareça ela falou a mesma coisa da Milena, só que com outras palavras.

Parece que essa história com Kamal me abalou psicologicamente a ponto de eu querer minha vida antiga, que tinha de *quebra* o Edu. Mas agora que as coisas estavam mais calmas e os fotógrafos resolveram me deixar de lado. Essa vontade louca passou. Para nunca mais voltar.

Estava organizando a agenda de Kamal e sua saída para um evento beneficente que ele iria participar as seis da tarde, quando uma coisa muito estranha aconteceu. Já estava quase no fim do expediente quando Ivone — a recepcionista do prédio — ligou informando que havia uma mulher na recepção chamada Patricia Oliveira insistindo que tinha um encontro com Kamal.

Sorri. *Impossível.*

— Vocês sabem quais são as ordens.

— *Mas Mari... Ela disse que o próprio a chamou.*

— Você mais que eu Ivone sabe que isso é mentira. Não tenho nenhuma ordem sobre essa mulher.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— *Tudo bem. Mandarei os seguranças retirá-la*

— Obrigada! — disse e desliguei o telefone fazendo careta.

*Essas mulheres não desistem nunca? Me lembrei do Edu. Af. Ele também não desiste.*

Segundos depois Kamal me chamou em sua sala.

— Sim. — disse entrando.

— Mari. — ele como todo mundo na empresa começou a me chamar pelo meu apelido. — Deixe avisado na portaria que uma moça chamada Patricia Oliveira vem me ver, *min fadlik*.  
[\[9\]](#)

*Patricia Oliveira? Esse nome me é familiar.*

— Oh Deus! — murmurei com a lembrança.

— O que houve?

— Bom... — me sentei em uma das cadeiras de frente para ele. *Como eu iria dizer a ele que mandei os seguranças expulsarem sua acompanhante?* — Ela já apareceu.

— Que ótimo, *iirsal*.  
[\[10\]](#)

— Os seguranças a retiraram do prédio. — sussurrei.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?

— Os seguranças a retiraram do prédio. — falei mais alto.

— Como assim?

— Você não disse nada antes sobre isso e como tenho ordem de não deixar nenhuma mulher entrar... — dei ombros. — Eu não sabia que você a tinha chamado.

Ele me encarou compreensivo.

— *Eazim.*<sup>[11]</sup> — resmungou. — Onde encontrarei uma acompanhante para o evento desta noite?

Seu olhar sobre mim me assustou. Arregalei os olhos, eu podia ver a ideia surgir em sua cabeça. Levantei de supetão.

— Nem pensar.

Seu sorriso *zombeteiro* fez o meu corpo estremecer de medo.

— Ah, sim. Nada mais justo que você me acompanhar.

— Vá sozinho. Você sempre vai. — retruquei.

— Vejo que alguém andou pesquisando sobre a minha vida.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu não vou por mais lenha na fogueira. As pessoas já andam falando demais. E se eu for com você, é aí que elas não vão esquecer.

— Mari você é minha secretária e se eu precisar que você me acompanhe a algum evento, eu tenho todo direito. Pense nisso como trabalho.

— Eu não quero ir. — fui firme.

— Eu preciso que você vá.

— Por quê?

— Porque... Porque eu preciso.

— Isso não é resposta.

— É claro que é.

Essa resposta não era satisfatória, mas ele não iria dizer mais nada. Havia um motivo. Disso eu tenho certeza, senão ele iria sozinho.

— Além do mais eu não tenho roupa apropriada. — disse com um sorriso. Ele não vai conseguir o que quer. *Eu não vou!*

Seu sorriso convencido retirou o meu do rosto. Ele foi até um armário que tinha ali, onde ele guardava algumas roupas reservas e tirou de lá um vestido. Devia ser um *vestido infantil*, já que o pedaço de pano não devia caber em mim.

— Prove.

— Não.

— Mari.

— Eu não vou.

— Mari. — ele me encarou com aquele olhar intenso e penetrante dele. — *Por favor!*

Seu sussurro deve ter entrado em minha alma, porque me vi acenando uma afirmação. *Droga!* Minutos depois, de uma guerra desnecessária fui até o banheiro e coloquei o *vestido*. Sai do banheiro com a cara mais desanimada que eu tinha. Cruzei os braços.

— Eu não vou usar isso? — o vestido era muito curto, sua frente era transversal se agarrando ao pescoço, não tinha mangas e para completar se agarrou ao meu corpo de uma maneira que não deixava nada a desejar. A única coisa que se salvava era a cor. Azul escuro. Pelo menos não era uma cor vibrante.

— Qual a diferença da roupa que você veio trabalhar terça, para a que você está usando agora?

— A diferença é que está mostrando minha bunda. — disse já puxando o pano para baixo. — E aquela roupa não é minha. Esse tipo de roupa não é meu estilo.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse vestido é de uma das mais renomadas estilista do seu país. Deixa de drama Mariana. E além do mais, você pode ficar com ele.

— Eu não quero essa roupa. — disse ainda tentando puxar o vestido para baixo. — Por que você tem esse vestido?

— Ele era da minha acompanhante que você... Como é que vocês dizem aqui? Ah! *Enxotou*.

Ri da sua gíria *arcaica*.

— Quantos anos ela tinha? Doze? Porque para caber nesse vestido tem que ser uma criança.

— Olha só! Você coube. — disse com um sorriso traçoeiro.

O encarei atônita.

— Tudo bem. Mas você vai ficar me devendo essa.

Sai de seu escritório para pegar minha *necessarie* com meus produtos de bolsa.

— Para onde você vai?

— Terminar de me arrumar. Ou você espera que eu vá com a maquiagem borrada e o cabelo bagunçado?

Entrei no banheiro novamente e me olhei no  
PERIGOSAS ACHERON

espelho. *Onde eu fui me meter?* Meu celular apitou perto de mim. Era a Milena. Ligações internacionais são muito caras. Então decidimos nos comunicar via mensagens. Ela informava que já havia chegado e que estava descansando já que a viagem fora longa, muito longa.

Deixei o celular de lado e me volvei para o meu problema maior. Eu só tinha pó, rímel e dois batons. Um era rosa e outro vermelho, eu nem lembrava o porquê desse batom está na bolsinha. Mas agradei aos céus por encontra-lo nesse momento. Passei o pó, coloquei o rímel e o batom vermelho, dei um jeito no meu cabelo e sai do banheiro. *Hora do show.*

\*\*\*

Chegamos ao evento. A frente do hotel estava lotada de fotógrafos. *Estou ferrada!*

— Aí meu Deus! — entrei em pânico.

— São só alguns fotógrafos. — Kamal tentou me acalmar.

— Que iram me fotografar com você. Estou até vendo as *manchetes* amanhã. — gemi com PERIGOSAS ACHERON

meus pensamentos. — Por que eu fui aceitar?

— Agora não tem como voltar atrás. — disse ele rindo de mim. Pelo menos alguém estava se divertindo.

O motorista abriu a porta da limusine. *Exato! Eu estava numa limusine.* Eu nunca tinha andado em uma até essa noite. E mesmo com a desagradável situação, a experiência fora das melhores. Kamal saiu primeiro e estendeu o braço para mim. Saímos andando pelo tapete, demos uma parada para uma foto. — *Sorria!* — sussurrou em meu ouvido o que enviou ondas elétricas por todo meu corpo.

— É fácil para você. Não está preocupado com mais uma foto sua rondando na internet. — resmunguei próximo a ele para não sermos ouvidos.

Entramos no hotel e logo fomos recebidos por uma “*chuva*” de pessoas que queriam cumprimenta-lo. Muitas eram as perguntas sobre mim, já que todos *aparentemente* sabiam quem eu era. A garota que conseguiu um almoço com Kamal. *Droga!*

Uma loira com o vestido mais curto que o  
PERIGOSAS ACHERON

que eu estava usando se aproximou.

— Kamal. — disse o abraçando e *tacando-lhe* um beijo na bochecha. Eu estava com a mão no braço de Kamal e para ela abraçá-lo teve que me empurrar.

*Vadia!* Revirei os olhos. Essas mulheres não se *mancam* mesmo.

— Jasmim. — saudou formalmente.

— Então você trouxe uma acompanhante dessa vez. — ela parecia surpresa. — Quem é ela? Sua namorada? É o que todos andam dizendo.

*Ótimo!* Passei da garota do almoço para namorada. Na próxima vez que eu sair com Kamal, irão dizer que estamos noivos.

— Eu sou apenas sua... — eu ia dizer: *secretária*. Mas Kamal me impediu.

— Amiga. Com sua licença Jasmim, mas preciso cumprimentar algumas pessoas. Você se importa?

— Não. Claro que não.

Saímos de perto da loira o mais rápido possível. Os olhares que eu estava recebendo de algumas mulheres não eram nada amistosos.

— Tem alguém aqui que você não *pegou*? —

## PERIGOSAS NACIONAIS

perguntei sem pensar.

Ele parou e me encarou pensativo.

— *Pegou?*

— É. Ficou, transou... — corei. *Eu não disse isso para o meu chefe.*

Ele olhou ao redor e sorriu. *Safado.*

— A dona da festa.

Olhei a senhora de cabelos brancos que cumprimentava quem chegava com um sorriso delicado no rosto. Ele me encarou e sorriu de lado completando.

— E você.

Ele só pode estar brincando. Ele não pode ter *pegado* quase todas as mulheres que estavam aqui. Seu sorriso brincalhão me fez entender que ele realmente estava brincando.

— Não todas, mas... 20%. — deu de ombros como se isso não importasse.

Olhei as mulheres com seus pares.

— Até as casadas?

— Essas são as melhores. — disse e voltou a me arrastar pelo salão para cumprimentar mais algumas pessoas.

## PERIGOSAS ACHERON

\*\*\*

Depois de um tempo *rondando* pela festa e conhecendo pessoas que provavelmente eu não veria mais. Estávamos agora sentados em uma das mesas para o jantar, que estava sendo servido depois de uma angustiante apresentação sobre mulheres com câncer. E eu estava rotulando todas as mulheres que não paravam de olhar para a nossa mesa, mas precisamente para Kamal. *Putá, vagabunda, biscate, vadia, vaca...*

— Tem uma coisa que não entendo. — digo chamando sua atenção.

— O quê? — perguntou me encarando.

— Se você nunca tem acompanhantes como você consegue sair com várias mulheres e não ser fotografado com elas. Onde você as conhece?

— Aqui. — disse simplesmente. Então ele sorriu e piscou para mim. — Olhe e aprenda querida Mari.

Eu não estava entendendo o que ele queria dizer, até vê-lo se aproximar de uma morena muito bonita. Assisti Kamal sai de perto de mim e se aproximar da morena como um predador. A coitada

PERIGOSAS ACHERON

nem teve chance, foi logo seduzida. Mas o que mais me irritou foi o fato dele ter me deixado na mesa sozinha para correr atrás de mulher. *Canalha!*

— O que uma moça bonita como você faz aqui sozinha?

O cara chegou do nada. Eu nem tinha reparado. Mas logo de cara não gostei dele. Sabe aquelas pessoas que só de pôr os olhos sabemos que não presta? Pronto, esse cara se encaixa perfeitamente no perfil. Sorri docilmente para o homem que aparentava estar na faixa dos quarenta anos, os cabelos brancos já estava começando a aparecer em sua cabeça.

— Não falo com estranhos. — disse e me virei para encarar Kamal com a morena. Ele nem se incomodou com minhas palavras e se sentou ao meu lado.

— Kamal parece estar se divertindo. — falou com um sorriso. — Meu nome é Thiago Montenegro. Qual é o seu?

Revirei os olhos e me levantei. O cara me seguiu.

— Vi você com o Kamal. — não respondi. — Vocês estão juntos?

O cara não se *mancava* mesmo. Ele me seguiu por todo o salão fazendo perguntas sobre mim e Kamal. Isso já estava ficando irritante. Olhei para onde Kamal estava. Ele parecia estar procurando alguma coisa, porque não parava de olhar de um lado a outro pelo salão. A morena tentava chamar sua atenção, mas ele parecia não estar afim de bate-papo. Situações drásticas precisam de medidas drásticas. Fui até a mesa da morena, segurei o braço de Kamal com uma certa urgência não me importando com sua cara de espanto. Eu precisava dele.

Quando viu que era eu Kamal relaxou.

— Vamos dançar. — não era uma pergunta. Não dei oportunidade para ele aceitar ou da morena interferir, só o arrastei para o meio do salão onde vários casais dançavam. Eu não sei dançar muito bem, mas não deve ser tão difícil assim. Só preciso lembrar das minhas aulas de dança donde fui expulsa. *É moleza!*

— Eu pensei que você tinha ido embora. — disse com um certo pesar na voz.

Kamal me segurou contra ele e começou a me guiar pela música. *Muito perto!* Meu cérebro  
PERIGOSAS ACHERON



apitou.

— Era o que eu devia fazer depois que você me deixou sozinha na mesa para ir *paquerar* a morena. — resmunguei irritada.

— Ciúmes querida Mari? — perguntou com um olhar interessado. Pisei no seu pé.

— Eu? — franzi o cenho voltando a valsar. Sorri. — Ah entendi. Não Kamal, eu não estou com ciúme só... Esquece. — ele não iria entender mesmo. *Homens nunca entendem!* — Só preciso que aquele cara me deixe em paz. — apontei com a cabeça para o Thiago que nos encarava.

— Ah! — Kamal suspirou. — Thiago.

— Esse mesmo. O cara é um *mala*, ficou me seguindo e fazendo várias perguntas.

— *Mala?* — perguntou interessado na palavra. Acho que ele ainda não está familiarizado com nossas gírias. — O que ele queria saber?

— Sobre nós. Mas não existe um *nós*.

— Thiago trabalha para uma famosa revista. — explicou. — Com certeza ele estava querendo saber se o que dizem sobre *nós* é verdade.

— Não existe um *nós*. — resmunguei novamente. Kamal me encarou por um tempo e me  
PERIGOSAS ACHERON

apertou mais contra ele. *Perto demais! Perto demais!*

— Ele sabe que é proibido abordar as pessoas nas festas para saber sobre suas vidas particulares, a menos que a pessoa esteja disposta a contar. Vou falar com ele.

— Ótimo! Faça isso enquanto eu vou ao banheiro. — disse me desvencilhando de Kamal rapidamente, deixando-o sozinho na pista de dança com o cenho franzido.

Eu precisava de um pouco de espaço. Talvez dançar com Kamal não tenha sido a melhor ideia. Eu ainda podia sentir sua mão em minha coluna, seu perfume em minhas narinas. Eu nunca tinha estado tão perto dele assim e isso era perturbador. *Respira Mari, respira.*

Entrei no banheiro e me olhei no espelho. Eu não queria usar o banheiro, isso foi uma desculpa para me livrar de Kamal e seus braços que me apertavam tão gostoso. Minutos depois a porta se abriu e um loira entrou. A reconheci como a loira oferecida de mais cedo. *Qual era o seu nome mesmo? Era uma flor. Orquídia, lírio. Ah Jasmim.*

— Olha só se não é o novo brinquedo de  
PERIGOSAS ACHERON

Kamal. Quanto tempo até ele se cansar de você? Dois, três dias? Mas devo confessar que de todas, você é a única que está batendo um recorde aqui, se sabe o que quero dizer. — se aproximou como se fôssemos amigas. Mas não éramos.

— Não, eu não entendo o que você quer dizer. — disse com um sorriso cínico. — Mas entendo que deve ser estranho para você que Kamal não teve o mesmo interesse em você que ele está tendo por mim. — coloquei a mão em seu ombro. Eu também sabia jogar. — A diferença entre nós duas, é que você só ganhou uma bela de uma *trepada*. Eu pelo menos estou indo a almoços e a eventos como uma amiga, não me encontrando em motéis como uma vadia. — eu já estava sem paciência, cansada, irritada. Já passava das onze e eu só queria ir para casa. A essa altura, eu não estava mais medindo minhas palavras.

O tapa que ela me deu reverberou pelo banheiro. Parei atônita segurando o rosto. O meu choque fora tamanho que não me preparei para a sua segunda investida. Ela se jogou em cima de mim com raiva.

*Talvez chamá-la de vadia não tenha sido a*  
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*melhor opção.*

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 6

Como eu estava de costas para

a pia do banheiro recebi todo o impacto na coluna quando ela me empurrou. Gemi de dor e cai no chão, mas não tinha acabado. Ela puxou meus cabelos e tentou desferir um tapa na minha cara, porém eu me recuperei a tempo e a empurrei de costas no outro lado do banheiro. Ela caiu e se levantou rapidamente se jogando em mim que ainda estava tentando levantar. *Acho que fraturei a coluna.*

Ela veio com tudo, grunhiu de raiva e puxou meus cabelos novamente. Arranhou e bateu em meu rosto. Eu não tinha muito o que fazer por causa da posição que eu me encontrava, mas tentei

PERIGOSAS ACHERON

me proteger ao máximo. Com meu joelho esquerdo dei-lhe um chute na costela, o que a desequilibrou fazendo-a cair ao meu lado. Não perdi tempo e fiquei por cima, fazendo dez vezes pior do que ela fez comigo. Por causa dela meu coro cabeludo estava pinicando, minha coluna doendo. Ela iria me pagar.

Alguém deve ter entrado no banheiro e nos visto, porque minutos depois estavam tentando nos separar. Fui segurada pela cintura e ela arrastada para seus pés.

— Tá maluca? — perguntei gritando.

— Você não vai ficar com ele. — gritou. — Você é só mais uma.

*Eu hem. É tanta gente doida nesse mundo. Como se eu quisesse Kamal para mim.*

— Isso quem decide não é você queridinha. — sorri provocativa. O que a fez querer se jogar em mim novamente. Mas foi segurada fortemente pelo homem as suas costas.

Ela ia dizer algo, mas quando viu Kamal entrando no banheiro se calou. Algumas pessoas se aglomeravam para ver a discursão.

— O que aconteceu Mariana? — ele parecia

PERIGOSAS ACHERON

preocupado e irritado ao mesmo tempo, mas eu não sabia se era comigo.

— Eu não fiz nada. — me defendi rapidamente.

— Fez sim. Ela se jogou em mim e me bateu sem mais nem menos Kamal. — a *sonsa* falou. Tentei me soltar do homem que me segurava para bater mais um pouco em sua cara de *botox*. Tive sucesso, mas Kamal me pegou antes que eu pudesse chegar na *cretina*.

— Me solta. — o empurrei com toda a força, mas ele não me largou. Seu aperto era firme em minha cintura. Gemi de dor. Minha coluna ainda estava doendo.

— Não. — disse firme e saiu me rebocando do banheiro para a saída. Algumas pessoas nos olhavam curiosas e nesse momento eu me envergonhei. Kamal percebeu minha tensão e me soltou segurando em meu braço, mas sem parar de andar. Olhei para os meus pés enquanto saíamos. Quando vi a alça do vestido pendendo sobre minha barriga, foi então que percebi meu sutiã á amostra.

— *Oh Deus!*

A desgraçada arruinou o vestido e ainda está me fazendo pagar um *vexame* desses. Esse dia pode  
PERIGOSAS ACHERON

acabar. Eu já estou pronta para lamentar Senhor e chorar até não querer mais. Alguns fotografos estavam ainda na entrada. Kamal colocou seu *paletó* em mim para esconder o vestido arruinado. Vesti agradecida e abaixei a cabeça até chegar na limusine que já nos esperava.

Entrei na limusine e encostei minha cabeça no estofado. Kamal mexeu em algum lugar dentro do carro e se voltou para mim com um pedaço de pano passando em minha testa. Só deduzi o que era quando ele tocou a ferida. Aquela vadia tinha me arranhado com as unhas e o corte estava sangrando.

— *Vadia!* — disse com raiva me mexendo. Parecia que eu ia explodir por dentro.

— Ei stressadinha. Calma!

Kamal me segurou pelo braço me colocando com a cabeça escorada de volta no banco e se aproximando para limpar a minha ferida. Só agora eu havia percebido o quão próximo ele estava. Próximo até demais. Eu podia beijá-lo, na verdade ele podia me beijar. O ar ficou mais pesado dentro da limusine, ele percebeu a situação e parecia não se importar, porque riu e o *cafajeste* ainda se aproximou mais fechando os olhos. O mais

PERIGOSAS ACHERON



interessante era que eu não sabia o que fazer, muito menos como agir. *Eu queria beijá-lo? Eu queria beijar meu chefe? Eu não sei.*

Fomos interrompidos por um pigarreio, o que me fez saltar de susto. Era o motorista. Ainda bem. Agradei aos céus pela interrupção.

— Para onde senhor?

Ele se afastou rapidamente me permitindo respirar.

— Acho que devíamos ir ao hospital.

*Não, sem hospital.* Odeio hospitais, tenho pavor.

— Nem pensar. — retruquei.

Ele me encarou e assentiu sem discutir.

— Vamos levar a senhorita Assunção para casa.

— Claro senhor.

Kamal se ajeitou em seu banco se livrando do pano com meu sangue e começou a olhar o caminho pela janela. As coisas ficaram tensas e estranhas. Ele estava pensativo, eu estava dolorida e puta da vida. Então decidi quebrar o silêncio.

— Então... Qual é o lance com essa tal de Jasmim?

## PERIGOSAS NACIONAIS

Já que apanhei, nada mais justo que saber a história.

— Nós transamos, mas ela não entendeu que não ia rolar mais nada.

— Típico das mulheres que dorme com você.  
— resmunguei.

— É. Típico. — falou me encarando. Ele passou a mão por minha bochecha. Estremeci. — Eu sinto muito. — ele realmente parecia sentir. Sua mão caiu ao seu lado e ele se voltou para a janela. O carro parou na frente do meu prédio. Peguei minhas coisas que estavam dentro do carro. O motorista já estava com a porta aberta para mim, mas antes de sair chamei sua atenção. Ele me encarou com aqueles olhos intensos e perigosos.

— Boa noite Kamal, foi um *prazer* sair com você está noite. — disse irônica saindo do carro.

Não olhei para trás, só segui meu caminho gemendo de dor a cada passo. Quando alcancei meu apartamento, percebi que havia ficado com o *paletó* de Kamal. Inspirei seu cheiro e gemi de frustração lembrando de sua aproximação no carro. *O que estava acontecendo comigo?*

## PERIGOSAS ACHERON

\*\*\*

O dia seguinte foi estranho, muito estranho. Tudo que aconteceu na noite anterior ainda estava fresco em nossas memórias, tanto que Kamal não me encarava e muito menos eu a ele. Eu estava envergonhada pelo “*quase*” beijo e pela briga. Fui muito impulsiva. Não devia ter respondido, nem chamado a vadia de vadia, mas aquela mulher me irritou e eu não sou de levar desaforo para casa. O bom é que agora ele vai pensar duas vezes antes de me levar a outro desses jantares.

E para salvar o meu dia Kamal havia me pedido que não marcasse nada para o começo do mês, pois ele iria viajar para a Árabia, mas precisamente para Riade — sua capital onde sua família se encontra agora. E eu não podia estar mais que feliz. Vou ter duas semanas livre de Kamal.

Voltei minha atenção para o contrato que eu estava digitando quando o elevador apitou informando que alguém estava descendo no andar. Uma morena muito bonita com os cabelos lisos e os olhos castanhos me encarou.

## PERIGOSAS ACHERON

*Ótimo! Como ela passou pelos seguranças?*

— Desculpe, mas você não pode entrar aqui.

— disse quando se aproximou. Então eu a reconheci. Não que eu já tivesse me *esbarrado* com ela, ou ela já tivesse aparecido aqui. Mas Marcos uma vez me mostrou a foto de sua noiva em um de nossos almoços e eu podia jurar que era ela. — Acho que você está no andar errado.

Ela deu um sorriso de escárnio.

— Acho que não. — e se apressou para entrar na sala. Me adiantei, mas ela foi mais rápida abrindo a porta de uma vez.

— Senhorita, por favor. — pedi a puxando pelo braço.

Kamal nos encarou e soltou um palavrão em árabe.

— Eu tentei impedi-la. Mil perdões. — disse ainda tentando levar a mulher da sala, mas ela era resistente.

— Pode deixar Mari. Eu cuido dela. — assenti receosa e me retirei. Mas antes a ouvi dizer:

— Não sabia que tratava suas secretárias com tanta intimidade. Só se ela for mais que isso.

Sua insinuação com certeza tem haver com  
PERIGOSAS ACHERON

as fotos. Eu sabia que todos já haviam visto minhas fotos com o Sr. *Gostoso* Abdo no evento e estavam especulando coisas, principalmente por causa do nosso almoço na semana passada. Fechei a porta e me sentei em minha mesa, mas uma pergunta martelava minha cabeça. *O que a noiva do Marcos quer com o Kamal?* Cruzei os braços e fiquei pensando besteiras, claro. De Kamal esperamos tudo e às vezes nada.

Um toque chamou minha atenção. Olhei o ramal e meu coração disparou. Atendi.

— Oi Marcos. — minha voz era um sussurro. *Porque eu estava sussurrando?*

— Por que você está sussurrando?

— Por nada. — concertei a voz em um tom mais alto.

— Será que nosso amigo se encontra no recinto? — ele estava perguntando sobre Kamal.

— Felizmente ele hoje resolveu não sair.

Mas aí eu percebi a burrada que fiz. *Oh Deus! Será que ele sabe que a noiva dele está aqui?* Eu não sei porque eu estou me preocupando tanto, Kamal não seria capaz de fazer isso com o amigo, talvez todos eles sejam amigos. Mas porque

PERIGOSAS ACHERON

eu sentia que não. Alguma coisa não estava cheirando bem nessa história. Ou era paranóia minha?

— Ok. — a voz de Marcos me chamou a realidade. — Estou subindo. — e desligou.

*Droga!*

Entrei na sala sem bater e arregalei os olhos diante da cena. Ainda bem que fui eu a entrar antes do Marcos porque acredito que ele não ficaria feliz em ver sua noiva beijado outro, e esse outro era Kamal Abdo.

Meu coração doeu. Ele realmente é capaz de trair o próprio amigo e sua atitude era decepcionante. Eu até estava entendendo seu lado com as mulheres, mas agora minha concepção sobre ele mudou totalmente.

Kamal se afastou rapidamente espantado. Ficamos nos encarando feito três bobos quando eu despertei para a realidade, não tínhamos tempo a perder, Marcos a qualquer momento apareceria. Eu não entendia o porquê de eu estar acobertando essa *putaria*, mas eu não queria ver meu amigo sofrer, ele não podia descobrir desse jeito.

— Você deve dar graças a Deus que sou eu  
PERIGOSAS ACHERON

aqui e não o Marcos.

Com menção do nome do noivo, a fisionomia da noiva se alterou, ela até parecia um pouco culpada e alarmada. *Putá!*

— Marcos? Onde ele está?

— Bom... Daqui a pouco ele se reunirá a vocês. Então quem sabe vocês não fazem um *mánège a trois*.<sup>[12]</sup> — cruzei os braços.

— Mariana. — repreendeu Kamal.

— Se vocês não querem ser flagrados juntos eu aconselho a você ir embora o mais rápido possível. — disse a encarando. — E é melhor que use as escadas de incêndio.

Ela nem esperou eu falar mais nada, pegou sua bolsa e saiu em disparada da sala. Encarei Kamal que me olhava de um jeito estranho. Acho que minha cara denunciou o que eu sentia nesse momento por ele. *Repulsa*. Ele se aproximou.

— Mari eu posso explicar.

— Não é para mim que você tem que se explicar.

— Eu... Mas eu...

Balancei a minha cabeça negativamente várias vezes e sai de sua sala. Sentei em minha

## PERIGOSAS ACHERON

mesa com a cabeça fervendo. *O que fazer? O que fazer?* Por mais que eu odiasse ser X9<sup>[13]</sup> o Marcos não merecia ficar sem saber que está sendo *chifrado*. Ele se tornou um amigo para mim. E por experiência própria, sei que o melhor caminho é contar a verdade. Mas será que ele vai acreditar em mim? *Meu Deus! O que eu faço?* Perguntei olhando para os céus, mas precisamente o teto.

— Você vai contar?

Olhei vagorosamente para frente e encarei a morena.

— Pensei que você já tivesse ido embora.

— Não sem antes lhe dar um aviso.

— Estou ouvindo.

— Eu vi suas fotos com Kamal. Não sei o que esta *rolando*, mas não vai durar muito.

— Assim como o seu relacionamento com o Marcos.

— Você vai contar. — não era uma pergunta.

— Não sei. Quem devia fazer isso não sou eu, mas como a pessoa não tem coragem, alguém precisa ter uma atitude.

— Nós vamos nos casar.

— Pensasse nisso quando enfiou a língua na  
PERIGOSAS ACHERON



garganta de outro.

— Escuta aqui sua anã de... — mas sua ofensa se perdeu no ar quando uma voz chamou nossa atenção.

— Raquel? — a voz de Marcos nos assustou. Nos encaramos sem saber o que fazer. Ela estava assustada e eu aterrorizada.

*Contar ou não contar, eis a questão?*

Minha vontade era jogar tudo para fora. Mas como se diz a um amigo que sua namorada está te traindo com seu *amigo*? Agora entendo a posição da Milena e seu dilema sobre me contar sobre o Edu.

*Oh situação difícil.*

— Oi lindo. — revirei os olhos quando ela o agarrou e lhe beijou. *Falsiane.*

— O que você está fazendo aqui? — ele estava desconfiado. *Aí tem coisa.*

— Estava com saudades e passei para te ver.

*Mentira.*

— Aqui? — perguntou a olhando de forma estranha.

— Bom passei lá no seu escritório, mas você não estava então deduzi que esse era o único lugar

PERIGOSAS ACHERON

onde você poderia estar. Mas a secretária não me deixou entrar. — fez biquinho. Ela realmente fez biquinho. *Deus, o dia já pode acabar.*

— Hum. Realmente Mari não deixa nenhuma mulher entrar no escritório de Kamal, ela tem ordens para isso.

— É uma pena, porque eu gostaria de dar um “oi” a ele.

Você deu mais que um “oi” querida.

Marcus não parecia confortável em sua noiva querer dar um “oi” a Kamal, mas mesmo assim o ouvi dizendo:

— Claro, vamos lá.

E os dois entraram, não sei como foi a situação na sala, mas acredito que a tensão estava grande, com certeza Kamal não contou — aquele cretino — porque quando Marcus e Raquel passaram alguns minutos depois eles estavam de mãos dadas e a cretina ainda teve a ousadia de olhar para trás e piscar o olho para mim. Eu sabia que ela queria provocar, e ela conseguiu porque o restante do dia foi um inferno. O humor de Kamal estava horrível, principalmente depois que eu passei a ignorá-lo por ele não contar ao Marcus. Ele

PERIGOSAS ACHERON

tentou se explicar algumas vezes, mas eu não deixei, não era necessário, porque eu sabia o que tinha visto e eu sabia que só sossegaria quando o Marcus soubesse. Mas não queria ser eu a contar.

Entrei na sala do meu chefe safado, para obter algumas assinaturas para enviar pelos correios à Riade, onde se localiza a central. Era quase 18:00h e eu não via a hora de largar e me jogar em minha deliciosa cama. Mal pus os pés no recinto, quando Kamal me atacou, ele segurou em meus ombros e me encarou com raiva.

— Agora você vai me escutar.

Kamal não parecia estar bem. Eu não estava entendendo sua atitude, principalmente porque não é da minha conta quem ele beija ou não. Será que ele está com medo de eu contar ao Marcos?  
*Cachorro!*

— Porque você quer tanto se explicar? Eu sei o que vi e nada vai mudar isso. Agora você pode assinar esses papéis. — empurrei a pilha para ele.

— Mariana, por favor. — ele gemeu o meu nome frustrado e o som fez meu corpo se arrepiar.

*Se controla Mari, se controla.*

— Quem você beija não é da minha conta.

Só fiquei decepcionada porque era a noiva do Marcus, a *porra* da sua noiva. Eles vão casar. — disse alterada.

— Eu sei.

— E você vai deixar?

— Eu não sei como fazer isso. — disse rendido.

— Você gosta dela? — perguntei de uma vez.

— Não. — disse me olhando como se eu estivesse louca por fazer uma pergunta dessas. — Eu não gosto dela e nunca a toquei depois que ela e o Marcus assumiram o relacionamento.

Franzi o cenho.

— Espera aí! Vocês já ficaram?

Ele confirmou balançando a cabeça para cima e para baixo. E se sentou nas cadeiras giratórias em frente a sua mesa, enquanto eu estava em pé a sua frente.

— Logo quando me mudei para o Brasil conheci a Raquel. Primeiro ficamos amigos, eu estava em um país desconhecido e precisava de alguém para me ajudar a me enturmar. Nessa época eu não me dava bem com o Marcus porque eu

PERIGOSAS ACHERON

acabei tomando o seu lugar na empresa, mas depois nos acertamos. Nós só ficamos uma vez e ela entendeu que não rolaria algo a mais e concordou em continuar a ser minha amiga. Tudo isso aconteceu ao mesmo tempo em que eu e Marcus nos acertamos. Estávamos em uma boate quando tudo aconteceu, eu acabei a encontrando e a apresentei ao Marcos, eles engataram um relacionamento e noivaram.

— Ele não sabe que você ficou com ela?

Kamal riu sem humor.

— Claro que sabe.

*Espera aí, o Marcus sabe?* Agora entendi sua desconfiança de mais cedo.

— Por que você a beijou? — Certo. Eu sei que disse que não queria saber, mas já que ele está falando, que pelo menos fale tudo.

— Quero deixar uma coisa clara. Eu não a beijei, ela que veio para cima de mim.

Bufei. — Você espera que eu acredite nisso?

— Sim.

— Não. É típico de vocês homens jogarem a culpa em nós mulheres.

— De uns tempos para cá Raquel está

## PERIGOSAS ACHERON

impossível, ela fica me mandando mensagens direto. Já apareceu em meu apartamento semi-nua e já deu em cima de mim com o Marcus presente. Não sei se ele percebeu, mas se percebeu não falou nada. — ele suspirou pesado. — Já fiz tudo que estava ao meu alcance. Até parei de sair com os dois juntos, mas ela não para.

— E porque você não diz tudo a ele? Não acredito que você vai deixar ele casar com uma *vadia*.

— Eu tenho medo. — disse por fim.

— De quê?

— Dele não acreditar em mim.

— Só vamos saber quando você contar. — disse me sentindo estranha com a situação de Kamal. Ele me encarou e eu fiquei tensa. Seu olhar era estranho, desviei o olhar, mas eu podia sentir o dele ainda sobre mim. O silêncio se fez por alguns minutos, ele parecia estar pensando e eu estava desconfortável com ele me encarando.

— Obrigada por me ouvir. — disse por fim.

Senti algo estranho dentro de mim e entrei na forma defensiva. — Já terminou?

— Sim.

— Ótimo! Agora assine esse pápeis. — *para que eu possa ir embora e esquecer o dia de hoje.* Não completei a frase.

Kamal pegou os documentos e assinou. Peguei os pápeis rapidamente.

— Boa noite e bom fim de semana. — disse querendo sair dali o mais rápido possível. Eu não ouvi sua saudação final e mesmo que ele tivesse dito algo eu não conseguiria escutá-lo pela velocidade que sai de sua sala.

Larguei os documentos na mesa e peguei minha bolsa. As informações rondavam minha mente, mas aquele olhar invadia minha alma. Entrei no elevador que estava parado no andar apertando um pouco trêmula o botão. Eu não sabia o que se passava comigo. Mas a pergunta que não queria calar era: *Por que Kamal me contou tudo isso?*

\*\*\*

Encarei o número na tela do meu celular. Kamal? *Aí Deus! De novo não.*

— Eu não acredito que você está me ligando num sábado novamente, não lembro de ter nenhum

PERIGOSAS ACHERON

compromisso para hoje.

— *Eu só preciso que você abra a porta.*

— Por quê? — perguntei desconfiada.

— *Porque como você não tem campainha eu não vou bater e muito menos te chamar.*

— Você está aqui? — minha voz subiu uma oitava.

— *Estou.*

— Por quê? — eu estava apavorada. *O que Kamal estava fazendo na minha porta a essa hora da manhã?*

— *Você pode abrir a porta primeiro?*

Dei um pulo da cama e fui em direção a porta toda atrapalhada, a abrindo em seguida com o celular ainda na mão. Eu queria saber o que Kamal estava fazendo aqui, tanto que não me apercebi de como estava vestida, foi só quando o seu olhar me analisou atentamente que me toquei.

— Bela camisola. — seu sorriso cínico não deixava nada a desejar e o que foi que eu fiz? Bati a porta na sua cara.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 7

Bater a porta na cara de

Kamal foi um santo remédio, porque aí ele começou a agir como um pessoa normal.

— Mari, abre a porta. — chamou esmurrando a porta. Peguei meu *hobbie* e coloquei por cima da minha camisola sexy, abrindo a porta em seguida.

— Já aprendeu a chamar e bater? — perguntei com um sorriso zombeteiro. Ele me olhou torto. — O que você quer?

— Posso entrar?

Pensei um pouco e: *Porque não?* Dei-lhe passagem e ele entrou olhando tudo ao redor.

— *Mumattae*<sup>[14]</sup>.

— O quê?

— Seu apartamento. É bem a sua cara. —

minha cara de interrogação o fez sorrir, mas ele não falou mais nada.

— Você veio aqui para ver meu apartamento?  
— cruzei os braços irritada. De manhã eu não sou uma boa pessoa, principalmente no sábado que é minha folga.

— Não. Vim aqui porque vamos a um café de negócios. — disse me fitando cautelosamente.

— Você disse: Vamos? No sentido de eu e você?

— *Nem*<sup>[15]</sup>.

— Nem em sonho. — respondi sem rodeios ou até mesmo pensar. Nunca mais eu vou a qualquer lugar com Kamal.

— Mas você é minha secretária. Preciso que vá. Ponderei. Verdade, mas ele não tem direitos sobre mim.

— Não.

— É trabalho e eu vou pagar pela hora extra.

Presei os lábios pensativa. Eu bem que estou precisando de dinheiro.

— É trabalho? — perguntei cautelosa.

— Não se preocupe. É trabalho. — confirmou.

Bom. Se é trabalho podemos esquecer a parte  
PERIGOSAS ACHERON

do nunca.

— Tudo bem. Vou me arrumar. — mas ele me parou colocando uma bolsa chique de loja na minha frente e pela primeira vez reparei que ele a vinha carregando desde que entrara.

— O que é isso?

— Me senti muito culpado pelo que ouve na quinta e quis me redimir com um vestido que sei que você vai gostar.

O encarei e perguntei cautelosa.

— Vai mostrar as minhas pernas?

— *Lays*<sup>[16]</sup>.

— Seios?

— *Lays*.

— Bunda? — ele revirou os olhos com o meu interrogatório. Aceitei a sacola ainda preocupada, peguei o vestido que estava dentro o analisando. Era um vestido de dia, rodado, florido e bem comportado. O tecido fino era bem gostoso sob a pele e a mistura de cores dava um ar doce ao vestido. — É lindo. Obrigado!

— Eu sabia que você iria gostar. — disse com um sorriso bobo. Sorri e fui até o meu quarto. Me arrumei rapidamente tentando esconder a marca PERIGOSAS ACHERON

roxa que ficara do corte que a *vagabunda* da Jasmim fez. Coloquei meus sapatos, ajeitei meus cabelos revoltados e peguei a minha bolsa voltando para a mini cozinha onde Kamal estava sentado em uma das banquetas tomando café. *Ele mexeu na minha cozinha?* Deixei essa parte de lado e me voltei para o mais importante.

— Vamos deixar uma coisa bem clara. Esse é o último vestido que você me dar. Só aceitei por causa do que passei quinta, mas que seja a última vez.

— Tudo bem.

— Ótimo. Agora vamos. — e sai em disparada até a porta de entrada com Kamal em meu encalço. Quando abro a porta dou de cara com Edu. *Tem que ser muita macumba feita para mim. Só pode.* — O que você quer Edu? Eu já disse que não quero mais te ver. — nem dei oportunidade dele falar. Mas quando olhei para a sua cara seu olhar estava atrás de mim, fechei os olhos. Era só o que me faltava.

— O que ele faz aqui?

— Não é da sua conta Eduardo.

— Ele dormiu aqui?

— Sim, ele dormiu e nos transamos a noite

toda. Agora se me der licença. — peguei Kamal pelo braço, fechando a porta e o arrastando pelo corredor até o elevador que estava a nossa espera. Antes que as portas se fechassem vi a cara do Edu e isso me doeu. Mesmo eu não o querendo mais, eu não queria magoar seus sentimentos, mas eu sabia que não tinha outro jeito de fazer o Edu se afastar. Se não fosse assim ele nunca mais me deixaria em paz.

— Transamos a noite toda é? — eu podia ver a sua cara pelo metal do elevador e mesmo sendo mentira ele parecia bem satisfeito. *Homens!*

— Calado. — disse irritada, o idiota sorriu. Por que eu fui mentir senhor, por quê?

— Quem era ele?

— Meu ex.

— Hum. — e se calou. *Graças a Deus!*

As portas se abriram e seguimos em direção ao seu maravilhoso carro. Entrei e apertei o cinto, Kamal também se sentou e se ajeitou seguindo o tráfego em seguida. Kamal estava tenso, podia-se ver por seus dedos flexionados no volante. *Alguma coisa está errada.*

— O que está havendo?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada. — respondeu prontamente. *Alguma coisa estava realmente errada.*

— Se você não falar eu juro que volto para casa, dane-se hora extra.

Ele me encarou pensativo e emburrado, até me xingou em árabe, mas mesmo assim abriu a boca.

— Só estou nervoso, preciso que esse possível investidor, invista na empresa. Se eu conseguir isso meu pai vai ver que não estou só me divertindo no Brasil.

O encarei e acenei em concordância o entendendo. Kamal nervoso desse jeito era uma coisa para se preocupar. O cara sempre dominava as reuniões e conferências, tinha um autocontrole invejável, mas quando se tratava de seu pai as coisas eram diferentes. Reparei nele todas vezes que conversava com seu pai nas conferências que eu participava, a animosidade entre os dois era grande e Kamal parecia sempre querer agradar ao pai, o que não dava muito certo. O Sr. Abdo sempre achava erros no que seu filho fazia, por isso eu entendia o porquê ganhar esse investimento era importante, e eu estava orando aos céus para que ele conseguisse.

## PERIGOSAS ACHERON

De repente me senti tensa, como se pressentisse que algo iria acontecer.

*Talvez ele não devesse ter me trazido.*

Chegamos a um restaurante muito chique de São Paulo, onde para entrar precisava reservar com antecedência. Descemos do carro e fomos recebidos pelo *metre* que nos levou diretamente para a mesa que já estava ocupada por um senhor calvo e um magrelo sem graça.

— Kamal. — o senhor se levantou o abraçando.

— Como vai Adolfo? — perguntou Kamal rapidamente saindo do abraço do homem.

— Muito bem. — disse com um sorriso. — Mas não tanto como você pelo que posso ver. — o sorriso ainda estava em seu rosto quando me olhou. De cima a baixo.

— Essa é Mariana Assunção, uma amiga.

*Opa! Amiga? Não, dessa vez não.*

— Sou sua secretária. — disse.

— Muito prazer Mariana, sou Adolfo Albuquerque e esse é meu filho Adolfinho Filho.

Resisti em soltar uma gargalhada. *Que nome mais brega.* Plantei um sorriso em meus lábios e

PERIGOSAS ACHERON



cumprimentei o Sr. Adolfo Albuquerque e seu filho Adolfinho, — que a propósito estava me olhando de uma maneira um tanto indiscreta.

Nos sentamos e fizemos nossos pedidos, a conversa de Kamal e o Sr. Albuquerque começou a girar sobre futebol e apostas, mas precisamente de cavalos e eu me perguntava o que danado eu estava fazendo ali. Pensei que ele precisasse de mim para tomar nota da negociação ou algo parecido. Mas parece que ele me enganou novamente, ele não me trouxe aqui para ser secretária, isso eu aposto meu emprego.

Encarei os dois homens, um ao meu lado e o outro a minha frente, eu não entendia de futebol, muito menos de apostas, minha conta bancária sabia muito bem disso e não podia participar da conversa sem falar besteira, então preferi me calar.

Eu estava um pouco incomodada com os olhares nada inocentes de Adolfinho, me remexi desconfortável na cadeira e mastiguei a entrada que havia chegado. Um salada bem deliciosa. Hum. Gostoso. Parei meus pensamentos quando senti uma mão em minha coxa. Olhei para o intruso e ele estava com um sorriso insinuante. *Quem ele pensa*  
PERIGOSAS ACHERON

*que eu sou?*

Afastei sua mão e voltei a comer minha salada, uma mão novamente se postou em minha coxa. Ele só pode estar de brincadeira. A retirei e começou uma guerra silenciosa, mas com movimentos de tira, coloca, tira, coloca. Cansada dessa palhaçada, arrastei minha cadeira para perto de Kamal. Ele me olhou sem entender, lhe dei um sorriso amarelo, mas não falou nada voltando a conversa com o Sr. Adolfo. Adolfinho parecia decepcionado e eu sorri interiormente, até sentir um pé no meio das minhas pernas.

Dei um pulo da cadeira com cara de assustada. Kamal também se levantou preocupado.

— O que houve Mariana?

Olhei para Adolfinho e para Kamal, sem saber o que falar. Como se diz que o filho de seu possível acionista está lhe assediando? Eu tinha duas opções: Primeira. Mentir, dizer que estava tudo bem e voltarmos ao almoço. Ou segunda. Dizer a verdade e ver o que acontece. Mas como eu sou uma pessoa muito sábia em minhas decisões e não ajo impulsivamente. O que foi que eu fiz?

— Adolfinho estava me tocando com o pé.

PERIGOSAS ACHERON

— soltei indignada, olhando para o meu agressor que num momento me olhava e no outro estava no chão sendo socado por um Kamal furioso. *Oh Deus, o que foi que eu fiz? Eu e minha boca.*

Corri para tentar separar os dois, mas a situação era difícil. A gerência do restaurante se aproximou com seguranças e conseguiram conter os dois, na verdade Kamal, porque Adolfinho pelo porte físico que tinha, coitado, só apanhou.

— Você enlouqueceu Kamal? — perguntou Adolfo pai.

— Louco está seu filho para ficar a tocando sem permissão.

— Você fez um escândalo desses por causa de uma secretária? Oh, me poupe.

— Não é uma secretária, é a MINHA secretária. E ninguém é tocado sem permissão na minha frente.

— Se meu filho não pode se divertir com uma mera secretária, nossa possível associação está cancelada.

— Ótimo, eu que não quero um... um “acoviteiro” como sócio. — disse revoltado e cuspiu no pé do Sr. Adolfo. *Acoviteiro?* Ele pegou PERIGOSAS ACHERON

minha mão e saiu me arrastando até a saída. — Me espere aqui. — e saiu em direção ao estacionamento para pegar o carro. Então a culpa me bateu.

*Aí meu Deus, aí meu Deus.*

Eu andava de um lado a outro no meio da rua, eu me sentia culpada, por minha causa Kamal perdeu o contrato, o contrato que faria o seu pai orgulhoso e é tudo minha culpa. Olhei pros céus. *Oh Deus, porque o senhor só me coloca em confusão?*

— Você está bem?

— Kamal, me perdoa, eu não queria, eu não imaginei que se eu falasse a verdade, você pularia no cara e o socaria, por falar nisso, o que deu em você? Porque você fez isso... — tentei achar diversas maneiras de me desculpar, falei pelos cotovelos, até que fui parada com um beijo. Kamal estava me beijando e o que foi que eu fiz? Dei uma joelhada em suas partes íntimas.

Me entendam, não que eu não quisesse o beijar, mas foi que eu fui pega de surpresa e meu corpo só reagiu por impulso. Eu não disse que sou impulsiva? Pois é, meu corpo também.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh Deus, Kamal. — me ajoelhei ao seu lado. — Me perdoa, eu não queria.

Ele gemia de dor segurando entre suas pernas. Deve ter doído muito.

— Você tem um belo chute, se eu soube disso não teria me ariscado com Adolfinho, tinha deixado você cuidar dele.

O ajudei a levantar rindo. Apesar da situação ser de desgraça não deixava de ter sua graça. Ele se ergueu agora com menos dor e me encarou sorrindo.

— Esqueceu do meu primeiro dia? — sorri relembrando.

— Nunca. É impossível para um homem como eu, levar um não e um tapa ao mesmo tempo.

— Desculpe por isso também.

— Eu aceitaria se soubesse que você estivesse mesmo arrependida.

*É verdade, eu não estava.*

— Por que você me beijou? — perguntei o que apitava na minha cabeça desde o momento que ele postou seus lábios no meu.

— Eu só queria que você calasse a boca. — sucinto e direto.

## PERIGOSAS ACHERON

*Nossa! Isso doeu no meu ego feminino.*

— Tudo bem. — e sai em direção a avenida, lhe dando as costas.

— Para onde você vai Mariana?

— Para bem longe de você. Eu e minha boca.

Sai revoltada pelo meio do caminho. Não sei o porquê eu esperava algo agradável dele, ele é Kamal Abdo, o cara galinha, cafajeste, que já pegou toda as socialites brasileiras. *Idiota, grosso, rude, cafajeste, cachorro, gostoso. Oh Deus, o que é que eu estou pensando.* Um carro parou perto de mim, nem olhei eu sabia muito bem quem era.

— Mariana, entra no carro. — pediu com uma voz gentil.

— Não. — nem lhe olhei apenas continuei andando.

— Deixe de ser criança, venha! Você não vai conseguir andar até em casa.

— Eu pego um táxi. — disse com um sorriso e uma piscadela.

Ele começou a xingar e saiu do carro me interceptando no meio do caminho.

— Entra no carro agora. — seu tom de voz me assustou tanto que nem pestanejei mais.

Entrei no carro e ele também dando partida, não falamos nada, eu não sabia o que dizer, então preferi o silêncio. Kamal também estava calado e pensativo e eu dava tudo para saber seus pensamentos. Por que os meus estavam muito confusos, o beijo mesmo sendo rápido, estava presente em minha memória e em meus lábios, e sua presença não estava ajudando muito. *Merda!*

Kamal parou em frente ao meu prédio, mas eu não conseguia sair, tinha uma coisa que eu precisava fazer que não poderia ficar para amanhã.

— Isso nunca aconteceu, ok? — eu não tinha coragem de olhá-lo. Mas ele sabia exatamente sobre o que eu estava falando.

— *Nem.* — respondeu também sem me olhar. É impossível não saber quando seus olhos estão em mim.

— Você é meu chefe e as coisas ficariam estranhas, então só vamos esquecer.

— *Nem.*

— Nós não podemos, a nossa relação é de patrão e empregada? Você não quer um caso com a sua secretária. Certo?

— *Nem.*

— Bom, agora que estamos resolvidos. — o encarei, ele me encarou e a vontade levou a maior. Eu e Kamal nos atracamos dentro do carro de uma maneira um tanto complicada pela falta de espaço. Quebrei o beijo.

— Deus, o que estou fazendo? — olhei seus olhos intensos uma última vez antes de sair de seu colo, abrir a porta do carro e correr para casa. Literalmente correr.

Entrei em casa batendo a porta. Me joguei no sofá com as mãos no rosto.

*O que foi que eu fiz?*

Eu não podia, eu não devia, eu não queria — mentira, queria sim, mas não era correto. *Merda, merda, merda. O que vou fazer? E se ele me demitir?* Desde o começo ele fez joginhos comigo, e agora eu o beijo. Mas, ele me beijou primeiro. *Oh Deus!*

Enquanto eu lamentava minha desgraça de vida complicada, meu celular tinha um treco em minha bolsa de tanto vibrar. Olhei rapidamente a chamada e quase quebrei a tela ao atender, quando vi que era uma chamada internacional. *Milena!*

Meu coração saltou em êxtase, eu precisava  
PERIGOSAS ACHERON



tanto da minha irmã nesse momento e ela estava a milhares de quilômetros daqui. *Droga!*

— Oi. — disse com a voz esganiçada, eu não queria, mas foi involuntário, minha mente não conseguia esquecer a situação com Kamal.

— *Nossa, alguém está muito feliz em falar comigo.*

— Desculpa mana, é que eu fiz besteira.

— *De novo? Não me surpreendo.* — comentou bem humorada.

— Não tente me irritar, já me sinto muito mal pelo que houve.

— *E o que houve? Não me diga que você e o Edu...*

— Não, não aconteceu nada com o Edu.

— *Graças a Deus!*

— Eu beijei meu chefe.

— *O quê?* — ela estava muito surpresa.

— Na verdade ele me beijou primeiro, aí depois eu... — ela me cortou.

— *Por que você está se culpando tanto? O cara é um deus grego, queria eu ser sua secretária.*  
— bufou.

— Milena, você não está ajudando. — *não*  
PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

*mesmo.*

— *Sinto muito.*

— E sua viagem, como está? — mudei de assunto.

— *Você não foi a única que fez besteira.*

— O que houve?

— *Não posso falar agora. Conto tudo quando eu voltar.*

— Ok. Estou com saudades. — murmurei chorosa. Eu precisava da minha cópia.

— *Eu também.*

— Volta logo.

— *Você vai ver. Logo, logo eu estarei em casa.*

— Estou contando com isso. — sorri e nos despedimos.

Não sei quanto tempo se passou. Fiquei deitada com meus pensamentos confusos, tocando meus lábios e lembrando o que eu devia esquecer quando alguém bateu em minha porta. Abri sem ânimo e aqueles olhos intensos me encararam. Minha vontade era bater a porta em sua cara, meus instintos me diziam que isso era a coisa sensata a se fazer.

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você quer agora? — soei um pouco rude. — Nós não vamos transar. — meus pensamentos de horas atrás se fizeram palavras.

— Eu não vim por isso.

— Então porque veio?

— Trouxe o almoço, já que não conseguimos comer direito no restaurante. — ele levantou uma sacola em meu rosto. Olhei para o relógio em minha parede, já passava do meio-dia. Nesse momento minha barriga roncou. Eu estava com fome e sem coragem para fazer ou ir comprar. — Posso entrar?

Ponderei as chances de eu me deixar levar por ele e acabar fazendo algo pior que um simples beijo. Sem chance, eu não iria transar com ele. Dei-lhe passagem e fechei a porta. Só porque eu estava com fome.

— Posso saber o porquê realmente você está aqui? — arranquei a sacola de suas mãos e fui para a mini cozinha arrumar os pratos para comermos.

— Eu só queria conversar. — disse sentando-se nas banquetas da ilha.

— Sério? — bufei sem acreditar dando total atenção a comida.

## PERIGOSAS ACHERON

— Você é a única mulher que me escuta, sem querer algo em troca... — divagou. — Você poderia ter continuado e mesmo assim parou.

— Do que você está falando? — minha atenção se voltou novamente para ele, confesso que não prestei atenção as suas palavras, mas o final chamou minha atenção. *Eu parei? O que eu parei?*

— Meu pai vai se aposentar.

— Que bom para ele. — disse focada na comida novamente.

— E eu pretendo ser seu sucessor.

O encarei e um sorriso brotou em meus lábios, isso significava que ele iria voltar para a Árabia definitivamente.

— Estou feliz por você. — nossa muito feliz, vou me livrar de Kamal e garantir meu emprego. Parece que apesar de tudo as coisas estão dando certo para mim. *Obrigada Deus!*

— Posso ver. — disse sarcástico.

— E porque você quer compartilhar as novidades comigo? — desconversei. Não quero que ele pense que eu estou feliz por me livrar dele, mesmo eu estando. — Por que você não vai conversar com o Marcos?

Ele me olhou como se eu soubesse a resposta e eu sabia.

— Depois do que houve não consigo gerir uma conversa decente com ele sem me sentir culpado.

— Bom saber.

— O quê? Que eu estou em uma situação complicada com meu amigo.

— Não, que você se sente culpado por isso.

Ele me olhou e o peso das minhas palavras pairou sobre nós.

— Desculpa, eu não devia. — entreguei seu prato sentando ao seu lado e comendo meu almoço.

— Você tem razão, eu tenho que falar com o Marcos. Só me falta coragem, mas vou fazer isso antes de ir embora, não sei se irei voltar.

— Você pode voltar? Mas eu pensei que você... — parei sem saber o que falar.

— O problema é que meu pai não acredita que eu esteja apto para o serviço.

— Que ruim. — dei-lhe um sorriso simpático.

— Ele pretende colocar meu primo Aban Abdo no meu lugar e eu não posso permitir, por  
PERIGOSAS ACHERON

isso estou voltando para casa depois de dois anos longe, para provar para o meu pai que eu posso cuidar dos negócios da família.

Eu não entendia o porquê de Kamal estar me contando essas coisas, mas eu sentia que havia um propósito. Um propósito ruim.

— Bom. — sorri. — Lhe desejo uma boa viagem e que você consiga a aprovação de seu pai, ficarei torcendo por você. Não se preocupe com a sua agenda para o começo do mês, não marquei nada e as inadiáveis já passei para o Marcos. — falei como uma profissional.

— A questão não é essa Mariana. — me fitou seriamente. Um frio subiu pela minha espinha. Parei até de mastigar minha comida.

— E qual é então? — eu estava até com medo de perguntar.

— Eu preciso que você vá comigo para Riade. — minha respiração acelerou. *Como?* — Como minha noiva.

## Capítulo 8

Suas palavras  
ainda  
pairavam em

minha cabeça quando eu gargalhei. A situação parecia tão irreal que eu não consegui não ver graça.

— Você enlouqueceu. Só pode. — enfiei uma colherada de comida na boca, eu precisava de algo para me distrair nem que fosse o som da minha mastigação.

— Eu preciso estar comprometido para assumir a empresa, foi uma regra que meu pai impôs para mim. Ele acredita que eu ainda sou o mesmo irresponsável de sempre e eu quero mostrar a ele que as coisas mudaram. — explicou.

— Se casando? — *não sei se esse é o*  
PERIGOSAS ACHERON

*caminho*. — Pensei que no seu país os casamentos eram arranjados. — comentei.

— E são. — confirmou. — A maior parte deles. Mas não vou permitir que meu pai dite as escolhas da minha vida. — suas palavras estavam cheias de significado, mas eu estava abismada demais para tentar entender.

— Eu não vou fazer isso. Não mesmo.

— São só duas semanas Mari. Até eu assumir a empresa, depois você é livre para voltar para o Brasil.

— E se seu pai decidir que só vai te dar o controle da empresa depois de você casado? O que vamos fazer? Casar de verdade? Não mesmo.

— Isso não vai acontecer.

— É mesmo? — perguntei interessada. — Como você pode ter tanta certeza?

— Porque ele me disse que eu só precisava estar comprometido.

O encarei achando que ele havia perdido totalmente a cabeça.

— Você é louco. E não adianta insistir, eu não vou fazer parte disso.

— Por favor. — implorou.



— Por que eu?

— Porque você não vai se deixar levar, você nunca se deixa. — me olhou pensativo. — Você é cautelosa demais, esperta demais, prudente demais.

— Sou uma santa. — bufei. — Lamento informar que não sou virgem.

— Eu não estou brincando Mariana.

O encarei. Tinha algo muito estranho nessa história.

— Eu não vou fazer isso, você está me pedindo para enganar seus pais.

— Não, só estou pedindo para você me acompanhar numa viagem de duas semanas. — me corrigiu.

— Como sua noiva. — quase gritei. A situação estava me deixando desesperada. Que ideia mais absurda. *Noiva!* Só o som da palavra em meus pensamentos me fez estremecer. — Eu não vou fazer isso. E depois como ficamos? Nos trabalhamos juntos.

— Se tudo der certo eu não vou mais voltar.

— E se voltar? Você já pensou sobre isso?

— Não vai acontecer.

— Você está muito confiante, mas se der  
PERIGOSAS ACHERON

errado.

— Não vai.

O encarei, sua confiança em si mesmo estava me assustando. Foi aí que algo veio a minha cabeça. *Claro, como não pensei nisso?*

— Ninguém pensa nisso em minutos, você já tinha tudo esquematizado. — não acredito nisso. — Desde quando?

— Duas semanas atrás.

— Você está com esse plano louco a duas semanas na cabeça? — foi aí que eu entendi algumas pontas soltas. — Você já tinha tudo planejado, os fotógrafos, os eventos, até essa porcaria de almoço de hoje, você me usou esse tempo todo. — a raiva acentuada em minha voz o teve levantando da banquetta.

— Não foi assim. — disse cauteloso. Pela sua cara eu estava preste a jogar algo em sua cabeça. E isso era verdade. *Se controla Mariana, ele é louco, mas ainda é seu chefe.* Me levantei revoltada.

— E como foi? Nunca teve acompanhante quinta não foi. Era eu esse tempo todo, você queria que as pessoas nos vissem. Você não me ligou no PERIGOSAS ACHERON

sábado por vingança, você queria que eu estivesse lá para os malditos paparazzis nos fotografar no restaurante. Claro, como fui tola. Você nem precisou de mim para a conferência. Parabéns! — bati palmas dando ênfase a minha fala. — Você me enganou direitinho.

— Mari... — tentou falar, mas o cortei.

— Vai embora. — tentei soar controlada, mas a voz se partiu. Me sentei novamente com as mãos na cabeça. Eu ia pirar. — Eu quero que você saia.

— Mari.

— Não. — murmurei.

— Mari.

— Por favor. — pedi sem forças para continuar essa discussão.

— A vaga de assistente nas relações públicas ainda está aberta. — ele falou do nada. O encarei, eu realmente o encarei e pela ruga em sua testa, minha cara não era das melhores. Levantei.

— Você está querendo me comprar?

— Eu... — ele parou incerto do que dizer.

— Vai embora por favor.

— Pense na minha proposta e segunda-feira

nos conversamos.

— Não tenho nada para pensar.

— Só pense. — foram suas últimas palavras antes de ir embora.

Me joguei no sofá com a cabeça fervendo. Quando eu pensei que isso não podia ficar pior, olha que o destino me surpreende. *Obrigada Deus!*

\*\*\*

Depois de andar sem rumo pela cidade e comer todo tipo de porcarias que eu vi pela frente decidi que era hora de voltar para casa. *Meu domingo é tão empolgante.* Abri a porta de casa e a minha primeira reação foi pensar se eu deixei a porta aberta, porque tinha um intruso no meu apartamento, de novo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei cansada me escorando na bancada.

— Cozinhando para você.

Não vou negar, o Edu é um ótimo cozinheiro. Eu até agradeceria sua atenção se eu não tivesse comido porcarias pela rua, e se eu não soubesse que essa bondade de minha parte reacenderia a PERIGOSAS ACHERON

esperança dele.

— Como você entrou?

— Seu vizinho.

*Preciso conversar com esses meus vizinhos.*

— Eduardo de Azevedo. — ele me encarou.  
— Acabou. Será que dá para entender? — falei calmamente. — Você está parecendo um psicopata. Para. Se continuar assim vou ligar para sua mãe. — ameacei.

— Eu já sou adulto, minha mãe não interfere mais na minha vida.

— Olha que deveria. Você está precisando de umas boas palmadas. — brinquei, mas meu comentário teve o efeito contrário no Edu. Ao invés de rir, ele fechou a cara, apoiou seus cotovelos no balcão e me encarou.

— Eu sinto muito Mari, eu sinto muito mesmo. Sei que feri seus sentimentos e eu não te mereço... — ele parou com a voz embargada. — Eu me arrependo do que fiz. — ele tocou minha bochecha e ficamos nos encarando por alguns segundos. Ele suspirou retirando a mão. — Tudo bem Mari, eu te deixo em paz se você me der um bom motivo para isso. Enquanto isso eu vou  
PERIGOSAS ACHERON

continuar lutando para te reconquistar.

Pensei em um motivo que fizesse o Edu largar do meu pé e do nada me passou algo que nunca pensaria em cogitar se não fosse por um árabe maluco. *Não custava tentar.*

— Vou te dar um motivo. — e nesse momento eu tomei a pior decisão da minha vida. Não que eu estivesse cogitando a ideia, eu só queria que o Edu me deixasse em paz.

— Pois não. Sou todo ouvidos.

— Eu vou me casar. — soltei de uma vez. A gargalhada que ele deu me fez pular. — Estou falando sério.

— Com quem?

— Bom... — criei coragem para dizer as palavras. Cogitei a chance de Edu descobrir que era mentira minha e pensei: *Que se dane.* — Com meu chefe.

O olhar que Edu me deu me fez estremecer pela mentira que havia contado. Ele não perguntou, não discutiu, simplesmente arrumou suas coisas e foi embora. Foi um alívio, mas mesmo assim em meu íntimo eu sabia que algo iria acontecer. Avistei uma foto minha e de minha cópia em cima de uma

## PERIGOSAS ACHERON

mesinha e me aproximei. A agarrei em meu peito e me direcionei até meu quarto.

— Como eu queria que você estivesse aqui mana. Você sim, saberia lhe dar com toda essa situação. — murmurei para a foto.

Dizer que eu sentia saudade de Milena era pouco, eu sentia mais que isso. Ela é uma parte imprescindível de mim e ficar tão longe assim, por tanto tempo, não está fazendo bem para minha sanidade. Desde que Milena viajou, eu só me meto em *roubada* e tenho a sensação que as coisas irão piorar. Peguei meu telefone e digitei seu número. Caixa posta. Novamente, novamente e nada. Desistir depois da décima vez.

*Preciso de você Mi!* E foi com esse pensamento que adormeci.

\*\*\*

Para que servem as segundas-feiras mesmo? Sei que o segundo dia da semana é um tédio para se ir trabalhar, mas hoje estava sendo pior. Eu tinha que dar uma resposta a Kamal e mesmo eu não querendo meu cérebro não deixava de pensar na PERIGOSAS ACHERON

possibilidade de ajudá-lo e pegar o cargo que ele me ofereceu, mas minha integridade... *Que integridade?* Nunca fui santa, já fiz muitas besteiras que muitas beatas ficariam envergonhadas. Mas eu já tinha me decidido e a resposta era: NÃO, nunca, never, *lays*.

Cheguei a empresa e estava tudo calmo, nenhum sinal de Kamal. Me sentei e quando começava a ligar o computador, o deus grego sai do elevador. Suspirei, nossa, ele fica mais gostoso a cada dia. *Foco Mari, foco*.

Kamal me encarou com aquele olhar de expectativa.

— Bom dia! — disse em português. O encarei, ele raramente saudava nesta língua.

— Bom dia! — mas antes que ele falasse qualquer outra coisa, levantei a mão o calando. — Depois nos conversamos, agora se me der licença, preciso revisar sua agendar, e preencher alguns relatórios.

— Claro. — e se dirigiu a sua sala.

\*\*\*

Ao meio-dia Cristina me ligou informando  
PERIGOSAS ACHERON



que estava a minha espera para almoçarmos, peguei minha bolsa e sai do escritório como uma fugitiva, eu nem sei o porquê de está com tanto medo. Era só dizer: Não.

Escolhemos um restaurante perto da empresa e fizemos o pedido. Cristina estava me contando como fora o seu fim de semana na casa de uma tia, seu marido e filhos também foram e ela estava muito feliz por ter finalmente arrastado o marido para um jantar romântico na sexta. Eu não estava prestando muita atenção a conversa, mas eu precisava conversar com alguém, já que Milena não estava disponível.

— Cristina? — chamei sua atenção para mim.

— Sim querida.

Me inclinei em forma de confiança e comecei minha pergunta sem sentido.

— Se você recebesse uma proposta para viajar por duas semanas para um país com uma cultura um tanto... peculiar, com um cara muito bonito, mas que você não pode ficar em hipótese alguma, você viajaria?

— Na minha idade? Eu faria qualquer coisa,  
PERIGOSAS ACHERON

nem que fosse para ficar só admirando o dito cujo. — disse rindo, o que me fez rir também. *Ótimo, ela levou na brincadeira.* — O que está acontecendo Mari? — perguntou séria.

*Ou não.*

— Nada. — desconversei. — Eu só estava curiosa.

— Por quê? Você recebeu uma proposta dessas? — perguntou com um sorriso sacana.

— Sim e muito mais. — murmurei.

— Isso tem algo haver com Kamal?

A encarei. *Como ela...?*

— Eu leio fofocas querida e sei que ele vai viajar daqui a alguns dias.

— Tudo bem, mas você não entende, esse cara é louco.

— O que ele fez?

Encarei Cristina, eu devia contar? Não vou negar que em pouco tempo ela se tornou uma amiga muito querida para mim, mas era melhor não envolvê-la nas loucuras de Kamal.

— Isso não tem importância agora.

— Sabe Mari, quando você tiver a minha idade vai pensar assim: Por que eu não fui nessa  
PERIGOSAS ACHERON

maldita viagem e aproveitei a minha vida enquanto eu sou jovem e bonita? Seja lá o que esteja passando pela sua cabecinha, sei que tomará a decisão certa. Eu confio em você para colocar juízo naquele árabe bonitão.

Não entendi muito bem o que Cristina quis dizer com colocar juízo em Kamal. Mas de uma coisa eu tinha certeza, eu não confiava em mim.

\*\*\*

O relógio marcou 18:00hs e eu já estava no elevador. Eu havia passado o dia desse jeito. Fugindo dele. Eu não queria ter que discutir por causa desse assunto. Ele me viu entrando no elevador e correu para me alcançar, mas as portas se fecharam. *Ufa! Me livrei dessa.* Mas, quando chego ao saguão da empresa um outro psicopata pervertido está lá.

— Edu chega. Vou pedir uma ordem de restrição contra você. — digo o encarando.

— Eu não vim falar com você.

— E veio falar com quem? — minha testa se enrugou.

— Comigo. — a voz de Kamal reverberou por toda minha coluna, mas antes que eu pudesse processar alguma coisa Edu passou por mim e acertou Kamal em cheio no rosto. Ele caiu no chão.

— *Meu Deus!* — arfei. Mas Kamal não ficou por baixo e se levantou rapidamente socando Edu. Antes que Edu pudesse efetuar um novo golpe, os seguranças chegaram e separaram os dois.

— Edu! — exclamei indignada. — Por que fez isso? — mas ele não respondeu a mim. Olhando para Kamal com ódio gritou.

— Ela é minha, vocês não vão se casar.

*Oh merda!*

Kamal me olhou com um sorriso nos lábios, entendendo a situação.

— E quem é você para decidir por ela? Como vocês dizem aqui, *se manca* cara, ela não te quer mais, ela agora é minha.

*Oh Deus!*

Eu não sabia o que fazer ou falar, nunca tive dois caras brigando por mim. Isso era tão surreal para a minha realidade. Se eu desmentisse, Edu saberia que menti e não me deixaria mais em paz, por outro lado ficar calada era aceitar a oferta de PERIGOSAS ACHERON

Kamal. *Eu estou ferrada.*

Kamal se soltou dos seguranças, pegou em meu braço e me arrastou em direção ao elevador. Me deixei ser levada, não porque eu quisesse, mas porque não se tinha mais nada a se fazer, a não ser segui-lo e dar algumas explicações.

— *Entendeu, árabe dos infernos.* — processei as últimas palavras de Edu enquanto o elevador se fechava.

— Agora não tem mais jeito Mariana. — disse apertando o botão em direção ao último andar. — Ou você aceita, ou seu namoradinho vai voltar. E eu acredito que você não queira que ele saiba a verdade. Ou seria a mentira?

— Você não entende. Eu só menti por uma causa nobre, para ele me deixar em paz. E se você não tivesse feito essa proposta maluca, isso nem passaria pela minha cabeça.

— E minhas intenções não são nobres? Não quero que meu primo Aban assuma a empresa, com ele no comando iríamos a falência em minutos.

— E com você? — perguntei sarcástica. Eu estava tão nervosa que não estava medindo minhas palavras. O tom na minha voz denunciou o que eu  
PERIGOSAS ACHERON

queria dizer e ele me olhou torto, preferindo não responder.

Agora não tinha mais jeito, eu preferia um árabe maluco e gostoso como noivo por algumas semanas, do que um Edu psicótico no meu pé. Saímos do elevador e Kamal começou a se dirigir a sua sala, parei no meio do caminho.

— Eu aceito com uma condição.

Kamal se virou. — Qual?

— Se você voltar para o Brasil eu não quero continuar sendo a sua secretária.

Ele me olhou pensativo.

— Mari... — começou, mas não o permitir falar.

— Combinado?

— *Nem.*

— Ótimo! Já que estamos entendidos. Boa noite! — e me virei, voltando ao elevador.

— Mari. — virei-me o encarando com raiva. Eu só queria ir embora, chegar em casa, tomar um banho quente e dormir até esse pesadelo acabar. — Me deixe pelo menos levar minha querida noiva em casa. — disse com um daqueles sorrisos de molhar a calcinha.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Contei de um a dez mentalmente, minha vontade era gritar: NÃO. Mas só acenei concordando. Eu não tinha mais forças para lutar.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 9

O lhei o calçamento da rua passando pelo vidro da limusine onde me encontrava. Eu estava nervosa. Hoje oficialmente eu e Kamal para a sociedade brasileira seríamos um casal. Um falso casal, mas ainda assim um casal e eu ainda não podia acreditar que estava fazendo mesmo isso.

Estávamos indo para um evento beneficente que estava arrecadando fundos para uma ONG fundada à 30 anos, que ensinava música clássica nas comunidades. Kamal se encontrava tranquilo como se estivesse indo para mais um evento chato e sem graça, enquanto eu estava quase arrancando os cabelos.



— Mari. *La shay' alyawm ymkn 'na tasu'*.<sup>[17]</sup>

— disse me olhando. — *Ladayk alkthyr min alnnas maeruf*.<sup>[18]</sup>

— *Nem*. — respondi em árabe. Eu e Kamal estávamos treinando para nossa viagem. Como eu tinha uma boa base da língua, estávamos conseguindo nos entender bem e ainda de quebra eu estava tendo aulas particulares de graça. Alguma coisa de útil eu precisava levar dessa mentira toda.

— Ótimo, agora só falta isso.

Kamal tirou uma caixinha do seu terno e me entregou. Eu sabia o que aquilo era, mas mesmo assim o ar ficou preso em meus pulmões.

— Nem um pedido formal. — brinquei para quebrar o clima tenso. Abri a caixinha e perdi totalmente o fôlego. — Acho que não precisava de algo tão chamativo.

— Precisava sim. — respondeu irritado. *Por que ele ficou irritado?* — Não gostou?

— Gostei sim. — me apressei em dizer. — É que para um noivado falso não necessitava algo tão valioso, mas pode ficar tranquilo que eu vou cuidar bem do seu anel, e quando tudo isso acabar o devolverei intacto.

Kamal revirou os olhos. Mas eu podia ver que ele estava tenso. Eu não estava reclamando do anel. *Ele é lindo!* Muito mais do que eu podia esperar com diamantes na lateral e uma enorme pedra no meio, mas eu não me sentia bem em colocá-lo.

— Você não vai colocar? — perguntou me encarando. Não respondi. Eu nunca pensei em colocar uma aliança de compromisso, nem com o Edu. Essa história de casamento não fazia parte da minha realidade, nunca tinha parado para pensar sobre isso e agora com esse anel piscando em minha visão, um certo receio me atacou.

Eu me imaginava com um anel desses quando eu realmente fosse me casar. O que seria nunca, pois nunca me apaixonei a sério por ninguém, mas agora. Tudo bem, as coisas eram falsas, não seria um noivado de verdade, mas o anel era de verdade e Kamal não teve cerimônia em arrancar a caixinha das minhas mãos e colocá-lo em meu dedo. — *Aistiedad.*<sup>[19]</sup> — murmurou consternado.

Encarei o enorme anel no meu dedo e o escondi rapidamente da minha visão. *O que os*  
 PERIGOSAS ACHERON

*olhos não veem o coração não sente.*

O carro parou e Kamal foi o primeiro a descer. Logo pegou minha mão me ajudando. Desci da limusine e os freshs das câmeras me cegaram momentaneamente. Se não fosse por Kamal que segurava em minha cintura e me guiava para a entrada, eu com certeza cairia. Estávamos quase entrando quando uma jornalista de uma revista pediu um minuto de nossa atenção e esse era o momento perfeito para declarar o noivado. Nós esperávamos que os jornalistas se atentassem ao grande anel e especulassem o noivado, mas já que eles queriam uma breve declaração. Kamal não se fez de rogado e me levou até a mulher. Ela nos cumprimentou brevemente.

— É verdade que vocês estão num relacionamento sério? — a pergunta direta da jornalista me assustou, mas Kamal não teve nenhum abalo e respondeu com um sorriso nos lábios.

— Não. Não estamos em um relacionamento sério, estamos noivos. — e para comprovar a situação, Kamal pegou minha mão mostrando o grande anel de compromisso. Os outros jornalista e

PERIGOSAS ACHERON

fotógrafos vendo isso se aproximaram mais, todos querendo um pedacinho da minha mão. Mesmo com a fita nos separando e alguns seguranças organizando o tumulto, não deixei de sentir medo. Nunca precisei me preocupar com paparazzis, agora graças a Kamal minha vida está de ponta cabeça e serei seguida eternamente por eles. Eu já podia ver as manchetes quando essa palhaçada de noivado acabasse.

*Oh Deus!*

— Preparada? — sussurrou Kamal em meu ouvido. Virei um pouco para pergunta-lhe *para quê*, quando ele assaltou meus lábios. Meu primeiro pensamento foi afastá-lo, mas depois me lembrei que tudo era encenação, então aprofundei o beijo e depois sorri para a câmera como uma noiva feliz.

Assim que entramos no evento, fomos logo interceptados por diversas pessoas nos parabenizando. Aparentemente todos já sabiam, porque ficaram curiosos com o tumulto que geramos na entrada. Kamal não me deixou à noite toda. Nosso novo *status* já era notícia em todas as redes sociais.

Encontramos Marcos e Raquel que nos  
PERIGOSAS ACHERON

parabenizaram. Mas eu podia ver que ela não ficou tão animada assim com a notícia.

Passei as últimas horas sorrindo e agradecendo. Quando me sentei á mesa para o jantar que seria servido, tirei o sapato por debaixo da mesa e sorri aliviada me escorando.

— Até que não foi tão ruim. — sussurrei rindo com o meu feito. Eu estava me sentindo a própria Fernanda Montenegro com a minha encenação.

— *Hqyq.*<sup>[20]</sup> — o encarei, ele estava preocupado com algo. Para vista de como Kamal estava tranquilo horas atrás, agora ele estava uma pilha de nervos. Ora ele olha para esquerda, onde se encontrava a puta da Jasmim. E não, ela não nos cumprimentou. Não foi por falta de vontade, mas quando Kamal via que ela vinha em nossa direção, rapidamente nos levava por outro caminho, para bem longe da vadia. E ora ele olhava para a direita, onde se encontrava a noiva infiel da Raquel, e eu não estava entendendo a sua preocupação.

— Kamal, algum problema?

— *Lays.*<sup>[21]</sup>

— Ok. — disse me levantando. Não iria  
PERIGOSAS ACHERON

tentar descobrir o que se passava em sua cabeça com suas amantes.

— Aonde você vai? — perguntou me encarando.

— Ao banheiro.

— *Limadha?* [\[22\]](#)

— Oras, para fazer xixi. — respondi o óbvio.

— Eu vou com você. — o encarei desconfiada.

— Você sabe que não pode entrar lá, não é?

— Sei.

— O que está acontecendo? — me sentei novamente na cadeira segurando sua mão o acalmando.

— *La shay'*. [\[23\]](#)

— Ninguém fica cismado por nada.

— Só quero que tudo ocorra bem esta noite. Sem escândalos, brigas em banheiros...

Foi aí que eu entendi.

— Está preocupado que eu possa machucar suas amantes? — disse em tom de brincadeira, mas achando um absurdo ele pensar na segurança delas.

— Não. Estou preocupado com você. — tocou meu rosto. — Se qualquer uma delas  
PERIGOSAS ACHERON

machucar você eu não sei o que eu faria. — disse e me encarou com aqueles olhos profundos, tentando dizer mais coisas do que eu conseguia decifrar. Engoli em seco e meu coração saltou.

À noite toda eu passei me esquivando das coisas que Kamal estava me fazendo sentir. Um frio na barriga aqui, um arrepio ali, mas agora as coisas foram para um nível maior, porque meu coração não parava de palpitar. E para quebrar todo o encanto, me levantei rapidamente indo rumo ao banheiro. Eu precisava me recompor, e para isso eu precisava de distância. Me tranquei na primeira cabine que vi e fiquei alguns segundos tentando respirar. *Como é que se respira mesmo?* Ah lembrei.

Depois de alguns minutos fiquei mais calma. Comecei a pensar tentando entender o que Kamal dissera e o porquê do meu coração ser um traidor. Kamal não falava sério, ele estava só preocupado que sua falsa noivinha o envolvesse em escândalos, era isso. Sim, era isso. Sua preocupação era mera conveniência.

Sai do banheiro mais tranquila e até sorri para a minha imagem no enorme espelho. Tudo ia

# PERIGOSAS ACHERON

ficar bem, eu só precisava aprender a me controlar em situações como essa, não fugir como fiz. *Ficar ao lado de Kamal é um desafio, mas você consegue Mari.*

Estava retocando a maquiagem quando Raquel apareceu ao meu lado tirando seu batom da pequena bolsa que estava em suas mãos e passando em seus lábios.

— Parabéns! — disse sem entusiasmo se olhando no espelho. — Não imaginei que Kamal pudesse ser domado.

— Não domei ninguém. — disse sem olhá-la também passando meu batom. Ela riu.

— Eu vi o jeito que ele te olha e como ficou desesperado quando você nos flagrou. — *Do que ela está falando? Ele me olha como olha para qualquer outra pessoa.* — Mas esse jogo não está ganhando querida, você ainda não se casou. — nesse momento ela se virou e me olhou de cima a baixo. — Você é só uma mera secretária. Pode até vestir um dos vestidos mais caros, mas você nunca vai pertencer ao nosso mundo.

A encarei. Era verdade eu nunca pertenceria ao mundo deles, eu estava ali de penetra, mas

PERIGOSAS ACHERON



existia uma verdade maior e que doeria menos em mim do que nela.

— Como você também nunca vai se casar com Kamal. — sorri para sua cara irritada e sai dali a deixando ferida. Essa era uma verdade inegável. Raquel e Kamal nunca iriam se casar. Disso eu tinha certeza.

Sai do banheiro e um árabe metido a gostoso, estava me esperando. Fui para o seu lado ainda pensando no que Raquel havia dito. Ela tinha razão, eu não fazia parte daquele mundo, se não fosse pelas circunstâncias Kamal nunca olharia para mim com outros olhos. Eu era a típica invisível e isso nunca me incomodou, até agora. Eu não estava entendendo o porquê de suas palavras me afetarem tanto, era tudo uma farsa, uma mentira e depois que ele conseguisse o que queria, eu voltaria para o meu mundo real e ele ficaria em Riade como o planejado.

— Vamos? — perguntei.

— Sim. Só vou fazer minha doação e partimos.

— Tudo bem. — disse e ele nos guiou até uma mesa com uma enorme urna, tirou o cheque de

PERIGOSAS ACHERON

seu bolso e o depositou. Seguimos até a saída quando fomos interceptados.

— Parabéns ao casal. — Jasmim já estava um pouco alta por causa da bebida.

— Obrigado. — respondeu Kamal tentando passar por ela.

— Calma, deixe-me pelo menos abraçar a noiva. — ela não esperou aceitação, se jogou em meus braços me apertando. — Ele vai partir seu coração, como faz com todas. — sussurrou e se afastou indo embora.

Encarei Kamal medindo o que Jasmim me dissera, e depois do que aconteceu essa noite, eu não sabia mais se isso não seria verdade.

\*\*\*

Entrei na limusine pensativa. O que eu andava pensando ultimamente não fazia sentido nenhum. Eu não nutria nenhum sentimento por Kamal, tudo o que eu andava sentindo era pura atração, assim como todas as mulheres quando estavam perto dele. Então por que eu estava com medo de ter o coração partido? O quê está

PERIGOSAS ACHERON

acontecendo comigo?

Eu estava tão absorta em meus pensamentos que não tinha percebido que o carro havia parado. Só quando Kamal me chamou olhei onde estávamos.

— Mari! O quê Jasmim te disse? — perguntou Kamal antes que eu saísse da limusine para entrar no meu prédio.

— Nada.

— Como nada. Você veio o caminho todo em silêncio.

— Coisa de mulher. — sorri amarelo. — Não se preocupe.

Ele suspirou vencido e acenou. — Tudo bem. Vou fingir que acredito.

— Boa noite Kamal. Até amanhã. — disse abrindo a porta da limusine.

— Boa noite!

Entrei em casa tirando o lindo vestido de renda na cor verde que Kamal havia me dado, mesmo eu tendo imposto a ele que não fizesse mais isso. Mas eu não podia reclamar o vestido era divino. Peguei meu celular e liguei para a única pessoa em todo o universo que me entendia melhor

PERIGOSAS ACHERON

que eu mesma, mas no momento ela estava indisponível porque seu telefone caiu na caixa postal. Tentei novamente. A mesma coisa. Caixa Postal. Suspirei irritada em direção ao banheiro. O jeito era me contentar com banho e cama, enquanto esperava meu porto seguro me lagar e me ajudar a entender o que eu estava sentindo.

\*\*\*

No dia seguinte, meu computador apitou com as notícias do dia e todas eram relacionadas ao meu suposto compromisso com Kamal. As visualizações sobre o assunto estava á toda velocidade, principalmente porque o solteiro mais cobiçado de toda sociedade Paulistana não estava mais no mercado e quem o havia fisdado foi sua simples secretária.

Eu não estava satisfeita com o rumo que as coisas estavam tomando, principalmente quando vi os comentários maldosos de muitas mulheres. O telefone em cima da mesa tocou, nem tirei os olhos da tela para atender.

— Pois não?

— Mari, que história é essa? — a voz de Cristina era de pura preocupação. Eu não sabia o que dizer. Ou eu contava a verdade ou eu mentia, independente, as duas opções não eram nada legais.

— Cristina não posso falar agora, me desculpe.

— Sei que você está me escondendo algo, desde aquele dia que você me fez aquela pergunta sem sentido eu percebi que você está metida em problemas e que esse suposto casamento tem algo haver, mesmo que não queira me contar, lembre sempre que pode contar comigo.

— Obrigada.

— Só... — parou pensativa. — Não se envolva demais.

*Talvez já seja tarde para seguir esse conselho.*

Passei os últimos dias a evitando, eu não queria mentir mais do que já havia mentido. Eu a tinha como uma grande amiga e como Kamal resolveu que deveríamos almoçar no escritório por causa da repercussão do noivado, usei isso como desculpa para não almoçar com ela e me sentir mais culpada depois.

Então, por causa disso não tinha ninguém com quem conversar já que Milena não estava atendendo o celular. Na verdade ele só dava fora de área e eu estava ficando muito preocupada. Fazia dias que eu havia perdido o contato com ela, e ela nem sabia o que estava acontecendo em minha vida. Quando ela descobrisse que eu iria para a Arábia e estava noiva do meu chefe com certeza iria pirar.

O estranho de tudo isso é que Kamal estava diferente, ele fazia questão de almoçar comigo todos os dias, até trazia uma marmita. Passamos a conversar sobre as nossas vidas e do que gostávamos. Ele dizia que era informação necessária, caso alguém fizesse perguntas bobas e não soubéssemos responder, como por exemplo a minha cor preferida.

— Amarelo. — respondi. — E a sua?

— A cor dos seus olhos. — corei. *Droga! O quê foi isso?*

— O almoço está bom, mas precisamos voltar ao trabalho. — arrumei minha marmita e segui para minha mesa, pegando minha escova de dentes e me trancando no banheiro. Como sempre

PERIGOSAS ACHERON

eu havia fugido. *Por que você não desdenhou Mari? Cadê seu sarcasmo?*

Voltei a minha mesa, me enterrando no trabalho para esquecer tudo que estava acontecendo em minha vida. Principalmente esquecer o que eu andava sentindo por um certo árabe.

\*\*\*

Cheguei cedo na empresa. Devido ao assédio dos paparazzis mudei totalmente minha rotina. Vários dias já haviam se passado desde a notícia do noivado, mas parece que a cada dia o assunto se renovava. Eu não podia comer, me vestir, que tudo virava notícia, houve até uma especulação de que eu estaria grávida. E eu estava odiando isso.

Kamal chegou no horário de sempre e pela sua cara sua noite não tinha sido boa.

— Bom dia! — disse seco e se dirigiu a sua sala.

— Bom dia! — respondi para o vento e voltei aos meus afazeres.

Alguns minutos se passaram até as portas do elevador se abrirem, denunciando que alguém

PERIGOSAS ACHERON

chegara.

— Ei moça bonita. — sorri para o Marcus.

— Oi moço bonito.

— Kamal está? — perguntou com um sorriso amplo.

— Sim, mas não está de bom humor. — o preveni.

— Que pena. — disse não se importando nenhum pouco com o humor de Kamal. — Garanto que ele ficará feliz com a notícia que vim dar.

— Espero.

— Eu também. — ele se aproximou da minha mesa ainda sorrindo. — Marquei a data do casamento, estou indo chamar Kamal para ser meu padrinho. O quê você acha? Quer ser a madrinha também.

Prendi o ar. *Como é que é?* Fiquei encarando o Marcus sem saber o que responder. *Pensa Mari, pensa.* Você não pode deixar seu amigo se casar com aquela ordinária. Mas o que eu poderia fazer além aceitar. Esse assunto não cabia a mim resolver.

— Claro. — sorri torto abalada com a notícia.



— Que bom. Agora vou falar com o poderoso Chefão.

Marcus entrou na sala quase saltitando de felicidade e fiquei roendo as unhas para saber o que Kamal iria fazer a respeito. Foi quando ouvi vozes alteradas e algo de vidro se quebrando dentro da sala de Kamal. Dei um pulo da cadeira e fiquei em frente à porta pensando se deveria entrar. Mais barulho se fez e eu já sabia o que estava acontecendo lá dentro.

Quando eu ia abrir a porta, a própria se adiantou e um Marcus atormentado saiu de lá. Pude ver as lágrimas em seus olhos. Ele me encarou por um momento, como se perguntasse silenciosamente se eu sabia e a culpa me bateu. Abaixei a cabeça e quando tornei a olhar para cima, ele já tinha ido.

Entrei na sala e encontrei um Kamal jogado no divã fitando o teto com o braço na cabeça. Ele me encarou quando me aproximei e pude ver o corte em sua sobrancelha, como também o olho machucado que estava ficando roxo.

— Eu contei a ele. — sussurrou. — Eu contei tudo a ele Mari. — repetiu quando me aproximei mais sem falar nada. Parecia que ele estava

# PERIGOSAS ACHERON

tentando se convencer que conseguiu fazer a coisa certa.

— Eu sei. Ele saiu daqui arrasado. — fui em direção ao banheiro pegar o kit de primeiros socorros e voltei me ajoelhando ao seu lado. Comecei a limpar o sangue que escorria de sua boca, o olho não tinha muito o que se fazer, uma grande dose de base teria que resolver seu problema. O silêncio se instalou entre nós e eu não aguentava mais ficar calada. — Que belo estrago ele fez em você. — comentei concentrada em seu rosto, seu belo rosto que ficaria marcado por um bom tempo.

— Ontem à noite Raquel me ligou pedindo para se encontrar comigo. — comentou sem muita importância.

— E? — perguntei curiosa, mas depois me dei conta que não queria saber. Isso não era da minha conta. — Sabe de uma coisa, não quero saber.

Mas ele continuou.

— Ela disse que se eu não fosse, iria ao seu apartamento. — me encarou.

— Para fazer o quê? — me assustei. *O que*  
PERIGOSAS ACHERON

*eu tinha haver com tudo isso?*

— Não sei. — ele sabia sim, só não queria me contar. — Só sei que não pensei duas vezes e fui me encontrar com ela.

— Onde?

— Em seu apartamento.

— Você dormiu com ela? — não sei por que fiquei com tanto medo de sua resposta. Eu não me importava, toda a minha preocupação era devido ao meu amigo Marcus. Enquanto eu tentava me convencer, o alívio me inundou quando ele respondeu.

— Não. Não dormi, mas quando eu acordei eu estava em sua cama. — *Como é que é?* — A desgraçada havia enfiado um pano com sonífero no meu nariz. Depois disso não lembro mais de nada. Acordei com ela me mostrando fotos comprometedoras em seu celular e dizendo que se eu não acabasse com você, as fotos vazariam e todos veriam, inclusive o Marcus.

— Que vadia. — murmurei indignada.

— É. Vadia. — repetiu pensativo.

— E o que você vai fazer?

— Nada. Vou esperar a bomba estourar. Eu  
PERIGOSAS ACHERON

já contei para o Marcus mesmo. — deu de ombros. Assenti o entendendo. Kamal se sentou e pegou em minhas mãos. — Você vai ficar do meu lado quando as fotos aparecerem nas redes sociais Mari, ou você vai se aproveitar de toda a situação para acabar comigo?

— Você sabe que um dia essa farsa vai acabar Kamal, esse relacionamento não é de verdade.

— Eu sei. Mas me prometa que ficará comigo.

O encarei. *O quê ele estava querendo com tudo isso? Eu não podia fazer isso.*

— Eu não posso prometer nada.

— Por favor! — pediu. — Isso é muito importante para mim. — ele passou suas mãos pela minha face. Minha coluna estremeceu.

— Tudo bem. — disse sem fôlego tirando suas mãos do meu rosto. Eu só queria que essas sensações parassem.

— Obrigada. — e me abraçou. Demorei alguns segundos para processar o que ele estava fazendo e o abracei também. Talvez Kamal só esteja precisando de uma amiga e eu aqui sentindo PERIGOSAS ACHERON

o que não devia por ele.

— Ele me chamou para ser a madrinha. — comentei tentando quebrar o clima tenso e as sensações que seu abraço estava deixando pelo meu corpo. Ele se afastou.

— Sinto muito Mari, eu não queria que isso envolvesse você.

— Você não tem que se desculpar comigo, eu não tenho nada haver com essa história.

Ele me encarou pensativo. — Talvez o Marcus tenha razão.

— Sobre o quê?

— Eu não te mereço. — prendi a respiração. *Será que o murro está o fazendo delirar?*

— Bom. — disse já entrando em pânico. — Já que você está ótimo, vou voltar para a minha mesa. — me levantei. Mas antes que eu desse o primeiro passo, sua mão agarrou meu pulso.

— Por que você sempre foge?

— Por que você sempre tenta me seduzir? — respondi sua pergunta com outra pergunta. Ele me observou por um longo tempo, pensando se respondia ou não. Por fim, resolveu me deixar ir. Cheguei à minha mesa um pouco bamba. Meu  
PERIGOSAS ACHERON

corpo ainda se recuperava de suas mãos, de seus braços sobre mim.

*Oh Deus, eu estou perdida!*

\*\*\*

Depois de descobrir a traição da noiva, Marcus passou três dias sem aparecer no escritório. As fotos não apareceram nas redes sociais e Kamal andava triste. Eu via isso e o que o alegrava um pouquinho eram nossos almoços. A cada dia estávamos nos tornando mais íntimos, sabendo segredos um do outro. E isso me assustava profundamente, ainda mais quando ele me tocava e as sensações voltavam com força total.

Faltava um dia para nossa viagem e eu tinha que correr para casa para arrumar minha mala. Como sempre, deixei tudo para a última hora. Estava indo a sala de Kamal pedir para sair mais cedo, quando ele já vinha em minha direção.

— Kamal preciso falar com você.

— Sim.

— Será que posso sair mais cedo? Preciso comprar algumas coisas para a viagem.

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem.

— Obrigada. — disse me virando.

— Mari. — parei me voltando para ele novamente. — Temos um evento hoje e quero que você use isso.

Ele me entregou o pacote que estava em suas mãos, o abri. Dentro tinha um vestido...

— Amarelo? — perguntei surpresa, mas lembrando de nossa conversa de outro dia.

— Sua cor preferida. — disse com um sorriso satisfeito.

— Ok. Que evento é esse? Não está na agenda.

— É um evento informal, não se preocupe.

— Não seria melhor desmarcar? Eu realmente tenho muito o que fazer.

— Esteja pronta às oito. — foi sua palavra final antes de dar as costas e voltar a sua sala.

Suspirei já pensando o tanto que teria que correr para estar pronta. O jeito era correr contra o tempo.

\*\*\*

# PERIGOSAS ACHERON

Às oito em ponto a limusine de Kamal estacionou em frente ao meu prédio. Desci já vestida e pronta para mais uma longa noite com gente esnobe e mesquinha.

— Boa noite senhorita! — me cumprimentou o motorista abrindo a porta.

— Boa noite! — olhei para o interior do carro. — Onde está Kamal?

— Ele irá encontrá-la no local. Pediu que lhe entrega-se isso. — o motorista me passou um envelope e entrei dentro da limusine. Assim que me instalei e o carro começou seu percurso, abri o envelope e encontrei uma chave com um bilhete.

*“Insira a chave no painel do elevador, que ele te levará direto a cobertura.” K.*

Encarei o papel achando aquilo tudo muito estranho. Assim que o carro parou e o motorista abriu a porta me vi dentro de um extenso estacionamento de algum prédio chique de São Paulo. Pela estrutura das paredes podia se ver que era um local muito luxuoso. O motorista chamou o elevador para mim e assim que entrei, ele se

PERIGOSAS ACHERON



despediu me desejando uma boa noite. Olhei o painel e inseri a chave a girando, as portas se fecharam e fui levada até a cobertura. O hall de entrada era divino, nunca havia visto nada igual.

Entrei no apartamento e me deparei com uma sala pouco iluminada, as velas espalhadas pelo local tornava tudo mais misterioso. Os tecidos bem ornamentados por todo apartamento fez-me sentir em outro mundo. Perto dos sofás havia uma mesinha com almofadas ao redor e um jantar bem organizado, com uma garrafa de vinho. Tudo era tão romântico. *Será que Kamal está esperando alguém? Mas ele marcou comigo. O motorista me trouxe.* Isso está tão confuso.

— Ah, você chegou. — disse Kamal animado saindo de uma área do apartamento que devia ser a cozinha.

— Você está esperando alguém? Por que eu posso... — comecei fazendo um gesto de ir embora.

Ele sorriu. — Estava esperando você. — ele segurou em minha cintura me guiando até as almofadas e me servindo o vinho. Me sentei.

— E o evento?

— O evento somos nós Mari.

# PERIGOSAS NACIONAIS

*Nós?* Engasguei com a bebida.

— Kamal, o que é tudo isso?

— Um encontro Mari. — ele se aproximou como um gato prestes a atacar. — Entre eu e você.

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 10

O rosto de  
Kamal  
estava

muito próximo ao meu, e mesmo que eu esteja pensando que tudo aquilo era uma piada e com uma enorme vontade de rir para não sair correndo. Seu rosto me dizia outra coisa. Ele estava falando sério.

— Eu vou para casa. — pronunciei me levantando. Seja lá o que esse árabe maluco esteja pensando, eu não vou ser parte. *Um encontro, onde já se viu.*

— Não vai não. — disse segurando meu braço.

— Você não manda em mim. — tentei me soltar.

— É tão ruim assim jantar comigo? —  
PERIGOSAS ACHERON

perguntou irritado.

— Não sei o que você está pretendendo fazer, mas eu não vou me deixar seduzir por você.

— Eu não quero te seduzir Mari.

— E o que significa tudo isso? — acenei para o local todo decorado. As velas aromáticas penetraram em minhas narinas.

— É só um jantar.

Eu não acreditava nele.

— Eu não acredito em você. — meus pensamentos se fizeram palavras e o que eu vi no rosto de Kamal me fez ficar indecisa se eu realmente não acreditava.

— *Você sempre pensando o pior de mim.* — murmurou para si, mas antes que eu pudesse dar uma resposta, ele continuou: — Pois bem, eu te desafio a jantar comigo e ver que minhas intenções não são nada mais que sua companhia, ou você pode sair correndo como você sempre faz. — seu tom era mordaz e isso me assustou. Ele estava irritado.

— Eu não saio correndo. — foi a única coisa que consegui dizer.

— Então prove. — o desafio estava nos olhos

# PERIGOSAS ACHERON

que me encaravam e nem louca eu ia deixar Kamal ganhar essa. Se eu saiasse agora ele poderia supor que havia algo mais na minha recusa. Com muita relutância tirei os sapatos, os jogando no chão ainda o encarando irritada, me sentei nas almofadas. *Se ele quer um jantar, é um jantar que ele vai ter.*

— Pense nisso como um de nossos almoços.  
— disse mais calmo se sentando próximo a mim.

Pela primeira vez desde que entrei no apartamento reparei em Kamal, ele já estava sem sapatos quando cheguei, então não precisou tirá-los para se sentar junto a mim. Suas calças eram um jeans básico. Eu nunca o tinha visto de jeans, e ele ficava muito bem. Sua camisa de linho branca estava um pouco aberta e eu podia ver um caminho de perdição através da abertura.

— Isso é diferente. — beberiquei minha bebida tentando me concentrar no que ele estava falando.

— Por quê? — ele bebeu o conteúdo de sua taça de uma vez, a enchendo em seguida.

— Porque lá estamos no trabalho e aqui... — olhei ao redor. — Esse é seu apartamento?

— Sim. Gostou?

— Interessante.

E a tensão dos minutos anteriores foi quebrada. Ele sorriu com o meu comentário, que foi o mesmo que ele deu quando entrou no meu apartamento pela primeira vez. Mas comparado ao meu, o de Kamal era cinco vezes maior e mais requintado.

Com os ânimos mais calmos graças a bebida, Kamal pediu para servirem o jantar. Uma mulher que aparentava uns quarenta e cinco anos saiu da mesma entrada que Kamal quando cheguei, com uma pequena tigela na mão direita e na esquerda uma bandeja com uma bolacha estranha.

— Mariana. Esta é Tatiana, ela está comigo desde que me mudei para o Brasil. Tenho sorte de encontrá-la, aqui no seu país não existe muita gente que saiba fazer comida árabe.

— Prazer em conhecê-la. — estendi a mão com um pequeno sorriso e Tatiana retribuiu.

— O prazer é meu. O senhor Kamal passou a tarde falando da senhorita.

— Verdade? — encarei Kamal curiosa. *O quê ele poderia falar de mim para a sua empregada?* Meu espanto foi entendido de forma

PERIGOSAS ACHERON

errada pela mulher e ela começou a falar.

— A senhorita tinha que ver o quando ele estava nervoso e queria que tudo ficasse perfeito.

Kamal pigarreou. — Acho que tem alguma coisa queimando na cozinha.

Cheirei o ar, mas não senti nenhum odor de queimado. Essa era uma deixa para Tatiana se calar e sair.

— Vou dar uma olhada. — disse a mulher se retirando. — Logo mais trago os outros pratos.

Assim que ela saiu me virei para Kamal.

— Posso saber o que você falava de mim com sua empregada?

— Nada demais. Não sabia se você iria gostar da comida, nunca a vi comendo comida árabe antes.

Franzi o cenho em dúvida. Eu não acreditava que realmente fosse esse o assunto.

— Mas eu já comi kibes e esfirras.

Ele riu. — Isso não conta.

Olhei para a refeição sobre a mesa.

— Então senhor guia árabe, que comida é essa que estou preste a experimentar?

— Isso é o pão sírio. — ele apontou para a

# PERIGOSAS ACHERON

tal bolacha. — E isso se chama *babaganuche*<sup>[24]</sup>. — disse pegando a tijela que Tatiana trouxera.

— Parece purê. — disse encarando a mistura um pouco amarelada.

— É patê. Prove.

Ele colocou um pedaço de pão sírio em minha boca, juntamente com o patê. Mastiguei. Hummm.

— Gostoso. — murmurei.

— Que bom que gostou. — disse com um sorriso.

Me servi mais algumas vezes do patê, até que Kamal disse que não comesse muito porque iríamos fazer um *tour* pela comida árabe. Ele queria saber o que eu gostava ou não, já que em seu país não é fácil encontrar o nosso tradicional arroz e feijão.

Depois de provar, *charutinho*, *tabule*, *chancliche*, *Kafta*, *arroz sírio*, *cordeiro* e as famosas sobremesas *ninho* e *malabie* —, não se esquecendo do *Kibe*, eu me escorei no sofá perto das almofadas com a mão na barriga. Eu estava satisfeita.

A conversa havia fluído normalmente, como em nossos almoços e eu já tinha esquecido que fui PERIGOSAS ACHERON



obrigada a ficar. Estávamos rindo de uma das peripécias da minha gêmea maluca que ainda não tinha dado sinal de vida, quando Kamal colocou mais um pedaço de *ninho* em minha boca.

— Chega. — disse rindo e mastigando ao mesmo tempo. — Não aguento mais. Devo ter ganhado uns cinco quilos só nesse jantar. — Eu já devia estar um pouco alta por causa da bebida, para falar com Kamal sobre o meu peso.

Kamal também riu. — Não seja exagerada. Deve ter sido uns dez. Você devorou tudo. Pelo jeito não teremos problema com sua alimentação na viagem.

— Ei, eu não sou comilona. — disse empurrando seu ombro em forma de brincadeira. Isso o fez me encarar e até o momento eu não havia percebido o quão próximo ele estava.

O clima mudou totalmente. Durante o jantar Kamal havia se aproximado mais de mim com as intenções de me dar comida na boca. Sim, ele fez isso. Sua conversa era: *Você tem que provar isso*, e enfiava na minha boca. Eu não estava gostando, mas também não reclamei porque minha concentração ia direto para a comida em minha

PERIGOSAS ACHERON

boca, mas agora, com ele me encarando, talvez, eu devesse tê-lo afastado.

Kamal também estava um pouco alto por causa do vinho. Por que, que outro motivo ele teria para fazer o que estava preste a fazer? Eu já podia sentir os seus lábios nos meus, mais um pouco, só mais um pouquinho...

— Preciso ir ao banheiro. — disse e me levantei o encarando. Ele percebeu que eu esperava ele me sinalizar onde ficava. Era a primeira vez que eu me encontrava em seu apartamento e depois dessa noite eu esperava ser a última.

Ele apontou para uma entrada contrária a da cozinha. — Segunda porta.

Sai de lá o mais rápido que pude e me tranquei no banheiro. Me encarei no enorme espelho, eu estava vermelha, mas não era de vergonha, era de tesão. *Oh droga!* Abri a torneira molhando meu rosto e pescoço em seguida, eu precisava ficar lúcida novamente, nem morta eu iria beijá-lo e muito menos acordar em sua cama.

Sai do banheiro um pouco mais tranquila. A água gelada acalmou meus ânimos, mas quando cheguei a sala algo preencheu meus ouvidos.

# PERIGOSAS ACHERON

Música. Lenta e sensual, a cantora parecia que ia ter um orgasmo e isso não ajudou em nada na minha situação.

Kamal estava em pé no meio da sala, me aproximei cautelosamente.

— Dance comigo Mari. — havia algo mais naquele pedido.

— Não. — eu não podia, precisava ficar o mais longe possível.

Kamal não pediu uma segunda vez. Ele se aproximou de mim, me segurando pela cintura e se movimentando ao ritmo da música. Sem ter saída já que estava presa em seus braços, segurei em seus ombros colocando minha cabeça em seu peito e me movimentando junto com ele. *Respira Mari, respira.* Mas quando fiz isso o perfume de Kamal invadiu minhas narinas e era tão bom. *Merda!* Fechei os olhos e comecei a pensar como eu cheguei ali. Em seus braços. Suas mãos acariciavam minhas costas desnudas e arrepios passavam por todo meu corpo.

— O que significa tudo isso, Kamal? — perguntei querendo uma resposta sincera. Isso tudo não era só por causa de companhia num jantar. Ele

PERIGOSAS ACHERON

tinha várias mulher com quem podia fazer bem mais do que jantar, então porque ele insistia comigo?

— Você quer mesmo saber Mari. — seus indecifráveis olhos me encararam. *Eu queria?*

— Quero. — o encarei de volta.

— Eu estou apa... — algo vibrando e tocando na calça de Kamal fez eu me afastar assustada. O telefone dele tocava insistentemente.

— Dei-me um segundo. — ele estava muito irritado pela intromissão. E pela sua cara ele ia desligar o telefone na cara do infeliz que lhe atrapalhou. Mas ao invés disso ele franziu o cenho e disse espantado. — É o Marcus.

Desde que Marcus ficou sabendo a verdade sobre sua noiva canalha. Ele e Kamal não se viam, não se falavam e nem trocavam e-mails. O que era difícil já que no ambiente de trabalho Marcus tinha que se reportar a Kamal.

— Atende. — insisti. Para o Marcus está ligando, algo havia acontecido e qualquer coisa era melhor do que me deixar seduzir.

— Alô. — Marcus disse algo a Kamal que fez sua face enrugar de preocupação. — Onde você  
PERIGOSAS ACHERON

está? Não Marcus pare com isso. Você não precisa se desculpar. Você não tem culpa de nada. — Marcus falou mais alguma coisa. — Não me entendeu, me diga onde você está agora. Estou indo te buscar. — nisso Kamal já havia pego a chave do carro perto de uma mesinha na entrada. — Tudo bem. Me espere aí. — e desligou.

— O que houve? — perguntei o seguindo pela apartamento.

— Marcus está numa boate totalmente bêbado. Ele ligou para se desculpar pelo que houve, estou indo buscá-lo.

— Eu vou com você. — ele assentiu e eu corri para calçar minhas sandálias pegando a minha bolsa e o seguindo para o elevador.

Não dissemos nada o caminho todo e eu estava agradecida por isso. O silêncio também serviu para me ajudar a pensar. Se o telefone de Kamal não tivesse tocado, aonde iríamos parar? Eu sabia aonde, — bem em cima da sua cama e esse pensamento não me acalmou nem um pouco. Se só com um simples jantar eu já estava louca de tesão por ele, imagina quando começarmos a fingir para todos em Riade o falso noivado. *Aí meu Deus, não*

PERIGOSAS ACHERON

*me faça dar pra ele, não me faça dar pra ele.*

Chegamos à boate meia-hora depois. Não foi difícil localizar o Marcus já que ele estava no único lugar onde um bêbado poderia estar. O bar. Assim que nos viu Marcus se jogou nos braços de Kamal se desculpando pela surra que lhe dera e xingando Raquel de tudo que é nome. *É isso aí amigo.*

Pelo que entendi, Marcus havia procurado Raquel e ela se fez de vítima, acusando Kamal de estar mentindo. Mas o que ela não sabia era que Kamal havia contado sobre as fotos abusivas que ela havia tirado dele. Marcus as encontrou no celular dela. Foi aí que ela disse toda a verdade e a pior de todas foi que nunca o tinha amado e que só o suportava para ficar mais perto de Kamal. Depois dessa até eu fiquei com vontade de beber.

— Toma. — disse Marcus entregando um celular a Kamal.

— O que é isso?

— As fotos estão aí para você fazer o que quiser. — disse arrastado. Ele não estava bem, ele estava até mudando de cor. — Acho que vou vomitar. — disse para si.

Kamal segurou o amigo, o levantando da  
PERIGOSAS ACHERON

cadeira.

— Espere aqui Mari. Já volto para irmos. — e partiu em direção ao banheiro masculino.

Me sentei no lugar que Marcus ocupava e chamei o barmem pedindo uma bebida, estava muito quente e eu precisava me refrescar. E além do mais, depois dessa eu precisava de um pouco de álcool. Mas devido ao grande fluxo de clientes e a música alta, ele não chegava até mim.

— Hoje está difícil não. — um cara se aproximou, o encarei. Cabelo rasteiro, olhos verdes, pele escura.

— Impossível. — murmurei. — Eu só queria um copo de cerveja.

— Deixa comigo. — ele começou a chamar o barmem, mas nada dele chegar até nos. Acho que Marcus pegou o pior lugar e eu não entendia como ele ainda conseguiu ficar bebado. — Já volto. — disse o cara e sumiu por uns dois minutos até aparecer com um copo de cerveja.

*Amém!*

— Obrigado. — disse bebendo todo o líquido. Eu estava com sede.

Minutos depois estava eu na pista de dança  
PERIGOSAS ACHERON

sendo agarrada pelo cara da bebida. Eu nem sabia o nome dele. Suas mãos estava por todo lugar e eu estava adorando isso, fazia um tempo que não transava e eu estava morrendo de tesão. Seja lá o que tinha naquela bebida havia aberto o meu apetite. Mas do nada, aquelas mãos foram arrancadas de mim, virei para ver o que havia acontecido. *Kamal!* E ele não estava feliz.

Kamal segurava o cara pela camisa e sua cara era de poucos amigos. Algumas pessoas ao redor pararam para ver o que estava acontecendo.

— Cai fora! — foram suas únicas palavras.

— Tá louco? Eu cheguei primeiro. — disse o cara tentando se soltar. Comecei a rir.

— Nunca tive caras brigando por mim. — disse rindo mais.

— Você acha isso engraçado? — perguntou Kamal me encarando. Ri mais. — Mari, você está bem? — como não obtive resposta ele encarou o cara. — O que você fez com ela?

O rapaz empalideceu. Comparado a Kamal ele não venceria a briga, se houvesse uma, e eu estava torcendo para ter.

— Nada cara. Eu não fiz nada. — e se saiu  
PERIGOSAS ACHERON



correndo, partindo em direção a saída. Kamal ainda encarava as costas do cara quando me sentiu próximo e me olhou.

— Esquece ele. — disse tocando seu rosto.

Ele me segurou pelo braço.

— Vamos Mari. — disse me puxando da pista. Mas eu não queria ir. O puxei de volta.

— Não quero ir. Eu quero dançar. — e para dar ênfase as minhas palavras comecei a me mexer ao ritmo da música.

— Você está bêbada? — mas eu não respondi, minha única ação foi me agarrar mais a ele e beijá-lo, intensamente.

\*\*\*

Abri os olhos lentamente, minha cabeça parecia uma obra em construção. Tentei me levantar da cama. *Impossível!* Uma tontura me fez voltar a cabeça à cama. Foi aí que eu senti, um ser ao meu lado. Lentamente olhei a pessoa que compartilhava minha cama. Dei um grito e me afastei, caindo da cama. Ele acordou assustado e me encarou no chão.

— Tudo bem aí? — perguntou espantado.

— Não. — gemi frustrada colocando as mãos na cabeça. — A gente transou. — e isso não era uma pergunta. Olhei ao redor. Eu estava em meu quarto, no aconchego do meu lar. Mas que *porra* Kamal estava fazendo aqui, compartilhando a mesma cama? Tentei processar o que aconteceu na noite anterior e para a minha frustração eu não lembrava de nada. *Droga!*

— Você está bem? — perguntou preocupado.

Eu não sabia se minha frustração era de ter dormido com ele ou de não lembrar que transei com ele. Choraminguei com a cara enfiada em minhas pernas.

— Mari! — chamou mais uma vez. Levantei meus olhos e o encarei. *Oh que perdição!* Ele estava só de cueca box. *Delícia!* O que eu estou pensando? Ele é meu chefe. *Que aparentemente você dormiu,* minha consciência zombou. Enfieei a cara novamente em minhas pernas. — Qual é o seu problema?

— Fala para mim. Diz a verdade. — me aproximei da cama como um filhote de cachorrinho com esperança que o dono o deixasse subir. — Nos PERIGOSAS ACHERON

não dormimos juntos.

— E se tivesse? — perguntou me encarando. Deu de ombros. — Para todos os efeitos você é minha noiva.

— *Droga, droga, droga.* — murmurei.

— Não sabia que era tão ruim dormir comigo. — disse irritado. — Ninguém nunca reclamou.

Kamal saiu do meu quarto revoltado. *Com o quê?* Eu não entendia. Por que ele ficou tão chateado? Será que ele não entende que isso era o que ele não queria de suas secretárias? Sexo.

Escutei a porta do meu apartamento bater e deduzi que ele havia ido embora. Me levantei do chão e comecei a andar que nem barata tonta de um lado a outro, eu não sabia o que fazer, não sabia o que sentir e para completar eu não lembrava de nada. Choraminguei. Tenho que parar de beber antes de transar, isso está afetando minha memória. Como é que a pessoa transa com um árabe deus grego e não lembra, me diz?

Eu estava eufórica, em pânico e eu precisava de café. Sai do quarto para ter um susto quando vi meu árabe favorito sentado no sofá. Gritei.

— Você não foi embora?

— Essa era a ideia, mas aí eu lembrei da nossa viagem. — disse com um sorriso sem humor. *Ah Deus, a viagem.* Olhei o relógio de parede na cozinha, o nosso voo estava para sair dali à quase duas horas. Estávamos atrasados tendo em vista que teríamos que pegar as coisas de Kamal em seu apartamento, nos arrumar e... Fechei os olhos lentamente, coloquei as mãos na cabeça e comecei a andar de um lado a outro com meus pensamentos entrando em frenesi.

*Eu não posso fazer isso, eu não consigo fazer isso. Como pude esquecer da viagem? Como pude dormir com ele? O que eu tenho na cabeça? Depois disso não consigo ficar dois segundo perto de Kamal, quanto mais duas semanas conhecendo a família, dando beijos apaixonados e sendo a sua noiva.*

— Eu não posso fazer isso, não posso. O que eu faço agora? — só percebi que meus pensamentos se tornaram palavras quando recebi um beliscão no braço. — Aí! Você ficou louco?

— Você estava tendo um ataque de pânico.

— Mas você me beliscou. — disse indignada  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não me respondia, eu tinha que fazer alguma coisa.

O encarei. Tudo bem, eu estava tendo mesmo um ataque de pânico. Respirei fundo, eu precisava me acalmar e isso dizia que eu precisava de café. Corri para a cozinha literalmente e comecei a preparar meu calmante.

— Nós não temos tempo. — murmurou ele voltando a se sentar. Ele me encarou com um olhar triste.

— Algum problema? — perguntei preocupada.

— Me diga você. — Abaixei minha cabeça e me concentrei no café.

Terminei o café e tomei um gole, o efeito da cafeína me tranquilizando era muito bom, mas isso não me impedia de ter minhas dúvidas do que íamos fazer.

— Kamal. — ele me encarou. — Acho melhor... — hesitei por um segundo. — Depois do que acabou de acontecer, não irmos nessa viagem.

Ele se levantou, me encarando de uma forma ameaçadora. Ele parecia um leão preste a atacar sua comida. E nesse caso a comida era eu.

## PERIGOSAS ACHERON

— Que pena que isso não está mais em discussão querida Mari. — ele olhou seu relógio. — Você tem dez minutos para pegar suas coisas, se não, eu vou te colocar por sobre os ombros e sair por aquela porta, e eu acredito que você não vai querer passar duas semanas sem calcinhas.

Olhei para o que eu vestia, nada mais que uma camiseta longa e larga, e definitivamente eu estava sem calcinha. *Oh Deus!*

— Dez minutos? Isso quer dizer que eu não posso tomar banho? — perguntei indignada. Eu precisava de um banho, me arrumar, ficar apresentável para a família dele. Eu estava fedendo a álcool, suada e meu desodorante já havia vencido.

— Bom, você preferiu o café. O que posso fazer? — deu de ombros. — As mulheres são complicadas.

— Seu filho de uma...

— Nove minutos. — me cortou.

Corri como uma louca pelo quarto pegando a primeira roupa que vi pela frente. Minhas malas já estavam prontas. *Graças a Deus!* Eu devia ter separado uma roupa ontem, mania brasileira de uma figa, deixar as coisas para a última hora.

— Seis minutos. — gritou o maldito da sala.

Vesti uma calça jeans e uma blusa branca de mangas, fiz um coque malfeito em meu cabelo e retirei os resquícios de maquiagem que estava me fazendo parecer uma zumbi. Não dava tempo de se maquiar, então teria que fazer isso no aeroporto. Joguei a bolsa de maquiagem na minha bagagem de mão, calcei meus all star, corri para escovar os dentes.

— Dois minutos.

Peguei minha bagagem e sai do quarto no instante em que ele ia gritar. Acabou. Kamal me olhou com um misto de diversão e curiosidade.

— Isso foi o que consegui em tão pouco tempo.

— Vai servir.

Kamal pegou a minha enorme mala de mão e saímos de casa. Depois de trancar tudo deixei a chave com a minha vizinha caso algo acontecesse no apartamento enquanto eu estivesse fora. Entrei no carro de Kamal e esperei ele colocar minha bagagem no porta malas. Assim que ele entrou no carro disse:

— Você está sentindo isso?

Cheirei minhas axilas. Não estavam tão mal, mas ainda sim o cheiro não era agradável.

— Não. — disse desconfiada. Eu estava fedendo tanto assim?

— O cheiro da vitória.

*Árabe maldito.*

— Não cante vitória antes do tempo, eu ainda não entrei naquele maldito avião.

Kamal sorriu de alguma piada interna e arrancou com o carro. *#apartamentodeKamal.*



## Capítulo 11

**M**eia-hora depois  
estávamos no apartamento de Kamal. Assim que coloquei os pés no recinto, cenas da noite passada passaram diante dos meus olhos. *O que teria acontecido se o Marcus não ligasse?* Pensei já sabendo a resposta inegável. Eu teria dormido com Kamal. Então de um jeito ou de outro a noite havia saído como ele planejou. Eu acho.

— Espere aqui, já volto. — disse subindo uma escada lateral que havia na entrada. Não tinha reparado nela antes.

Aproveitei o momento e corri para o banheiro, eu precisava de um banho de gato. Kamal não havia falado mais nada sobre o meu odor o caminho todo, mas eu não queria arriscar outra

piada de duplo sentido. Infelizmente eu havia deixado minha bagagem de mão no carro, mas não importa. Tirei a blusa, peguei um pouco de sabão líquido e comecei minha pequena lavagem. Rosto, pescoço, axilas, essas principalmente. Satisfeita com meu novo cheiro, me vesti novamente e voltei para a sala. Olhei a hora no requintado relógio perto de uma estante. Eu não havia demorado tanto assim no banheiro e Kamal ainda não havia aparecido.

Tatiana a empregada de Kamal apareceu segundos depois que eu havia me sentado no sofá para perguntar se eu precisava de algo.

— Não, obrigada. — disse com um sorriso.

— Um chá talvez.

— Você tem café? — perguntei esperançosa. Ela assentiu. — Tem algum recipiente em que eu possa levar? — continha tanta esperança na minha voz que Tatiana riu.

— Já volto. — disse e voltou para a cozinha.

Eu não sou viciada em café, mas se eu tenho que aguentar essa viagem vai ter que ser a base de cafeína. Ela voltou minutos depois com um copo com tampa e agradei. Olhei a hora novamente, vinte minutos já haviam se passado.

Eu e Tatiana engatamos uma pequena conversa sobre seu trabalho, ela continuaria cuidando da casa enquanto Kamal resolvia o que faria com o apartamento. Aparentemente ele iria mantê-lo para visitas futuras.

Kamal apareceu na sala depois de quase meia-hora, com os cabelos molhados, bem vestido e cheirando maravilhosamente bem. *Desgraçado!*

— Você tomou banho. — murmurei entre os dentes revoltada.

Ele sorriu de lado.

— Cada qual com as suas escolhas. — deu de ombros e se aproximou de Tatiana segurando em sua mão. — Foi um prazer tê-la conhecido.

— Falando assim parece até que você não vai voltar menino. — disse chorosa.

— Não tão cedo. — ele riu e deu um beijo em sua testa, a abraçou se despedindo dela.

\*\*\*

Devido a grande ideia de Kamal de se vingar de mim tomando banho e ficando todo lindo e gostoso, chegamos ao aeroporto faltando vinte minutos para a decolagem. *Como ele não havia*

## PERIGOSAS NACIONAIS

*previsto que haveria engarrafamento? Aqui é São Paulo.* Quase formos presos por subornar o passageiro que era o primeiro da fila com quinhentos reais. Pelo menos o cara aceitou o dinheiro e nos deu passagem, mas as quinze pessoas atrás dele não estavam muito felizes.

Depois de despachar as malas e se despedir de seu motorista Hector, chegamos no embarque faltando minutos para o fechamento. Eu estava ofegante quando entre no avião, nunca tinha corrido tanto por uma coisa, tanto que eu havia esquecido de um pequeno detalhe. Eu tinha medo de voar.

Me sentei na cadeira apreensiva, com um tique nervoso na perna e suando frio. *Merda!*

Tomei todo o café que Tatiana me deu em um único gole, na esperança que isso me acalmasse. Não adiantou. Kamal colocou nossas bagagens de mão no compartimento acima e se sentou ao meu lado. Estávamos na primeira classe, eu e ele juntinhos na fila do meio. Vendo minha aflição Kamal se aproximou, mas quando ia perguntar o que estava acontecendo fomos interrompidos pelo comandante com sua potente voz saindo do auto falante.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— *Senhores passageiros, boa tarde! Sejam bem-vindos ao voo 133 com destino a África do Sul. Sairemos daqui à meia-hora, infelizmente estamos com um problema de comunicação com a torre, lamentamos o transtorno.*

— Perfeito! — murmurei. — Corri tanto para nada.

Eu estava inquieta no meu lugar, esfregando uma mão na outra. *E se o avião cair?* Tenho lido muitas reportagens sobre isso. *E pior, se houver um terrorista aqui?* Encarei as pessoas da primeira classe. Todas pareciam normais, nenhum tinha cara de suicida. Mas não posso confiar, nenhum homem bomba vai gritar que tem uma bomba amarrada ao corpo antes do avião decolar.

*Aí meu Deus, eu preciso sair daqui.*

— Mari? Algum problema? — Kamal chamou minha atenção.

— Nenhum. — disse quase sem voz. Eu estava tendo outro ataque de pânico. *Maravilha!*

— Então porque você está tão nervosa?

— Eu não estou nervosa? Quem está nervosa? — bufei. — Você está nervoso? — ele negou. — Então eu também não estou nervosa. — comecei a tagarela coisas sem sentido.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bom. — disse desconfiado.

— E se o avião cair? — perguntei de repente segurando seu braço direito no encosto da cadeira.

— De onde você tirou isso? — perguntou assustado.

— Ele disse que estavam com problemas. Você não lê jornal não? Acidente de avião é a nova moda.

— Você está tendo outro ataque de... — o cortei.

— E sequestro? Vão sequestrar o avião. Eu preciso sair daqui. — disse já me levantando. Algumas pessoas próximas acabaram ouvindo o que eu havia falado e começaram a se aglomerar. A aeromoça com cara feia para mim, tentou acalmar os passageiros. Kamal agarrou meu braço e me puxou para ele, ficando cara a cara comigo.

— Você tem medo de voar. — isso não era uma pergunta, então não confirmei. — Você está muito nervosa e eu sei de algo que pode te acalmar. —

Ele me arrastou até o pequeno banheiro do avião nos trancando lá dentro.

— Não vou transar com você para me acalmar. — bufei.

## PERIGOSAS ACHERON

Kamal me prensou de frente para a pia. Eu estava me encarando no pequeno espelho, enquanto ele me olhava por ele. Suas mãos alisavam meus braços lentamente.

— Você sempre pensando o pior de mim. — disse pensativo. Eu não entendia o que ele queria dizer. — Tenho uma confissão a fazer. — ele pausou suas mãos em meus ombros me encarando pelo pequeno espelho. — Nós não transamos.

O suspiro que dei foi indecifrável. Nem eu sabia se era de alívio por não ter acontecido ou frustração por não ter acontecido. Kamal fez uma careta diante da minha atitude. *Qual o problema com ele?*

— O quê? — tentei me virar, mas ele me prensou mais na pia agarrando minha cintura. Senti algo perto da minha bunda que me fez prender a respiração. — Se você está só dizendo isso para me acalmar...

— Não. — negou. — É verdade. Então trate de se acalmar. — sussurrou em meu ouvido dando uma leve mordiscada em minha orelha. Fechei os olhos. *Oh bom Deus!*

— Mas nos estávamos quase sem roupas. — consegui dizer em meio as carícias em meu

pescoço. Ele havia afastado meu cabelo e inclinado meu pescoço para ter melhor acesso. Me inclinei sobre ele. Seja lá o que ele esteja fazendo, está dando certo. O ataque de pânico havia evaporado, mas eu estava preste a ter outro tipo de ataque e esse era cardíaco.

— Você se vomitou toda, tive que te trocar.

Ele colocou sua mão por dentro da minha blusa tocando minha pele, o contato me arrepiou toda. Abri meus olhos um instante e me encarei no espelho. Eu estava vermelha, ofegante e arrepiada. *Desgraçado!* Eu estava com tesão.

— E por que você estava na minha cama? — perguntei fechando os olhos novamente e aproveitando suas carícias. Sua mão subiu para o meu seio. *Oh merda!*

— Eu estava preocupado com você. O cara tinha te drogado, eu não fazia ideia do que ele havia te dado. Então resolvi ficar, já estava tarde.

— E por que não utilizou o sofá?

Ele riu sob minha pele, seu suspiro fazendo cócegas em meu pescoço.

— Você que me obrigou, lembra?

— Não lembro de nada e você sabe disso.

— Apesar de eu negar seu pedido de sexo,



você me obrigou a abraçá-la a noite toda. — sua outra mão brincou com o cóis da minha calça. Abri os olhos segurando sua mão, minha mente voltando a funcionar. Agora eu estava irritada, só não sabia se era comigo ou com ele.

— E por que você estava só de cueca? Por que não transou comigo? — virei o encarando. — Venhamos e convenhamos era isso que você pretendia quando inventou aquele jantar. Por que você não usufruiu da drogada? Não é isso que você sempre faz com as mulheres, as usa e depois joga fora?

Kamal abriu os olhos no momento em que o encarei. Ele estava excitado eu podia ver isso, eu também estava morrendo de vontade de agarrá-lo. Mas eu não podia. As coisas já estavam estranhas demais entre nós e se eu elevasse o nível, capaz de uma pessoa sair magoada dessa situação. E eu tinha certeza que não seria ele.

Ele aproximou se rosto do meu, a excitação deixando sua face e a transformando em uma carranca de fúria.

— Tudo o que faço e que já fiz foi consensual. Nunca enganei ninguém. Todas que foram para a minha cama sabiam como seriam as

coisas. Nunca fiz promessas. E quanto a você, jamais me aproveitaria em uma situação como essa. Eu estava muito preocupado com seu bem-estar para se quer lembrar que adoria estar entre as suas pernas, assim como gostaria de tê-la bem aqui nesse banheiro de avião. Mas não o fiz e não farei, não sem o seu consentimento. — suspirou tentando se acalmar. — E antes que você reclame que eu estava te tocando e acariciando. Eu só queria acalmá-la para que não tivéssemos que ser interrogados pelos seguranças, sobre sua insinuação de sequestro de avião. Mas como sempre você só pensa o pior de mim. — murmurou e saiu do banheiro muito, mas muito irritado.

Encarei a porta que havia se fechado quando ele saiu. Saber que Kamal queria de fato me levar para a cama, não fazia bem para minha mente perturbada. *Pelo menos meu pânico havia passado.*

Voltei à minha cadeira e Kamal não estava. Olhei ao redor o procurando, nem sinal. Me sentei pensando na melhor forma de me desculpar. Minutos depois ele apareceu com um comprimido e água.

— Beba. — disse frio.

— O que é isso?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Um calmante. Você só vai dormir por algumas horas.

— Tudo bem. — disse pegando o comprimido e a água. Ele se sentou ao meu lado e segundos depois uma aeromoça apareceu para levar o copo embora.

O avião estava pronto para decolar e o comprimido ainda não tinha feito efeito. Eu continuava nervosa, mas o pânico inicial havia passado. Kamal também parecia mais calmo, eu evitava olhá-lo, mas eu podia sentir seus olhos em mim.

— Sinto muito. — murmurei olhando seus intensos olhos.

— Tudo bem. — disse como se não se importasse, mas eu podia ver que sim.

— Eu não devia tê-lo acusado daquele jeito.

— Tudo bem. — disse novamente. Suspirando nervosamente virei-me para olhar o movimento dos trabalhadores do aeroporto pela janelinha do avião. — Você já voou alguma vez? — perguntou.

— Sim. — voltei a olhar para ele encostando a cabeça na poltrona de couro macio.

— Para onde você foi? — ele parecia querer

## PERIGOSAS ACHERON

me distrair.

— Para a casa dos meus pais em Natal, para Fernando de Noronha nas férias, mas em todas essas vezes Milena estava comigo segurando a minha mão. — disse melancólica, finalmente o remédio estava agindo no meu sistema.

Lembrar de Milena me fez querer saber onde ela estava, se ela soubesse na furada que me meti. Fechei os olhos antes do avião decolar, não senti o impacto da subida que eu tinha tanto medo, mas senti uma forte mão segurando a minha. Ele apertou seus dedos sobre os meus e eu apertei de volta, até tudo escurecer.

\*\*\*

Chegamos ao *Aeroporto Internacional Oliver Tambo* na cidade de Joanesburgo na África, no domingo de madrugada. Eu havia acordado duas horas antes de aterrissarmos, o que era péssimo. Mas me mantive calma, principalmente porque Kamal estava dormindo e eu não queria acordá-lo. Minha bunda estava doendo, mais de dez horas de viagem faz isso com a pessoa. Ainda bem que isso era um voo de escala.

Kamal acordou minutos antes do pouso e a única coisa que ele fez foi me encarar pensativo. As coisas estavam muito estranhas entre nós, eu me sentia muito culpada pelo que aconteceu no banheiro, principalmente porque suas carícias estavam muito vívidas em minha memória. Era como se cada um quisesse ficar em sua bolha pessoal.

Já estávamos em terra firme quando ele finalmente falou: — Está com fome?

Eu havia jantado no avião, e ao contrário do que as pessoas dizem a comida estava uma delícia. Acredito que isso tenha a ver com eu estar na primeira classe.

— Não. Mas eu aceito um café.

O voo que nos levaria direto para a Arábia estava atrasado duas horas. Então tínhamos tempo.

Sentei na praça de alimentação do aeroporto com o café em mãos. Kamal havia ido ao banheiro. Minutos depois ele volta com um turbante na cabeça, a gargalhada que eu dei quebrou a tensão das horas anteriores, o fazendo dar um sorriso. Eu sabia que isso era um acessório muito usado na Arábia, mas eu nunca o tinha visto usando. E ele

ficava muito sexy.

— Vai dizer que não ficou legal. — disse brincalhão.

*Deus! Ficou mais que legal!*

— Está bonitinho. — murmurei bebericando o café. — Pensei que você não usava isso.

— Não usava no Brasil, mas meu pai é um pouco tradicional. — ele se sentou a minha frente.

— Entendo.

— Talvez eu te compre uma burca<sup>[25]</sup>. — disse sorrindo.

— Nem pensar. Sou turista.

— Mas como minha noiva terá que usar, não posso deixar você tão exposta por aí.

— Que pensamento machista. — murmurei deixando a brincadeira de lado.

— Você ainda não viu nada amor. — falou misterioso e um arrepio subiu pela minha coluna. Não repliquei seu comentário e preferi me concentrar no café. — Me desculpa. — disse me encarando com rosto culpado. — Eu não devia ter dormido na sua cama, muito menos de cueca. Você está certa, me aproveitei um pouco da situação.

— Tudo bem. — apertei sua mão que estava

## PERIGOSAS ACHERON

em cima da mesa. Eu não tinha reparado no que tinha feito até Kamal levar minha mão aos seus lábios beijando-a carinhosamente. — Vou ao banheiro. — disse de imediato fugindo dali. Eu tinha que parar de fazer isso.

Minutos depois estávamos na área de embarque sentados á espera do nosso voo. Kamal estava olhando seu celular, enquanto eu jogava *gamão*<sup>[26]</sup> no meu.

— Marcus está nos desejando uma boa viagem e se desculpando por não ter ido se despedir de nós. — disse me mostrando a mensagem no celular.

— Como ele está? — perguntei preocupada. — Da última vez que o vi ele estava totalmente bêbado.

— Na medida do possível bem.

— Espero que ele consiga se recuperar da Raquel, ele aparentava a amar muito.

— Verdade. Mas ele vai achar alguém melhor. Assim como eu achei. — disse me encarando com um sorriso indecifrável. Ia perguntar o que significava aquilo, quando ouvimos pelo alto-falante informações do nosso voo.

Seguimos em direção ao embarque e qualquer pergunta foi esquecida no processo.

\*\*\*

Desembarcamos no *Aeroporto Internacional Rei Khalid* em Riade quase na hora do almoço. *Finalmente!* Eu estava um caco. Um homem de terno estava com uma plaquinha com o sobrenome de Kamal — Abdo. Estranhei sua família não ter vindo recebê-lo, e sim o motorista. Depois de pegarmos as malas o seguimos em direção ao carro.

— Pensei que sua família viria te buscar.

Ele me encarou.

— Eles estão fazendo coisa pior. — murmurou nada contente.

— O que, por exemplo? — perguntei preocupada.

— Uma festa de boas-vindas.

Pela cara dele, ele não estava gostando nadinha dessa idéia, mas eu achava legal da parte deles.

— Ah! Vai ser legal. — disse tentando animá-lo



— Não, não vai ser legal. — disse entrando no carro. O segui sentindo que alguma coisa estava errada.

\*\*\*

A casa dos pais de Kamal ficava a quarenta minutos da cidade, num condomínio de luxo. Assim que o carro estacionou ao lado da casa meu queixo caiu. Isso não é uma casa, é uma mansão. Estava pintada num tom pastel, tinha um estilo imperial, como se fosse um pequeno palacete e muita área exposta por onde o sol entrava. Vi que isso era só o começo, porque a parte de trás era muito maior.

Kamal desceu do carro me ajudando e entrou dentro da casa. Fui mais atrás envergonhada por minhas roupas. Eu deveria ter deixado ele me comprar a burca. Pelo que vi na viagem de carro, as mulheres não eram acostumadas a usar jeans, e pelo menos ela esconderia minha aparência bagunçada. De repente um medo me abateu. Será que eles vão gostar de mim? E eu nem tomei banho.

Kamal foi recebido com beijos e abraços de  
PERIGOSAS ACHERON

várias pessoas, e não eram poucas. Todas vestidas adequadamente, enquanto eu estava nessa situação. Depois de alguns segundos, eles perceberam minha presença. As pessoas me encaravam esperando Kamal me apresentar e se perguntando quem era essa *mendiga* em sua porta. Belo jeito de conhecer a família do noivo. *Porque eles não paravam de me encarar?*

— Kamal, *madha yaeni hdha?*<sup>[27]</sup> — perguntou um homem parecido com meu suposto noivo. Acredito que seja o Sr. Abdo, já que a voz é a mesma do telefone.

— *As-salam alaykom.*<sup>[28]</sup> — saudou Kamal em árabe e todos responderam: “*We Alykom as-salam*”<sup>[29]</sup>. Essa era uma típica saudação árabe, Kamal havia me explicado. Kamal segurou minha mão me colocando ao seu lado. — Está é minha noiva, Mariana.

Dei um sorriso sem graça e acenei falando em árabe. — Oi.

Todos me encaravam quietos, ninguém parecia surpreso. *Mas porque não me cumprimentavam?*

— Kamal! — o senhor Abdo chamou sua

PERIGOSAS ACHERON

atenção nada feliz com a notícia. — Vamos conversar.

Kamal me deu um sorriso e sussurrou em meu ouvido: *Volto logo!* Encarei os dois homens que se afastavam de seus familiares e seguiam para uma enorme porta. *Alguém estava encrocado!*

— Oi. — uma morena muito bonita e parecida com Kamal apareceu na minha frente. — Meu nome é Samira, sou irmã de Kamal. — ela tinha longos cabelos negros e olhos mais escuros ainda, a única diferença de seu irmão. Ela parecia muito empolgada comigo. — Sei tudo sobre você, li tudo na internet.

— Desculpe a minha filha. — uma mulher muito bonita de cabelos castanhos, olhos pretos e muito pálida se aproximou. — Sou Marília, mãe de Kamal. Você fala nossa língua?

— Um pouco. — disse em árabe, mas fomos interrompidas por uma voz muito alterada. Era o senhor Abdo.

— *Eu te disse para não trazê-la, porque você nunca me ouve. Sabe o que vai acontecer agora? As coisas vão...*

Marília chamou minha atenção. — Acho  
PERIGOSAS ACHERON

melhor acharmos um quarto para você, a viagem foi longa e você deve estar muito cansada. Depois você conhece o resto da família, eles não vão embora tão cedo. — murmurou sorrindo.

A mulher me guiou por uma longa escada, entrou e saiu de corredores, até parar em uma porta toda entalhada com desenhos florais. Eu estava tão preocupada que não havia reparado no caminho, muito menos no interior da casa. Ela abriu a porta e fiquei espantada com tamanho luxo, um verdadeiro quarto de princesa. Os tons das paredes eram claros, entrando em contraste com os detalhes em ouro, mas as almofadas floridas e colcha rosa suave davam uma elegância ao lugar.

— Lindo. — murmurei.

— Eu sei. — a fisionomia simpática que ela exibia ao longo do caminho desapareceu. — Mobiliei esse quarto para a minha futura nora... — *Merda!*

— Talvez seja melhor eu não ficar aqui.

— Por quê? — perguntou com a sobrancelha arqueada. — Você não é noiva do meu filho?

— Sou. — disse num fio de voz. Aquela mulher estava sendo tão intimidadora.

— Ótimo. Sinta-se à vontade, tome um banho, descanse um pouco. Estaremos lá embaixo.  
— disse quase saindo do quarto.

— Obrigada! — murmurei. Ela voltou.

— Acredito que meu filho tenha dito que sou americana, mas não é por causa disso que farei vista grossa para o que acontece por aqui. Temos tradições. Eu só te peço uma coisa. Respeite minha casa.

E com isso ela queria dizer: “*Não durma com meu filho debaixo desse teto.*”

— Tudo bem.

Ela me avaliou por um instante com um olhar afiado e saiu.

*Eu acho que ela não gostou de mim.*

Uma mulher de uniforme juntamente com o motorista trouxeram minhas malas. Agradei e assim que saíram procurei uma roupa decente que não mostrasse tanta pele. Kamal havia me alertado sobre isso, mas eu não imaginei que eles fossem se importar com minhas roupas.

*Mas agora...* Penso que eu devia ter comprado mais roupas longas e fechadas. Peguei um vestido preto longo, ele era lindo e perfeito.  
PERIGOSAS ACHERON

Problema: costas nuas. *Droga!* O joguei na cama. Depois de uma longa inspeção, optei por uma saia longa branca de renda e uma blusa de mangas azul. Espero que eles não impliquem com meus braços à amostra.

Tomei um longo banho no banheiro de luxo. Não me passou despercebido a insinuação da minha *querida futura* sogra. Optei pelo chuveiro que era mais rápido do que a enorme banheira que me chamava: *Mariana, Mariana*. Mas eu não tinha tempo. Precisava ficar apresentável o suficiente para pelos menos receber um sorriso sincero. Parei com o sabão em minha barriga. *Por que eu estou tão preocupada com isso?* Daqui a duas semanas irei embora e essa família nem lembrará que eu existo.

Terminei o banho e corri para me arrumar. Vesti a roupa, calcei as sandálias, tomei um banho de perfume e me vi em frente ao espelho. A pergunta era: O que fazer com o meu cabelo? Fiz um coque bem feito, sem nenhuma falha. Passei base, corretivo e pó por todo rosto esperando cobrir o cansaço da viagem e do fuso horário. Com direito a batom, um pouquinho de sombra e rímel.

Depois de satisfeita abri a porta do quarto. *Merda, não sei o caminho.* Me aventurei pelos longos corredores, impressionada com a beleza do lugar. Me aproximei de uma janela com sacada que ficava no corredor, à vista dava para o meio da casa. Era um enorme pátio e muitas pessoas estavam nele, conversando e rindo.

Mas ao longe, escorado em uma pilastra estava Kamal, bebendo um líquido escuro de uma garrafa, — sozinho. Eu sabia que não era bebida alcoólica já que álcool é proibido no país.

Saí da sacada e procurei o caminho que me levaria até ele. Ele ia ter que me dar muitas explicações. Desci as escadas decidida a ir me encontrar com ele. Mas fui interceptada pela minha *simpática futura sogra.*

— Aí está você. — segurou meu braço. — Venha conhecer a família.

Ela me guiou pelas pessoas até uma senhora já de idade avançada, seus cabelos brancos e pele enrugada mostravam o quanto ela já havia vivido. Ela conversava com algumas mulheres animadamente.

— Sogra. — chamou Marília. A senhora nos  
PERIGOSAS ACHERON

olhou de relance. — Esta é Mariana, a noiva de Kamal. — e da mesma maneira que Marília me avaliou, fui avaliada por olhos hostis.

Ela não disse nada, só virou o rosto e retornou a conversa que estava tendo. As mulheres também me avaliaram, algumas me sorriram, outras não. Ao que tudo indica eram tias de Kamal. Estávamos prestes a sair desse círculo de pessoas, quando a senhora proferiu as seguintes palavras.

— Já não bastava uma estrangeira na família, agora teremos outra.

Marília parou no meio do caminho e respirou fundo. Acredito que ela também não seja muito bem aceita na família, e olhe que já fazem anos que ela é casada com o Sr. Abdo. Se em todos esses anos ela não conseguiu ser aceita, imagina eu em algumas semanas.

Fui apresentada a tios, tias, primos, amigos da família. Algumas pessoas foram simpáticas e me cumprimentaram, outras mais conservadoras nem me deram atenção. Mas o que mais me impressionou foi o Sr. Abdo, ele falou comigo a contragosto, e isso já era um começo.

Eu não estava entendendo. Eu sei que não

# PERIGOSAS ACHERON



nos conhecíamos e que eu sou de um país diferente, mas Kamal me garantiu que isso não iria acontecer, que apesar de tudo eu seria aceita por sua família. E por que eu não via essa aceitação?

Apesar da conversa estranha que tivemos no quarto, minha *futura* sogra estava sendo legal comigo, ou pelo menos aparentava ser.

No meio da sala havia uma enorme mesa com quitutes e eu não me fiz de rogada, me servindo de bastante comida. Eu estava com fome e fazia horas que não comia nada. Sentei em uma cadeira afastada apreciando a comida enquanto uma música suave ecoava pela casa e vozes animadas conversavam.

Eu não fazia parte daquele mundo e nunca iria fazer.

A irmã de Kamal me encontrou escondida e se sentou ao meu lado animada com a minha vida. Engatamos uma conversa de como era viver no Brasil e ela estava muito empolgada com isso. Ao que tudo indica, as revistas locais também anunciaram nosso noivado, e isso foi um choque para a família que até o momento não sabia de minha existência.

— Meu pai ficou muito bravo, mas não é por causa de você. — explicou. — É que Kamal quebrou o acor... — ela parou pensativa, como se estivesse falado demais.

— O que ele quebrou? — perguntei interessada.

— Nada. — disse rapidamente. — Acho que ouvi minha mãe me chamar.

Assim como ela havia aparecido do nada, ela desapareceu. Aproveitei que havia terminado de comer e fui à procura de Kamal. Os homens haviam se retirado para uma sala de jogos e as mulheres continuavam suas conversas. Já havia anoitecido e o pátio estava vazio.

Kamal continuava na pilastra, mas agora ele encarava a noite. Ele estava com uma roupa diferente. Acredito que enquanto eu tomava banho, ele aproveitou para fazer o mesmo.

— Você devia comer algo. — disse me aproximando.

Ele me encarou e sorriu.

— Depois.

— Você está bem?

— Estou.

— Ótimo, porque eu não estou. Eu quero saber por que você me jogou na toca dos lobos sozinha.

As últimas horas foram angustiantes, quase ninguém falou comigo e essa sensação de que não fui aceita estava me apavorando.

Ele riu.

— Você se saiu bem.

— Sua mãe não gostou muito de mim.

— Acredite ela gostou, só é complicado.

— Complicado como?

— A família do meu pai é muito tradicional, eles ainda não a aceitaram totalmente, mesmo depois desses anos todos. Principalmente a minha avó.

— Percebi. Ela virou o rosto quando me viu.

Kamal riu.

— Foi melhor do que a minha mãe. Ela cuspiu em sua face.

— Credo. — falei abismada. Eu não queria ser cuspidada. — Por que você não disse aos seus pais que eu vinha? — me escorei na pilastra perto dele. A escuridão nos escondia.

— Não se preocupe com isso, já está tudo

## PERIGOSAS ACHERON

resolvido.

— Vou reformular a pergunta: Por que seu pai não queria que eu viesse?

— Mari, esqueça minha família. Eu já sou um homem crescido. — ele se virou para mim ficando de frente. Meu cérebro apitou: *Muito perto, muito perto*. Mas eu estava sem saída porque seus braços estava de cada lado do meu corpo. — Tenho coisas mais importantes para resolver.

E ele me beijou.

Kamal me prensou contra a pilastra me beijando profundamente, quanto mais eu tentava me afastar, mas ele me apertava e me fundia a parede. *Aí meu Deus, está difícil resistir*. E foi o que eu fiz, não lutei mais contra o desejo e me agarrei a ele. Eu estava tão cansada de fugir, resistir e lutar contra isso que só aproveitei o momento.

Assim que consegui me soltar para recuperar o ar e fazer meus pulmões voltarem a funcionar. Tentei achar uma desculpa em meu cérebro para fugir dali.

— Acho melhor entrarmos. Sua mãe deve estar nos procurando. — disse tentando passar por ele. Mas ele não me soltou.

## PERIGOSAS ACHERON

Lembrar da mãe de Kamal, me fez recordar da conversa que tivemos. *Será que beijo se encaixava na categoria desrepeito?*

— Não. — disse decidido. — Chega de fugir. É hora de resolvermos isso.

— Não temos nada para resolver. — disse nervosa tentando me libertar.

*Meu Deus! O que está acontecendo?*

— Cansei de tentar ir devagar com você. Vou ser curto e grosso. Eu gosto de você.

Minha boca era um perfeito O. *Ele o quê?*

## Capítulo 12

Meu  
cérebro  
estava

entrando em combustão instantânea. Meu coração por outro lado iria infartar.

— Isso é alguma piada? — perguntei tentando levar as coisas na brincadeira. Ele só podia estar brincando. Esse *gostar* dele não significava nada, não é?

— Estou falando sério. — disse um pouco irritado. — Será que você pode me levar a sério só um pouquinho?

— É difícil com o seu histórico. — murmurei.

Eu não tinha me recuperado de suas palavras quando ele me vem com uma pergunta perturbadora.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você sente por mim? — perguntou de uma vez. Eu parei no tempo. Eu estava em conflito com meus sentimentos em relação a Kamal fazia um tempo. Mas eu ainda não sabia.

— Eu não sei. — fui sincera.

— Você se sente atraída por mim?

— O quê? E isso é lá pergunta que se faça para uma mulher.

— Sim ou não Mariana.

O encarei pensando se dizia a verdade ou a mentira.

— Não. — ele me encarou não acreditando. Suspirei vencida. — Sim. Mas você é você. — disse o óbvio. — Qualquer mulher no raio de cinquenta metros vai se sentir assim.

Ele deu um sorriso satisfeito.

— Já é um começo.

— Começo para quê? — perguntei alarmada.

— Para um relacionamento.

— Nós temos um. — mostrei a aliança em meu dedo. — Querido noivo! — disse irônica.

— Não um de mentira, estou falando em um relacionamento de verdade.

Ele queria ter um relacionamento de verdade  
PERIGOSAS ACHERON

comigo? *Meu pai do céu. O que está acontecendo?*

— Você bebeu? — *só pode.*

Ele revirou os olhos.

— Não.

— Você espera que eu acredite que você gosta de mim e que de uma hora para outra resolveu ser meu noivo de verdade?

— Não foi de uma hora para outra. — disse respondendo minha pergunta. — E eu pensei que podíamos começar com algo simples como um namoro.

— Você quer me namorar? — Agora sim minha cabeça ia explodir. — Isso é algum de seus truques para transar comigo? — perguntei desconfiada.

— Será que você pode excluir o sexo da equação uma vez na vida? Não vou negar que te quero, mas se você preferir podemos ir devagar. — me encarou com o semblante sério. — Sem sexo.

Ele parecia tão sincero e verdadeiro.

— Sem sexo? Só beijinhos e abraços, nada mais? — o encarei desconfiada. Gargalhei. Isso era tão surreal. Kamal me propondo um relacionamento de verdade sem vantagens. Aí tem  
PERIGOSAS ACHERON



coisa.

— Sim. Mas se você quiser o mais, também não vou reclamar. — disse com um sorriso sacana.

*Aí meu Deus!*

— Por que agora Kamal?

Eu estava tão confusa. Tivemos tantos momentos juntos, momentos esses que ele podia ter feito isso. Mas porque ele escolheu justamente agora para fazê-lo?

— Como assim?

— Por que você não fez isso lá no Brasil?

— Porque eu não tive oportunidade. — sua mão alcançou o meu rosto. — Eu queria fazer as coisas com calma, mas fui surpreendido pela viagem e não tive mais tempo.

Fechei os olhos para pensar. Se eu continuasse o encarando não conseguiria criar um raciocínio lógico.

— Isso não vai dar certo. — decretei. — Você é meu chefe.

— Esqueça isso Mari, não estamos mais no Brasil. — ele segurou meu rosto com as duas mãos. — Olhe para mim! — o encarei. — Aqui eu não sou seu chefe. Aqui somos só Kamal e Mariana. Eu

PERIGOSAS ACHERON

e você.

— Daqui a duas semanas eu vou embora. E como ficamos?

— Eu não quero que você vá. — disse por fim.

Aquilo me deixou feliz por um momento, mas havia um agravante.

— Mas eu tenho uma vida no Brasil, tenho um emprego, uma família, eu não posso deixar tudo para trás por um relacionamento que nem sei se dará certo.

Eu sabia que esse relacionamento não levaria a lugar nenhum. Então porque tentar?

— Nos damos um jeito, não vamos complicar o que já está complicado. Eu gosto de você e te quero. Vamos só aproveitar o momento. O que temos a perder?

*A minha sanidade? O meu orgulho? O meu... coração?* É, eu tinha muito a perder.

— Eu preciso pensar. — disse tentando me afastar. Ele me segurou mais forte.

— Não. Eu quero uma resposta agora. Você pensa demais, e eu sei que se eu deixá-la ir você vai fugir de mim. Capaz de pegar o primeiro avião de PERIGOSAS ACHERON

volta para o Brasil.

Ele estava certo, eu estava até pensando na hipótese.

— Tudo bem. — disse por fim.

É, por que não? Eu dei uma chance ao Edu que foi um canalha comigo. Por que não dá uma ao Kamal?

— Tudo bem? — o sorriso em sua face me desestabilizou.

— Sim. — disse ainda indecisa. *O que eu estava fazendo?* — Eu aceito com uma condição.

— Qual?

— Eu quero exclusividade.

Nem louca eu ia ficar dividindo Kamal com suas amantes. Ele me deu um *selinho*.

— Por mim tudo bem. Eu também quero. — sua barba roçou em meu rosto enquanto ele chegava a minha orelha, a mordiscou enviando arrepios por todo meu corpo.

— E aí de você se me trair.

— Não pensaria nisso, amor. — aquela palavra carinhosa me derreteu.

Kamal me beijou mais forte e profundo do que da primeira vez e dessa vez eu não lutei. E nem  
PERIGOSAS ACHERON

queria. Suas carícias passaram ao meu pescoço. Abri os olhos e me dei conta de onde eu estava.

— Para, para. — implorei o afastando. Ele me soltou.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— É melhor nós entrarmos. — *antes que façamos uma loucura.*

— Por quê?

— Porque eu não quero que sua mãe nos flagre. — disse o óbvio. Aquela mulher ainda me dá medo.

Kamal sorriu de orelha a orelha.

— Com medo da sogrinha Mari? — o olhei com um olhar mortal. — Tudo bem. Vamos entrar.

Andei a passos largos até a casa com Kamal atrás de mim. Quando entrei a mãe dele me lançou um olhar questionador. Estremeci. Seu olhar parecia me dizer: *Eu sei de tudo.* Mas acredito que seja coisa da minha cabeça. No lugar onde estávamos não seria possível uma certeza, só suposições. Então ela não podia me incriminar.

A maioria das pessoas já tinham ido embora e eu agradeci pela festa estar no fim. Eu estava tão cansada que só queria me jogar naquela cama

PERIGOSAS ACHERON

deliciosa que se encontrava lá em cima.

Fomos interceptados por uma prima de Kamal que nos felicitou e ficou fazendo várias perguntas sobre a sua temporada no Brasil. Depois de um tempo conversando com ela consegui levar Kamal até a mesa de quitutes, ele ainda não havia comido nada e o ajudei a fazer um prato. Estávamos quase nos sentando perto de algumas tias que haviam nos chamado, e que graças a Deus eram as simpáticas, quando seu pai se aproximou de nós.

— Posso falar com vocês? — seu tom deixava claro que era uma pergunta sem opções.

Encarei Kamal que acenou concordando.

— Claro. — murmurei com um sorriso sem graça.

— Me acompanhem.

Dei um sorriso de desculpas para as mulheres que nos esperavam e seguimos o Sr. Abdo pai até a sala que ele havia entrado com Kamal horas antes. *Será que eu também ia levar uma bronca?*

Entrei na sala com um misto de ansiedade e pânico. Kamal parecia tranquilo, até demais. Me sentei na cadeira à frente da mesa de mogno, PERIGOSAS ACHERON

Kamal ao meu lado e Sr. Abdo à nossa frente.

— Primeiro, eu gostaria de me desculpar pela minha atitude grosseira. — disse me encarando. — Eu não esperava que Kamal a trouxesse, mas como você já está aqui. Não posso fazer mais nada. Só... — parou um instante me analisando. — Você sabe que aqui não é o Brasil, que aqui na Árabia nos temos certos costumes. Não é normal uma *prometida* ficar embaixo do mesmo teto que o seu noivo... — começou.

*Pronto. Ele vai me expulsar.*

— Se o senhor quiser posso ir para um hotel. — disse já me levantando.

— Sente-se. — a voz potente me assustou tanto que nem pestanejei. — Bom. Onde eu estava? Sim, não é normal vocês estarem sob o mesmo teto antes de se casarem, mas como você é estrangeira e não posso arriscar tê-la solta por aí, permitirei que fique. Com a condição de que não fiquem escondidos atrás das pilastras. — *Aí meu Deus ele viu.* — Nem de portas trancadas. Você não pode sair sozinha, se precisar ir a algum lugar, precisa levar um segurança ou Kamal com você. Não quero vê-los pela casa se beijando ou se agarrando, tenho PERIGOSAS ACHERON

uma filha ainda pura, não posso deixar que ela veja certas indecências entre vocês.

*Ele está me chamando de indecente?* Me levantei.

— Escute aqui senhor. Eu nunca transei com esse homem. — disse apontando para Kamal que estava prestes a rir. *Ops! Falei demais.*

O sr. Abdo parecia perplexo com a minha revelação. Me senti de fininho, desconfiada.

— Bom saber. E outra coisa, nada de falar abertamente sobre assuntos indecentes.

Minha língua afiada ia atacar de novo, quando Kamal pegou minha mão me parando.

— Nos entendemos pai.

— Ótimo.

— Podemos ir?

Ele acenou e Kamal me arrastou da sala com medo que eu falasse mais alguma coisa. Esse tinha sido um longo dia, eu estava tão cansada e só levei bronca desde que cheguei. Não me julguem se eu quero defender minha integridade, que para o pai de Kamal era manchada.

— Desculpa. — disse envergonhada. Ele riu.

— Você está cansada. Vou levá-la ao seu

PERIGOSAS ACHERON

quarto.

Estava tarde e todos já haviam ido. Kamal me deixou na porta do meu quarto com um beijo de boa noite. Foi estranho e agradável ao mesmo tempo. Troquei de roupa colocando uma camisola e me deitei. Esse dia tinha sido tão cansativo e assim que pus a cabeça no travesseiro tive essa constatação.

Meu corpo queria apagar e relaxar, mas minha mente ainda estava pesando tudo o que aconteceu, principalmente entre mim e Kamal.

Ele tinha razão, assim que eu tivesse chance para pensar e analisar tudo, eu saberia a burrada que fiz. *Como sempre.*

Mas agora não podia mais chorar pelo leite derramado. Eu seria muito hipócrita em dizer que não fiquei feliz em saber que ele gosta realmente de mim. Eu também estava sentindo coisas por ele que não deveria. E fiquei pensando como isso aconteceu.

*Será que os almoços no escritório tinham essa finalidade?* Porque eram nesses momentos que ficávamos mais próximos um do outro. Trocando confidências, histórias, se conhecendo.

PERIGOSAS ACHERON



Então eu percebi o que seriamente tentei esconder de mim mesma. Eu não só gostava de Kamal, eu estava apaixonada por ele.

\*\*\*

Acordei com um calor dos infernos. O ar condicionado estava ligado, mas como à noite estava frio, coloquei na temperatura normal e agora eu estava suando dos pés a cabeça. Tomei um banho e vesti um dos meus terninhos básicos, prendendo meus cabelos em um coque. Me olhei no espelho. Bem profissional. Era assim que eu queria que o sr. Abdo me visse. Pronta para o trabalho.

Desci as escadas e me deparei com duas bundas para cima na sala. O Sr. e Sra. Abdo, estavam fazendo suas orações. Eu havia pesquisado um pouco antes de viajar e sabia que tinha mais quatro orações dessa ao longo do dia.

— Para onde você vai? — perguntou uma voz bem próximo da minha orelha. Quase gritei. Empurrei o infeliz, me escorando na parede ao lado.

— Tá querendo me matar? — disse com a  
PERIGOSAS ACHERON

mão no coração. Ele sorriu se aproximando para me beijar. E ele me beijou. O empurrei. — Tá louco? Se seu pai nos pegar capaz dele me expulsar daqui. — sussurrei.

Ele se afastou um pouco olhando para a sala.

— Ele está ocupado no momento. — e me *tascou* outro beijo. Ele se separou um pouco me analisando.

— Você não devia estar lá também? — perguntei apontando para seus pais.

— Deixei a religião um pouquinho de lado quando me mudei para o Brasil.

— Oh!

— Não conta para ninguém. — me disse com um olhar que dizia: *Se você contar estou frito*.

— Minha boca é um túmulo. — sorri.

— Já tomou café?

— Não.

— Então vamos. — disse me arrastando por um corredor.

— Não é melhor esperar seus pais?

— Eles vão demorar.

Kamal me levou até a cozinha onde uma cozinheira preparava o café da manhã. E quase  
PERIGOSAS ACHERON

chorei de alegria quando vi que eles tinham café.

— Esse é um líquido universal. — desdenhou Kamal.

— Eu sei. — disse dando o primeiro gole do dia.

— Para onde você vai? — perguntou enquanto comia.

— Trabalhar. — disse o óbvio. Era segunda-feira e eu ainda continuava sendo sua secretária.

— Não vai não.

— Por quê? Para todos os efeitos eu ainda sou sua secretária.

— Sim, no Brasil. Aqui você é minha noiva e não vai trabalhar principalmente com essa roupa.

Analisei meu conjuntinho básico.

— E o que tem ela? — franzi o cenho.

— Suas pernas estão à amostra.

— Não seja por isso. Eu posso colocar uma saia maior. — disse já me preprando para ir trocar de roupa. Ele segurou meu pulso me parando.

— Você não vai. — disse por fim.

— E o que eu vou fazer o dia todo?

— Eu posso te levar para conhecer a cidade. — disse Samira animada entrando na cozinha. —

As provas finais da faculdade acabaram e eu estou livre.

A encarei. Ela aparentava ser tão nova para já está formada.

— Acho uma boa ideia. — disse Kamal se despedindo de mim com um beijo na face. — Te vejo á noite.

Ele também deu um beijo carinhoso em sua irmã e partiu.

\*\*\*

Eu e Samira estávamos criando um vínculo muito rápido e isso estava me assustando. Ela era a única da família que parecia empolgada por Kamal estar comigo.

Eu já sabia parte da sua vida e ela da minha. Como ela dissera anteriormente, ela havia acabado a faculdade e estava se preparando para entrar nos negócios da família, com apenas vinte e um aninhos.

Estávamos na piscina atrás da casa, que a propósito era enorme. Não havia ninguém na casa, os homens foram trabalhar e Marília na casa de

PERIGOSAS ACHERON

uma amiga. Então não pensei duas vezes em colocar meu biquíni. Quando Samira me viu, parecia que ia desmaiar e quando eu vi sua roupa de banho, tive vontade de rir. Os árabes levavam essa história de roupa muito a sério, até os cabelos dela estavam cobertos. Quase que eu emprestava um biquíni para ela, mas aí me lembrei de meu *querido* sogro, e me aquietei. Cada qual com seu costume.

O sol aqui não dava trégua e passei a maior parte da manhã dentro d'água. Agora estávamos deitadas na espreguiçadeira tomando um sol. Eu pelo menos estava, já Samira toda coberta, o máximo que ela faria era se secar.

— Todo mundo no seu país se veste assim? Eu já vi fotos, mas na vida real é tão constrangedor. Sorri.

— Você ainda não viu nada, tem biquínis menores do que esse.

— Sério? — ela parecia tão surpresa e fiquei pensando o que o Sr. Abdo faria se me pegasse contando a Samira como nos vestimos no Brasil e como eu não queria a resposta para essa pergunta, tratei logo de mudar de assunto.

— Então... O que você vai fazer agora que acabou a faculdade?

— A minha ideia era ir para o Brasil. Aproveitar que Kamal estava lá e sair um pouco da Arábia. — comentou cabisbaixa. — Mas agora que ele voltou, papai não vai deixar eu ir.

— Talvez se você pedir.

— Não. Ele não vai. Principalmente quando não tem ninguém para cuidar de mim lá.

— Mas quem sabe você acaba indo. Se seu irmão não vencer a concorrência, ele vai voltar para o Brasil. — comentei.

Samira franziu o cenho sem entender e só murmurou um pequeno “*hum*”. Talvez ela não esteja por dentro dos planos de seu pai. Que incluía deixar a presidência para seu sobrinho.

Tomamos um banho e almoçamos antes de sair para “*bater perna*”<sup>[30]</sup> por Riade. Eu havia colocado uma saia longa e uma blusa de alça, o calor estava insuportável e eu não aguentaria me cobrir toda. Samira me olhou por um momento, pensando em dizer algo, mas por fim não disse nada e entramos no carro.

Estávamos com um segurança no carro. Ela

PERIGOSAS ACHERON

havia me explicado que não poderíamos andar sozinhas e sempre que ela ou sua mãe quisesse sair, ou levavam um segurança ou esperavam um homem da família aparecer. Então eu comecei a pensar se esse relacionamento com Kamal desse certo. Será que eu conseguiria largar minha independência para viver num país assim? Onde a mulher depende estritamente de um homem?

Descemos do carro e avistei várias barraquinhas com vários tipos de produtos à venda. Andamos por toda feira, conhecendo a cultura local. Samira me fez comprar várias pulseiras, dizendo que a beleza da mulher estava nas jóias que usavam. Eu tinha reparado na noite anterior a quantidade exorbitante de jóias que todas as mulheres usavam, mas não imaginei que era uma regra.

Samira havia ido comprar comida de rua com o segurança, enquanto eu olhava uma blusa muito bonita que estava pensando em comprar, quando um homem se aproximou de mim. Ele me virou, colocou algumas notas em minha mão e começou a me arrastar da barraca. Finquei os pés no chão. Ele se virou para mim.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que significa isso? — perguntei em árebe.

— Seu pagamento.

— Está pensando que eu sou prostituta? — perguntei indignada.

— Sim.

Ele se aproximou me abraçando e agarrando minha bunda. Não perdi tempo, dei uma joelhada em suas partes íntimas. O homem caiu no chão e o alvoroço começou. Eu não estava entendendo nada. Vi Samira espantada pelo ocorrido tentando chegar até mim. Um guarda logo apareceu me arrastando pela multidão, foi quando ele me sentou na viatura que eu percebi.

Eu estava sendo presa.

## PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 13

Fui indiciada  
por  
prostituição

e jogada numa sela quente e calorenta. *Sério isso? O cara me assédia e depois de me defender eu que vou presa? Não tem lei para as mulheres nesse país não?* Me agarrei na cela e comecei a gritar que nem louca. Nem direito para explicar o que havia ocorrido eu tive, mas o cara teve total atenção dos policiais. Ele havia dito que eu tinha oferecido meus serviços a ele. *Vê se pode!*

— Eu quero meu advogado. — gritei. — Tenho direito a uma ligação. Ei, seu guarda. Não, não, volta aqui, não vire as costas. Eu estou falando com você. — disse irada. O guarda me olhou torto. — Não. Desculpa volta aqui. — implorei

PERIGOSAS ACHERON

choramingando e suando.

*Inferno! Está muito quente aqui.*

Horas depois fui solta devido ao consulado brasileiro. Eles alegaram que tudo não passou de um mal entendido e eu não era prostituta. Mas como eu ataquei um homem em lugar público, tive que pagar uma indenização ao desgraçado. E o dinheiro não saiu do meu bolso.

Kamal havia pago a fiança/indenização para poderem me soltar. E não pensei duas vezes quando o vi, me joguei nos seus braços nem me importando com as regras dessa sociedade e nem do olhar afiado de seu pai. Eu precisava de consolo. Eu nunca havia sido presa e ser presa na Arábia foi a pior coisa que me aconteceu. Aqui os castigos não são brincadeira. E eu já me imaginava sendo apedrejada ou chicoteada. Estremeci.

— Você está bem? Fizeram alguma coisa com você? — perguntou me analisando de cima a baixo.

— Não.

Ele me abraçou mais forte.

— Tive tanto medo. — murmurou aliviado.

— Eu também.

— O quão forte você bateu? — o encarei sem entender. — No desgraçado. — completou.

Sorri.

— Muito forte.

— Ótimo. — disse satisfeito me abraçando novamente. — Acho que está na hora de te comprar uma burca. — sorri com seu comentário.

— Também acho.

Kamal me deixou em casa ainda preocupado. Ele queria ficar comigo, mas infelizmente ele e o Sr. Abdo tinham um jantar de negócios. Então essa noite seria só eu, Samira e a minha *simpática* sogra.

Quando eu cheguei na casa, ela não havia falado nada, só me encarou com uma certa curiosidade. Eu pensei que ela reclamaria comigo, mas ela nada disse. Até a hora do jantar.

A mesa era redonda, lugares para oito pessoas. Samira estava ao meu lado. Desde o ocorrido ela ficava atrás de mim — a pedido de Kamal, — querendo saber a todo momento se eu estava bem. *E porque eu não estaria?* Sei que eles só estavam preocupados. Mas essa não foi a melhor coisa que havia me acontecido, e também não foi a pior. Então sim, eu estava bem. Até minha sogra

abrir a boca.

— Você devia ter saído com essa roupa mais cedo. — alfinetou. — Evitaria muita confusão.

Eu estava com um vestido longo azul e um casaco cobrindo meus braços.

— Não posso fazer nada se nesse país as mulheres são obrigadas a se vestir de acordo com o pensamento machista embutido por gerações. — disse já me lamentando por ter falado. Ela riu. *Ela riu?* Ela nunca havia rido para mim. Ou de mim.

— Olha só. Uma feminista. — disse. — E você acha que quanto tempo vai levar até o pensamento *machista* de Kamal se voltar contra você? — perguntou usando minhas palavras contra mim.

Eu não havia pensando nisso. Ele queria que eu me cobrisse que nem todas as mulheres árabes? Eu não sabia. Ele nunca havia reclamado do que eu usava. Até me dera vestidos curtíssimos, mas tudo isso foi lá no Brasil, aqui eu estava no escuro.

— Eu acredito que seu filho está ciente de minhas origens. — disse tentando comer, mas estava difícil com aquela mulher querendo cutucar a onça.

— E você se sente pronta para abandoná-las?  
— perguntou calmamente. — Porque se você vai viver aqui não pode ser de qualquer jeito. Temos regras, leis, crenças e mesmo que você não queira seguir a nossa religião. Ainda assim cada pessoa desse país vive segundo o Alcorão<sup>[31]</sup>. Então eu pergunto novamente. Você está pronta para abandonar suas origens?

A encarei. *Eu estava? O que ela está fazendo?*

— O que você pretende com tudo isso? Que eu vá embora? — perguntei irritada.

— Não. Lhe mostrar a realidade. Aqui não é o Brasil, não é o Estados Unidos e você não está pronta para se casar com o meu filho e abandonar seu país.

— Mamãe. — Samira chamou sua atenção, mas a sua concentração estava toda em mim.

Ela tinha razão. Eu não estava e isso me entristeceu. Por mais que eu esteja apaixonada por Kamal e queira tentar esse relacionamento com ele. Eu não estou pronta para abandonar a minha vida.

— Com licença. — pedi me levantando. Eu precisava ficar sozinha.

— Mari. — Samira chamou fazendo menção de vim atrás de mim, mas sua mãe a parou.

—Deixe-a.

Deitei na cama irritada. Já não bastava eu saber que esse relacionamento não ia dar certo, tinha que vim a mãe dele e confirmar. Seria tão mais simples se ele vivesse no Brasil. Mas lá não era o lugar dele, nunca foi, como aqui não era o meu. Uma lágrima solitária escorreu pela minha face. Eu não queria ter que escolher quando o momento chegasse e só me restavam doze dias.

Meu celular apitou. Era uma mensagem de um número desconhecido.

*“Mari, estou bem. Não se preocupe. Perdi meu celular a alguns dias. Quando conseguir outro te aviso. Saudades! Bjos!”*

*Milena*

Sorri aliviada. De tudo o que havia acontecido neste dia, uma única coisa boa para me acalmar. Milena estava bem e todo o peso e preocupação por ela saiu das minhas costas. Acabei dormindo com o celular nas mãos.

\*\*\*

Senti algo em minha mão. Já ia me levantar assustada saltando de um lado para o outro, pensando que era algum bicho, quando sua voz me parou.

— Mari. — era um sussurro tão gostoso.

Abri os olhos.

— Oi. — disse sonolenta. Me espreguicei na cama sem soltar a sua mão. — Que hora é essa? — sussurrei também.

— Umas onze horas.

— E o que você está fazendo aqui?

— A porta está aberta.

Sorri com seu comentário sobre uma das regras do sr. Abdo.

— Então porque estamos sussurrando.

Ele me analisou um instante e sorriu.

— Você está certa. — disse voltando a voz ao normal. Me encarou pensativo. Ele ainda não havia soltado minha mão e eu não estava reclamando. — Eu pensei que iam deportá-la.

Soltou a sua preocupação.

— E eu pensei que ia ser chicoteada ou apedrejada. — disse ainda assustada com meu pouco tempo na prisão.

— Por isso... — disse soltando minha mão e me entregando uma sacola. — Te comprei uma roupa mais adequada.

Me levantei da cama e peguei a sacola. Eu já tinha noção do que era e não iria reclamar. Mas as palavras de Marília no jantar me vieram a mente. Afastei qualquer pensamento inquietante que minha futura sogra disse e olhei o conteúdo da sacola. Não era uma burca. E dentro tinha um véu amarelo.

— É uma *abaya*.<sup>[32]</sup> Tem a mesma finalidade da burca, mas sem precisar cobrir todo o rosto. E o véu é para os cabelos.

— Gostei. Obrigada. — disse com um sorriso. Eu realmente tinha gostado.

— Estive pensando. Que tal se jantarmos amanhã?

— Tipo um encontro? — perguntei sorrindo.

— Tipo um segundo encontro.

— Aquele encontro não valeu. Eu fui desafiada a ficar, esqueceu? — disse me recordando daquele jantar. Talvez se Marcus não

## PERIGOSAS ACHERON



tivesse ligado, teríamos nos resolvido naquela noite.

Ele sorriu e pegou minha mão novamente. Kamal não estava bem.

— Vem cá. — disse me afastando um pouco na cama dando espaço para ele se deitar também. Ele tirou os sapatos e se deitou ao meu lado. O abracei colocando a cabeça em seu peito. Ele me segurou pela cintura e beijou o topo da minha cabeça.

— Agora que finalmente consegui você, quase a perdi.

— Vamos esquecer isso. Já passou. Como você disse, eles iam me deportar e nada de tão grave ia acontecer. — disse tentando acalmá-lo.

Ele suspirou. — Verdade.

Senti que a história não era bem assim e ele sabia de algo a mais, mas preferi aproveitar o conforto de seus braços. E ficamos assim até eu adormecer. Infelizmente ele não estava lá quando acordei pela manhã. Mas assim era melhor, não queria nem imaginar se fôssemos flagrados.

\*\*\*

Esperei ansiosamente pelo jantar. Eu parecia uma adolescente tola, esperando o primeiro beijo, mas eu não estava nem aí. Era a primeira vez que eu e Kamal sairíamos sem ele me obrigar e eu estava animada.

Samira me ajudou a me arrumar. Eu estava com meu vestido preto longo. O que tinha as costas nuas. Havia colocado as pulseiras que comprei na feira e os brincos que ganhei de Milena. Eu não estava mais tão preocupada com ela, eu tinha recebido uma mensagem e esperava ansiosamente a sua ligação. Como eu usaria a *abaya* e não a tiraria, não me importei com a indecência da minha roupa de baixo. Coloquei um cinto na vestimenta para marcar minha cintura e deixei meus cabelos soltos cobrindo-os com o véu.

— Obrigada Samira. — agradei descendo para me encontrar com Kamal.

Ele já me esperava no carro e fiquei surpresa em vê-lo com a vestimenta árabe. Isso era tão estranho. Eu o conhecia em seus ternos caros e agora, aqui estava ele com a túnica branca.

— Não me olhe assim. — disse com um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso.

— Desculpa. É que é tão diferente. — comentei.

— Com o tempo você se acostuma. — me beijou.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Surpresa.

Kamal me levou ao restaurante “*O globo*<sup>[33]</sup>”. E quando vi pela janela do carro a estrutura do lugar, entendi o porquê do nome. O restaurante era dentro de um globo gigante á metros de altura do chão e de lá de cima eu pude ver toda a Riade aos meus pés.

Estávamos perto da janela donde podíamos ver todos os pontos turísticos. Isso era tão romântico. Fizemos nossos pedidos e engatamos uma conversa sobre os meus pais. Eu nunca tinha falado muito deles, na verdade não tinha muito o que contar. Minha mãe era do lar e meu pai bancário. Moravam em Natal e não nos víamos a quase dois anos. Falei da minha avô louca, mas que eu amava muito e sentia saudades. Kamal também contou um pouco de sua infância e ficamos assim, batendo um papo agradável.

# PERIGOSAS ACHERON

— Então como está indo lá na empresa? Seu primo está dificultando as coisas para você? — perguntei sobre o motivo de estarmos em Riade. Ele ficou tenso.

— Está tudo bem. — disse mudando de assunto. — Amanhã temos um evento para comparecer.

— Que evento?

— Um amigo da família está fazendo trinta anos de casamento.

— Nossa. Isso é muito tempo. — murmurei. Eu não me via casada, muito menos por um tempo tão longo.

— Verdade. Eu pretendo alcançar essa marca daqui a trinta anos também. — disse me encarando com aqueles olhos penetrantes. Opa! Quando isso virou um assunto sobre *nosso* casamento? *Ele queria realmente casar comigo?*

— Daqui a trinta anos você nem sabe se vai estar vivo, muito menos casado.

— Claro que vou. Com você. — perdi o ar e arregalei os olhos. Ele percebeu minha surpresa. Sei que estamos noivos, mas não de verdade. E desde que assumimos a dois dias um status

PERIGOSAS ACHERON

namorando, não pensei em falar em casamento tão cedo. — Mari. Você precisa entender que nós árabes quando queremos uma coisa não somos muito pacientes em esperar.

— Percebi. À dois dias você me pediu em namoro. Hoje já estamos falando de casamento. Amanhã vai ser o quê? Filhos?

Ele pareceu não se abalar com meu comentário.

— Quem sabe. — deu de ombros como se isso foi um eventual assunto. *Oh Deus! Onde foi que eu me meti?*

Ia dizer algo como: *Ainda está cedo para falar dessas coisas.* Quando percebi que a sua atenção foi voltada para uma mulher que acabara de entrar. Na verdade todo restaurante parou para a sua entrada triunfal.

Confiante, determinada e sexy foram as palavras que eclodirão em minha mente. A mulher estava vestida para matar e pela primeira vez eu entendi o significado das jóias. Ela realmente estava bonita naquele vestido longo de seda marrom, mas as jóias em seu pescoço, orelhas e braços a faziam esplêndida. *Ela não está de burca.*  
PERIGOSAS ACHERON

Nenhuma mulher no recinto fazia jus a ela e eu não gostei nada quando ela se aproximou da nossa mesa.

— Kamal. — ele ainda não havia tirado os olhos dela e isso em irritou.

— Tamires. — foi a única coisa que saiu de sua boca. Dei um chute em sua canela por debaixo da mesa. *Idiota!* Ele me encarou voltando a realidade. Cruzei os braços em protesto. — Essa é Mariana. — me apresentou depois de um tempo.

— Sua noiva. — disse completando.

— Fiquei sabendo. — ela me encarou. — Meus parabéns! — disse com um falso sorriso. Não agradei. Só a encarei com um sorriso cínico. — Você parece bem. — disse o analisando de cima a baixo. — Foi bom revê-lo. Quem sabe não marcamos um almoço para relembrar o passado. — disse na maior cara de pau. Chutei a canela dele novamente.

*O que ele tinha para relembrar?*

— Que seria? — perguntei a encarando. Ela se voltou para mim com um sorriso triunfante.

— Coisas pessoais.

*Vadia!*

— Lamento Tamires, creio que não seria apropriado. — Kamal finalmente recuperou a voz. O chutei novamente. Ele já estava irritado, mas eu estava mais.

— Uma pena. Foi um prazer te conhecer... — parou como se tivesse esquecido do meu nome. *Vaca!* — Mariana, não é isso?

— Lamento que não posso dizer o mesmo... — parei. — Como é seu nome mesmo? Desculpa é que nunca ouvi falar de você.

Ela prensou os lábios com raiva. Ela ia dizer algo, mas mudou de ideia e seguiu para uma mesa onde algumas mulheres se reuniam. Olhei para Kamal que parecia sem chão. Ele estava nervoso e apreensivo. Então fiz a pergunta de um milhão de dólares.

— Quem é ela?

Ele não estava nem louco de me dizer que era só mais uma de suas amantes, porque por sua reação, ela já fora bem mais que isso. Ele não respondeu. Dei mais ênfase nas minhas palavras.

— Quem é ela Kamal?

Kamal me olhava como se decidisse internamente me contar ou não. Eu não sei o que  
PERIGOSAS ACHERON

ele tinha a esconder, já que tive o desprazer de conhecer muitas das suas amantes. Adicionar mais uma a sua lista não iria mudar nada. *Ou ia?* Eu ainda estava cismada com sua atitude ao vê-la. Tudo dependeria de sua resposta e quanto mais ele demorava, mas eu acreditava que eu não iria gostar de sua explicação.

— A mulher que me fez sair de Riade. — soltou tomando todo o vinho do copo. Ele estava tenso, com o olhar perdido. Ele estava se lembrando de algo.

Eu tinha ouvido por alto do Marcus o motivo *real* de Kamal ter ido para o Brasil, mas nunca tinha me aprofundado no assunto. Para mim naquela época não importava o porquê dele ter saído de casa, mas agora que firmamos um compromisso, eu queria saber o que havia ocorrido.

— Não entendi. — eu estava voando.

*O quê uma mulher poderia ter feito a ele, para ele sair correndo de seu país?*

— Eu sai de Riade porque me envolvi com a Tamires intimamente. — disse pausadamente.

— E o quê tem isso? Pessoas se envolvem umas com as outras o tempo todo, isso não é PERIGOSAS ACHERON



motivo para sair do país.

— Ela é casada. — saltou a bomba.

— Oh! — parei no tempo olhando a mesa mais ao fundo onde quatro mulheres se reúnem e conversavam. Eu sabia muito bem a política para mulheres infiéis na Arábia e não eram nada legais. — As casadas são as melhores. — disse irônica lembrando suas palavras de semanas atrás. Pela sua cara ele não gostou. Suspirei pegando o copo de vinho só para ter o que fazer. — Então... O que houve? O marido descobriu?

— Não. Se tivesse provavelmente ela não estaria respirando e muito menos eu. — estremeci com a forma que ele falou. Traição é uma coisa séria nesse país. Encarei a mesa onde ela se encontrava novamente. Eu não estava gostando dos meus pensamentos no momento. *Ela é tão bonita.*

— Por que você foi embora? — eu estava ficando com raiva. *Mas de quê?*

— Meu pai descobriu e para evitar que eu fosse morto se a história viesse a público resolveu me tirar do país.

— Hum. — era a única coisa que eu podia dizer diante de toda a história. Mas o ar pensativo e

PERIGOSAS ACHERON

cabisbaixo de Kamal me fez perceber o que eu já sabia quando ele colocou seus olhos nela. — Você é apaixonado por ela. — disse atônita com minhas próprias palavras.

Eu estava com muita raiva e um sentimento que nunca havia sentido antes, nem com o Edu. Eu estava com ciúmes. Ciúmes do que ele tinha compartilhado com essa mulher, ciúmes de como ele a olhou, ciúmes por ele a amar.

As outras eram simples fantoches, mas ela. Ela era algo a mais e meu coração sabia disso, pelo simples fato do seu *olhar*. Meu coração doeu, minha respiração acelerou, tive vontade de chorar. *Merda! Respira Mari, respira.*

— Já fui. — disse ele me encarando. — Agora não sou mais.

Tinha um quê de verdade em suas palavras, mas no momento eu não estava preparada para todos os sentimentos e revelações que estavam acontecendo. No momento eu precisava acalmar o pânico crescente em meu interior. O ciúme sem sentido e a vontade de chorar. *Respira Mari, respira.* Kamal percebeu a mudança em mim, porque segurou minhas mãos e se aproximou.

— Mari esqueça ela. Ela faz parte do meu passado. Agora eu estou com você. — tentou me acalmar.

— Mas... O jeito que você olhou para ela. — *intenso*. — Parecia tão contente em vê-la.

— Eu não fiquei feliz com o reencontro, só surpreso. Eu não esperava encontrá-la aqui. Em nenhum momento quando voltei para casa pensei em relembrar os velhos tempos. Eu não a amo mais. — ele parecia desesperado agora. — Acredite em mim.

Eu acreditava, mesmo o ciúme querendo nublar minha razão. Um alívio se espalhou por todo meu corpo. Saber que ele não nutria mais nada por ela era bom. Mas algo ainda estava me incomodando. Olhei novamente para a mesa dela, ela parecia tão superior, tão decidida.

— Mas... — eu estava tão confusa. Eu nunca tinha me apaixonado antes e nunca imaginei que esse sentimento pudesse me afetar de uma forma tão dolorosa.

O que senti pelo Edu não chegava nem perto de tudo o que senti essa noite. Eu tinha gostado dele, tínhamos um relacionamento estável, mas

PERIGOSAS ACHERON

amor nunca esteve em questão. Mas com Kamal era diferente. Ele virou meu mundo de ponta cabeça, me fez amá-lo e agora eu estava com medo de perdê-lo. Então eu entendi. Eu estava me sentindo ameaçada. Mesmo Kamal me garantindo que não sentia nada por ela, eu ainda me sentia ameaçada.

— Mariana. — Kamal me olhou com um pequeno sorriso apertando minhas mãos. — Você está com ciúmes?

O encarei atordoada. Eu não queria responder essa pergunta.

— Quero ir embora. — disse já me levantando e indo em direção ao elevador que demorou uma eternidade, fazendo com que Kamal conseguiu pagar a conta e me acompanhar. Infelizmente.

Eu precisava de uns minutos a sós para pensar e acalmar todo o conflito que estava tendo. Mas foi impossível com ele tão perto de mim no elevador. Pelo menos estávamos sozinhos.

— Eu sei que você se sente atraída por mim, agora está com ciúmes. — ele me encarou com um ar alegre, toda tensão anterior sumindo de sua face. — Estamos progredindo.

Kamal parecia miseravelmente feliz e isso estava me irritando. Ele estava tirando *sarro* da minha cara.

— Não quero falar sobre isso. — e não queria mesmo. Eu não queria que ele descobrisse que eu sentia muito mais que ciúmes e atração. Eu estava apaixonada. E precisava preservar meu coração. Eu ainda não confiava totalmente nele para me entregar. Depois de tudo o que vi e ouvi como sua secretária, ninguém pode me condenar por me sentir insegura.

— Tudo bem. — disse me encarando pelo alumínio do elevador perdendo toda a alegria. — Você está chateada. — não era uma pergunta. Ele soltou um palavrão e apertou o botão que parou o elevador.

— O que você está fazendo? — perguntei em pânico. Ele se aproximou me prensando na parede fria do elevador.

— Não vamos deixar a nossa noite acabar assim. Sei que você ficou chateada em encontrar mais uma das minhas seguidoras como você mesma diz... — o interrompi.

— Ela não é uma simples seguidora.

Ele a amava, ele a amava. Cada vez que eu pensava sobre isso uma raiva interior me consumia. Eu queria que ele me amasse, não a ela.

— Que seja. — disse colocando as mãos em meu rosto. — Esqueça ela. Vamos continuar aproveitando a noite. A nossa noite. Apesar do incômodo, eu não estou com ela. Eu estou com você. Eu quero ficar com você. Só você.

Respirei fundo afastando qualquer raiva e ciúme que se apossou de mim e concordei com o que ele falava, eu não tinha motivos para ficar assim. Kamal não tinha me dado motivos para ficar assim, tudo foi reação da minha recém descoberta paixão. Ele estava comigo e isso era o que importava. Tamires que se dane. Eu não tinha motivos para me sentir ameaçada por ela.

— Tudo bem. — dei um pequeno sorriso e ele me beijou, levando toda e qualquer dúvida e agonia que eu estava tendo. Eu não ia estragar nossa noite só porque o passado resolveu entrar de penetra. — Para onde vamos? — nem louca eu voltaria para o restaurante.

— Sei de um lugar perfeito. — disse com um sorriso travesso. E eu não gostei nada disso. Mas

PERIGOSAS ACHERON

acabei com um sorriso cúmplice nos lábios.

\*\*\*

Kamal dirigiu por uns quinze minutos até parar em frente a um hotel. Um luxuoso hotel.

— É sério? — perguntei com malícia. — Você me trouxe para um hotel.

Eu sabia que a noite acabaria em algo mais, e eu já estava cansada de tentar me afastar de Kamal. Eu o queria, isso era um fato. E se ele queria um relacionamento verdadeiro, era um relacionamento de verdade que ele iria ter. Com benefícios e tudo mais. Chega de fugir.

— Mari. — chamou pensativo. — Que roupa você está usando por debaixo da *abaya*?

— Que tipo de pergunta é essa? — perguntei curiosa.

— Só responda, por favor.

— Um vestido totalmente indecente. — disse com um sorriso.

— Perfeito. Acho melhor você tirar a *abaya* senão, não nos deixaram entrar.

— Como assim? — eu não estava  
PERIGOSAS ACHERON

entendendo. Eles não me deixariam entrar no hotel porque estava vestida como uma *emiradense*?

— Vai por mim querida, você não vai querer saber. — disse ele retirando sua túnica branca, mas permanecendo com o turbante. Abaixo da túnica Kamal estava com uma blusa branca com dois botões iniciais abertos e uma calça social preta.

— Kamal? — chamei sua atenção ainda curiosa.

— Por favor Mari, não faça perguntas. Prometo que você vai gostar, confie em mim pelo menos uma vez.

Suspirei cansada.

— Tudo bem. Mas se eu for presa de novo a culpa é toda sua.

Tirei a *abaya* arrastando o véu de meus cabelos no processo. Meus ombros e costas nuas, juntamente com o enorme decote de meu vestido no busto apareceram no retrovisor do carro. Organizei meus cabelos no espelho e o encarei impaciente.

— Pronto.

Ele só sorriu e guiou o carro até o manobrista. Abriu a porta do carro me esperando

# PERIGOSAS ACHERON



para entrarmos. Assim que me aproximei dele suas mãos foram para a minha coluna nua e um arrepiou passou por todo o meu corpo, me esquentando dos pés a cabeça.

Entramos no hotel e as pessoas logo nos encararam. Me senti nua diante de tantos olhares hostis. Kamal se aproximou do balcão falando algo com um senhor que aparentava ser o gerente e ele estava muito feliz em vê-lo, enquanto duas recepcionista sussurravam e me encaravam descaradamente. Sorri e dei um tchauzinho para elas, que pareceram indignadas.

*O que está acontecendo?*

Kamal se aproximou me guiando até o elevador. Entramos e ele apertou o botão para o primeiro andar.

— Agora você vai me explicar o que está acontecendo.

— Deixa isso para lá Mari. Você não vai gostar.

— Não deixo não. Quero saber o porquê das pessoas me olharem torto na recepção como se eu fosse uma... — parei antes de completar a frase. — Oh Deus!

Kamal me olhou com um olhar culpado.

— Desculpa. Esse era o único jeito de nos deixarem entrar. — as portas se abriram no andar solitário. Ele parou em frente a uma enorme porta dupla.

— Não entendo. — franzi o cenho.

— Se eles não pensassem que você fosse uma prostituta nunca nos deixariam subir e eu não poderia te mostrar isso.

Kamal abriu as portas duplas e um som de um pop eletrônico atacou os meus ouvidos. Um segurança na porta pediu uma identificação. Kamal mostrou duas carteirinhas e me guiou para dentro do local.

— Isso é uma boate? — perguntei perplexa.

— Clandestina. — completou sussurrando em meu ouvido. Sorri com a descoberta.

A boate era espaçosa e escura. O enorme globo brilhante era a única iluminação do local, junto com luzes coloridas. Ela parecia tomar metade do andar. Muitas pessoas estavam dançando e pelas roupas indecentes de muitas mulheres a maioria devia ser prostituta. Eu estava adorando. Pelo menos uma coisa boa nessa noite caótica.

— Obrigado por me trazer. — disse o abraçando e o arrastando para o bar. Depois de todas as coisas que aconteceram, eu merecia uma bebida. Me sentei no banquinho e pedi um drink ao barman.

— Um *cosmopolitan*<sup>[34]</sup>, por favor.

O barman me encarou e olhou para Kamal, só quando Kamal acenou concordando com meu pedido o barman se movimentou. Revirei os olhos, mas deixei passar.

— Um uísque. — pediu Kamal se sentando ao meu lado. — Eu estou perdoado?

— Por hora sim. — disse me levantando do meu banquinho e me aproximando sorrateiramente do meu acompanhante. Pegue nos dois lados de sua camisa. — Mas você vai pagar por isso, num futuro próximo, bem próximo. — ele sorriu. Me aproximei lentamente fazendo o que eu queria fazer a noite toda, provar o sabor de seus lábios.

Deduzi que por isso ser uma boate clandestina e eu ser temporariamente uma prostituta, não seríamos expulsos por demonstrar tanto afeto público. E eu estava certa.

As mãos de Kamal estavam na pele exposta

# PERIGOSAS ACHERON

de minhas costas trazendo arrepios e calafrios na minha parte mais íntima. Minhas mãos atacaram seus cabelos e o beijo continuou até precisarmos de ar. Nesse meio tempo o barman serviu a minha bebida e a de Kamal. Me afastei bebendo todo o líquido.

— Ei. Vai com calma. — disse ele sorrindo, mas fazendo o mesmo que eu.

— Não. Hora de pagar sua dívida. — tirei algumas notas da pequena bolsa que eu carregava e joguei na bancada puxando Kamal para a pista de dança. Ele não retrucou, só me acompanhou aonde quer que eu fosse. Parei quase no meio da pista me virando abruptamente para ele e me esfregando ao som das batidas eletrônicas.

Kamal me acompanhou no ritmo. Suas mãos me tocavam em todo lugar, sua boca deixavam pequenos beijos em meus ombros, seus quadris se esfregavam prazerosamente, mas sem perder o ritmo. Ele agarrou meus cabelos, segurou minha cintura fortemente me guiando pela música. Me apoiei em seus ombros para não cair. Meu olhar estava perdido, perdido em seu poderoso olhar que me fazia promessas de prazer. Minha respiração

## PERIGOSAS ACHERON

ofegante, o coração pulsante e o sangue correndo mais rápido e se concentrando em um único lugar abaixo de minha barriga, me fez perceber que eu não aguentava esperar mais. Eu precisava dele, eu queria ele. Só ele.

— Eu quero você! — disse ofegante. Ele me virou de repente ainda me segurando e me guiando pela música. Seus lábios chegaram aos meus ouvidos, uma carícia tortuosa.

— Eu sempre te quis.

\*\*\*

Não sei quanto tempo ficamos na pista de dança. Música após música, nossos corpos se fundindo em um. Estava tão bom que nenhum de nos queria sair. Mas como diz o ditado tudo que é bom se acaba, ou no meu caso evolui para algo melhor. Kamal saiu me arrastando da boate apertando freneticamente o botão do elevador.

Quando as portas se abriram e ele viu que o elevador estava vazio, me empurrou contra a parede apertando o botão do segundo andar e me beijou desesperadamente. Seus beijos passaram de

PERIGOSAS ACHERON

minha boca ao pescoço, ao vale dos meus seios e subiram de novo a minha boca. Gemi.

Me segurei nele tentando não cair, minhas pernas estavam bambas pela explosão de calor entre minhas pernas. E assim que as portas se abriram em nosso andar, eu sabia que quando eu entrasse naquele quarto eu estaria perdida e se dependesse de mim nunca mais gostaria de ser achada.

Sáímos do elevador. Kamal me segurando pelo braço. Eu ainda não estava confiando em minhas pernas. Me escorei na parede perto à porta. Kamal pegou rapidamente no bolso o mesmo cartão que havia mostrado ao segurança da boate e passou pelo sistema de tranca da porta. Ele me avaliou esperando que eu entrasse primeiro, lhe dando o sinal que poderíamos prosseguir adiante, sorri e entrei. Ele fechou a porta e se escorou na mesma. Me virei para ele e ficamos assim prolongando o inevitável. Com a demora a tensão sexual só aumentou.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou ele, a respiração entrecortada. Nos ainda estávamos nos recuperando do elevador. Beber algo era o que

PERIGOSAS ACHERON

eu menos queria no momento.

— Não. — disse jogando minha bolsinha no chão e segurando as alças do meu vestido num movimento de tirá-lo. Era tão fácil arrancá-lo do meu corpo. O encarei esperando seu movimento. Ele começou a desabotoar a camisa lentamente sem tirar os olhos de mim. A alça do meu vestido na metade do caminho.

Kamal se aproximou com demoradas passadas. Como se fosse um felino perigoso espreitando sua presa. Um arrepio de antecipação passou por minha coluna. Dei um passo para trás e outro com um sorriso nos lábios. Até que minhas costas chegaram ao destino final — a porta corrediça de vidro que dava para a pequena varanda do quarto. Ele me alcançou em segundos me segurando pela cintura.

— Você não tem noção do quanto eu te desejo. — disse deixando um rastro quente de beijos em meu ouvido. Gemi. Esse era um dos meus pontos sensíveis.

Retirei sua camisa, passeando com minhas pequenas mãos por aquele corpo de deus grego. Seus lábios encontraram a lateral do meu pescoço

PERIGOSAS ACHERON

me fazendo arrepiar, uma de suas mãos continuou a tarefa de abaixar as alças do meu vestido, dando completo acesso aos meus seios.

Assim que seus lábios alcançaram a pele sensível meu corpo se arqueou de encontro ao seu. Meu coração retumbou, eu já não conseguia falar, só tentava manter o ar entrando para poder respirar. Ele mordeu, chupou, lambeu me deixando louca de tesão e vontade, logo ele abaixou o resto de meu vestido dando a mesma atenção ao outro seio. Minhas mãos estavam em seus cabelos, puxando e o trazendo mais para mim.

Kamal segurou em minha cintura me impulsionando para cima. Entrelacei meus pés em seu corpo e nesse momento pude sentir a excitação no meio de suas pernas. A fricção fez meu corpo queimar. Eu não aguentava esperar mais. Era muito tesão reprimido por meses, eu precisava dele dentro de mim. *Que se dane preliminar.* Percebi que ele sentia o mesmo porque nos afastou da porta e me jogou na cama, retirando todo meu vestido, que foi abandonado em algum lugar.

Ele parou um segundo admirando o meu corpo. Tentei respirar diante de seu olhar.

PERIGOSAS ACHERON



*Impossível!* Eu não tinha vergonha do meu corpo, muito menos estava com vergonha agora, mas aquele olhar deixava qualquer mulher desconcertada.

— Linda! — murmurou retirando seus sapatos e meias.

— Até parece que você não já me viu pelada. — consegui dizer me lembrando da manhã em que acordei ao seu lado só de camisa. Ele sorriu.

— Ver é uma coisa. Poder tocar é algo totalmente diferente.

Suas mãos tocaram meus pés me livrando dos meus saltos altos e começaram uma subida agonizante por minhas pernas, até encontrar minha calcinha. Seus olhos nunca deixaram os meus. Ele retirou minha calcinha vagorosamente e essa demora toda estava me deixando louca, eu já estava pronta, sedenta dele.

Assim que minha calcinha abandonou meu corpo, o puxei para mim virando-o na cama e ficando por cima. Beijeí seu pescoço descendo minhas carícias por todo seu corpo. Ele gemeu e pude sentir sobre minha boca seus pelos eriçados. Suas mãos seguravam meus cabelos enquanto eu

## PERIGOSAS ACHERON

fazia meu *tuor* até chegar ao meu destino.

Com pressa, desafivelei o cinto e abri sua calça, a tirando. Passei meus dedos lentamente pela protuberância no meio de suas pernas, sofrendo em antecipação. Ele ainda estava com a cueca, mas mesmo assim o ar saiu pesado de seu pulmões. Tirei a última peça de roupa que me impedia de tocá-lo e me deleitei com sua visão. Minhas mãos atacaram seu membro duro, grande e rígido. Ele ofegou sem deixar meus olhos, sorri e me abaixei lentamente. Eu queria sentir seu sabor, mas antes que minha boca chegasse ao seu destino, ele me virou ficando por cima de mim.

— Se você fizer isso eu vou perder o controle e não vamos conseguir ir até o final.

Antes que eu retrucasse, ele me beijou. Me agarrei a ele explorando suas costas com as mãos. Ele era tão forte, musculoso, gostoso. Suas mãos também exploraram o meu corpo e seus dedos encontraram com o que brincar. Ele enfiou um dedo em mim. Me arrepiei, gemi.

— Tão molhadinha. — murmurou contra a minha boca. — E só para mim.

O atrito delicioso de seu dedo em minhas  
PERIGOSAS ACHERON

dobras me deixou em êxtase. O vai e vem agonizante me levando a loucura, encontrei seu membro entre nós e o segurei entre minhas mãos, dando o mesmo prazer que ele estava me proporcionando.

— Por favor Kamal, não aguento mais. — meus olhos estavam fechados, minha consciência mergulhando em um mundo totalmente novo e inexplorado.

Ele retirou seus dedos e saiu de cima de mim. Escutei um pacote sendo rasgado. A camisinha. Meus olhos ainda estavam fechados, quando ele me invadiu, me preenchendo totalmente. Eu estava tão molhada que ele deslizou facilmente por mim. Ele era grande e comprido e não teve nenhuma dificuldade em se alojar entre minhas pernas.

Kamal parou, tentando controlar as emoções para prolongar o nosso momento. Me agarrei a ele, suas mãos em minha cintura, me apertando fortemente. Sua respiração descompassada em meu pescoço, enviando calafrios por todo meu corpo. A sensação de tê-lo em mim era indescritível, como se ele fosse criado especialmente para mim. E eu queria mais, eu queria tudo. Impulsionei meu corpo

PERIGOSAS ACHERON

para frente e encontrei resposta.

E a tortura começou.

Um vai e vem forte e implacável. Meu corpo acompanhando o seu em todo processo. Gemi, gritei, me apertei mais a ele, o orgasmo me consumindo por dentro. Eu não queria que acabasse, eu queria ficar para sempre ali. E nos prolongamos a prazer o máximo que conseguimos. Kamal encontrou meus lábios, num beijo duro e cheio de prazer. Seus movimentos sem nunca vacilar. Ele me apertou mais a ele e senti seu membro pulsar dentro de mim, minha vagina o apertou também chegando ao ápice do prazer. Gozamos juntos.

Tentei acalmar minha respiração. Kamal estava em cima de mim, ainda ofegante, mas rapidamente se retirou de dentro de mim e deitou ao meu lado me puxando para seus braços. Me aconcheguei em seu peito, ele com as mãos em meus cabelos, numa deliciosa massagem. Meu coração batia acelerado e eu estava com medo de a qualquer momento ter um AVC. Pude ouvir o coração de Kamal pela posição que estava e ele também não ficava atrás.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso foi... — tentei falar e achar uma palavra para descrever o momento. *Impossível!*

— Fantástico, divino, perfeito, surreal, maravilhoso, magnífico, esplêndido... — ele citou vários adjetivos, mas nenhum fazia jus ao momento. Comecei a rir, ele também estava com um sorriso nos lábios, calmo e sereno.

— Por aí.

Olhei ao redor do quarto. Quando entrei reparar no mobiliário era a menor das minhas preocupações. Ele era normal, simples e sofisticado. As luzes da cidade piscando pelo vidro da porta corrediça iluminavam o quarto. Só agora eu havia percebido que não havíamos ligado as luzes porque o quarto estava todo iluminado pela cidade. O relógio na cabeceira da cama chamou minha atenção. Quase meia noite.

— Seus pais vão nos matar. — disse sem a menor vontade de sair de seus braços.

— Pelo menos morrerei feliz.

Bati de leve em seu peito sorrindo.

— Ei. Eu não. Ainda quero muitos anos dessa felicidade.

Seus olhos encontraram os meus.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu também. — ele se aproximou e se apossou dos meus lábios. Era tão bom. Tão gostoso.

— Acho que estou viciada em seus beijos. — disse arrastando meus lábios por seu maxilar. Ele se afastou um pouco para me olhar.

— Você se sente atraída por mim, tem ciúmes e agora está viciada em meus beijos. — disse sério, mas seus olhos estavam brincalhões. — Acho que você sente algo por mim.

Suspirei com um sorriso nos lábios.

— Está bem. Você venceu. Talvez eu gostei um pouquinho de você.

— Um pouquinho? — ele levantou a cabeça para me olhar agarrando-me pela cintura e mudando nossas posições. Gargalhei. Ele subiu em cima de mim, colocando suas mãos em meus pulsos e os levantando acima da minha cabeça, me encarando com aquele olhar penetrante dele.

— Muito. — disse entre risos. — Eu gosto muito de você. Satisfeito?

— Eu te amo.

Meu coração deu um salto forte em meu peito emocionado. Eu não esperava por isso. Soltei

# PERIGOSAS ACHERON

minhas mãos de seu agarro, segurei seu rosto e o beijei apaixonadamente. Era a única coisa que eu podia fazer, já que não estava preparada para dizer o mesmo que ele. Então minhas ações teriam que servir. Por enquanto.

## Capítulo 14

**E**u ainda não estava acreditando que Kamal disse que me amava. Tudo estava acontecendo tão rápido. Meu cérebro não estava captando que tudo era real, que acabei tendo uma vontade súbita de sair correndo e analisar a situação, mas seus lábios em minha face me fizeram esquecer meu temor momentâneo.

— Você é tão gostosa. Vou te amar a noite toda. — suas palavras provocaram arrepios em minha pele, inflamando a chama em meu ventre.

Como alguém podia me fazer sentir assim? Tão desesperada e sedenta por ele? Nós acabamos de transar e ainda sim não me sinto saciada.

Os lábios de Kamal desceram pelo meu



pescoço, seios, barriga, até encontrar o V entre minhas coxas, era delicioso sentir seus lábios em mim. Meu pequenos gemidos o instigaram a aumentar a pressão sobre minha pele, me fazendo gritar. Ele separou minhas pernas, flexionou meus joelhos e enterrou seu rosto bem no meio sem esperar permissão. Meu corpo arqueou sendo pego de surpresa, indo de encontro ao seu rosto. Sua língua era malvada e seus dentes perversos. Eu me contorcia freneticamente sobre seu rosto e a cada movimento ele aumentava a investida me fazendo gritar mais.

— Hum. Assim, Isso. — minhas palavras eram pequenos monossílabos o instigando a ir mais fundo. Estava difícil respirar, meu coração acelerado ia entrar em colapso, mas eu não me importei. Eu queria mais.

Suas mãos que estavam em meus tornozelos, passaram para debaixo da minha bunda, me segurando fortemente e me mantendo presa. Agarrei seus cabelos fazendo pressão a cada passada de sua língua por minhas dobras. Meu corpo se arrepiou e meu ventre se apertou. Eu estava quase lá. Seus dentes me mordiscaram e suas

PERIGOSAS ACHERON

mãos me apertaram mais forte. A pressão era tão grande que a qualquer momento eu gozaria. Kamal sabia disso e o desgraçado resolveu escolher esse momento para levantar o rosto se afastando.

— Kamal. — minha voz era um sussurro implorando para que ele continuasse. Mas antes que eu pudesse reclamar ele me preencheu. Arfei de surpresa me agarrando as suas costas largas. Pele com pele. — Você está sem camisinha. — consegui pensar diante de tamanho prazer. Eu nunca tinha transado sem camisinha, mesmo eu tomando anticoncepcional, eu não estava a fim de pegar alguma doença.

— Eu não vou gozar em você. — disse arrebatando minha boca em um beijo quente, melado e salgado. Meu sabor estava nele.

— Não é disso que estou falando. — disse fechando os olhos em êxtase quando ele se movimentou. Minhas pernas se entrelaçando em seu corpo. A sensação era divina. Pele com pele. Pênis e vagina. Pau e buraco. *Aí meu Deus*. Gozei apertando seu pênis fortemente. Era impossível não gozar.

— Isso. Me aperta, me aperta assim. Goza

PERIGOSAS ACHERON

em mim. — Kamal gemeu e me apertou enfiando seu rosto em meu pescoço, comigo o apertando fortemente lá embaixo. *Estou no céu.* — Eu nunca transaria sem camisinha com você se eu tivesse alguma doença. — disse simplesmente se movimentando novamente. — Isso é tão bom. — arfou e estremeceu em minhas mãos. Era mesmo. Dessa vez Kamal não foi duro e implacável. Ele me preenchia lentamente, com carinho. Querendo prolongar o momento, me amando, me venerando.

Meu corpo já o reconhecia como seu e a cada investida pedia por mais. Eu estava delirando de prazer, perdida e extasiada. Gozei uma segunda vez e quando Kamal percebeu, se retirou de mim, cumprindo o prometido de não gozar em mim. Ele sentou na cama segurando seu pênis e fazendo movimentos de vai e vem procurando seu próprio alívio.

Seus olhos estavam fechados, por isso ele não viu quando eu me aproximei. Segurei seu pênis afastando sua mão e o abocanhando com minha boca. Ele se contorceu caindo na cama. Ele já estava perto e no primeiro chupão que dei, ele se derramou em minha boca, arfando e gemendo.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli toda a sua semente, suas mãos apertando meus cabelos e seus gemidos desesperados inflamando meu ego feminino.

Quando levantei meu rosto e o encarei sorrindo. Ele me presenteou com um lindo sorriso também. Me puxou para seu rosto e me beijou, provando de seu gosto em minha boca do mesmo jeito que provei o meu na sua.

— Você vai me levar a loucura. — disse me fitando ardentemente. — Vamos tomar um banho? — perguntou.

— Com certeza. — disse já me levantando da cama e correndo para o banheiro, me jogando embaixo d'água. Kamal se aproximou com o sabão e me ensaboou, passando suas fortes mãos por todo meu corpo. O encarei sorrindo. Eu estava no paraíso.

\*\*\*

Depois de um banho sem sexo, deitamos na cama sem a mínima vontade de ir embora. Eu estava feliz. Se alguém me dissesse semanas atrás que essa loucura de noivado falso acabaria comigo

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

apaixonada por Kamal e sendo sua namorada de verdade, eu diria que a pessoa estava louca. Principalmente se a pessoa me dissesse que ele me amava, aí eu mandaria internar. Mas aqui estou eu, vendo o impossível em minha mente se tornar realidade.

— Eu nunca pensei que isso aconteceria. — murmurei.

— Pois eu sabia.

Sorri.

— Ok, senhor sabe tudo.

— Verdade. Desde do primeiro dia que eu te vi eu sabia que eu acabaria em uma cama com você.

O encarei indignada. *Canalha!*

— E eu pensando que você queria uma secretária, não mais uma amante.

Ele riu.

— Você não é mais *uma* amante. Você é a *minha* amante, *minha* amiga, *minha* cúmplice, *minha* namorada e logo será *minha* esposa. — disse brincando com as mechas do meu cabelo e me encarando profundamente. Eram muitos *minhas* para eu processar.

## PERIGOSAS ACHERON

Prendi o ar. Eu ainda não estava acostumada com a rapidez que as coisas estavam tomando. Encarei o diamante em meu dedo. Ainda tinha tanta coisa a ser discutida e conhecida até chegarmos a esse estágio.

*Casamento*, a palavra ainda me atemorizava. E eu não podia me casar com ele sem conversarmos sobre como seria nosso futuro. O que aconteceria comigo se eu me mudasse para cá? Como seria minha vida? A mãe de Kamal estava certa, eu não estava preparada. Lembrar de Marília me fez lembrar de nossa conversa.

— Kamal. Você quer que eu mude?

— Mudar? — franziu o cenho sem entender.

— Sim. Quer eu seja igual a uma mulher árabe, recata, bem vestida e submissa?

— Por que eu iria querer isso? — franziu o cenho novamente.

— Você me comprou uma *abaya*. — cutuquei.

— Você que me pediu. — retrucou. Realmente eu tinha pedido uma burca.

— Verdade. — disse me perguntando o que eu estava fazendo. A noite estava sendo magnífica,  
PERIGOSAS ACHERON

eu não queria estragar, mas nós precisávamos conversar. — Mas você quer? — perguntei esperando sua resposta.

Ele suspirou e parou pensativo por um tempo.

— O que foi que minha mãe te disse?

— O que te faz pensar que foi ela?

— Bom, vamos ver. Samira não pensaria numa coisa dessas. Você não acharia relevante fazer essa pergunta se alguém não tivesse implantado em sua cabeça. E como você só teve contato com a minha mãe e irmã, me deixa sobrando minha querida mãe.

— Tudo bem. Foi ela, mas...

— Mas nada Mari. Eu me apaixonei por você, do jeito que você é e eu não mudaria nada. É claro que se você se cobrir um pouco quando sair na rua vai evitar muita confusão com a polícia. — ele sorriu. Isso era verdade. — Mas tirando isso eu não me importo.

— Você diz isso agora. — os homens tendem a mudar depois do casamento, isso era um fato.

— Você nunca vai acreditar até que eu tenha provado não é? — disse pensativo. — Minhas  
PERIGOSAS ACHERON

palavras nunca bastam. — se virou para me encarar. — Vamos esquecer esse assunto por enquanto.

E me beijou, me fazendo esquecer de todo resto.

\*\*\*

Chegamos na mansão por volta das cinco e meia da manhã. Kamal estacionou o carro o mais silencioso que pôde, para não acordarmos ninguém. Parecíamos dois adolescentes que saíram escondidos dos pais. Eu não parava de rir e Kamal cúmplice me presenteava com seu sorriso. Subimos as escadas como duas najas, silenciosamente. Ele me deixou na porta de meu quarto com um beijo longo e se foi para o seu.

Nos não havíamos dormido no hotel. A nossa noite havia sido mais produtiva e prazerosa. E para completar não podíamos dormir agora porque isso levantaria suspeitas e Kamal iria trabalhar. Então tomei um longo banho frio para me despertar e descí para encontrar café na cozinha, eu precisaria de muito se não quisesse dormir em pé. Um das

PERIGOSAS ACHERON



empregadas estava preparando o desjejum.

— Bom dia. — saudei e ela me respondeu com um sorriso, me servindo o café assim que perguntei se tinha. Sentei no banquinho, apoiando meus cotovelos na bancada. À minha frente vários tipos de comida.

— Mariana? — Marília se surpreendeu ao me encontrar na cozinha, com um enorme copo de café. — Acordou cedo. — ela disse isso de uma forma acusatória.

— Dormi bem. — murmurei tomando o café desconfiada.

— Mesmo? Não vi a hora que vocês chegaram. — ela se colocou do outro lado do balcão me avaliando.

Estremeci diante de seu olhar afiado, não sabia o que dizer e fui salva por Kamal que entrou na cozinha, todo produzido com seu caríssimo terno.

— Bom dia, mamãe. — disse beijando sua face. E me encarando com um sorriso. Ele se aproximou e beijou minha testa. — Bom dia.

— Bom dia. — disse. Kamal se sentou ao meu lado e começou a se servir.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava comentando aqui com a Mariana que não ouvi quando vocês chegaram. — Marília encarou seu filho. Kamal só riu tranquilamente. Ao contrário de mim que estava a ponto de nos entregar se ela colocasse mais pressão.

— A casa estava escura, não sabia que devia lhe acordar para avisar de nosso retorno. — deu de ombros pegando o pão sírio e o mordendo.

— Você sabe que não é sábio ficar perambulando pelas ruas de madrugada. O que as pessoas vão pensar?

— Que somos jovens e estamos apaixonados? — levantou a sobrancelha para dar ênfase as suas palavras. Corei com sua ousadia.

Marília nos encarou e suspirou com um sorriso nos lábios. Ela achara graça de seu comentário, parou por um tempo como se estivesse se lembrando de algo passado. Continuei a beber meu líquido marrom e Kamal a comer.

— Mariana! — chamou Marília esquecendo nossa escapada noturna e aliviando seu olhar. — Kamal lhe falou do evento de hoje?

— Sim.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo. Iremos ao shopping comprar um vestido para você. — não era um aviso, mas sim uma ordem.

— Não se preocupe com isso mamãe. Eu já tenho a roupa perfeita. — disse Kamal me encarando com um sorriso malicioso. E seja lá qual for sua intenção não era nada boa.

Marília encarou Kamal como se tivesse nascido chifres em sua cabeça.

— Nós vamos ao shopping. — decretou por fim e sua voz não deixava questionamentos para discussões. Apenas assenti concordando com tudo.

— Bom dia. — Samira entrou na cozinha beijando todo mundo que via pela frente, ela parecia muito feliz. Marília estranhou o comportamento da filha, mas não disse nada.

— Samira. Estarei esperando você e Mariana no shopping às onze, não se atrasem. — disse se preparando para sair da cozinha. Agora que eu tinha reparado que ela não havia comido nada.

— Aonde a senhora vai? — perguntou Kamal sem olhá-la.

— Tenho um café da manhã da associação de damas para participar.

— Associação? — questionei sem pensar. Mas ela respondeu normalmente.

— Algumas mulheres que não tem o que fazer inventaram essa associação de damas só para não fazerem nada. — resmungou. — Se você acha que comer, beber e fofocar é algo a se fazer. — continuou sem a mínima vontade de parar de reclamar, era como se a tempos ela quisesse fazer isso, mas não tinha ninguém para ouvi-la. — Não sei o porquê se dão ao trabalho. — suspirou nos encarando como se tivesse falado demais. — Se vocês me dão licença. — disse saindo da cozinha, mas voltou. — Kamal diga ao seu pai que já sai, ele está demorando muito. Levarei o segurança comigo, e Mariana. — a encarei. — Não arrume confusão dessa vez. — e com isso ela se foi. Me encolhi sabendo exatamente o que ela queria dizer. Minhas roupas.

— Esqueça ela. — Kamal murmurou em meu ouvido. Dei um pequeno sorriso a ele e continuei meu café.

— Então o que vamos fazer até as onze Mari? — Samira me chamou em expectativa. Eu queria dormir, mas acabei dizendo.

— Piscina com certeza. — sorri e ela concordou. Eu já estava com muito calor.

\*\*\*

Kamal e Sr. Abdo saíram para o trabalho depois de fazerem suas orações. Achei engraçado Kamal de bunda para cima e fiquei admirando a formosura de seus glúteos. *Será que isso era pecado?*

Aproveitando que não havia nada para fazer como sempre, eu e Samira nos jogamos na piscina. O calor aqui era intenso e eu precisava me refrescar. Depois de um tempo deitei na espreguiçadeira e cochilei. Abri os olhos de repente e olhei minha pele bronzeada, na verdade avermelhada por causa da minha cor pálida. Se eu continuasse a tomar sol desse jeito voltaria para o Brasil que nem pimenta, toda vermelha e assada.

A palavra assada me fez lembrar que minhas partes íntimas estavam bem sensíveis e isso trouxe um sorriso ao meu rosto. Lembrar do sexo ardente me fez lembrar de Kamal e lembrar de Kamal me fez recordar de uma pessoa que quase estragou

PERIGOSAS ACHERON

minha noite. Eu não queria saber daquela vadia, mas a curiosidade estava me matando e como eu não sei pesquisar em árabe e muito menos perguntaria a Kamal o que queria saber, só existia uma pessoa que podia me ajudar e ela estava bem ao meu lado.

Encarei Samira que estava concentrada em seu notebook, com aquele olhar de quem estava escondendo algo. Levantei o óculos escuro e me sentei.

— O que você está fazendo?

Ela colocou a mão no coração assustada e quase derrubou o notebook no chão.

— Nossa, você me assustou. Pensei que estava dormindo.

— Desculpe-me. — disse sorrindo e analisando sua face. — Mas o que você está fazendo? — retornei a pergunta inicial.

— Nada. — murmurou desconfiada fechando o notebook rapidamente. A olhei desconfiada, mas resolvi não insistir. Garotas precisam de seus segredinhos e se ela quiser me contar, serei toda ouvidos. Até lá, a deixarei em paz.

— Samira você conhece alguma Tamires? —

comecei como quem não quer nada. Infelizmente eu não sabia o sobrenome da desgraçada. Quantas Tamires podiam existir na Arábia?

Ela pensou por um momento.

— Sim conheço. Na verdade conheço três. Porquê?

— Nada. Eu e Kamal nos encontramos com uma Tamires ontem à noite e ela me parecia muito íntima dele. — dei de ombros como se não me importasse. — Só fiquei curiosa.

Samira me analisou um momento e depois abriu o notebook, teclando rapidamente. Ela virou o computador para mim e a foto da vadia apareceu na tela perto de um homem rechonchudo de cabelos brancos e feições duras. A página parecia ser de um blog de fofocas, mas eu não conseguia entender muita coisa.

— É ela? — perguntou Samira chamando minha atenção.

— Sim. É ela. — confirmei. — O que diz aí?

— Ibraim Dahad e esposa Tamires Dahad em um evento de caridade. — disse Samira me encarando em seguida. — A família dela tem negócios com meu pai, imaginei que fosse ela, já PERIGOSAS ACHERON

que as outras duas Tamires não é conhecida de Kamal. — continuou Samira, mas não dei muita atenção.

Esse velho feio, rechonchudo e carrancudo era marido dela? Não me admira ela traí-lo. Pela foto ele me parecia um homem muito adepto de sua religião, que não gostaria de ser contrariado, principalmente por uma mulher. *Como ela consegue esconder suas traições dele? E porque ela se casou com ele, se esta na cara que não existe amor?*

— Por que alguém se casaria com um velho? — perguntei para mim mesma, mas acabei expressando em palavras. Sei que para o amor não existe idade, mas ela não o ama, já que está enfeitando sua cabeça grisalha.

— Dinheiro. — Samira chamou minha atenção.

— O quê?

— O casamento dela fora arranjado anos atrás, antes mesmo dela completar quinze anos. — explicou. — É assim que as coisas são feitas por aqui. É o que as famílias poderosas fazem para manter a riqueza, poder e pureza. — disse PERIGOSAS ACHERON



melancólica, eu ia perguntar algo, mas ela continuou: — Ela não queria casar, mas nos mulheres não temos muita escolha, ou casa ou é renegada pela família.

Por um momento senti pena dela, só por um momento, até que lembrei de seus joguinhos na noite anterior.

— Como você sabe de tudo isso?

— Ela tem um blog de moda e eu a acompanho. Ela é a pessoa mais falada no meio da moda. Sei tudo sobre a vida dela.

Realmente ela era bem estilosa e bonita, nisso eu tinha que concordar. Encarei minha cunhada com um pesar.

— Samira? Você foi prometida para alguém?

— Não. Meu pai estava esperando eu terminar a faculdade, ele presa muito os estudos e isso me salvou de um casamento cedo. Mas sei que a qualquer momento o acordo irá surgir. Vovó não descansará até ver todos os netos casados. — murmurou chateada mexendo no notebook.

É, aquela velha não descansaria mesmo. Então algo me ocorreu, uma palavra que até a mesma Samira já me disse uma vez. Acordo.

— Samira. — chamei apreensiva. — Kamal já foi prometido a alguém? — meu coração acelerou esperando sua resposta. Eu sei que eu sou sua noiva/namorada e que ele não seria capaz de me enganar assim, mas eu gostaria de saber se existia alguém mais na equação. Se antes de ficarmos juntos alguém fora prometido a ele, já que aquela senhorinha era capaz de tudo.

Samira me encarou sem saber o que dizer, abaixou os olhos para o notebook pensativa, quando seus olhos se arregalaram.

— Por Allah! — murmurou Samira alarmada com a mão em sua boca.

— O que foi Samira? — perguntei me aproximando dela.

Ela me encarou sem saber o que fazer ou dizer. Alternando sua visão entre o computador e eu.

— É você. — disse apontando para o aparelho. Arranquei o notebook de suas mãos e coloquei em meu colo, visualizando o conteúdo. Era uma reportagem recente do blog que estávamos bisbilhotando. Eu sabia mais falar árabe do que ler, então muitas coisas escritas não faziam sentido para

PERIGOSAS ACHERON

mim. Mas assim que vi as fotos soube que eram sobre mim.

Abaixo das linhas garrafais em negrito tinha duas fotos lado a lado. Uma de mim abraçada a Kamal quando sai da delegacia e outra de nós dois entrando no hotel ontem a noite, com meu vestido indecente.

*Droga!*

Abaixei a tela e meu coração parou um minuto. Isso não está acontecendo. Cliquei no vídeo e perdi o ar. O vídeo era eu e Kamal dentro do elevador se agarrando sem nenhum pudor.

*Aí meu Deus. Ferrou! É agora que sou chicoteada, apedrejada e deportada.*

\*\*\*

Eu estava desesperada, andando de um lado a outro. Com certeza o Sr. Abdo vai me *chutar* daqui, me colocar no primeiro avião de volta ao Brasil e pedir a Allah em suas orações para que ele nunca mais veja a minha cara. Eu não sei porque eu me importo tanto, daqui a alguns dias eu vou voltar para casa, para o Brasil. Então porque eu me

PERIGOSAS ACHERON

importo? Por causa dele. Depois do que aconteceu ontem eu não tinha certeza se eu queria voltar para o Brasil neste momento, queria aproveitar mais um pouco nosso relacionamento antes das coisas desandarem. Kamal e eu estamos numa fase tão boa. *Por que as coisas sempre tende a dar errado para mim?*

Encarei Samira que estava com o notebook novamente em seu colo, analisando a página perplexa. Eu podia entender seu semblante assustado. Ela nunca vira algo tão promíscuo. Acho até que ela nunca tenha beijado, quanto mais dado uns amassos num elevador de um hotel que provavelmente ela não poderia entrar.

— O que diz aqui Samira? — pedi tremula.

— Você não vai querer saber. — disse balançando a cabeça de um lado a outro.

— O que diz aqui? — eu quase gritei, apontando o dedo para a tela.

— Prometida vs Prostituta. — ela parou engolindo seco. Pela sua cara ela não iria continuar.

— Continua. — pedi. Mesmo não querendo ouvir uma palavra. Eu precisava saber o que ia enfrentar.

Ela me encarou, respirou fundo e continuou:

— “Parece que a prometida de Kamal não tem nenhum apreço por nossos costumes. Depois de ser presa por prostituição, o casal mais comentado da semana foi visto entrando num dos mais renomados hotéis de Riade. Vestida como muitas mulheres mundanas. Mariana Assunção mostra que não tem medo nem vergonha de ser presa novamente. Fontes afirmam que eles deixaram o hotel pela manhã. O que será que eles fizeram esse tempo todo? Se ainda tiverem dúvidas olhem o vídeo abaixo.”

Eu estava petrificada. O anúncio me desmoralizava descaradamente.

— Mari? — Samira chamou. A olhei de soslaio e peguei meu celular que estava na mesinha rapidamente, digitando o número diversas vezes até acertar. Eu estava tão desnorteada que nem pensei em ir para a discagem rápida. Ele atendeu no segundo toque.

— *Oi amor.* — a voz dele não me acalmou, mesmo ele me chamando carinhosamente, não me acalmou.

— Kamal. — chamei alarmada. — Kamal.  
PERIGOSAS ACHERON

— eu só conseguia dizer isso.

— *Mari. Está tudo bem?* — seu tom relaxado mudou completamente diante da minha confusão e urgência.

— Kamal. — eu estava tentando falar, mas a única coisa que saía era seu nome.

— *Você está me deixando preocupado Mari. Aconteceu alguma coisa?*

— Sim. Estamos ferrados. — me sentei na espreguiçadeira chorosa. Eu não estava envergonhada de nada, mas eu estava com medo. Eu queria ser aceita pela família dele, mas depois disso eu não tinha certeza se conseguiria reverter a situação ao meu favor.

— *Como?*

— Quando seus pais descobrirem vão me odiar. Aí Jesus. — comecei a choramingar e falar muito rápido. — Eles vão me mandar embora e você vai ter que me visitar no Brasil porque provavelmente eu nunca mais poderei entrar na Arábia depois de tudo que aconteceu.

— *Do que você está falando?*

— Do vídeo, das fotos.

— *Que fotos e que vídeo?* — ele estava  
PERIGOSAS ACHERON

exasperado. Eu ainda não tinha explicado a situação toda. Ele respirou fundo se acalmando. — Calma Mari, respira e agora me explica o que aconteceu.

— Tem um vídeo nosso do hotel. Do elevador. De ontem. — gritei.

— *Onde?*

Passei o nome do site que Samira me informou e ouvi ele digitando através do telefone. Segundos depois seu suspiro não fora nada agradável.

— *Merda!* — resmungou. Ele tinha visto a reportagem.

Merda mesmo. Mil vezes merda.

— E agora? O que fazemos?

— *Vou mandar tirar a reportagem e o vídeo do ar. Não se preocupe.*

Não era tão fácil. Eu estava uma pilha de nervos.

— E seus pais?

— *Esse não é o tipo de site que meu pai acessa.*

— E sua mãe?

— *Bom. Ela eu não sei. O único jeito é torcer*  
PERIGOSAS ACHERON

*para que ela não acesse a internet enquanto eu resolvo o problema.*

— Certo. — o jeito agora era esperar e ver o que iria acontecer.

— *Agora se acalme e não se preocupe, logo tudo isso será resolvido e esquecido.* — disse confiante.

— Assim espero.

Desliguei o telefone e encarei Samira que ainda estava concentrada no vídeo. Muito concentrada.

— O que você está fazendo? — perguntei e ela se assustou novamente.

— Você tem que parar com isso.

— Se você parar de encarar esse vídeo idiota. Ela fechou rapidamente a tela do notebook envergonhada.

— Desculpa. É que eu nunca vi nada tão... — ela parou procurando a palavra certa. — ...envolvente. — *Era só o que me faltava.* — Então? — começou Samira desconfiada. — O que exatamente vocês fizeram no hotel?

Eu podia ver os olhinhos dela piscando em expectativa. Eu estava irritada e cansada de ser PERIGOSAS ACHERON



boazinha e condescendente. Se eu iria embora a qualquer momento, que se dane as regras do senhor Abdo. Samira já tem mais de vinte anos, está na hora dela saber como se faz sexo. E se eu vou ser mandada embora daqui a qualquer momento não tenho porque ficar escondendo as coisas delas.

— Nos transamos.

Samira abriu a boca em um O perfeito com a menção da palavra. Talvez eu devesse ter dito que fizemos amor. Essa era a verdade. Mas eu não estava afim de romantizar meu trágico fim.

— Mas vocês nem casaram ainda.

Revirei os olhos.

— No Brasil não precisamos casar para fazer isso. — me levantei da cadeira. — Isso é uma coisa que acontece naturalmente com um homem e uma mulher.

— Mas e sua honra, nenhum homem vai se casar com você se não for... *virgem*. — a palavra saiu com dificuldade de sua boca. Como se fosse um sacrilégio falá-la.

— Virgindade é irrelevante quando se existe amor. — disse olhando a hora no celular. *Droga!* Segui rumo a mansão. A aula teria que ficar para PERIGOSAS ACHERON

outra hora.

— Aonde você vai? — gritou Samira.

— Me trocar. Acredito que sua mãe não ficará feliz se nos atrasarmos. — dito isso ela deu um pulo da cadeira e me seguiu.

Ela conhecia dona Marília melhor que eu e sabia o quão irritada ela ficaria se nos atrasarmos. Mas meu maior medo era o vídeo rolando na internet. A única coisa que eu podia fazer era orar. Orar para que minha querida sogra não seja fã de site de fofocas.

\*\*\*

Quando dei o primeiro passo para dentro do shopping senti os olhares em mim. Eu podia até estar ficando louca. Mas eu podia jurar que a senhora do outro lado da loja estava me encarando e fofocando com sua amiga do lado. Fechei os olhos tentando me livrar dos pensamentos desagradáveis, mas logo os abrir antes que atropelasse alguém e fosse presa por agressão. *Era só o que faltava.*

Samira estava ao meu lado pensativa, muito

PERIGOSAS ACHERON

pensativa. Desde que falamos sobre o assunto “*sexo*” ela parou de me olhar e falar comigo. Veio o caminho todo calada como uma múmia. E isso estava me preocupando. Eu não queria perder sua amizade porque falara demais. Eu sempre falava muito.

Marília nos esperava na praça de alimentação. Fizemos nossos pedidos e nos sentamos para comer uma comida totalmente gordurosa. Me surpreendi por minha sogra não ser adepta de dieta. Ela parecia ser tão certinha que não a imaginei comendo hambúrguer.

Samira continuava sem falar comigo e quando eu falava algo ela respondia com monossílabos. Ela não parecia irritada, só desnorteada, pensativa, como se estivesse pesando prós e contras. *Sobre o quê?* Eu não sabia. Marília também havia percebido o distanciamento da filha, nem quando estávamos na loja comprando os vestidos, Samira mudou a fisionomia de seu rosto. E isso estava me preocupando. Talvez eu não devesse ter sido tão aberta com ela.

Olhei os vestidos mais uma vez não me agradando de nenhum. Na verdade eu estava focada

PERIGOSAS ACHERON

em Marília e no celular em suas mãos. A cada toque afirmando que uma nova mensagem chegara, meu coração afundava em meu peito. Mas logo retornava ao lugar quando ela se voltava para as roupas e não para mim com um olhar acusatório.

— O que acha desse Mariana? — olhei o vestido cinza. Não era feio. A frente era toda bordada com pérolas. Só tinha pano demais, na saia, na manga, por todos os lados e cinza não era a minha cor.

— Talvez uma cor mais viva. — sugeri. Ela olhou de mim para o vestido.

— Realmente não vai combinar com você, mas em mim ficará divino. Irei prova-lo. — disse largando sua bolsa numa poltrona com o celular. — Voltarei logo. Por favor, olhe minhas coisas.

Assim que Marília entrou no provador, peguei seu celular abrindo a tela e procurando algo que pudesse me incriminar. Eu sei que isso era totalmente errado, mas o que eu podia fazer? Eu precisava saber se ela já sabia de algo ou não.

— O que você está fazendo? — Samira se pronunciou ao meu lado preocupada.

— Cansou de me ignorar? — cutuquei.

Abri o e-mail. Havia um link do site enviado por uma mulher chamada Fátima duas horas atrás. O e-mail havia sido aberto. Então ela sabia. Desde que cheguei, ela já sabia. Procurei nas mensagens e me admirei com a quantidade de mensagens com palavras indignadas que ela recebera sobre mim e Kamal.

— Eu não... — começou Samira, mas foi interrompida por meus palavrões em português. — O que houve?

— Sua mãe sabe. — disse simplesmente e Samira abriu bem os olhos assustada.

— Mas porque ela não disse nada?

Essa era a questão. Ou ela estava esperando chegarmos em casa e soltar os cachorros em cima de mim ou ela estava ignorando. *Mas por quê?*

Eu precisava falar com Kamal. Peguei meu celular e liguei para ele.

— Kamal. Temos mais um problema. — nem esperei sua saudação.

— *Mari. Não posso falar agora.* — ele estava um pouco alterado. *Comigo?*

— Mas... — comecei. Fui interrompida por alguém.

— *Kamal você vai demorar? Eu estou com fome.* — uma voz melodiosa atravessou os fones do celular. Franzi o cenho. Eu já tinha ouvido essa voz. *Mas onde?*

— *Mari preciso desligar, depois eu te ligo.*

— Conseguiu tirar o vídeo do ar? — perguntei ansiosa. Pelo menos isso ele tinha que me responder.

— *Depois conversamos.*

— Certo. — e ele desligou. Sem um tchau, até logo e nem beijo. Encarei o celular por alguns segundos e voltei para dentro da loja preocupada e desconfiada. *Onde eu havia ouvido essa voz?*

\*\*\*

Estava andando de um lado a outro no quarto. Desde que voltei do shopping Kamal não havia me ligado ou mandado uma mensagem. Mas o vídeo havia saído do ar. Marília também não disse nada e eu estava esperando que a qualquer momento ela arrombaria a porta e me puxaria pelos cabelos para fora de sua casa. Mas isso não aconteceu. E eu não sabia se ficava grata ou mais

PERIGOSAS ACHERON

preocupada.

Resolvi tomar um banho de banheira para aliviar a tensão do dia. Samira apareceu uma hora depois para conversar e ajeitar meu cabelo que segundo ela ficaria lindo em um coque. Mas eu não estava preocupada com isso, eu estava preocupada com o rumo de sua conversa.

— Então? — começou indecisa penteando meus cabelos para trás. — Quando você perdeu a *virgindade*? — ela sussurrou a última palavra.

Pesei na balança responder a sua pergunta e não achei que faria mal ela saber.

— Eu tinha dezesseis.

— Doeu?

— Muito. — sorri.

— Então porque você continua fazendo?

— A primeira vez dói. Não vou mentir, mas depois a sensação é deliciosa.

— Mas... você gostou? — a encarei pelo espelho da penteadeira tentando entender aonde ela queria chegar com essa conversa.

— Acredito que sim. — ela já havia prendido o coque e estava soltando algumas mechas por meu rosto e pescoço. — Samira, porque tanto interesse

PERIGOSAS ACHERON

no assunto?

— Por nada. — deu de ombros como quem não quer nada, mas seu rosto não me enganava. Peguei em suas mãos e virei para encará-la.

— O que você está aprontando?

Desde que Samira entrou essa manhã na cozinha radiante, eu sabia que ela escondia algo e depois dessas perguntas todas, eu só podia deduzir o pior e eu esperava seriamente estar errada. Eu não queria que Samira sofresse por causa de uma decisão errada. Era diferente comigo, com o país no qual eu morava. Eu não tinha e nem tenho nada a perder ao dormir com alguém, não serei desmoralizada e muito menos abandonada por minha família. Mas ela. Com ela era diferente. E mesmo que eu quisesse a apoiar em tudo, eu não podia.

— Eu só estou curiosa.

— Tudo bem. O que você quer saber?

— Tudo. — ela começou a me bombardear de perguntas, mas Kamal abriu a porta do quarto com a sobrancelha erguida quando ele ouviu ela dizer: Sexo oral. O rosto de Samira não podia ficar mais vermelho de vergonha. Eu quase ri, mas aí eu

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

me lembrei que eu estava chateada com ele. Eu não sabia o porquê. Mas estava.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou curioso.

— Preciso me arrumar. — Samira saiu como um tornado do quarto.

— Mari! — ele chamou minha atenção tentando me fazer falar, mas minha boca era um túmulo. Me virei para a penteadeira mudando de assunto.

— Você não retornou a ligação. — murmurei chateada. Eu não acredito que eu estava chateada com ele por isso. Ou seria pela voz feminina que ouvi?

— Me desculpa. Muito trabalho.

Dei de ombros como quem não se importa.

— Você conseguiu tirar o vídeo. — afirmei sem olhá-lo, colocando máscara de cílios.

— Claro que consegui. — ele se aproximou para beijar o ombro desnudo com o roupão, levantei me afastando.

— Que bom.

— O que é que você tem? — perguntou com a cabeça torta me avaliando.

## PERIGOSAS ACHERON

— Nada. — disse me sentando na cama.

— Então porque você está se esquivando?

— Eu não estou. — desafiei.

— Então você não vai se importar se eu fizer isso. — ele se jogou em cima de mim, me prendendo na cama e capturando meus lábios. Então todo medo, desconfiança e anseio saiu de mim e me deixei ser beijada por ele. — Senti sua falta. — disse quando se separou.

— Eu também. — ele encostou a cabeça na minha e fechou os olhos.

A verdade era que eu e Kamal tínhamos uma rotina no Brasil, nos víamos todos os dias, compartilhávamos a hora do almoço e agora, nos não tínhamos nada, só alguns momentos durante a noite.

— Trouxe uma coisa para você. — ele se levantou e pegou uma caixa que havia largado perto da penteadeira. Pelo tamanho eu sabia o que era. Principalmente quando me lembrei do café da manhã e ele dizendo que tinha o vestido perfeito para a noite. Ainda bem, porque eu odiei o vestido que Marília escolheu para mim.

Ele me entregou o pacote e eu abri a caixa.  
PERIGOSAS ACHERON

Era um vestido na cor de um rosa bem claro, com renda decotada na parte da frente e atrás. O vestido era lindo e vulgar. Pelo menos para aquele país. Como sempre Kamal acertara num vestido para mim. Mas tinha um problema. A falta de pano.

— Cadê as mangas? E esse decote? Minha barriga e costas vão ficar à amostra.

Kamal simplesmente deu de ombros como se não se importasse.

— Você vai ficar linda!

— Onde você encontrou esse vestido? — eu havia andado por todo shopping e não havia encontrado nada semelhante a esse vestido.

— Mande reformar um vestido que eu havia visto na vitrine.

— Por quê? — eu estava atônita com sua ousadia.

— Percebi que adoro a cor de sua pele e não quero que você esconda seus belos braços e suas perfeitas costas.

— Sério? — eu estava perplexa. Então me lembrei da nossa conversa no hotel. Essa era sua prova que ele não se importava com minhas roupas.

— Sérissimo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua mãe vai me matar se eu usar isso. —  
com certeza ela não vai deixar nem eu sair de casa.

— Não se preocupe com ela. — *como não me preocupar?*

— Ela sabe sobre o vídeo. — soltei a bomba.  
Kamal me encarou pensativo.

— Ela falou alguma coisa?

— Não. Mas estou esperando a qualquer momento ela entrar por essa porta e me arrastar pelos cabelos até o aeroporto. — dramatizei e o que recebi foi uma única palavra.

— Estranho.

— O que é estranho?

— A atitude dela. Conheço minha mãe, ela não deixaria algo assim passar. Seja lá o que ela esteja pretendendo fazer, o jeito é esperar.

*Esperar.*

— Odeio essa palavra.

Kamal se aproximou da caixa e retirou uma caixa de veludo de dentro a abrindo em seguida. Perdi o ar enquanto meus olhos eram ofuscados pelos brilhantes incandescente.

— É uma jóia de família e eu gostaria que usasse hoje.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— São lindas. — disse passando os dedos pelos brilhantes.

— Vou deixar você se arrumar. — Kamal me deu um selinho. — Não fique preocupada a toa, não fizemos nada que dar uns amassos. — ele riu. — Minha mãe já foi jovem e sabe o que é isso.

— Mas... — tentei argumentar, mas ele só balançou a cabeça negativamente me calando com um beijo duro.

Kamal saiu do quarto. Me aproximei do espelho e peguei o vestido o colocando a frente do meu corpo.

Bom. Se era para causar, pelo menos seria com estilo.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 15

Coloquei  
primeiro o  
pé direito à

frente na escada para descer. Eu precisava de sorte. E estava muito nervosa. Com certeza minha querida sogra iria pirar quando visse que não estava vestida com o vestido que ela escolhera. Tudo isso porque meu querido noivo queria provar o seu ponto. Suspirei. *Que se dane!* Dei outro passo e dito e feito, assim que me viu ela pirou.

— O que significa isso? — perguntou indignada. — Volte e troque esse vestido.

Engoli seco por seu tom autoritário.

— Nem pensar. — se pronunciou Kamal. Ele se aproximou e me segurou pela cintura. — Você está linda. Ficou perfeito. Como imaginei que  
PERIGOSAS ACHERON

ficaria. — sussurrou para que só eu escutasse.

Encarei Samira que soltou uma risadinha, mas logo se encolheu com a olhada severa que seu pai deu.

— Kamal. O que significa isso? — agora era a vez do senhor Abdo se pronunciar abismado.

— Nada papai. Eu dei o vestido a Mari e gostaria que ela o usasse esta noite. Se vocês não gostam é só não olhar para ela, ao contrário de mim que não tirarei os olhos. — por um segundo meu coração parou com sua resposta aos seus pais. Ele sorriu para mim e eu me acalmei.

Kamal saiu me arrastando pela porta sem esperar por ninguém. Entramos na limusine e esperamos os outros se acomodarem. Marília não me encarou por longos minutos pensativa, mas por fim se virou para mim com um sorriso. E eu não gostei nada disso.

Chegamos à festa que seria num hotel luxuoso. Havia alguns paparazis na entrada, mas nada alarmante como no Brasil. A festa não era de ninguém famoso, mas um conhecido e rico senhor. Um árabe baixinho vestido com uma túnica branca e um turbante dourado nos saudou, nos guiando

PERIGOSAS ACHERON

para a festa.

Ele parou entre duas portas duplas, uma de frente para outra e se virou para nós. Com a mão direita apontou falando:

— Salão dos cavalheiros. — apontou com a mão esquerda para a outra porta. — Salão das damas.

Sr. Abdo entrou no salão que o homem apontara para os cavalheiros.

— Te vejo mais tarde. — Kamal se virou para mim beijou minha testa e se afastou entrando pela mesma porta que seu pai. Eu não estava entendendo nada.

— Por que vamos ficar em salões separados? — perguntei a Samira curiosa.

— Para ficarmos mais à vontade. Aqui nos podemos nos despir dos véis, burca ou qualquer pano que nos cubra. — disse já se desfazendo de seu véu e entregando a uma mulher na entrada. Marília que estava de burca a retirou revelando o vestido cinza que ela havia comprado. Samira estava com um vestido azul todo coberto até os pulsos e sem a burca, só o véu que ela entregara cobria seus cabelos soltos. E jóias, elas usavam

PERIGOSAS ACHERON



muitas delas. Por um momento agradei pelo conjunto de brilhantes em meu pescoço, orelhas e pulso. — E podemos dançar, conversar, rir sem se preocupar com o que os homens vão pensar ou reclamar. Podemos fazer o que quisermos. — disse animada. — E Mari, assim como os homens não podem entrar no salão das mulheres, as mulheres também não podem entrar no salão dos homens.

Assenti entendendo. Me senti mais tranquila depois dessa informação, já que meu vestido não era muito apropriado para uma festa com vários homens machistas e desse jeito seria mais fácil me enturmar. Assim eu esperava.

— Mariana. — Marília me chamou com um sorriso travesso. Era a primeira vez que ela falava comigo depois que me viu vestida. — Venha. Quero te apresentar a algumas amigas.

Eu não queria conhecer suas amigas, mas não reclamei e a segui. Essa foi a minha pior decisão.

Marília me guiou por todo salão para me apresentar as mulheres da alta sociedade e para meu desagrado fui renegada por todas. Muitas das mulheres mal me olhavam e quando faziam me olhavam de cima a baixo com desprezo. Aquilo me

PERIGOSAS ACHERON

feriu. Mas Marília não parou, indo me apresentar para as mulheres mesmo elas não querendo me conhecer. Ela estava com um sorriso cínico no rosto e parecia satisfeita com seu feito, nem se importando de eu ser ignorada.

Ela estava se vingando e se satisfazendo com a minha rejeição.

Aproveitei que sua amiga Fátima — a mesma que havia mandado o link do site para ela, — a chamou e me aventurei no banheiro tentando conter as lágrimas. Me tranquei uns segundos em uma das cabines e tentei controlar as lágrimas que tentavam cair. *Calma, respira Mari.*

Mais calma, sai do banheiro e me aproximei do enorme espelho tentando ver se a maquiagem havia borrado em algum lugar. Por sorte não havia muita gente no banheiro, só uma mulher lavando as mãos e outra na cabine do meio, que entrou assim que eu sai. Lavei as mãos quando a porta do banheiro foi aberta.

Marília entrou no banheiro e se aproximou me encarando pelo espelho.

— Está satisfeita? — seu tom era de reprimenda. — Está vendo o que você fez? Você

PERIGOSAS ACHERON

estragou tudo. Eu construir ao longo dos anos uma reputação, você não sabe como foi difícil ser aceita pela sociedade e você destruiu em segundos minha imagem ao entrar naquele maldito hotel. Eu só pedi respeito e você me retribuiu com desonra.

Eu sabia que ela estava chateada, mas eu não imaginei que isso tudo fosse pelo vídeo e não pelo vestido.

— Você pediu que eu respeitasse sua casa e foi isso que eu fiz. — respondi contendo as lágrimas que ainda queriam sair. Ela me odiava.

— A Arábia é minha casa. — disse sem tirar a sua atenção do espelho. — Não sei o que você estava pensando, mas isso não pode acontecer novamente. Você nunca será respeitada quando casar com Kamal se continuar a agir como uma mulher mundana. — ela suspirou e se virou para mim. — O que aconteceu hoje é só uma pequena prova do que está por vim. As mulheres árabes não aceitam muito bem *nossas* culturas. — ela pegou minhas mãos. — Sinto muito. Eu só quero lhe mostrar como será sua vida daqui para frente quando se casar.

Marília saiu do banheiro me deixando

## PERIGOSAS ACHERON

atordoada. Ela me confundia. Eu sabia que Marília teve que abdicar mão de muita coisa para poder casar com Abdo pai, e só agora eu me dei conta que eu não poderia mudar a Arábia, se eu quisesse ficar com Kamal eu teria que me juntar a ela e me integrar ao sistema. E por um momento eu tive pena.

Pena de mim, de Marília e de todas as mulheres sem direito a uma escolha. *Mas eu tinha uma escolha e Marília fez a sua.*

\*\*\*

Me escorei num canto com uma taça de champanhe nas mãos. Eu me sentia mal e só queria ir embora. Todos os meus medos e receios me atacaram de uma vez e eu só queria chorar em minha cama — não na casa dos Abdos, mas na minha cama no Brasil. Eu queria voltar para casa!

Eu já havia estragado tudo mesmo, nunca seria aceita pela sociedade e família de Kamal. Muito menos estava preparada para abrir mão de tudo. Então porque meu coração doía com o pensamento de deixá-lo? Eu sabia a resposta, só

PERIGOSAS ACHERON

não gostava de admitir.

*Será que Kamal vale a pena?*

— Olha só o que encontrei. — uma voz melodiosa e conhecida se pronunciou ao meu lado. Virei o rosto para encarar a última pessoa que gostaria de ver ou falar nessa festa. Tamires.

— Não estava me escondendo. — disse me voltando para olhar as mulheres se divertindo na festa. Qualquer coisa era melhor do que olhar a mulher ao meu lado.

— Você realmente ficou bonita nesse vestido. — sorriu. — Ainda bem que Kamal ouviu meu conselho. Você sabe que homens são terríveis em escolher roupas femininas.

Estremeci com sua declaração. Ela tinha ajudado Kamal a comprar esse vestido? Olhei o vestido em meu corpo como se estivesse queimando minha pele. Então reconhecimento me bateu. A voz no telefone. *Como eu não tinha percebido? Burra!*

— Você estava com Kamal. — não era uma pergunta.

— Tivemos um delicioso almoço.

*Cafajeste!*

— Eu não acredito em você. — disse as palavras por dizer, mas eu sabia que tudo o que ela estava falando era a mais pura verdade. Eu mesma a ouvi dizendo que estava com fome ao telefone quando eu liguei e ele me ignorou. Ele tentou se livrar de mim o mais rápido possível. *Desgraçado!*

— Não me importo. Apreciei muito o almoço. — disse bebericando a bebida em suas mãos.

A melancolia que eu sentia foi substituída por raiva. Muita raiva.

— Aprecie isso também vadia. — xinguei jogando o champanhe das minhas mãos na sua cara. Não esperei para ver sua reação, seus xingamentos ou a reação das mulheres ao redor. Me afastei, saindo do salão das mulheres indo em direção ao outro salão. Aquele em que eu não podia entrar, mas quem se importa eu tinha um árabe para castrar.

\*\*\*

Invadi o salão irada. *Como ele pôde fazer isso?* Eu sabia que não podia confiar em Kamal.

PERIGOSAS ACHERON

Aquele filho de uma égua. *Mas ele vai ver, ah se vai.* Não prestei atenção nos olhares nada amistosos que estava recebendo. Olhei ao redor do salão procurando o desgraçado.

O encontrei mais ao fundo conversando com seu pai e alguns homens. Ele ainda não tinha me visto e isso era uma vantagem. Passei pelo amontoado de gente que não sabia o que fazer com uma mulher louca invadindo um salão proibido e me posicionei as suas costas.

— Canalha. — esperei ele se virar para mim e quando o fez meti a mão na sua cara. O estralo fez o salão já silencioso pela minha entrada ficar sepulcral.

Kamal me olhou atordoadado, sem saber o que fazer ou dizer.

— O que está acontecendo? — Sr. Abdo perguntou indignado com minha atitude.

— Melhor perguntar ao canalha do seu filho. — gritei. A raiva fervendo meu sangue. Kamal me agarrou pelo braço.

— Chega Mariana. — ele estava muito irritado e praticamente rosnou as palavras. Estava me arrastando pelo salão até a saída quando eu

PERIGOSAS ACHERON

reconheci um senhor gorduchinho que havia visto recentemente numa foto com uma vadia. Finquei os pés no chão parando bem ao seu lado.

— O Senhor é Ibraim Dahad, marido de Tamires. — é claro que era ele. Eu o reconheceria de olhos fechados, mas eu queria confirmar.

Ele me olhou de cima a baixo com nojo.

— Sim. Sou eu. — sua voz grossa me arrepiou a espinha. Esse era um homem que não gostava de ser contrariado. Por um momento tive medo do que iria fazer, mas aquela vadia merecia.

— Ótimo. Espero que o senhor seja gentil e tenha uma boa conversa com a vadia da sua esposa para que ela não volte a colocar as mãos no que não lhe pertence. — toquei sua cabeça. — Está na hora de cortar os *chifres*, estão muito grandes.

Eu nem sabia se ele sabia o que “*chifre*” queria dizer, mas disse mesmo assim. O homem me olhou abismado, não pude ouvir sua resposta porque Kamal me arrastou dali.

— Certo. Hora de ir.

Kamal me empurrava sem pena e consideração. Sua ira era palpável, a minha também. Tentei me soltar várias vezes, mas seu

PERIGOSAS ACHERON



agarre era forte. Saímos para a rua, ele procurou pelo motorista e fez sinal para que trouxesse o carro. Então ele me girou para ele e me encarou.

— Você ficou louca? — rosnou. — Você tem noção do que acabou de fazer, só por essas palavras Ibraim pode matá-la.

Estremeci com a realidade, mas não baixei a cabeça. Eu havia sido traída e com uma mulher traída não se brinca.

— O quê? Agora vai defender a vadia? Ou vai dizer que ela não estava hoje com você em um *delicioso* almoço? Canalha.

Ele respirou repetidas vezes tentando se acalmar.

— Isso não é motivo para armar um escândalo.

— Não é? — gritei. — Você a levou para escolher esse vestido, almoçou com ela e fez sabe mais Deus o quê, e você vem dizer que eu não tenho motivo para tanto. — respirei me afastando um pouco dele. — Não sei como vocês agem aqui na Arábia. Até sei, as mulheres abaixam as cabeças para traições, mas deixe eu te informar querido. Eu não sou uma de suas mulheres e não vou ficar

PERIGOSAS ACHERON

calada diante de tanta desconsideração. — tirei os sapatos os jogando em sua cara. Pelo menos tentei, um atingiu a coxa e o outro a sua mão. Sou péssima em pontaria, mas eu não havia acabado. — E outra coisa. Eu não quero essa porcaria de vestido. — disse revoltada tirando-o de mim.

Eu não queria nada que aquela desgraçada havia escolhido. Joguei o vestido em sua cara e ele me olhou perplexo pegando o vestido. Cruzei os braços em desafio. Por essa ele não esperava.

Foi então que eu percebi. Olhei ao redor, com algumas pessoas me encarando de boca aberta. Eu estava semi nua no meio de uma rua qualquer na Arábia. Um pouco de juízo brilhou em minha mente.

*Merda! Eu e minha impulsividade.*

Kamal ainda se recuperava da minha inlucidez. Porque para fazer o que acabei de fazer, eu tinha que ser mesmo louca. Ele rapidamente empurrou o vestido para o meu corpo tentando me cobrir e me arrastou até a limusine que estava próxima. Praticamente me jogou dentro do carro e entrou fechando a porta em seguida.

— Para casa — foi a única coisa que ele  
PERIGOSAS ACHERON

disse ao motorista e o carro se pôs em movimento.

Na confusão o vestido foi parar no meu colo. O joguei no chão cruzando os braços, indignada pelo que tinha ocorrido. Esse árabe desgraçado me enrolou direitinho, já não bastava o Edu, ele também tinha que me trair. *Obrigado Deus. O senhor só arruma homem que não presta para mim. Tanto que eu pedi para o senhor não me fazer dar para ele e agora me encontro nessa situação novamente. Obrigado!*

O caminho foi feito em silêncio. Não precisava olhar para Kamal para saber que ele estava quente de raiva, mas eu estava fervendo. Eu confiei nele, me entreguei a ele e olha o que ele faz? Me traí na primeira oportunidade com a vadia. Isso eu não posso perdoar e não vou perdoar. Cachorro, safado, desgraçado.

A limusine parou em frente a mansão, e antes que eu pudesse dá um pulo de ninja e sair. Ele segurou meu braço.

— Você tem dez minutos para fazer um pequena mala e me encontrar na garagem.

Um alarme em minha consciência se ascendeu. Ele estava me mandando de volta ao PERIGOSAS ACHERON

Brasil? Bom. Depois do que aconteceu, eu que deveria me auto despachar. Mas ele disse uma pequena mala e eu tinha mais que uma.

— Eu não vou a lugar nenhum com você. — disse já me preparando para uma briga. Cruzei os braços fazendo birra.

— Ah você vai sim. — seu tom não deixava brechas para discussões. Ele abriu a porta do seu lado e saiu, deu a volta e pegou meu braço cruzado me arrastando para fora. — Dez minutos.

— Eu não vou. — finquei os pés no chão. — Eu vou pegar o primeiro voo para casa.

— Não vai. Nove minutos. — disse firme. — Se preferir posso levá-la do jeitinho que está, para mim não será problema.

— Não vou! — disse. — Eu quero ir para casa. Depois do que você fez, não tenho razão para continuar aqui.

Eu queria chorar, mas não ia dar esse gostinho a ele.

— Tudo bem. — disse suspirando e pensei que ele havia aceitado meu retorno, mas Kamal me pegou pelas pernas me jogando em seu ombro e se encaminhando para a garagem. *Merda!*

Soquei suas costas.

— Me solta seu árabe dos infernos, me solta.

— Se continuar a me bater vou ter que te bater também. — sua mão alisou minha bunda. — Você tem uma bunda linda.

Parei de soca-lo.

— Tá bom. — aceitei me contorcendo. — Eu vou. Me deixe pegar minhas coisas.

— Seu tempo expirou.

— Por favor! — supliquei. Eu não queria ir com Kamal para qualquer lugar, mas ir vestida e com uma mala de roupa, é melhor do que semi-nua.

Ele me pôs no chão.

— Sete minutos.

Entrei dentro da casa correndo e quase me arrebentei na escada por tropeçar nos degrais. *Árabe filho da mãe!* Cheguei ao quarto e peguei minha bagagem de mão analisando as roupas contidas nela, peguei meus produtos de limpeza no banheiro e vesti um vestido longo florido. Não me importei com o longo decote e sai pisando duro pelo longo corredor. Eu o odeio. Ele não pode me obrigar. Mas que chance eu tenho contra Kamal, ele é mais forte e mais rápido que eu e conhece

PERIGOSAS ACHERON

toda a Arábia. Eu não tenho para onde fugir.  
*Desgraçado!*

Kamal já me esperava dentro de seu carro, até parecia que ele já tinha uma mala feita e tudo planejado. Isso ou ele jogou todas as roupas dentro da bolsa sem arrumar. *Homens!*

— Para onde vamos? — perguntei não gostando nada disso.

— Para o deserto. — Kamal ainda estava irritado. Ele nem me olhou quando respondeu, então preferi me calar. *Espera aí, deserto? O que iríamos fazer no deserto?* Será que ele vai me matar e esconder o meu corpo lá? Vendo meu desconforto ele respondeu: — Meus pais tem uma casa de veraneio lá. Iremos passar alguns dias. Eu meio que pretendia partir pela manhã, mas devido as circunstâncias. — deu de ombros.

*Ótimo! As pessoas no Brasil teem casas na praia ou na serra. Os Árabes tem casa no deserto.*

Kamal ligou o carro. Observei para onde íamos, mas a escuridão da noite fazia impossível definir o caminho, caso eu precisasse voltar.

Me remexi desconfortável. Já fazia mais de duas horas que estávamos dentro do carro e minha  
PERIGOSAS ACHERON

bunda já começava a doer. Kamal não havia dito mais nada e eu queria saber se faltava muito para chegarmos. Mas eu não daria o braço a torcer e seria a primeira a falar. Virei de lado e escorei a cabeça olhando a faixa amarela do asfalto. Não sei como, mas acabei adormecendo no caminho. Despertei com braços me envolvendo na coluna e pernas. Eu estava cansada, mas não iria permitir que ele me carregasse como se tudo estivesse bem.

Não estava.

— Eu posso andar. — me movimenteí saindo de seus braços e seguindo para dentro da casa. Estava frio e escuro. Eu só queria me aconchegar em qualquer cantinho que tivesse um cobertor. Mas não pude deixar de reparar que estávamos num lugar inacessível e rochoso. Um belo lugar para um assassinato.

Um casal nos esperava na entrada. Eles cumprimentaram Kamal assim que nos aproximamos e Kamal os apresentou para mim como Sr. e Sra. Abida. Eu estava cansada. Ao que parece Kamal havia ligado e informado que chegaríamos esta madrugada, não pela manhã para que preparassem a casa.

## PERIGOSAS ACHERON

A viagem durou umas quatro horas e logo amanheceria. Não gostei do olhar nada amistoso da mulher, principalmente quando ela resmungou algo como “*indecente e imoral*” sobre estarmos sozinhos quando o homem perguntou se só seria nos dois. Pelo seu olhar ele também não gostou. Mas não me importei com a minha integridade no momento, eu só queria dormir e tentar levantar minha moral com essa gente era perca de tempo.

A mulher me mostrou o meu quarto, com vista para um pequeno vilarejo distante. O quarto era rústico, com muitos móveis de madeira, mas isso não importava. O que eu queria era um banho e cama. Isso se eu tivesse forças para chegar ao banheiro.

Já sozinha, comecei a me despir tão absorta em minha tarefa que nem ouvi a porta do quarto ser aberta. Kamal me pegou desprevenida. Ele me virou para ele, segurando meus pulsos e nos jogando na cama.

— O que significa isso? — tentei me soltar.

— Precisamos conversar. — ele estava sério, muito sério.

— Eu não tenho mais nada para falar.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu tenho.

Eu sabia que era perca de tempo ficar discutindo, então resolvi ouvi-lo já sabendo que ele tinha preparado uma desculpa bem elaborada para a situação. Mas eu já fui uma mulher traída e mulher traída não se deixa enganar duas vezes.

— Tudo bem. Pode sair de cima de mim pelo menos? — ergui a sobrancelha enfatizando meus pulsos presos.

— Não. Desse jeito você não vai fugir.

— Se você não percebeu, estamos no meio do nada. Nem sei voltar para Riade, muito menos o caminho para a civilização. Então não tem como eu fugir.

Ele me ignorou.

— Eu não almocei com ela. — sua primeira desculpa.

— Não? — comecei sarcástica. — Pensei ser a voz dela ao telefone, acho que me enganei e era a Virgem Maria.

— Estou falando sério Mariana.

— E quem aqui está brincando? — perguntei. — Espera aí. — parei. — Você. Com os meus sentimentos.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu não almocei com ela. Eu almocei com um investidor e sua esposa.

— Mentira. Era a voz dela ao telefone. — ele não vai me enrolar, não vai. As lágrimas ameaçaram sair, mas as segurei.

— Ibraim é um dos investidores da empresa e queria uma reunião comigo. Um almoço de negócios, eu não sabia que ele a levaria, se soubesse teria te levado também. No momento que você me ligou eu estava saindo, meu pai também estava presente. Seja lá o que Tamires te disse, ela só quis provocar.

Ele parecia estar falando a verdade. *Te concentra Mari. Ele é homem, sabe mentir.*

— Mentira. — acusei.

— Não estou mentindo. Se quiser podemos ligar para o meu pai, ou o próprio Ibraim.

Ele pensa que me engana. Ele esqueceu uma questão.

— E o vestido? — perguntei sabendo que o tinha pego em saias justas, mas surpreendentemente ele tinha uma desculpa para isso também.

— O vestido havia chegado no momento em que íamos sair, estávamos na minha sala. Curiosa  
PERIGOSAS ACHERON

ela abriu a caixa, o que foi errado. — ele me olhou com um olhar de cachorro morto. — Você acredita em mim?

— Não sei. — eu não sabia mesmo. Ele parecia dizer a verdade, mas eu me ressentia em acreditar. Poxa, ele é Kamal Abdo. O homem mais mulherengo que conheci e que me apaixonei. Tudo aponta culpado, mas se ele estivesse dizendo a verdade?

— Eu não te traí, mas você não podia ter feito o que fez. Não podia ter invadido o salão, batido em mim na frente de todos e falado com Ibraim. Por causa disso eu vou te punir.

— Me punir? — um alarme soou em minha cabeça.

— Sim.

Comecei a ficar assustada.

— De que maneira? — *ele iria me bater?*

— Da maneira que eu sei melhor.

Kamal se levantou e começou a se despir. Apreciei a visão de seu corpo ficando nu e não me mexi. Ele ia me punir com sexo? E isso lá era punição.

— Você não pode fazer isso. Eu ainda não te

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

perdoei. — me levantei pondo distância entre nós. Eu não ia transar com ele.

— Então somos dois. Porque meu rosto ainda está doendo.

— Bem feito. — tentei chegar a porta, mas o desgraçado estava mais próximo e me agarrou no instante que entendeu minha intenção.

Ele me jogou na cama e tentou subir em cima de mim. Chutei sua costela. Ele caiu de lado, mas segurou no cóis da minha calcinha no segundo que levantei me fazendo voltar para a cama. Ele se jogou em mim segurando meus braços, chutei o meio de suas pernas, quase acertando em cheio o seu amiguinho. Isso o desequilibrou fazendo com que eu conseguisse inverter nossas posições. Me joguei com tudo em cima dele e me levantei. Corri para a porta novamente e quase consegui abrí-la, mas ele segurou meus pulsos, os prendendo nas costas e me prensando de cara na parede.

— Sexo selvagem. — disse entre arfadas. — Adoro!

Eu já estava cansada, minha respiração partindo e não tinha mais forças para me defender ou correr.

## PERIGOSAS ACHERON

— Perverso.

Ele se aproximou e sussurrou em meu ouvido.

— Só pra você.

— Se você chegar mais perto eu vou gritar.

— Pode gritar querida, mas você não vai fazer isso pelos motivos que está pensando.

Ele me soltou e me virou. Tentei arranhá-lo, mas ele logo pegou meus braços os colocando acima da minha cabeça e reivindicando meus lábios. Não lutei. *Eu sou tão fácil assim?*

Senti o colchão as minhas costas, minha calcinha logo teve um único destino: o chão. Juntamente com o meu sutiã. Eu devia ser muito fácil mesmo, para me entregar a ele depois do que aconteceu, mas quando seus lábios tocaram minha intimidade, lambendo e chupando. Eu esqueci o que estava pensando e me concentrei nas vibrações do meu corpo.

Eu estava quase lá. Já podia sentir as contrações de meu estomago, clamando por liberação. Mais um pouco e eu gozaria. Ele chupou e eu iria gozar quando ele parou de fazer pressão e me encarou. Meu gozo regrediu e eu tive vontade

PERIGOSAS ACHERON

de gritar. Antes que eu pudesse reclamar ele enfiou o rosto novamente em mim, enfiando sua língua por minhas terminações nervosas e chupando meu clitóris. Novamente me contrai com desejo, minha libertação perto, quando ele parou e me encarou com um sorriso cínico. Ele estava me torturando, me castigando com sexo sem gozo.

— Por favor. — implorei. Mas ele não foi piedoso, fazendo tudo de novo.

Kamal me torturou da pior maneira que conhecia, eu não aguentava mais precisava gozar. Então tentei me afastar de sua tortura, mas suas mãos fincaram em meus quadris me prendendo. Levei minha mão até meu clitóris fazendo movimentos circulares para assim conseguir o que eu queria, mas ele logo percebeu segurando meus pulsos. — Por favor.

— Ainda não acabei. — ele disse com a voz rouca de desejo e percebi que eu não era a única torturada no processo. — Estou só começando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 16

**F**rustração,  
raiva e dor.  
Essa foi a

sequência de sentimentos que senti minutos depois. Algo líquido e quente molhava minha bochecha, e eu não pude mais me segurar. Não sei se foi pela vingança de Marília, ou pela vadia da Tamires ou pelo simples fato de eu querer gozar e não poder. A verdade é que eu não aguentava mais.

Um soluço arrancou de minha garganta e Kamal me encarou. Fechei os olhos com força e lágrimas caíram em abundância. Soluços e mais soluços saiam pelos meus lábios e eu não conseguia me controlar, eu não queria me controlar. Eu precisava disso. Realmente precisava.

Braços fortes me envolveram, me encolhi e  
PERIGOSAS ACHERON



enterrei a cabeça em seu ombro, e chorei.

— Me desculpa, me desculpa, me desculpa.  
— Kamal parecia desesperado, sem saber o que fazer para me acalmar. — Eu não te traí Mari. Eu juro, eu te amo tanto. Porque você não acredita em mim. — frustração e raiva transpareciam em sua voz. — Tudo o que eu falei é a mais pura verdade. Ibraim apareceu no escritório solicitando um almoço de negócios para saber sobre seu investimento, eu não podia recusar. Nem sabia que ele pretendia levá-la. Foi uma surpresa vê-los na minha sala. Se soubesse eu teria te informado e pedido para me acompanhar, eu juro. Quando você me ligou eu estava prestes a sair do escritório, já passava do horário de almoço e ele estava me pressionando. Eu não queria me livrar de você, Deus sabe que eu não queria... — para Kamal usar Deus e não Allah numa frase ele devia estar falando mesmo a verdade. — Mas então Tamires falou e eu sabia que você a tinha ouvido. Como você não falou nada imaginei que talvez por uma fração de segundo você não tinha prestado atenção e agradeci aos céus por isso. Me desculpa, eu não queria te magoar.

## PERIGOSAS ACHERON

Meu rosto ainda estava enterrado em seu ombro, mas levantei a face para olhá-lo.

— Eu acredito em você! — talvez eu tenha exagerado mesmo. Meu mal era sempre agir antes de perguntar. Devo agradecer ao Edu por me fazer uma pessoa tão desconfiada. Mas Tamires provocou, Marília provocou e antes que eu pudesse parar para pensar já estava praticamente nua no meio da rua. Não havia mais nada a fazer, a não ser lhe dar com as consequências.

O suspiro de alívio de Kamal me acalmou um pouco. Ele não estava mais com raiva de mim. O abracei apertado.

— Me desculpa também? Eu exagerei.

— Eu sabia desde do começo que você era um problema. — aquilo doeu um pouco em mim. Ele se ajeitou na cama, ficando cara a cara comigo. — Mas um problema que eu adoraria resolver. — e me beijou.

O beijou lento e calmo logo se aprofundou, se tornando mais forte e selvagem. Kamal não perdeu tempo. Estávamos no limite, então ele entrou dentro de mim. Estremeci por causa dos nervos sensíveis. Ele parou quando alcançou o

PERIGOSAS ACHERON

ponto desejado e me encarou.

— Você toma mesmo anticoncepcional?

— Sim. — disse rouca pelo desejo.

— Ótimo Porque dessa vez eu vou gozar em você.

Ele começou a se movimentar e meu estômago se contraiu. Eu não podia fazer mais nada. Minha intimidade já estava hipersensível. A única coisa que eu podia fazer era gozar e foi o que eu fiz. Minha vagina apertava seu pau e seu pau golpeava minha vagina. Arranhei suas costas com o orgasmo forte que me atingiu. Minutos depois Kamal atingiu o clímax, gozando em mim. Ele enterrou o rosto em meu ombro ofegante.

— Me lembre de nunca mais torturá-la. — disse ao meu ouvido.

— Por quê? — sorri já sabendo a resposta.

— Não é legal torturar e ser torturado de volta.

— Bem feito.

Kamal se retirou de dentro de mim e se jogou ao meu lado, me abraçando em seguida.

— Você acredita mesmo em mim?

O encarei. Seus olhos buscavam verdade.

— Sim. Agora será que podemos esquecer o que aconteceu essa noite?

Eu me sentia um pouco envergonhada.

— Eu posso fazer isso. Não sei se as pessoas que viram o ocorrido esquecerão. — ele suspirou preocupado. — Você me bateu na frente de várias pessoas da alta sociedade, vários homens que nunca viram uma mulher levantar a mão para eles. Sabe o que isso significa?

— O quê? — eu já estava com medo da resposta.

— Que eu devia te punir.

— Mas você não fez isso?

— Não. Não da maneira correta. — ele virou sem querer me encarar. — Eu deveria te bater para que você me respeitasse.

— Você quer me bater? — perguntei com os olhos arregalados em surpresa.

— Não.

— Por quê?

— Por que você não entenderia e me deixaria. E isso é pior que qualquer humilhação que você me fez passar.

— Desculpa. — sussurrei corando. Agora eu  
PERIGOSAS ACHERON

estava realmente envergonhada.

— Vamos esquecer. — disse se voltado para mim e beijando minha boca.

*Eu só arrumo problemas.* Pensei enquanto ainda o beijava. Desde que cheguei a Arábia eles me perseguem e talvez esteja na hora de voltar para casa. Confesso que sentirei saudade de nosso tempo juntos. Não sei como ficaremos depois que eu partir, mas eu não posso continuar aqui. Prometi duas semanas e irei cumprir, e depois que a semana acabar, conversarei com ele.

Algo vibrando chamou minha atenção.

— O que é isso?

— Meu celular. — respondeu Kamal nada satisfeito de levantar da cama para pegar o celular que estava dentro do bolso da calça descartada no chão. Ele encarou o celular pensativo.

— Quem é?

— Meu pai. — disse me mostrando a mensagem de texto. — Quer saber onde estamos. Está preocupado, já ligou várias vezes, mas só da fora de área. O sinal por aqui demora a pegar. — explicou.

— Seu pai não sabe que estamos aqui?

— Não.

— Ele vai ficar possesso por você não ir trabalhar hoje. — brinquei.

Ele riu.

— Eu não ia mesmo. — deu de ombros.

— Você não ia trabalhar?

— Não. O final de semana árabe se inicia na quinta-feira.

— Sério? — o encarei surpresa. — Quatro dias de folga. Acho que não quero mais voltar para o Brasil. — disse rindo.

— Se depender de mim você não volta.

— Kamal! — repreendi.

— Tudo bem. Conversaremos sobre isso depois. — disse voltando para a cama e me abraçando, beijou o topo da minha cabeça. — Mas deixe eu te informar que nossa segunda se inicia no sábado.

— Oh. — isso me desanimou — Acho que vou voltar para o Brasil mesmo. — provoquei.

— É melhor dormirmos antes que eu te prenda nesta cama e nunca mais deixei você fugir de mim.

Me aninhei em seu peito, me calando diante  
PERIGOSAS ACHERON

de sua ameaça. Era melhor mesmo, porque se ele soubesse das minhas verdadeiras intenções, era provável que eu amanhecesse toda acorrentada.

\*\*\*

O sol já estava alto no céu quando abri os olhos. Eu ainda estava sonolenta, mas algo vibrando na cômoda ao meu lado havia me despertado.

O celular de Kamal tocava insistentemente. O procurei pelo quarto, e o som de água escorrendo chegou aos meus ouvidos. Ele estava no banho. Me sentei e peguei o celular olhando quem estava ligando. *Aban.*

*Eu já ouvi esse nome.* Franzi a testa pensativa quando o reconhecimento me bateu. O primo. Aquele que estava concorrendo com Kamal a presidência.

Encarei o celular sem saber se atendia ou deixava cair na caixa postal. Resolvi atender e informar que Kamal estava no banho e não podia falar no momento.

— Alô? — falei ainda indecisa pela minha  
PERIGOSAS ACHERON

intromissão.

A pessoa do outro lado demorou um segundo para responder.

— *Desculpa. Acredito que liguei errado.*

— Você quer falar com Kamal? — perguntei. É claro que ele não havia ligado errado, era seu primo.

— *Sim. Quem é você?* — perguntou com certo interesse.

— Mariana. Você é Aban não é isso?

— *Sim. Como você sabe?*

— Bom... Eu sou a noiva de Kamal, é normal que eu sabia o nome das pessoas da família e seu nome apareceu no identificador.

A voz do outro lado de repente gargalhou.

— *Mas é claro. Desculpe meu esquecimento.*

— Sem problemas.

— *É um prazer finalmente falar com você.*  
— disse simpático. Pelo menos ele não tinha desligado ou me xingado. — *Infelizmente não pude comparecer a festa de boas-vindas. Eu estou viajando, mas soube que foi bem interessante.* — disse rindo de alguma piada interna.

*O que tinha sido interessante?* Ele realmente  
PERIGOSAS ACHERON



não tinha ido a festa de boas-vindas. As coisas naquele dia foram tão loucas que eu nem tinha reparado.

— Viajando? — perguntei sem entender.

— *Sim. Eu sou voluntário no médicos sem fronteira.*

— Ham? — *como assim voluntário? Médico?* — Mas eu pensei que você trabalhasse na empresa Abdo.

— *Economia não é o meu forte.*

— Você não está concorrendo com Kamal a presidência?

Ele parou um minuto.

— *Não.* — riu. — *Aquela empresa iria a falência se eu fosse o presidente.* — vendo que eu não respondera ou achara graça de seu comentário, ele parou de rir. Talvez pensando que eu não entendera a piada, mas eu havia entendido perfeitamente. O próprio Kamal uma vez me disse o mesmo quando tentava me convencer a aceitar ser sua noiva. — *Mariana?*

— Oi.

— *Você sabe qual é a minha profissão?* — não respondi. Mas eu já havia deduzido. — *Eu sou*  
PERIGOSAS ACHERON

*médico, nem se eu quisesse conseguiria gerir uma empresa. Não me dou bem com números.*

Eu ainda estava calada, analisando a situação e a única conclusão que eu havia chegado era a de que Kamal mentira para mim. Ele queria uma noiva para que seu pai percebesse que ele havia mudado e lhe entregasse a presidência — a qual estava concorrendo com seu primo, — mas era tudo mentira.

A família dele não aprovava nosso relacionamento. Ele sabia disso. Ele nunca precisou de uma noiva para chegar a presidência, mesmo assim me trouxe para a Arábia. *Por quê?*

— *Mariana?* — Aban continuava a me chamar ao telefone, mas eu não sabia o que dizer, meus pensamentos estavam confusos. *Eu fui enganada. Ele mentiu para mim. — Acho melhor eu ligar depois.* — disse um pouco confuso e desligou. Só percebi isso porque o “*tutu*” começou a soar em meu ouvido.

Abaixei o telefone de minhas mãos, atônita com a conversa que eu acabara de ter. Minha visão encontrou o deus grego que acabara de sair do banheiro. O mentiroso. O enganador. Raiva cresceu

PERIGOSAS ACHERON

dentro de mim.

*Mentiroso!*

*Canalha!*

— Bom tarde! — saudou com um sorriso e meu primeiro pensamento foi arrancar aquele sorriso de sua face. E eu consegui, quando joguei a primeira coisa que vi pela frente em sua direção.

O celular.

Kamal estava surpreso com meu ataque. Mas eu não o deixei expressar qualquer outro sentimento e continuei a jogar as primeiras coisas que via pela frente nele. Me levantei da cama para mirar melhor. Eu tinha uma péssima mira.

— Você ficou louca? — se esquivou do abajur.

— Louca eu fiquei quando acreditei nas suas mentiras. — joguei o travesseiro. Muito leve. *Preciso de algo mais pesado.*

Olhei ao redor e achei os sapatos.

— O que eu fiz agora?

— Eu descobri tudo seu mentiroso. — o encarei com o sapato na mão. Mirei e atirei. *Merda errei.*

— Do que você está falando?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acabei de falar com seu primo. Aquele que está concorrendo com você a presidência. Enganador! — gritei atirando o outro sapato.

Acertei no quadril, mas só porque Kamal havia ficado parado dessa vez, com o olhar apavorado. Ele xingou diversas vezes e se esquivou do relógio de cabeceira. Cansada de jogar coisas nele, fiz a única coisa sensata desde que atendi a ligação, comecei a me vestir. Peguei qualquer roupa na minha pequena mala sem me importar com o que seria, uma calça e blusa. Que se dane os árabes e seu costumes.

— Mari. Eu posso explicar. — se aproximou.

— Eu sei que pode. — disse colocando a blusa e me afastando. — Só não quero ouvir mais mentiras.

— Você não entende. — ele estava desesperado.

— Não, não entendo e nesse momento quero distância de você.

Calcei as sapatilhas, peguei minha carteira e fui em direção a porta.

— Aonde você vai?

— Para bem longe de você.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei a porta antes que ele pudesse me alcançar e sai em disparada pela casa. Kamal estava de toalha e ele teria que se vestir para poder me seguir. Isso me dava uma vantagem, mas eu precisava correr.

Sai da casa indo em direção a vila. Eu precisava pensar, analisar tudo, me acalmar antes de escutá-lo. Kamal sabia me ludibriar muito bem, principalmente quando me beijava, eu tendia a esquecer das coisas quando ele fazia isso e não queria que isso acontecesse.

Eu sabia que uma hora ou outra teríamos que conversar, até porque eu estava no meio do nada e não podia fugir sem me perder. Mas essa hora não seria agora.

*Mentiroso, falso, enganador, idiota...*

A vila ficava a uns três quilômetros da casa e eu suei para chegar lá, principalmente porque estava de estômago vazio. Olhei para trás para ver se Kamal me seguira, mas nenhum sinal dele. Andei pelo lugar a procura de um local para comer, pela direção do sol já passara do meio-dia e eu estava faminta. Ainda bem que lembrei de pegar minha carteira.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Foi quando eu vi a alguns metros de mim, um loiro perseguidor discutindo com um senhor árabe barbudo. Me aproximei com raiva.

— Edu, o que você está fazendo aqui?

O susto que ele levou quase me fez rir. Quase.

— Mari? Tudo bem? Que coincidência. — levou a mão a cabeça desconfiado.

— Sei. — o analisei melhor. — Vai me dizer que você está aqui, exatamente aqui é coincidência?

Ele me olhou por um segundo e suspirou.

— Tudo bem. Eu te segui.

— Eu não acredito nisso. — disse balançando a cabeça e me afastando. — Você passou de todos os limites agora Eduardo.

Ele se aproximou segurando em meu braço delicadamente.

— Mari, será que podemos coversar? É importante.

— Não seu maníaco.

— Por favor. Eu prometo que se você me ouvir, eu te deixarei em paz.

Pensei por um segundo.

## PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. Mas só porque eu não tenho nada melhor para fazer. — disse cruzando os braços.

Suspirou aliviado.

— Você conhece algum lugar que possamos comer? Eu estou faminto e não sei falar árabe. Estava tentando me comunicar com este senhor, mas ele também não me entende.

Olhei para o homem um pouco afastado de nós. Ele estava esperando algo. Me aproximei dele.

— Boa tarde! — saudei em árabe. — O senhor conhece algum lugar em que possamos comer?

— *Taeam?*<sup>[35]</sup> — perguntou com o cenho franzido.

— *Nem.*<sup>[36]</sup>

— *Hunak.*<sup>[37]</sup> — apontou para uma casa simples que estava de portas abertas do outro lado.

— *Shukraan.* — agradeci e me afastei do homem. Me aproximei do Edu o puxando pela camisa. — Vamos!

Edu não disse nada, apenas me seguiu. Entramos na casa e nos deparamos com várias mesas espalhadas pelo local. Algumas pessoas

## PERIGOSAS ACHERON

comiam por ali e não me senti confortável pelos olhares que recebi. Alguém soltou a palavra “*ajnabi*”, — não de uma forma amigável —, pensando que não entenderíamos, mas eu entendi.

*Estrangeiros.* Isso não deixava de ser verdade.

Nos sentamos e esperamos alguém nos atender. Uma senhora gorducha e com olhar nada acolhedor se aproximou. Expliquei para Edu as poucas opções que ela me citou, já que eu não conseguiria ler o cardápio. Optamos pelo simples e conhecido. Arroz com cordeiro. A mulher se afastou e me voltei para ele.

— Pronto. Estamos aqui. Agora desembucha.

— Eu queria te pedir perdão. — rápido e direto.

— Oi? — franzi o cenho sem entender.

— Eu estou fazendo terapia. — explicou. *Isso é novidade.* — Minha mãe me obrigou. Percebi na primeira sessão o quão obsecado eu estava por você e precisava me desculpar.

— Espera. Deixa eu vê se entendi. Você veio praticamente até o outro lado do mundo para pedir perdão a mim?



Nosso pedido chegou interrompendo a conversa. Meu estômago roncou e não esperei nem mais um segundo para atacar a comida. Edu continuou, nem se importando com a morta de fome ao seu lado.

— Meu terapeuta disse que eu tinha que fazer isso cara a cara devido ao dano que te causei.

*Dano? Que dano?*

— Que dano? — perguntei interessada parando de mastigar.

— Dano psicológico. Eu te trai e vivia atrás de você como um psicopata. Invadi seu apartamento diversas vezes, te persegui nos lugares, tentei controlar sua vida mesmo não estando com você. Ele acha que você passou a me temer e me ver como uma ameaça. Por isso me afastava e fugia de mim.

Isso não era de todo verdade, mas eu realmente queria Edu longe de mim. Ele era um lembrete constante de sua traição, e isso ainda machucava. Ninguém gosta de ser traída.

— Mas você não podia esperar eu voltar ao Brasil para me pedir perdão?

— Você vai voltar? — perguntou surpreso.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu pensei que você fosse morar aqui, já que vai se casar com *ele*.

Não respondi. Não porque eu estivesse cogitando a ideia de ficar na Arábia, principalmente agora que descobri as mentiras de Kamal. Mas porque eu não queria que Edu soubesse meus planos. Ele aparenta estar menos louco, está fazendo terapia, mas quem garante que ele não vai ter outro surto.

— Como você me encontrou?

— Não é difícil saber onde os Abdos moram. — sorriu. — Eu estava pensando no que fazer quando vi vocês chegarem numa limusine. Eu pretendia te abordar no dia seguinte, mas primeiro eu queria ver o local e como conseguiria falar com você. Vocês estavam discutindo e eu fiquei preocupado, então resolvi seguí-los. E aqui estamos.

— Hum. Você é louco. — acho que a terapia não está surtindo efeito. Ele continua um perseguidor. — Seu médico sabe que você está aqui?

— Não. Eu só vim realmente porque precisava me desculpar e não conseguiria passar

PERIGOSAS ACHERON

para a outra fase da terapia se não fizesse isso.

— Que outra fase?

— A de seguir em frente.

— Hum. — fazia sentindo. Cortei outro pedaço de cordeiro levando a boca. *Isso está muito gostoso. Ou será a fome falando?*

\*\*\*

Sáímos do restaurante depois que eu raspei o prato. Edu não falara nada e eu agradeci por isso.

— Onde você dormiu? — perguntei me dando conta agora que Edu não sabia falar árabe.

— No carro que aluguei. Estava tarde e eu não sabia dizer uma palavra para que me entendessem. Era a única opção. — deu de ombros sem importância.

— Você quer que eu fale com a dono de algum hotel? — olhei ao redor, mas o lugar não tinha muito a oferecer.

— Não precisa. Eu estou indo embora. — me olhou com um olhar triste. — O que eu tinha que fazer aqui, eu já fiz.

O olhei e percebi que eu não havia o  
PERIGOSAS ACHERON

perdoado.

— Tudo bem Edu. Eu te perdoou. — disse e foi como se um peso saísse da minha consciência.

— Obrigado.

O abracei demonstrando que falava a verdade e porque estava me despedindo dele. Eu o perdoava e esperava nunca mais vê-lo.

Nunca mesmo.

— Atrapalho algo? — a voz baixa e intimidadora me fez estremecer.

*Droga!*

Me afastei de Edu e encarei Kamal.

— Na verdade não. — tentei controlar o nervosismo da minha voz. Eu sabia o que ele estava pensando. *Mil vezes droga!* Espera. Por que estou nervosa? Eu não fiz nada de errado.

— O que ele faz aqui?

— Ele só está de passagem. — dei um sorriso cínico provocando. Acabei de lembrar que estou muito, mais muito magoada com ele.

Kamal levantou a sobrancelha como se dissesse: “*Não acredito em você*” e isso me irritou. Ele não tinha nenhum direito de me pedir explicações ou de sentir ciúmes. A raiva que tinha

PERIGOSAS ACHERON

diminuído e até esquecido por causa do Edu, voltou com força total.

— Eu não... — Edu começou, mas foi interrompido.

— Eu não estou falando com você. — disse Kamal ainda me encarando. — Vamos! — fez sinal para que eu o seguisse. Eu podia ver que ele estava se controlando para não atacar o Edu. Seus dentes trincados, sua posição defensiva e mãos apertadas diziam tudo. Não sai de meu lugar e isso o irritou mais. — Você ainda tem um compromisso comigo e vai honrá-lo. — Kamal se aproximou, segurou em meu braço e começou a me arrastar até um jipe preto.

— Me solta. — tentei me soltar em vão. Edu até tentou se aproximar para me ajudar, mas eu acenei com minha cabeça em negação. Eu não queria uma briga e que os dois fossem parar na cadeia. Vendo que ele não iria me largar olhei para o Edu. — Adeus Edu.

Ele me encarava sem saber o que fazer, mas por fim se despediu. — Adeus Mari.

Entrei no jipe sem protestar. Kamal estava com muita raiva e seria melhor eu fazer o que ele  
PERIGOSAS ACHERON

queria, antes que as coisas ficassem piores. Cruzei os braços enquanto esperava ele dar a volta e começar a dirigir como um louco saindo da vila.

— Eu não acredito que você o chamou aqui.  
— acusou.

O encarei boquiaberta.

— Eu não chamei ninguém.

— Não pensei que você faria uma coisa dessas. Pensei que estávamos bem.

— Nós não estamos bem. Você mentiu para mim e eu não o chamei.

— E como ele te encontrou? — fiquei calada. Eu não ia me explicar para ele.

— Você não pode ficar todo enciumado para cima de mim porque você não tem do que reclamar, já que almoçou com a sua ex. — alfinetei.

— Isso foi diferente. Nós não estávamos sozinhos.

— Isso é o que você diz. Mas agora descobri que você é um belo de um mentiroso. — gritei a última palavra.

— Eu não almocei com ela sozinho. — gritou frustrado.

— Que diferença faz? Ela estava presente.  
PERIGOSAS ACHERON

Dá no mesmo.

Ele me encarou.

— Não dá não.

— Você não tem motivos para ficar com ciúmes seu árabe de uma figa.

— E você tem?

— É claro que tenho. Eu ouvi a voz dela no telefone e a única prova que tenho para não pensar o pior é a sua palavra. E ela não está valendo muita coisa no momento.

— Eu não transei com Tamires? — gritou. — É isso que você pensa não é? Mas eu não transei com ela.

— Isso é o que você diz. Agora eu não acredito em mais nada.

Ele bateu a mão fortemente no volante fazendo a buzina soar. Virei o rosto tentando abafar o som em meus ouvidos quando me dei conta de uma coisa.

Olhei ao redor e tudo o que vi foi areia. Franzi a testa. *Aonde estávamos indo?* A casa não ficava muito longe da vila e tudo parecia ter sumido.

— Kamal? — chamei preocupada. — Aonde  
PERIGOSAS ACHERON

estamos?

Ele parou o carro um momento, observou o local e deu a volta xingando. No calor da discussão ele não percebera para onde estava indo. *Ótimo!* Andamos mais ou menos um quilômetro quando o carro parou.

— Por que você parou?

— Eu não parei. — ligou o carro uma, duas, três vezes antes de olhar o painel. Me encarou alarmado. — Estamos sem gasolina.

Meus olhos arregalados eram sinal evidente do meu temor. Olhei ao redor tentando localizar qualquer pontinho que me indicasse qualquer coisa, mas não achei nada, só areia e mais areia. O desespero me pegou. Nós estávamos dentro de um carro, sem gasolina no meio do deserto.

Nos estávamos perdidos.

\*\*\*

Kamal pegou o celular.

— Sem sinal.

*Ótimo! 1,2,3...Respira. 1,2,3... Respira. 1,2,3... Respira. Droga isso não funciona.*

PERIGOSAS ACHERON



Me agarrei ao painel do carro procurando equilíbrio. Eu estava entrando em pânico. Meu coração acelerou e o ar começou a sumir de meus pulmões.

— Mari, você está bem? — Kamal perguntou preocupado.

— Não. — murmurei antes de sair do carro. Eu precisava de ar.

Coloquei as mãos no joelho tentando respirar. *1,2,3... Droga!* Senti mãos ao redor dos meus ombros tentando me aprumar. Me afastei.

— Não toca em mim. — me ergui o encarando.

— Porque não? — franziu a testa.

Meu pânico inicial foi substituído por algo mais mortal. Raiva.

— Tudo isso é culpa sua. Se você não tivesse ficado com ciúmes do Edu isso não teria acontecido. — cruzei os braços.

— Você quer falar de culpa? — perguntou no mesmo tom que eu. — Então você é a culpada por não me deixar explicar e viver fugindo. Se você não tivesse ido para a vila eu não precisaria ir atrás de você. Então você é a única culpada aqui. —

apontou o dedo em minha direção furioso.

— Como? Você tem mais culpa que eu, querido. Porque se você não tivesse me enganado desde o começo com essa falsa história de noivado, eu nem estaria aqui nesse fim de mundo, presa no deserto.

— Não vou negar que tenho uma parcela de culpa, mas ainda quero saber como ele te encontrou.

— E isso importa?

— Claro que importa. Ninguém deveria saber que estávamos aqui, mas ele sabia. Como? — não respondi. Ele me encarou rudemente e eu não estava preparada para as palavras a seguir. — O que ele veio fazer aqui, Mari? Ter uma transa de despedida.

Gritei frustrada e meti a mão na sua cara. Essa conversa não estava dando em nada, nos devíamos achar uma solução para sair daqui, não ficar discutido a toa. Entrei dentro do carro fechando as portas e o trancando. Quando Kamal percebeu minha intenção já era tarde demais.

— Mariana. — rugiu batendo na janela. —  
Abre a *porcaria* da porta.

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Não até você me pedir desculpa.

— Nem fudendo. Foi isso não foi? Estava com saudades do pau dele.

O encarei indignada pelo linguajar escroto. Levantei o dedo do meio para ele.

— Filho da mãe!

— Não fale da minha mãe. — gritou. —  
Abre a porta Mariana.

— Me peça desculpas.

— Não.

— Ótimo. Aproveite o bronzado.

Kamal esmurrou, empurrou, chutou, mas a porta não abriu. Uma sorte esse jipe ter teto, se não eu estaria *frita* literalmente. O sol estava muito quente e eu podia imaginar que não estava sendo agradável estar lá fora. Me senti culpada por um momento, por estar fazendo isso com ele, mas ele merecia.

Me joguei entre os dois bancos com a mão na cabeça, tentando achar uma solução para o problema. Dentro do carro estava muito quente e as gotas de suor já se acumulavam em minhas roupas. Não sei quanto tempo se passou, mas as batidas e chutes no carro cessaram me dando paz e sossego

# PERIGOSAS ACHERON

para pensar.

O único jeito seria ir andando até a vila, mas eu não sabia o caminho. *Eu não, mas Kamal sim.* Me levantei com a esperança brilhando em meus olhos e abri a porta procurando por Kamal.

Girei o jipe a sua procura. Mas nem sinal dele. *Onde foi que ele se meteu? Será que ele foi embora sem mim? Ele me abandonou?* Olhei através do horizonte, mas nem sinal dele. Foi quando ouvi a porta atrás de mim bater e trancar. Me virei vendo Kamal dentro do jipe sorrindo.

*Miserável!*

\*\*\*

Eu estava com sede e definhando ao sol. Depois do chique que dei, chutando, gritando e falando vários palavrões indecentes. Decidi economizar as forças e sentar escorada na lateral do carro. Só fazia uns três minutos que Kamal havia me enganado, mas mesmo assim eu estava definhando.

A porta abriu e Kamal saiu do jipe, se sentou no chão quente ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mari, me desculpa. Eu não devia ter falado daquele jeito com você. É que às vezes você me deixa louco. — suspirou pesado passando as mãos no cabelo. Ele parecia realmente arrependido e eu me arrependi de tê-lo deixado no sol quente.

— Estamos quites agora? — perguntei o encarando.

— Sim.

— Ótimo. Vamos sair do sol. — disse me levantando e entrando no carro.

Sentei no banco do passageiro e Kamal ao meu lado. Passou muito tempo até qualquer um de nós falarmos. Talvez estivéssemos com medo de discutirmos novamente. Eu pelo menos estava. E já estava cansada disso.

— Onde você se escondeu? — passei os desprezíveis minutos anteriores pensando sobre isso.

Ele sorriu torto. Sem vontade de fazê-lo.

— Em baixo do carro.

*Inteligente.* Olhei para frente e suspirei. A decisão já havia sido tomada. Chega de brigas.

— Acho que devíamos voltar andando para a vila. Não podemos ficar aqui.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez. O problema é que não sei quantos quilômetros percorri. — me encarou. — Eu não estava prestando atenção, e com esse sol você não dura nem um quilometro.

Pensei em discordar, mas então iríamos brigar e eu não estava mais a fim de ficar discutindo, até porque ele tinha razão. Sedentária do jeito que sou capaz de não aguentar meio metro.

— Verdade.

— Eu posso ir sozinho e você ficar aqui esperando. Mas de novo, não sei quanto tempo vou levar para chegar a vila.

— Nem pensar que eu vou ficar sozinha. — isso pode ser o deserto, mas ainda é um lugar desconhecido que pode aparecer nômades<sup>[38]</sup>. Li isso em algum lugar. — Vamos nós dois.

— Não. Você ir não é uma opção.

— Tudo bem, mas sozinha eu não fico.

— Então o jeito é ficar no carro e esperar alguém aparecer ou o sinal do celular funcionar. — dito isso ele pegou o celular e saiu do carro o levantando no ar. O segui.

— Algum sucesso?

— Nenhum.

## PERIGOSAS ACHERON

— Talvez devêssemos mesmo sair daqui. — sugeri tentando ficar calma e não discutir. Eu estava com medo. O sol já estava quase se pondo. Pelo tempo e posição devia ser umas quatro da tarde e não tínhamos nada para sobreviver até que um milagre acontecesse.

— Sinto muito. — disse cabisbaixo sobre a situação. — Já vai anoitecer e se sairmos agora vai ficar perigoso. Não vamos conseguir enxergar o caminho. Não vou arriscar com você. Se houver uma tempestade de areia não temos abrigo. O melhor é ficar no carro.

— Tudo bem.

— O jeito é esperar amanhecer. Podemos andar na alvorada quando o sol está frio.

Acenei concordando. *Esperar*. Eu já disse que odeio essa palavra?

\*\*\*

Já havia escurecido e a temperatura caiu. Cruzei os braços com frio. Eu estava tremendo e arrependida pela minha escolha de roupa. Mas o que eu podia fazer? Ninguém me avisou que eu iria  
PERIGOSAS ACHERON

ficar presa no meio do deserto com meu ex namorado/falso noivo, num frio abaixo de zero.

Olhei para Kamal entre os bancos. Ele não parecia estar dormindo.

*Voto de silêncio.* Bufeí na minha mente. Era isso que decidimos silenciosamente quando nos deitamos nos bancos do carro. Eu estava deitada no banco traseiro e Kamal no da frente.

As horas passadas serviram para uma intensa reflexão e decidi que se íamos passar a noite a mercê da sorte, deveríamos ter *aquela* conversa. A hora da verdade. E se eu quisesse que ele cooperasse eu teria que ir primeiro.

— Edu veio me pedir perdão. — comecei. — Ele está fazendo terapia e para ele avançar no tratamento precisava me pedir perdão. — respirei olhando entre os bancos para ver alguma reação de Kamal. Nenhuma. *Será que ele dormiu?* — Por isso ele veio atrás de mim. Ele pensou que eu não iria voltar para o Brasil. — olhei para o teto. — Ele viu quando chegamos na mansão ontem à noite e nos viu discutindo. Ficou preocupado comigo e nos seguiu. Foi isso o que aconteceu. Eu o perdoei e ele prometeu me deixar em paz. — Kamal ainda não

PERIGOSAS ACHERON



tinha se movimentado ou falado. — Você acredita que ele disse que eu tenho um dano psicológico? — tentei o humor, mas nem assim ele me respondeu.

Passou vários minutos até Kamal falar e quando o fez, não foi para falar do Eduardo.

— Eu me apaixonei por você. — começou. Ele ainda continuava na mesma posição. — Eu não esperava por isso. Até tentei tirar você da minha cabeça, ficando com outras mulheres. Eu estava desesperado. Até que vi você saindo da boate com um cara. — lembrei do episódio da boate onde minha querida irmã se passou por mim. — Eu fiquei com tanta raiva... raiva não. Ciúmes. Eu fiquei com ciúmes, e decidi tentar.

— Tentar o quê? — perguntei curiosa. Eu não queria atrapalhar, mas eu precisava saber todos os detalhes.

— Ter você. — sussurrou se ajeitando no banco. — Mas aí meu pai ligou pedindo que eu retornasse para casa, para então assumir os negócios da família. — parou pensativo. — Eu não queria voltar, não queria te deixar. Então o Marcus me deu uma ideia totalmente louca. Eu disse a ele que isso não iria funcionar, ia dar em merda, até

PERIGOSAS ACHERON

porque você não sentia nada por...

— Espera. O Marcus sabia que você gostava de mim? — isso era novidade.

— Sim. — ele finalmente se levantou para me encarar. — Eu não ia fazer o que ele disse. Eu pensei que você nem estava atraída por mim. Você sempre foi tão controlada. — me encarou lembrando de algo. — Até que você me beijou no carro. Eu percebi que talvez você não fosse tão imune assim. Por isso fui ao seu apartamento naquela tarde e inventei a história mais maluca da minha vida, só para te ter na minha vida.

Me sentei confusa. Minha cabeça bombardeando uma série de perguntas.

— Tudo era mentira?

— Nem tudo.

— Seu pai vai mesmo se aposentar? — eu precisava encaixar as coisas direito.

— Sim. Vou assumir o lugar dele. — explicou.

— E o seu primo?

— Meu primo Aban é médico e geralmente vive mais viajando pela ONG para qual é voluntário do que aqui. E mesmo que ele estivesse

PERIGOSAS ACHERON

por aqui não poderia assumir a empresa, só se meu pai não tivesse um filho homem.

Acenei entendendo.

— E a promoção? — perguntei lembrando que ele tinha me oferecido o cargo nas relações públicas se eu fingisse ser sua noiva.

— Uma jogada. — deu de ombros. — Eu precisava que você viesse para a Arábia comigo.

O observei. Kamal estava tenso. Tinha alguma coisa faltando nessa história e minha última pergunta era crucial para nosso relacionamento. Entendi que ele mentiu para que eu viesse com ele para a Arábia. Mas porque ele precisava tanto que eu viesse? Por quê?

— Porque você mentiu?

Sua resposta foi outra pergunta.

— Você teria vindo comigo se eu tivesse dito a verdade? Que eu estava apaixonado e não queria te perder?

— Não.

— Foi o que pensei. — disse tristemente. — Não importa o que eu diga. Depois de tudo o que passamos você não acredita que eu realmente te amo e quero só você. — divagou. — Se eu tivesse

PERIGOSAS ACHERON

te dito no Brasil sobre meus sentimentos, sabe qual seria a sua reação?

— Qual? — perguntei interessada.

— A fuga. Porque é isso que você faz de melhor. Reparei em você por semanas e percebi que esse é o seu *modus operandi*. Quando você se depara com algo que não consegue controlar ou te desestabiliza você foge. Você fez muito isso nas nossas interações. — me encarou com um olhar sofrido. — Eu ia te contar a verdade no jantar em meu apartamento. Eu não queria mais mentir e queria que você viesse de boa vontade comigo, mas aí o Marcus ligou e tudo foi por água abaixo.

Meu peito doeu com o seu lamento. Então resolvi contar a verdade.

— Eu nunca fui imune a você. — confessei. — Você não tem noção do que fazia comigo, com o meu corpo. — ele me encarou atordoado. — Meu corpo reagia ao seu redor e você provocava e as coisas ficavam piores. Você é meu chefe. Eu não podia. Você mesmo disse que não queria uma secretária apaixonada por você. Eu só estava seguindo as regras. Por isso eu fugia.

— Mas você ainda foge.

— Eu me sinto insegura está bem?

— Por quê?

— Porque eu não entendo o que você vê em mim.

Ele me analisou um segundo e se aproximou passando pelos bancos e se sentando ao meu lado. Segurou meu rosto entre suas mãos.

— Sabe o que eu vejo? Uma mulher bonita, inteligente, sexy e que vive fugindo de mim porque tem medo de se machucar. — afastou uma mecha de cabelo do meu rosto. — E eu entendo sua insegurança, mas eu te amo Mariana. Só você. — alisou minha face. — Eu também estou inseguro. Eu nunca precisei ficar correndo tanto atrás de alguém como eu corro atrás de você. Eu nunca tive um relacionamento sério e você não facilita para o meu lado. Mas mesmo assim eu te amo e quero você.

Suas palavras acalmaram meu coração. O abracei apertado. Eu também o amava e o entendia. Mesmo que ele tenha mentido e me enganado. Numa coisa ele tinha razão. Eu não facilitava. E diante disso não tinha como continuar chateada com ele. Se eu fosse uma pessoa mais fácil, não

PERIGOSAS ACHERON

estariamos nessa situação. Por isso eu o perdoo.

Eu perdoei o Edu por me trair, porque não perdoar Kamal por mentir.

— Sem mentiras entre nós de hoje em diante? — o encarei querendo beijá-lo.

— Sem mentiras. — virou a cara desconfiado.

— Kamal? — chamei alarmada. — Tem mais alguma coisa que você está escondendo?

Ele não esperou que eu respirasse e soltou a bomba.

— Eu estava prometido a uma moça árabe, mas me neguei a casar com ela. Por isso que eu precisava que você viesse comigo para a Arábia. Para que minha avó não me obrigasse a cumprir o acordo. — falou tudo de uma vez e a única coisa que eu conseguia pensar era:

*O quê?*

## Capítulo 17

**P**ela primeira  
vez na  
minha vida

eu não sabia o que fazer ou o que falar. Eu nem sabia o porquê de estar surpresa, esse era o sistema. Pais escolhendo seu noivo e noiva. Acho que a surpresa era pelo fato dele ter quebrado o acordo para ficar comigo. Essa parte sim foi um choque para mim.

— Mari? — chamou depois de um tempo de silêncio.

— Oi.

— Diz algo.

— E o que você quer que eu diga? — nem eu sabia o que falar.

— Sei lá. Me bate, me xinga, diz que a  
PERIGOSAS ACHERON

enganei.

— Por quê? — perguntei interessada. —  
Você quer que eu faça isso?

— Não.

— Você ainda está comprometido?

— Não.

— Você a conheceu?

— Não.

— Você voltou para Arábia para conhecê-la  
e ter duas opções de noiva?

— Por Allah, não. — ele parecia apavorado  
que eu pudesse pensar isso dele. — Eu só quero  
você.

Dei-lhe um voto de confiança, já que ele não  
tentou esconder mais o assunto. Ele não queria se  
casar com a prometida que sua família escolheu.

— Então não vejo motivos para brigarmos.  
— dei de ombro. — Você quer brigar?

— Não.

— Eu também não. — disse suspirando  
aliviada. Eu só queria que esse dia terminasse e que  
voltássemos para a casa.

— Você está me assustando. — confessou.  
— Não é de seu feitio ficar tão quieta e calma.



Realmente não era. Mas o que eu podia fazer? Gritar e bater não iria fazer sua família me aceitar. E se ele diz que me quer, eu acredito nisso.

— Eu sei que no seu país as coisas funcionam assim. Fiquei surpresa que sua família não o obrigou a casar mais cedo. Não estou feliz pelos segredos, mas pelo menos agora eu sei de toda a verdade. — o encarei. — Só se houver mais alguma coisa que você ainda não me contou.

— Não. Não tem. Isso é tudo.

— Ótimo. — o analisei. — Por que você escondeu isso também?

— Eu não queria que você se sentisse ameaçada pela minha família. — ele olhou para frente pensativo. — Antes de conhecer você eu já tinha me negado a casar, mas minha avó sempre voltava ao assunto com meu pai o manipulando. Quando eu decidi ficar com você e nossas fotos começaram a rodar o mundo. Meu pai ficou furioso. Ele tinha esperanças que ao voltar para casa eu fosse fazer o que vovó queria, mas eu trouxe você. — ele me olhou. — Por isso ele estava furioso quando chegamos. Não é nada pessoal Mari. É que meu pai sempre faz o que minha avó

PERIGOSAS ACHERON

quer. Você não tem noção do quanto ela pode ser irritante.

— Tudo bem. — eu podia imaginar. Aquela velhinha cuspideira era sorrateira.

— Você vai me deixar? — perguntou preocupado.

O encarei.

— Não.

— Vai fugir?

— Não. — cerrei os olhos. — Qual o problema?

— Você está aceitando tudo isso muito bem. — disse desconfiado. — Estou preocupado que isso seja uma estratégia para você me deixar quando voltarmos.

Me senti mal por seu pensamento. Eu realmente o fiz ficar inseguro.

— Bom... Você não aceitou se casar e nem conheceu a garota. Devo me preocupar que sua família o obrigue?

— Não.

— Então não há motivos para alarde. Acho melhor dormirmos. — sugeri tentando parecer que estava tudo bem. Mas estava, eu realmente não  
PERIGOSAS ACHERON

queria brigar. Ele não tinha culpa da família que tinha ou do país que vivia.

— Está tudo bem mesmo?

— Está.

Kamal me olhou por um instante e foi para os bancos da frente. Me deitei no banco cruzando os braços para me livrar do frio. Quando ele estava perto de mim o frio tinha amenizado, mas agora que eu estava sozinha no banco solitário, o frio tinha voltado.

— Kamal? — chamei.

— Sim.

— Eu estou com frio. *Muito* frio. — frisei bem o muito.

Ele se segurou no banco e me olhou. Depois de alguns segundos voltou para o banco detrás. Tentou se ajeitar ao meu lado para me abraçar, mas dois nesses bancos minúsculos era demais. A solução foi ele deitar e eu ficar por cima. Ele me abraçou e eu coloquei a cabeça em seu tórax relaxando e aproveitando o calor que vinha de seu corpo. Ele estava mais bem vestido que eu.

— Me desculpa por tudo. — disse alisando minhas costas.

— Tudo bem. — fechei os olhos apreciando seu carinho.

— Eu te amo! — disse as palavrinhas mágicas. Ele não cansava de dizê-las.

— Kamal? — levantei a cabeça para olhá-lo. Nossos olhos se cruzaram. — Você não se importa?

— Com o quê?

— Que eu ainda não tenha dito as palavras.

— Não. Sei que no tempo certo você vai dizer.

Abaixei a vista pensativa. *Qual seria o momento certo?* Decidimos não mais mentir ou esconder as coisas um do outro, já estava na hora de eu parar de esconder as coisas de mim mesma. Voltei meu olhar para o seu rosto certa do que ia fazer. Não havia momento melhor.

— Eu também te amo.

O sorriso que ele deu me contagiou. Sorri e ele agarrou minha nuca puxando meus lábios para os seus. O beijo foi mais intenso do que qualquer outro que tínhamos dado. Me senti empolgada, sufocada com a verdade. Suas mãos foram para dentro de minha blusa tentando tirá-la. Como não conseguiu, ele apertou a minha bunda. Me afastei.

— O que você está fazendo?

— Te esquentando. — o sorriso sacana que ele deu me fez beijá-lo novamente.

*Até que isso não era uma má ideia.*

Kamal tentou nos virar e ficar por cima. O espaço era pequeno, mas aos poucos conseguimos mudar a posição. A situação era engraçada. Tirei a blusa de Kamal passando minhas mãos por sua pele musculosa. Minha blusa foi parar no pescoço enquanto ele dava total atenção aos meus seios. Gemi quando ele alcançou o mamilo e sugou.

Meu corpo todo não só esquentou, começou a ferver com suas carícias. Alcancei sua calça abrindo a braguilha e liberando seu amiguinho rígido. Era impossível tirar as roupas na posição que nos encontrávamos, então só empurrei a calça até que eu conseguisse alisá-lo sem dificuldades. Kamal tentou abaixar seus beijos até minha barriga, mas a posição não ajudava.

— Vamos mudar de posição. — sugeri saindo de cima de mim. — Se sente. — fiz como ele pedira e na mesma hora ele caiu de joelhos à minha frente. Minhas calças e calcinha foram logo arrancadas de meu corpo. Ele se livrou das suas

PERIGOSAS ACHERON

roupas restantes. Tirei minha blusa a jogando nos bancos da frente com meu sutiã. — Abra suas pernas e coloque-as em cima no banco.

— Você está tão mandão. — brinquei, mas fiz como ele pedia.

Kamal deu um sorriso sacana, segurou minhas pernas abertas e se aproximou da minha intimidade com força. Gemi segurando e apertando seus cabelos. Ele lambeu, chupou e manipulou meu clitóris me deixando sedenta e desesperada. O frio fora esquecido. Os segredos e mentiras foram esquecidos e os problemas também. Só exista eu e ele. No deserto. Mais ninguém.

\*\*\*

Acordei com uma língua áspera lambendo o meu rosto. Ri. Estava fazendo cócegas. A minha garganta estava seca e dolorida. Abri os olhos e gritei, me deparando com a cabeça de um dromedário entrando pela janela do carro que estava aberta. Me levantei rapidamente pondo distância entre a coisa e eu. Tentei limpar a baba em meu rosto, difícil. Abri a porta do lado contrário

PERIGOSAS ACHERON

e sai do carro.

Avistei Kamal conversando com um senhor baixinho e corri até ele o agarrando.

— Tem um... tem um... — aponte para o carro.

Kamal riu.

— Um camelo? — ofereceu.

— Sim. Ele me lambeu. — passei a mão no rosto. *Eca!*

— E?

— Isso é nojento.

O senhor baixinho pigarreou chamando nossa atenção.

— Oh. — Kamal voltou sua atenção para o homem. Ele parecia não ter gostado da minha intromissão. — Mari esse é Malik, ele é o dono do camelo que você está vendo. Ele estava indo para a vila quando nos encontrou e veio perguntar se precisávamos de ajuda.

— Que ótimo. — me virei para o senhor sorrindo e falando em árabe. — O senhor vai nos ajudar?

O homem não respondeu, na verdade nem olhou para mim. Ele fitou Kamal e perguntou: —  
PERIGOSAS ACHERON

*Ladayna attifaqan?*<sup>[39]</sup>

Eu não estava entendendo nada. E pela cara de Kamal tinha algo errado.

— O que está acontecendo? — perguntei a Kamal em português, sem deixar de olhar o homem.

— Receio que temos um problema Mari. — Kamal chamou minha atenção.

— O que seria pior do que ficar *encalhada* no deserto? — perguntei voltando minha atenção para ele.

— Ele quer trocar o camelo por você.

A cara que eu fiz não era engraçada, pelo menos não para mim. Mas Kamal estava se divertindo com a situação. Ele riu. O desgraçado riu.

— Você não ousaria.

\*\*\*

— Eu ainda não acredito que você deu a ele seu relógio de ouro de cinquenta mil reais. — me ajeitei em seus braços. Minha cabeça doía e a garganta ardia. *Devia ser a falta de água.*

PERIGOSAS ACHERON



Estávamos voltando para a casa, em cima do camelo. Passado o susto inicial, eu havia ficado empolgada em andar em um. Seria o ponto alto dessa aventura no deserto, isso até eu ir acariciá-lo e ele cuspir em mim.

*Camelo mau.*

Fazia alguns minutos que havíamos partido deixando um árabe muito do aproveitador feliz com a pequena fortuna que ele conseguira.

— Era isso ou você. — disse me apertando em seus braços, me escorei mais em seu tronco. Meu corpo estava mole. *Deve ser a fome.* — Qual você preferia?

Eu não queria nem lembrar dessa parte. Kamal ficou rindo de mim enquanto o homem ficava lá como um espantalho esperando uma decisão dele. Por fim, ele aceitou o dinheiro.

— Eu não acredito que você cogitou a ideia de me trocar. — uma tosse seca passou por meus lábios, fazendo minha garganta arder mais.

Para me irritar, Kamal me disse que estava cogitando a ideia de me trocar pelo camelo. Fiquei tão pasma que dei uma canelada nele e sai correndo. Ele me alcançou alguns passos depois

PERIGOSAS ACHERON

dizendo que era brincadeira. Quando voltamos para o homem, ele decidiu aceitar o dinheiro que Kamal havia oferecido antes de eu acordar e aparecer como uma louca fugindo do camelo. Ele disse algo sobre eu ser uma mulher indomável e que para ele eu não servia. Penso que tudo foi uma armação de Kamal para o homem perder o interesse em mim.

*Menos mal.*

— Você acha que eu te trocaria depois de todo trabalho que tive para te conseguir?

*Isso era verdade.*

— Não sei. — disse com um ar de ironia.

Ele me apertou mais forte entre seus braços.

— Nunca. — sussurrou em meu ouvido e beijou meus cabelos. Me aconcheguei mais a ele observando as dunas à frente.

— Mas você já tinha dado quinhentos e oitenta e oito *dirhams*<sup>[40]</sup> a ele. — voltei a conversa inicial

— Um camelo vale mais que isso Mari. — falou o óbvio.

— Eu sei. Mas não vale cinquenta mil. Com esse dinheiro ele consegue comprar mais que cinco camelos. — virei olhando seus olhos. Minha visão

PERIGOSAS ACHERON

girou um pouco quando fiz o movimento.

Não sei o porquê de eu estar implicando sobre isso. O importante era que estávamos indo para casa. *Não era?* Talvez, seja pelo motivo de eu ser uma pessoa pobre. Não seria fácil abrir mão de cinquenta mil assim, se eu tivesse essa quantia. Essa era uma das diferenças entre Kamal e eu.

Várias coisas que eu não havia pensado até o momento passaram por minha cabeça, mas como estava difícil raciocinar direito por causa das marteladas constantes, decidi mudar de assunto.

— Como ele vai voltar para a vila?

— Andando. Ele disse que não estávamos longe.

— Quanto tempo? — perguntei interessada. Kamal hesitou. — Quanto tempo Kamal?

— Quarenta minutos. Uma hora no máximo.

— Nós só estávamos a uma hora da vila? — eu ia pirar.

— Eu não sabia. Não podia arriscar uma insolação em você. — explicou.

— Então quer dizer que passamos a noite no deserto quando podíamos ter andado até a vila em no máximo uma hora?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Oh mer... — tossi novamente.

— Você está bem? — perguntou preocupado.

— Acho que é a falta de água. — disse virando para frente e passando a mão por meu pescoço.

Eu estava quente, muito quente. O tempo estava horrível, mas não para me deixar nessa temperatura. O turbante de Kamal estava em minha cabeça para impedir que o sol me derretesse e minha vontade era arrancá-lo de lá por causa do suor que se acumulava em meus cabelos e pescoço. De repente me arrepiei, me abracei alisando meus braços. Eu estava soando frio.

— O dinheiro não importa. — Kamal retomou a conversa. — O que importa é que daqui a alguns minutos estaremos em casa.

— E o jipe? — perguntei ainda alisando meus braços para tentar parar o frio. *Eu estava com febre?*

— Vou dar a localização ao Omar. Ele virá buscar o carro.

— Quem é Omar? — franzi o cenho, mas outra martelada soou em meus ouvidos.

## PERIGOSAS ACHERON

— O homem que cuida da casa.

— Oh. — disse envergonhada por não me lembrar do nome do casal, na verdade Kamal não tinha os apresentado pelo primeiro nome, só pelo sobrenome Sr. e Sra. Abida.

Me espremi contra Kamal quando o frio aumentou. Fechei os olhos virando a cabeça em seu ombro ficando tonta.

— Mari, você está bem? — perguntou soltando uma das mãos da rédia do camelo para pegar meu rosto e virá-lo para si.

— Não. — sussurrei fechando os olhos mais apertado. Meu corpo ficou mole e do nada me senti caindo de cara na areia. Só identifiquei ao longe o chamado desesperado de Kamal enquanto tudo se tornava vazio.

\*\*\*

Virei de lado tremendo. Minha cabeça era uma obra em construção. Eu ainda não tinha conseguido abrir os olhos, mas eu podia sentir a cama macia abaixo de mim. Eu estava beirando a inconsciência novamente e tentei com todas as

PERIGOSAS ACHERON

forças não voltar para a escuridão.

Kamal estava ao telefone com alguém. Eu podia ouvir o desespero em sua voz, mas ainda não conseguia abrir os olhos. *O que tinha acontecido?*

— *Eu não sei o que fazer. Ela simplesmente desmaiou e está queimando de febre... Será que foi a falta de água? Tentei dar um pouco, mas com ela desmaiada não conseguiu engolir... Eu não sei Aban. Você é médico, me diga você... Eu sei que você não está aqui.*

— *Ka...mal.* — tentei chamar, mas minha garganta estava muito seca. Eu precisava de água.

Me espremi mais na cama, colocando os joelhos em meu peito, ficando numa posição fetal. Eu não estava mais de calça, já que podia sentir minha pele arrepiada e o roçar de pele com pele quando me movimentei.

— *Ela tossiu algumas vezes isso conta para algo?... Sim... certo. Ceder a febre primeiro... Deve ter remédios e antibióticos na caixa de primeiro socorros. Você sabe como mamãe é paranóica com essas coisas.* — escutei passos pelo quarto, depois ele remexendo em algo pelo barulho que fazia. — *Ela tomou todas as vacinas antes de viajar... É*  
PERIGOSAS ACHERON

*claro que tenho certeza porra... Achei um remédio para febre e um antibiótico. Amoxilina... E eu lá vou saber disso... Eu sei que ela é minha noiva, mas ela nunca ficou doente.*

Forcei minhas pálpebras a abrirem e elas chegaram até metade do caminho. Eu estava tonta, ia desmaiar novamente. Kamal deve ter olhado para mim nesse momento porque ele se aproximou e se ajoelhou à minha frente. Vi suas feições preocupadas e percebi que minha situação era séria.

— Mari, que bom que acordou. Você é alérgica a algum remédio?

— Não. — tossi seco com a tentativa de falar. A garganta arranhou. — Água. — pedi.

— Só um momentinho querida. — disse voltando ao telefone. — Ela não é alérgica... Certo. Um comprimido para a febre de seis em seis horas e o antibiótico de doze em doze horas... Posso dar os dois ao mesmo tempo?... Certo... Obrigado Aban... Depois te ligo com mais informações.

Kamal jogou o celular em algum lugar e pegou o copo de água que havia no criado mudo.

— Mari, você consegue se levantar?

— Não. — sussurrei lutando com a

PERIGOSAS ACHERON

escuridão. — Água.

— Consegue se virar pelo menos?

Eu não queria me movimentar, estava com muito frio. Mas abaixei os joelhos e virei de frente. Meu corpo todo tremeu. Fechei os olhos. Kamal me ajudou a levantar a cabeça e colocou o copo em meus lábios. O primeiro gole foi doloroso. Cada gota arranhando minha garganta.

— Preciso te dar o remédio para a febre e o antibiótico. — ele empurrou um comprimido em minha boca e me deu água novamente. Colocou outro comprimido e mais água. Quando terminei voltei a mesma posição fetal. Fechando os meus olhos fortemente. A dor de cabeça tinha piorado.

— Lençol. — pedi me tremendo.

— Não. Aban disse que se cobrir é pior para a febre. — disse alisando meus cabelos. — Pedi para Leila fazer uma sopa. Você deve estar morrendo de fome.

Eu estava. Mas meu corpo só queria uma coisa.

— Eu... vo.u des.ma.iar. — e foi o que meu subconsciente fez. *Pelo menos dessa vez eu estava deitada em uma cama macia.*



\*\*\*

Acordei com um Kamal xingando ao telefone. Meu cérebro despertou, meus olhos não. Minha situação não havia melhorado. A cabeça havia amenizado, mas não passado. E o frio estava insuportável. Me apertei mais em meus joelhos, pensando que essa era a solução para o meu problema.

*Coitada de mim.*

— *Já fazem duas horas Aban. A febre não cedeu... Trinta e nove e meio... Eu não sei o que fazer e estamos muito longe da cidade. Ela ainda não comeu e estou com medo que ela fique desnutrida. — soou desesperado. — Não, não tem. Você sabe que nesse fim de mundo não existe hospital... Certo. Tudo bem. Vou fazer isso... Tem certeza que não vai haver um choque térmico?... Certo.*

Escutei passos se aproximando. Kamal me virou de frente e eu protestei. Ele começou a tirar o resto de minhas roupas. *O que ele está fazendo?* Ele me pegou em seus braços, me agarrei em sua

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

camisa gemendo em protesto e tremendo. Enterrei o rosto em seu ombro.

— Ainda bem que você está consciente. Odiaria fazer isso com você desacordada. Iria te assustar. — sussurrou.

Ele caminhou alguns passos. Só descobri que estávamos no banheiro por causa da estreita passagem do boxe.

— Desculpa Mari. Isso vai ser desconfortável. — disse e ligou a água fria do chuveiro.

Gemi me agarrando mais a ele com o choque que passou por todo o meu corpo.

## PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 18

**T**omar  
banho  
gelado

com o corpo fervendo, não era agradável. A água não estava tão gelada, mas mesmo assim não deixei de ter a sensação que agulhas atravessavam minha pele. Enterrei o rosto mais apertado contra o ombro de Kamal e esperei que a tortura acabasse. Não demorou muito.

Kamal saiu do chuveiro e me sentou na enorme pia de mármore que ornamentava o banheiro. Eu estava totalmente desperta agora. Até meus olhos não quiseram mais se fechar, mas eu ainda estava sofrendo com os efeitos colaterais da gripe. As dores pelo corpo, o nariz entupido e a garganta eram como um lembrete.

PERIGOSAS ACHERON

Encarei Kamal que voltou para onde eu estava com uma toalha e começou a me enxugar, começando por meus cabelos.

— Estou precisando de um banho de verdade. — disse fanha por causa do nariz.

— Que bom que está desperta. — suspirou aliviado passando a toalha em meus braços. Ele estava bem concentrado em sua tarefa. — Você me preocupou.

— Me desculpa. — disse colocando minha cabeça em seu tórax. Eu ainda não estava recuperada totalmente e meu corpo ainda queria cama. Sua camisa estava toda molhada. Olhei para baixo, ele estava todo ensopado.

— Não se desculpe por isso. Você não está acostumada ao frio do deserto. Você está bem?

— Estou melhor.

Ele colocou as costas da mão na minha testa e pescoço.

— Acredito que a febre cedeu, mas só terei certeza quando medir a temperatura com o termômetro. — disse e continuou a me enxugar. — O que você está sentindo?

— No momento meu corpo está pedindo

# PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

cama, minha garganta ainda arranha e meu nariz entupiu.

— Hum. — respondeu concentrado em terminar de me enxugar. O observei atentamente.

— Você está todo molhado.

— Entrei no chuveiro com você.

— Eu sei disso. — dei um pequeno sorriso de agradecimento. — Obrigado. É melhor você tirar essa roupa antes que pegue uma gripe severa igual a minha. — brinquei. Ele não riu. Segurei seus braços o forçando a me encarar. — Eu estou bem agora, não precisa se preocupar. Só preciso dormir mais um pouco e logo estarei novinha em folha.

Kamal me observou por alguns segundos e me abraçou.

— Tive tanto medo. — sussurrou. O abracei de volta. — Me deixe tirar essa roupa, estou molhando você novamente.

Ele se afastou e começou a retirar a roupa de seu corpo. Olhei ao redor.

— Voltamos a casa. — sussurrei o óbvio. Mas eu não lembrava de ter voltado. — O que aconteceu?

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Você desmaiou no meio do caminho.

— Hum. — disse ainda não me lembrando.

— Preciso usar o banheiro.

— Tudo bem. — Kamal jogou a última peça de roupa molhada no chão e me ajudou a descer da bancada, me pondo de pé. Minhas pernas tentaram ceder pela falta de uso, mas as forcei retas, na posição que eu queria.

— Quanto tempo estive fora?

— Algumas horas.

Olhei pela pequena janela de ar do banheiro, ainda era dia.

— Que horas são?

— Umas onze horas.

Me sentei no vaso e fiquei encarando Kamal envergonhada.

— Você não vai sair? — perguntei sem graça.

— Não. — respondeu com cara de quem dissesse: “*Por que eu sairia?*”

— Mas eu preciso fazer xixi.

— E qual é o problema comigo aqui?

— Eu não consigo me concentrar com você me olhando. — ele se virou de costas. — Não está

PERIGOSAS ACHERON

resolvendo. Dá para você sair?

— E se você desmaiar de novo?

— Não vou. Antes de me levantar eu te chamo.

Ele se virou para mim e terminou cedendo.

— Tudo bem. Qualquer coisa grita.

Acenei concordando e assim que ele saiu a portinha do alívio cedeu. Me encarei no enorme espelho de frente para mim e levei um susto quando vi um curativo em minha testa.

— Kamal? — chamei. Ele logo apareceu na porta vestido com uma bermuda. — O que foi isso?

— Foi quando você caiu do camelo.

— Eu o quê? — perguntei alarmada. Aquele animal era muito alto. — Quando isso ocorreu?

Ele se aproximou tirando o curativo. Eu nem havia sentido o corte, muito menos quando o curativo fora feito. Claro, eu estava mais preocupada com o frio angustiante. Mas mesmo assim. Como a pessoa não sente uma coisa dessas no próprio corpo.

— Foi quando você desmaiou. Eu havia tirado a mão da rédea do camelo para ver se você estava bem e você escorregou pelo meu braço. Me

PERIGOSAS ACHERON

perdoa. — pediu com um olhar culpado. Meu coração doeu. Ele não tinha culpa. — Não foi grande, nem profundo. Só coloquei o curativo para não entrar nenhuma bactéria, já basta o susto que você me deu com essa gripe.

Analisei o corte. Não era grande e logo sararia. Menos mal. Sair com um cortezinho de nada de uma queda de um camelo foi o ponto alto de tudo que me aconteceu até agora. Já vi pessoas ficar paraplégicas por cair de cavalos. Imaginem camelos.

Estremeci com o pensamento. Eu não queria nem pensar.

Kamal me levou para o quarto, me vestiu com uma camisola confortável, me deu bastante água e me pôs na cama pegando o termômetro. A febre havia cedido por hora. Mas mesmo assim Aban pediu que continuássemos com os remédios quando Kamal ligou para ele e que não hesitássemos em chamá-lo a qualquer hora.

— Você deve estar com fome.

Como se tivesse sido chamado na conversa meu estômago roncou.

— Muita. — sorri.



— Leila fez uma sopa. Está na cozinha, vou esquentar e já volto. — disse saindo do quarto.

Kamal voltou minutos depois com uma bandeja. Uma enorme tigela de sopa estava sobre ela e um copo de leite quente. Eu podia ver a fumaça que saía do líquido. Me sentei sorrindo.

— Me diga que você não detonou a cozinha da pobre Leila. — brinquei. Ele sorriu.

— Eu sei esquentar uma sopa Mari. — disse com ar ofendido, mas com um sorriso nos lábios. — Eu morava sozinho querida, eu precisava aprender a me virar.

Kamal colocou a bandeja no criado mudo e se sentou perto de mim. Pegou a tigela e a colher começando a me alimentar.

— Eu posso comer sozinha. — disse tentando tomar a colher dele.

— Posso deduzir pela sua implicância que você está bem melhor. — falou sem deixar de me dar comida.

— E estou. — eu me sentia desconfortável em ser alimentada por ele. Como se eu tivesse cinco anos.

— Você é uma doente muito chata sabia? —  
PERIGOSAS ACHERON

resmungou e depois sorriu pela cara que fiz. — Agora cala a boca e come. — e enfiou mais uma colherada em minha boca. Aceitei sem reclamar.

Assim que terminou de me alimentar, Kamal levou a bandeja para cozinha e quando voltou se deitou ao meu lado me abraçando. Ele estava geladinho por causa do banho. Me aconcheguei mais a ele fechando os olhos.

\*\*\*

Acordei com a cabeça em algo duro. Já não doía ao abrir os olhos e a cabeça havia passado. A garganta ainda arranhava, o nariz continuava entupido, mas nada alarmante. Levantei a cabeça e vi onde estava deitada. No peito de Kamal. Assim que me movimentei ele abriu os olhos.

— Oi. — sorri sem graça por tê-lo acordado.

— Oi. Como se sente?

— Melhor. Obrigada!

Kamal pegou o celular que vibrava e o olhou por alguns segundos. Ele digitou algo e abaixou o celular.

— Meus pais ligaram. — disse me  
PERIGOSAS ACHERON

encarando. — Estavam preocupados sem notícias nossa. Eu os informei o que estava acontecendo. Samira acabou de mandar uma mensagem querendo notícias suas.

— O que você disse?

— Que você estava dormindo. Como você está se sentindo?

— Bem melhor.

Olhei o relógio de cabeceira e tomei um susto. Três e quarenta e três da madrugada.

— Nós dormimos o dia todo?

— Você sim. Eu não. Fiquei acordado para não perder a hora do antibiótico. Te acordei, mas você logo voltou a dormir.

Eu não lembrava de ter acordado para tomar o remédio. Devia estar muito sonolenta.

— Vamos ter que sair logo se você quiser chegar na cidade na hora certa para ir trabalhar. — murmurei me lembrando que o calendário árabe era diferente.

— Não importa. Você é mais importante. — disse me abraçando. Minha cabeça voltando ao seu tórax. Me aconcheguei mais em seu peito feliz com suas palavras. — Não precisamos sair agora, você

PERIGOSAS ACHERON

pode dormir mais um pouco.

— Desculpa pelo trabalho que dei. — eu não era de dar trabalho as pessoas. Eu não gostava de dar trabalho as pessoas, só a minha metade. Mas Milena não conta. Eu sempre fui autossuficiente.

— Pare de se desculpar. Aconteceu com você. Podia ter acontecido comigo e você teria cuidado de mim da mesma forma. — ele bocejou.

— Você está cansado. Por que não volta a dormir? — sugeri. Ele me ignorou.

— Está com fome?

— Sim, mas posso esperar você dormir um pouco ou ir preparar algo na cozinha para mim. — disse saindo de seus braços e me levantado para ir ao banheiro. Meus músculos ainda doíam. Fiquei tonta e me apoiei na cama por ter levantado rápido demais.

— Devagar. — disse Kamal me segurando para não cair. — Você ainda está fraca.

— Tudo bem. Estou bem. — disse fazendo mais uma tentativa. — Só fiquei muito tempo deitada.

— Certo. Vou na cozinha fazer algo para você comer e você vai ficar aqui. — disse sem

PERIGOSAS ACHERON

brechas para discussão.

— Tudo bem.

Kamal vestiu uma túnica por cima da bermuda que estava.

— Volto logo. — disse antes de sair. Entrei no banheiro.

\*\*\*

Nunca fiquei tão feliz em voltar para a mansão. Minha experiência no deserto não foi das melhores. Depois de tomar um banho bem demorado e almoçarmos. Kamal viu que eu havia melhorado muito. A febre não tinha voltado. O que era um bom sinal. Só alguns resquícios incômodos como a garganta e o nariz permaneciam. Mas nada como muita vitamina C para acabar de vez com essa gripe. Então decidimos voltar para o seio da família Abdo.

Chegamos de tardezinha. Sai do carro e me estiquei. Dessa vez eu não havia dormido. Ao contrário de nossa ida que fora aos berros e discussões. Nossa volta fora agradável. Conversamos, escutamos músicas, cantamos e sinto

PERIGOSAS ACHERON

informar que Kamal não canta bem. *Ninguém é perfeito.*

Entrei na mansão com Kamal atrás de mim e assim que a porta se abriu Marília apareceu e me abraçou.

— Mariana. Ficamos tão preocupados com você.

*Oh, isso era inesperado.* Não a preocupação. O abraço.

Marília estava realmente preocupada comigo. Ela se agarrou ao meu braço e saiu me arrastando pelas escadas para o quarto. Assim que entramos ela ordenou que deitasse e aguardasse a minha janta que seria servida no quarto. Fiz o que ela mandava sem questionar ou reclamar.

Preferia a Marília cuidadosa e preocupada do quê a vingativa e hostil. Era curiosa sua atitude para comigo, mas eu estava gostando. O jeito era relaxar e aproveitar enquanto podia.

Ela fez várias perguntas sobre o que houve e resumi dizendo que havíamos nos perdido no deserto e por causa disso fiquei doente — gripada. Não entrei em detalhes, ela não necessitava saber das brigas que nos levaram a tal lugar, muito menos

PERIGOSAS ACHERON

da nossa intimidade.

Passei as horas seguintes sendo “*paparicada*” por ela e Samira, que não saiu de perto de mim um segundo querendo detalhes do que aconteceu. Óbvio que não contei. O que aconteceu no deserto ficou no deserto.

Marília vinha de hora em hora saber como eu estava e até um médico apareceu para ver minha situação. O que era desnecessário. E o próprio confirmou que eu pegara uma gripe forte e necessitava de água, vitamina C e repouso. Depois de suas palavras temi que ela não me deixasse levantar mais da cama.

Kamal aparecera quando o médico chegara, mas depois não voltara mais. Achei estranho. Já passava das onze da noite quando Marília se retirou para o seu quarto. Mas antes ela expulsou Samira, que insistia em ficar.

— Mariana precisa descansar. Amanhã você fica com ela. Vamos. — era uma ordem.

Samira fez o que sua mãe pedira e saiu. Suspirei um pouco cansada de toda atenção que estava recebendo. Eu não estava acostumada a isso, principalmente vindo de minha *querida* sogra.

## PERIGOSAS ACHERON

Estava quase dormindo quando ouvi a porta do meu quarto ser aberta, virei e encarei *meu* deus grego.

— Onde você estava? — perguntei me sentando.

— Fugindo da minha mãe e de suas perguntas. — se aproximou da cama sentando-se.

Kamal havia tomado banho e estava de bermuda com uma blusa branca. Admirei por um tempo seus músculos definidos e me perdi na beleza de seu rosto. Eu nunca cansaria de olhá-lo.

— Quanta consideração da sua parte. — murmurei sarcástica. — Me deixar sozinha com a mamãe urso.

Ele sorriu.

— Vai dizer que você não gostou da atenção que ela está te dando.

— Não vou mentir. Estou sim, mas isso está sendo muito estranho. — confessei.

Kamal balançou a cabeça de um lado a outro sorrindo.

— Ela é assim com todos os doentes. Pode ir se acostumando.

Me aproximei dele por trás o abraçando pelo

## PERIGOSAS ACHERON



pescoço. Virei dando um beijo no seu rosto que foi descendo de sua bochecha para o queixo e depois a boca. Kamal gemeu se movendo na cama para me beijar, sua mão tentou chegar a minha cintura, mas foi impedida por algo. O soltei.

— O que é isso? — perguntei olhando a pasta em sua mão. Ele se afastou e me entregou o documento. Me sentei em minhas pernas abrindo a pasta.

— É um contrato de realocação.

— Para quê? — perguntei tentando entender o documento que continha o meu nome.

— Para você trabalhar aqui na Arábia. — disse. — Comigo.

— Kamal. — sussurrei chamando sua atenção. Esse era o momento perfeito para dizer que eu não iria ficar aqui e iria voltar para o Brasil. Meu coração doeu com esse pensamento.

— Não. — começou. — Não me dê uma resposta agora. Pense com cuidado. Agora que nos resolvemos e não existem mais mentiras e segredos, quero que você fique. Quero me casar com você.

A última frase me tirou do eixo. Meu coração  
PERIGOSAS ACHERON

palpitou. *Casar?* Não vou negar que tenha pensado na hipótese, mas era tão cedo para dar esse passo.

— Kamal, eu não sei. — disse a verdade.

— Por favor Mari, pense. Não me dê uma resposta baseada no que você vai deixar para trás no Brasil porque você pode conquistar novas coisas aqui, comigo. Vamos construir um futuro juntos.

Suas palavras me tentaram a aceitar, mas eu não podia tomar essa decisão baseada só nos meus sentimentos por ele. Era um grande passo esse que ele estava pedindo.

— Tudo bem. Eu vou pensar. — cedi concordando. Coloquei os documentos no criado mudo e voltei para os travesseiros. Eu queria um pouco de carinho. — Agora vem cá. — chamei abrindo espaço para ele se deitar. — Me abraça até eu dormir? — pedi.

Kamal fez o que eu pedira e me abraçou até que o sono e o cansaço me dominaram.

\*\*\*

Acordei melhor. Não cem por cento, mas noventa e nove por cento melhor. Fui deixada aos  
PERIGOSAS ACHERON

cuidados de Samira que me fez companhia a manhã e à tarde toda. Estávamos no nosso lugar de sempre, a piscina. Marília não gostara muito, mas como prometi não entrar na água apesar do calor que estava fazendo ela permitira.

— Mari. Vamos jantar com minhas amigas hoje à noite? — perguntou Samira. — Elas querem te conhecer.

— Sei não Sami. Provavelmente sua mãe não vai deixar eu sair. — disse parecendo uma adolescente que tinha que ter permissão dos pais para qualquer coisa. Mas era que eu não queria irritar Marília, ela estava sendo tão legal. Encarei Samira. — Você viu como ela está me tratando?

— Vi. — Samira sorriu. — Ela é assim com todas as pessoas doentes. Acredito que seja por causa da minha avó por parte de mãe que ficou muito doente e ela teve que cuidar dela por muitos anos, infelizmente ela morreu antes de mamãe se casar com papai.

— Que triste. — senti um pouco de simpatia por Marília. Ela estava me parecendo uma pessoa melhor do que eu imaginava ou aparentava.

— Mamãe não será um problema. — disse  
PERIGOSAS ACHERON

Samira confiante. — Vamos?

— Queria jantar com Kamal. — disse. Era verdade. Eu queria aproveitar o máximo meu tempo com ele. Eu ainda estava incerta do que fazer. Antes de Kamal me entregar aqueles papéis eu estava certa que voltaria para o Brasil. Agora que ele me oferecera um emprego, uma família e seu comprometimento comigo, eu estava indecisa.

— Ele e papai vão jantar fora hoje.

— Sério? Ele não me disse nada. — estranhei.

Ela hesitou um segundo.

— Acredito que ele vai ligar informando. — sorriu. A olhei por um segundo com o cenho franzido.

— Tudo bem. — concordei.

— Ótimo. — suspirou aliviada.

Como Samira havia dito Marília não se opôs a minha saída. O que achei estranho, já que ela estava me tratando como uma inválida. Só pediu que eu me vestisse decentemente. Kamal também ligou informando que não jantaria em casa, como Samira dissera.

Coloquei um vestido longo azul e um casaco

PERIGOSAS ACHERON

dourado por cima e algumas jóias. Eu estava feliz de poder sair e conhecer as amigas de Samira. Seria uma boa experiência conhecer gente nova e da minha idade.

Samira entrou no quarto me apressando para irmos. Ela parecia nervosa.

— Você está muito ansiosa. — disse sorrindo para ela. — Não se preocupe que eu não vou te envergonhar na frente de suas amigas.

— Não é isso.

— Então o que é? — perguntei curiosa. Ela havia estado estranha quase o dia todo.

Ela me olhou um segundo e depois sorriu.

— Nada. Bobagem minha. Vamos?

— Vamos. — disse pegando minha bolsa.

Descemos as escadas como um furacão.

— Calma. — disse sorrindo, mas ela não parou me arrastando para a saída como uma fugitiva. Escutei vozes na sala, mas não pude prestar atenção porque Samira não permitiu.

Entrei dentro do carro com Samira e o segurança que nos acompanharia. O motorista se pôs em movimento. Mas eu estava com uma sensação estranha de que estava esquecendo algo. E

## PERIGOSAS ACHERON

eu odiava essa sensação. Mas o que eu estava esquecendo?

Abri a bolsa e procurei no interior. *Droga!*

— Samira, esqueci minha carteira. Vamos voltar.

— Não precisa. — disse nervosa.

— É claro que precisa. Estou sem meus documentos. — não queria nem imaginar se algo acontecesse e eu estivesse sem meu passaporte.

— Aonde vamos não vão pedir para ver sua identidade. — disse rapidamente.

Ela estava muito estranha.

— Vamos voltar. — disse ao motorista, ignorando o protesto de Samira. O motorista deu a volta.

Entrei na mansão certa de subir as escadas e pegar a carteira rapidamente no quarto. Samira veio atrás de mim. Foi quando ouvi a voz de Kamal alterada vindo da sala. Estranhei. *Ele não estava em um jantar de negócios?* Me aproximei cautelosa e observei as pessoas na sala. Kamal, Marília, o Sr. Abdo, a avó de Kamal, um casal árabe e uma jovem muito bonita parecida com o casal. Devia ser filha deles. Dei outro passo incerta se iria atrapalhar

PERIGOSAS ACHERON

algo, mas Kamal parecia tão nervoso.

— Boa noite! — me pronunciei e todos me encararam. Kamal parecia que estava vendo um fantasma pelo maneira que ficou pálido.

— Chegou quem faltava. — murmurou a avó de Kamal.

— Desculpa. É que ouvi vozes quando entrei. — expliquei.

A velhinha cuspideira se levantou sorridente.

— Não se desculpe querida, você chegou na hora certa.

— Vovó. — repreendeu Kamal. Olhei de um a outro sem entender.

— O que está acontecendo? — perguntei intrigada.

A velhinha limpou a voz e seu sorriso se ampliou mais. Enquanto os outros Abdos pareciam sem saber o que fazer ou dizer.

— Conheça a prometida de Kamal. — disse apontando para a jovem do outro lado, sentada no sofá com seus pais. Meu coração saltou no peito com a notícia. Uma falta de ar entupiu meus brônquios. Meus olhos se arregalaram de surpresa.

*Isso não era bom!*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 19

**E**u estava perdida. Eu não sabia o

que fazer, dizer ou como agir. Então eu fiz o que faço de melhor. Fugir. Sai da sala o mais rápido que pude. Kamal me chamou, mas eu não lhe dei ouvidos e segui meu caminho topando com Samira nas escadas, percebendo no seu olhar o que eu não vi o dia todo — arrependimento. Agora eu entendia o porquê de sua pressa.

— Grande amiga você, hem. Obrigado pela sua amizade. — desdenhei passando por ela.

— Mari. — chamou.

— Não quero ouvir.

Subi as escadas correndo tentando segurar o máximo possível as lágrimas, mas estava difícil.

PERIGOSAS ACHERON

Kamal estava atrás de mim, implorando para que eu parasse e o ouvisse. Me tranquei no quarto e peguei a minha mala que havia sido desfeita pela empregada. *Droga! Por que ela fez isso?* Abri o closet e comecei a jogar as roupas de todo jeito, meu peito doía.

O que doía não era ver a garota sentada lá embaixo, tentando juntamente com seus pais reatar o acordo. Ela não tinha culpa de nada. O que doía era a falta de confiança em mim. Ele prometeu não mais mentir e na primeira oportunidade que tem omite as coisas, trama e maquina pelas minhas costas. *Assim não dá.*

— *Mari. Abre a porta.*

Mais lágrimas rolaram pela minha face, enquanto um Kamal desesperado tentava derrubar a porta com socos e pontapés.

— *Vai embora. — gritei.*

— *Não. Não saio daqui até você me ouvir.*

Ignorei suas palavras e continuei a jogar minhas coisas na mala. Eu estava com tanta raiva, tanta dor que estava descontando na coitada que não tinha nada haver com isso.

*Maldito árabe.*

*Ele prometeu, ele prometeu.* Pensei enquanto ia de lá para cá com as roupas na mão, mas então me lembrei que eu também prometi uma coisa. Parei pensativa. Ao contrário desse árabe traidor eu cumpria as minhas promessas. Tomei uma decisão.

Chega de fugir. Vamos ouvir o que ele tem a dizer.

Abri a porta do quarto e encarei Kamal. Não tentei esconder a minha decepção, muito menos que estava chorando. Cruzei os braços, tentando me fazer de forte e escorei no batente.

— Estou ouvindo. — empinei o queixo em desafio.

— Mari, não é nada disso que você está pensando.

— E o que eu estou pensando?

— Que eu menti e enganei você? — perguntou indeciso já que ele provavelmente não esperava por essa pergunta.

— Por aí.

Ele deu um suspiro cansado e olhou o interior do quarto.

— Você vai embora?

— Não sei.

— Por que você sempre foge e não me deixa explicar as coisas?

— Por que você sempre mente e não confia em mim para resolvermos juntos o problema?

Ele me encarou pensativo e abaixou a cabeça.

— Você tem razão. Eu não sabia o que fazer, só queria que você não precisasse se preocupar e se irritar com isso. Eu pensei que teria tudo resolvido quando você voltasse. — explicou. — Minha avó quer que eu te tome como segunda esposa e eu estava...

Fiquei pasma diante de suas palavras. Meu coração acelerou.

— Como é que é? Você quer duas esposas? — eu estava perplexa. Essa história estava ficando cada vez melhor.

— Não. — se desesperou. — Claro que não. Droga! — resmungou. — Eu só quero você. — tentou se aproximar. Me afastei. — Minha avó quer, não eu.

— Entendo. — disse acenando com a cabeça. — Mas isso não muda o fato de que você não confiou em mim para me contar a verdade sobre PERIGOSAS ACHERON

hoje e ainda colocou Samira no meio dessa confusão.

— Eu sei e me arrependo disso. Eu não devia deixá-la no escuro, só pensei que podia resolver esse assunto sem envolvê-la. Eu não queria que você odiasse ainda mais minha família.

— Eu não os odeio. — disse alarmada. — Principalmente agora que eu e sua mãe estamos nos entendendo.

— Você ainda vai embora? — perguntou preocupado.

— Eu... — comecei, mas minha frase se perdeu no ar.

— Kamal nos deixe. — pediu Marília.

— Mãe? — se virou para encará-la.

— Por favor, faça o que eu digo. Eu preciso conversar com Mariana. — disse me encarando. — Não permita que nossos convidados vão embora. Ainda temos um assunto a tratar, mas antes preciso explicar algo a sua noiva.

Kamal pensou por um segundo e obedeceu.

— Tudo bem. Estarei lá embaixo afirmando que não vou me casar com Laila.

Esperei Kamal se afastar para falar.

— Se você tentar me fazer aceitar essa palhaçada pode ir dando meia volta. Estou voltando para casa. — disse tudo enquanto entrava no quarto e retomava a arrumação da minha mala que estava uma desordem. Marília trancou a porta. Virei a encarando preocupada.

*Por que ela trancou a porta?*

— Eu não sou a verdadeira mãe de Kamal. — soltou de uma vez sem preparar o terreno. O que havia com os Abdos? Eles eram bem diretos quando queriam. Sentei na cama atônita, com a boca aberta tentando achar as palavras. Minha mente havia paralisado. Ela se aproximou se sentando ao meu lado. — Claro que ele não sabe, por isso tranquei a porta para não sermos interrompidas. Espero que você não conte.

Não questioneei o porquê do segredo, mas não iria trair sua confiança com relação a isso.

— Tudo bem. — disse num pingo de voz. — Por que você está me contando isso? — encontrei a voz.

— Porque eu quero que meu filho seja feliz e já aguentei humilhação demais daquela naja.

— Naja? — *ela estava falando da velhinha*  
PERIGOSAS ACHERON

*cuspidreira?*

Marília riu.

— Desculpa. Eu não devia chamá-la assim. Isso é uma *puta* ofensa por aqui. Mas é que as vezes ela me enerva.

Me surpreendi com seu linguajar.

— Eu não me importo. — eu também já havia apelidado a vovózinha do mal.

— Deixe-me lhe contar uma breve história. — sorriu cúmplice e encarou um ponto vazio na parede como se relembresse algo. — Havia uma jovem que passou sua adolescência cuidando de sua mãe doente. E quando ela faleceu, a jovem ficou desolada, triste, sem vontade de viver. Então ela conheceu um homem que mudou o seu mundo. Ele tinha acabado de perder sua esposa e estava de passagem aos Estados Unidos para tentar encontrar um rumo para sua vida, agora que sua esposa falecera e lhe deixara um recém-nascido. Então esses dois corações perdidos se apaixonaram. — ela me encarou. — Eu cometi alguns erros Mariana. E não quero que você cometa os mesmos erros que eu.

Eu já entendera que a história era sobre ela e  
PERIGOSAS ACHERON

o Sr. Abdo, mas não entendia onde ela queria chegar.

— Eu não entendo... — ela me cortou.

— Samir lutou contra sua mãe para se casar comigo. Foi a primeira vez que o vi enfrentá-la. Ele não amava a falecida esposa, mas devido a sua cultura aceitou casar-se e tentar ser feliz. Depois que ela morreu sua mãe queria que ele casasse novamente para que ele tivesse alguém para cuidar da criança, mas ela queria uma esposa de sua terra, não uma estrangeira. E quando ele me trouxe para apresentar a sua família, ela cuspiu em mim e não aceitou o casamento. Então eu fugi, mas Samir foi atrás de mim. — me encarou. — Minha *querida* sogra nunca aceitou meu casamento e nunca vai aceitar, assim como não aceitará o seu casamento. O meu erro foi mudar quem eu era para ser aceita, não por Samir, mas por ela. Tudo foi em vão e eu não quero que você cometa o mesmo erro. Kamal te ama do jeito que você é, ele me disse. E se você é a pessoa que ele escolheu para passar seus dias, eu aprovo. Eu o amo como meu próprio filho e como mãe sei o que é melhor para ele, não Lâmia. Eu não vim aqui, tentar fazer você aceitar a

PERIGOSAS ACHERON



proposta de minha sogra. Eu vim aqui para dizer que eu me enganei com você. Eu tentei te mudar, mas essa família é quem precisa de algumas mudanças.

— Por que você está fazendo isso?

— Você me lembra eu, quando vim a Arábia pela primeira vez. E não quero que você se arrependa cometendo os mesmo erros que eu cometi. Ela é ardilosa Mari, também tentou me separar de Samir. Criou intrigas, trouxe prometidas e eu tola, fugia. Não fuja, não dê esse gostinho a ela. Porque se você fizer isso, ela vai pensar que venceu. Ao contrário de mim, você tem o gênio forte. Não vai ser fácil para Kamal te convencer a voltar. Naquela época eu era uma garota inocente, essa família me transformou no que sou.

Pensei um pouco sobre o que ela estava falando.

— O que você quer que eu faça?

— O que você sabe fazer de melhor. — sorriu. — Arrumar confusão.

— No conceito de Kamal o que eu faço de melhor é fugir. — divaguei sorrindo também. Marília riu. — Eu ainda não estou entendendo o PERIGOSAS ACHERON

que você quer que eu faça.

Marília me encarou por alguns segundos e sua fisionomia mudou, ela ficou séria.

— Você o ama Mariana? — perguntou.

— Sim. Eu o amo. — depois de sua confiança em me contar um segredo de família e sua história, não me senti a vontade em não dizer a verdade.

— Então você vai para aquela sala agora e vai lutar pelo que é seu. Não vai deixar aquela mulherzinha comandar seu futuro. — ordenou.

Encarei Marília por um tempo me surpreendendo com a escolha de suas palavras e autoridade, entendendo finalmente o que ela queria dizer. Um plano louco se formando em minha cabeça.

Me levantei da cama decidida. Sai em disparada pela porta descendo as escadas e entrando na sala onde todos estavam reunidos. Kamal discutia com sua avó, quando me viu entrar. Não pensei duas vezes e me joguei nos braços dele o beijando intensamente. Eu estava quebrando uma das regras de meu querido sogro, mas que se dane. Essa velhinha merecia uma lição. Minhas pernas

PERIGOSAS ACHERON

foram parar em sua cintura e ele segurou meu peso com as mãos em minhas nádegas.

*Se minha querida vovózinha Abdo queria guerra? Ela iria ter.*

\*\*\*

Os suspiros de choque e horror não me fizeram afastar de Kamal, pelo contrário o apertei mais contra mim. E ele não rejeitou o contato, nos fundindo em um.

— Que tipo de desrespeito é esse? — perguntou uma voz desconhecida enfurecida. — Venho a sua casa Samir de boa fé e é assim que somos tratados? — o homem parecia indignado.

— Faça alguma coisa Samir. — pediu a querida vovózinha.

— E o que você quer que eu faça? — perguntou sem nenhuma emoção na voz.

— Estamos indo embora. — disse o desconhecido.

Decidi quebrar o beijo e descer minhas pernas da cintura de Kamal. Eu já tinha conseguido meu intento. Agora era hora de encarar as  
PERIGOSAS ACHERON

consequências. Encarei Kamal com um meio sorriso, e ele me retribuiu com todos os dentes à amostra. Ele não parecia preocupado com o que viria a seguir.

— Calma Altair, eu vou resolver isso. — disse a avó de Kamal antes que eu me virasse para ver os rostos pasmos.

A mãe da garota estava agarrada a ela tapando seus olhos para que não visse o ocorrido. Seu rosto mostrava a sua aversão a mim e o rosto enfurecido do Altair não ficava atrás. A avó de Kamal parecia que teria um ataque cardíaco a qualquer momento pelo tique nervoso em seu olho. O Sr. Abdo estava sem expressão, mas Marília tinha uma sorriso bem largo no rosto.

— Assim espero. — resmungou o homem. Pai da *nova* noiva.

— Eu exijo Samir que você mande essa estrangeira embora. — apontou para mim. Seu tom era de autoridade. — Onde já se viu. Fazer uma cena dessas na frente das visitas. Já se vê o tipo de gente que é. — e me olhou de cima a baixo. Eu não gostei disso.

— Tipo de gente? O que a senhora está PERIGOSAS ACHERON

sugerindo? — perguntei cruzando os braços em desafio.

— *Sharmoota*. — cuspiu em meus pés. Pelo menos não foi na face.

Abri a boca com o insulto. *Prostituta? Sério?*

— Cuspideira. — disse em português sabendo que ela não entenderia.

— O quê? O que você disse? — perguntou indignada.

O riso de Kamal a fez o olhar torto. Ele logo se calou em respeito.

— Nada. — disse tentando controlar o riso.

— Está vendo Samir. Ela não tem respeito para com os mais velhos, muito menos respeita sua casa. Me xingou na língua estrangeira dela e você vai ficar aí parado sem fazer nada? Exijo que a mande de volta para o canil de onde veio.

*Canil? Mas essa senhora estava passando dos limites.*

— ‘*Ami*.<sup>[41]</sup> Calma. O coração. — falou tentando amenizar a situação, mas estava difícil. Ela iria infartar.

— *Jidd*.<sup>[42]</sup> — chamou Kamal agora muito irritado. — Não vou ficar aqui escutando você

PERIGOSAS ACHERON

ofender minha noiva.

— Mas eu não estou ofendendo sua noiva. Estou ofendendo a estrangeira que você trouxe de bagagem com você.

— Sogra. — interveio Marília com olhar assassino para a mulher. — Acredito que você deveria se acalmar.

— Me acalmar? Só quando eu me ver livre dos estrangeiros que invadiram minha família. — ela passou os olhos por Marília e me encarou. — *Alddam asfasid.* [\[43\]](#)

*O que isso quer dizer?*

— Chega mamãe. Você está passando dos limites. — disse irritado. — Não vou deixar você ofender mais ninguém nesta sala.

O insulto também havia sido dirigido a Marília. Pelo menos o Sr. Abdo estava tomando as dores da esposa.

— Falar a verdade não é ofensa.

— Os convidados, mãe. — resmungou envergonhado. Parecia que eles haviam esquecido das visitas. Eu estava bem ciente da minha *concorrente*.

Lâmia se virou para o monarca da família  
PERIGOSAS ACHERON

visitante. A mãe já havia liberado o rosto da jovem que me olhava com um misto de curiosidade. A garota era bonita. Jovem e bonita. Devia ter a idade de Samira. Seus traços marcados e acentuados deixavam-na com um ar inocente. Sua pele bronzeada entrava em sintonia com o vermelho de seu vestido. Seus longos cabelos lisos no mais escuro preto evidenciava seus olhos castanhos.

Como uma boa emiradense ela estava banhada em ouro. Me olhei por um instante, eu não chegava aos seus pés. Uma coisa era certa, eles sabiam escolher prometidas. Entre mim e ela. Ela era quem mais combinava com Kamal. Mas de uma coisa eu sabia, era comigo que ele queria ficar.

— Desculpe-nos Altair, creio que agora podemos retomar o motivo da reunião. — sorriu gentilmente para o homem. — Tudo foi um mal entendido e conflito familiar. Isso acontece nas melhores famílias. — tentou se explicar. — Que tal marcarmos o casamento para daqui à dois meses? Dará tempo para prepararmos tudo.

*Não acredito que ela ainda vai continuar com isso.*

— Eu não sei. — respondeu o homem

PERIGOSAS ACHERON

pensativo.

— Não haverá casamento Altair. — começou Kamal decidido abraçando-me pela cintura. — Pelo menos, não na sua família. Não sei o que minha avó lhe disse, mas eu já estou noivo e não pretendo tomar uma segunda esposa. O acordo está desfeito.

O homem olhou Kamal por um instante e se voltou para Lâmia.

— Depois de tudo que vi e ouvi aqui, não sei se quero minha Laila envolvida numa família de sangue ruim. — ele se virou para sua família. — Vamos embora.

— O quê? — por essa vovó Lâmia não esperava. — Não. Espere! Kamal não tem sangue ruim.

— Eu não tinha pensado nisso até você dizer, Lâmia. Sua nora é uma estrangeira, o que implica dizer que Kamal tem sangue ruim já que é seu filho. E eu não quero netos de sangue impuro.

*Sangue ruim é a mistura de raças diferentes?*

— Mas Kamal não é... — ela parou pensativa por um momento.

*Será que ela vai revelar o segredo da família?*



Encarei Marília. Ela parecia estar pensando o mesmo que eu pelo seu rosto em pânico. Kamal não era um impuro. Ele não era filho de Marília, então não se encaixava nessa categoria, mas Altair não sabia disso.

Vendo que Lâmia se calou. Altair se despediu do Sr. Abdo com um aceno de cabeça, pegou sua família e partiu. Encarei a avó de Kamal que olhava fixamente a saída por onde a família visitante havia passado. Ela estava com a expressão aturdida e com muita raiva. *Parece que o tiro havia saído pela culatra.*

Dei um suspiro de alívio vendo que a batalha estava vencida. Agora eu só precisava me preocupar com a guerra.

— Precisamos conversar. — disse Kamal próximo a mim.

Eu sabia o que ele queria.

— Depois.

— Você me perdoa? — sua mão apertou minha cintura levemente. Ele estava tenso.

— Ainda estou chateada, mas vamos trabalhar isso. Você precisa confiar mais em mim. — o encarei.

— E você parar de fugir. — sussurrou.

Fomos interrompidos por sua querida vovó.

— Tudo isso é culpa sua. — apontou para o filho. — Se você não tivesse conhecido essa *mara*. [44] — seu dedo encontrou Marília. — Nada disso estaria acontecendo. Você não teria criado seu filho como um sangue ruim. Seu amor por essa estrangeira está destruindo a nossa família. — gritou.

*Ih! Isso não ia ser bom.*

— Chega! — gritou o Sr. Abdo. — Não vou permitir que você continue insultando minha esposa, mamãe. — ele estava muito irritado. — Se você não tem nada de bom a dizer, é melhor que se vá. Nada do que você diga vai mudar a realidade e se eu pudesse voltar no tempo eu faria tudo de novo.

— Você está expulsando sua mãe? — perguntou com cara de ofendida.

— Se você vai continuar a insultar as mulheres nesta sala. Sim, estou. — disse firme. Depois dessa meu sogro subiu no meu conceito. Ele se virou para nós. — Posso conversar com vocês dois a sós? — pediu sério. Concordamos

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente com um aceno de cabeça. Sua expressão era tão carrancuda que concordaríamos com qualquer coisa que ele pedisse. — Com sua licença mãe. — disse se curvando. — Espero não encontrá-la aqui quando eu voltar. — e se dirigiu ao seu escritório.

*É agora! Adeus Arábia.*

Seguimos o senhor Abdo silenciosamente. Eu já estava me preparando para a bronca que iria levar. Mas assim que entramos e ele fechou as portas duplas de seu escritório. Ele gargalhou. Ele ria tanto que teve que se dobrar segurando a barriga com dor. Kamal e eu nos encaramos sem entender, preocupados com seu ataque de riso. Eu esperava tudo, gritos e xingamentos, mas isso era totalmente inesperado.

— Eu pensei... — começou tentando controlar a respiração e parar de rir. — Eu pensei que *ela* teria um infarte. — riu novamente. — Eu vi a veia do pescoço do Altair saltar. — ele caminhou até sua mesa e se sentou na cadeira ainda rindo. — Por Allah! Nunca me divertir tanto.

— Não vai brigar conosco? — perguntei o encarando. O que estava acontecendo com meus

PERIGOSAS ACHERON

sogros? Primeiro Marília, agora ele.

— Dessa vez não.

— Mas nós quebramos uma de suas regras. — sugeri. Eu estava querendo me ferrar por perguntar isso, mas é que eu estava querendo entender à situação.

— É... — parou de rir e nos encarou pensativo. — ...quebraram. Mas vocês fizeram o que eu não tive coragem de fazer. — *Será que isso tinha haver com a Marília? Mas ele enfrentou sua mãe para ficarem juntos.* — Vocês podem ir. Não haverá punição, mas não quero que a cena se repita.

— Obrigado, pai. Não vai. — disse Kamal segurando meu braço e nos tirando dali.

Saímos do escritório e demos de cara com uma Marília sorridente. Ela não disse nada. Apenas entrou no escritório. Começamos a caminhar pela casa.

— Kamal, o que você disse aos seus pais? — perguntei curiosa com o que Marília havia falado no quarto.

— Sobre? — perguntou sem entender.

— Sobre nós. Marília me disse que você tinha conversado com ela e agora ela entendia

PERIGOSAS ACHERON

nosso relacionamento. E pelo que percebi de seu pai, você também falou com ele.

Kamal sorriu e parou me encurralando na parede próxima.

— Simples. Eu só disse a eles que queria ter o que eles têm.

— Só isso?

— Meu pai me entende Mari. Ele próprio se casou com uma estrangeira. Não precisa mais se preocupar com relação a isso. Ele não vai me obrigar a casar com outra pessoa além de você. — sorriu.

Fiquei sem palavras. Olhei ao redor. Eu queria beijá-lo, mas era melhor não abusar da sorte. Estávamos ainda perto do escritório.

— E a sua avó? — ela ainda era um problema.

— Quando você chegou nós estávamos discutindo o acordo. Eu havia dito que não iria acontecer casamento nenhum e meu pai me apoiou. Enquanto eu tiver seu apoio ela não pode fazer mais nada. Só aceitar. — explicou. — Por ele ser homem adulto, casado e monarca da família. Sua decisão é lei. Às vezes ele abre mão de sua

PERIGOSAS ACHERON

autoridade para satisfazê-la. Mas nesse caso não vai acontecer.

Me senti mais aliviada ao saber que Sr. Abdo estava do nosso lado.

— O que significa ter sangue ruim? — eu tinha entendido mais ou menos o que queria dizer, mas eu queria ter certeza.

Ele ficou tenso.

— Algumas famílias árabes tradicionais preferem não se misturar com estrangeiros dizendo que o sangue dos filhos se torna impuro com a mistura de raças. Por isso existem muitos casamentos arranjados. Para que o sangue se mantenha puro.

Acenei entendendo.

— E você não se importa que meu sangue seja ruim.

— Seu sangue não é ruim Mari. É igual o meu: Vermelho e líquido.

Eu não queria fazer essa pergunta, mas se eu estava pensando em ter um futuro com ele precisava saber.

— E os filhos. Você não importa de serem impuros por causa do meu sangue?

Ele me encarou com um sorriso.

— Você já está pensando em ter filhos comigo? — perguntou sorridente.

Corei. *Droga!*

— Eu não disse isso.

— Não me importa Mari. Adoraria ter um filho com você porque ele seria o fruto do nosso amor.

Sorri. Meu coração acelerado. Kamal era muito intenso. Segurei em seu pescoço e o beijei. Não tinha como resistir. Eu amava esse homem.

— Vamos sair daqui? — sugeriu.

Kamal me guiou para o enorme terraço até a área mais escura e escondida. Ninguém nos veria aqui. Gargalhei. Ele me calou com um beijo. Um longo e intenso beijo. Nós parecíamos dois adolescentes com muitos hormônios prestes a ser liberados.

\*\*\*

Kamal me deixou em meu quarto e assim que entrei encontrei Samira deitada na cama dormindo. Ela deve ter ficado cansada de me esperar. Peguei

PERIGOSAS ACHERON

minhas roupas de dormir e fui para o banheiro me lavar. Quando voltei para o quarto Samira estava sentada na cama com cara de sono.

— Me desculpa Mari. — pediu assim que me viu. Bocejou. Suspirei pesado diante de seu olhar arrependido. — Eu não queria fazer isso. Só para você saber. Eu fui contra esconder isso de você.

Me aproximei dela e a abracei apertado. Ao contrário do que eu havia dito a ela anteriormente. Ela era uma boa amiga. Eu sabia que Kamal ou Marília havia pedido para que ela me tirasse da jogada levando-me para jantar.

— Tudo bem Sami. Vamos deixar isso para lá. Eu só estava com raiva quando falei aquilo para você.

— Você me perdoa?

Sorri me afastando e sentando na cama.

— Eu perdoei seu irmão que é um mentiroso, para não perdoar você que foi uma vítima igual a mim.

Ela sorriu aliviada.

— Obrigada. Você é uma ótima pessoa. Eu gosto muito de você e vou adorar tê-la como irmã.

Sorri para ela diante de suas palavras. Eu  
PERIGOSAS ACHERON



estava feliz pela aceitação de minha *nova* família. Esse pensamento me assustou, porque pela primeira vez eu estava considerando ficar na Arábia.

\*\*\*

Olhei ao redor do salão e bebi mais uma taça de licor entediada. Estávamos em um jantar beneficente e dessa vez não fomos separados de salões. Kamal estava bem à vista. Mas infelizmente ele tinha negócios a tratar. Marília havia me feito companhia por um tempo até sua amiga Fátima aparecer. Fui deixada na mesa do *buffet*. Samira havia ido no banheiro uma hora atrás. Eu sabia que ela se perdera de propósito. Então, eu estava sozinha.

Infelizmente não vi o perigo que me rondava, até ela se aproximar sorrateiramente.

— Você vai me pagar. — sussurrou próximo a mim. Eu estava esperando que ela fizesse contato assim que pus meus pés no salão e a vi. Só não sabia que demoraria tanto. Eu estava entediada.

— Mande saudações ao seu marido. — sorri bebendo mais do licor.

Ouvi algo se quebrando e virei para olhá-la. A taça estava no chão e sua mão sangrando.

— Você não tem noção do que causou. — seu olhar de raiva era prova suficiente de que eu sabia. Ela estava com raiva de mim. E isso não tinha haver comigo e Kamal, e sim com o seu marido.

— Você é louca? — perguntei me aproximando para ver sua mão. Ela se afastou.

— Você não sabe com quem mexeu.

Tamires se afastou da mesma forma como chegou. Sem chamar atenção. Ela iria aprontar algo. Pelo seu olhar de ódio, vingança era o que ela queria. Mas agora que eu estava ciente que ela aprontaria, não deixaria me influenciar pela situação. Dessa vez Kamal e eu estávamos mais fortes. Nada poderia nos separar. A começar por agora.

Deixei a taça em uma mesa próxima e me aproximei dos cavalheiros que conversavam.

— Boa noite! — saudei e os homens me encararam. — Posso roubar meu *noivo* um segundinho? — perguntei com a cara mais inocente de todas.

Os homens se entreolharam e ficaram sem fala. Principalmente por causa do meu vestido preto, transparente em algumas partes do corpo.

— Claro, Mari.

Sorri para o meu sogro por ter usado meu apelido. Depois do que acontecera no domingo. O Sr. Abdo e eu tivemos uma conversa. Ele queria saber mais sobre mim já que eu futuramente seria sua nora. Ao que parece Kamal não contou aos seus pais sobre o falso noivado. Ela era muito legal e ri horrores com suas piadas sem graça. Foi uma conversa agradável e que ajudou a nos conhecermos. Era bom saber que ele estava me aceitando.

Kamal sorriu para mim e pegou minha mão. O guiei para a pista de dança e começamos a nos movimentar de acordo com a melodia lenta.

— Obrigado! — sussurrou com um sorriso.

— Pelo quê? — franzi o cenho intrigada.

— Faz horas que espero você interferir.

Sorri escorando minha bochecha em seu tórax.

— Então quer dizer que eu posso fazer isso sempre que quiser.

— Sim. Você pode.

O segurei mais firme aproveitando seus braços e o balanço da música. Não importa o que Tamires faça. Nada vai nos separar.

\*\*\*

Analisei meu vestido pela quinta vez em frente ao espelho. Kamal estava atrasado.

Nós iríamos jantar fora e hoje eu daria minha resposta sobre sua proposta de emprego. Essa resposta definiria o que aconteceria conosco de hoje em diante. Nós tínhamos muito que conversar e alguns pontos importantes a acertar. Eu estava nervosa.

Meu celular tocou.

— Onde você está? — perguntei em expectativa.

— *Mari. Eu vou me atrasar só mais um pouquinho. Acho melhor você ir com o segurança e o motorista, eles já estão cientes. Encontro você lá.*

— Tudo bem.

Sair desse quarto iria me ajudar a acalmar os ânimos antes de nossa conversa. E ter o caminho do

PERIGOSAS ACHERON

restaurante para pensar e analisar a fundo minha decisão, sem Kamal por perto. Era perfeito.

— *Meu celular está descarregando. Mas não vou demorar.*

— Tá certo. Sem problemas.

— *Te amo!*

— Idem.

Desliguei o celular e desci para encontrar a minha escolta. Entrei no carro e a viagem começou. Respirei fundo olhando Riade pela janela do carro. O caminho não fora muito longo, mas esse curto período de tempo me ajudou a ter certeza da minha decisão.

Entreí no restaurante informando o nome de Kamal para a reserva e a moça me guiou até minha mesa. De onde eu estava podia ver a entrada e o segurança perto da porta.

Um garçom logo se aproximou para anotar o meu pedido. Informeí que estava esperando meu noivo para jantar, mas mesmo assim pedi-lhe uma garrafa de vinho. Kamal não iria se importa. Eu precisava me acalmar.

Chequei o celular. Já havia passado quase uma hora e nenhum sinal dele. Resolvi ligar, mas o

PERIGOSAS ACHERON

celular caiu na caixa postal. Recordei que ele dissera que o celular estava descarregando. *Droga!* Bebi mais um pouco do meu vinho. Eu quase acabara a garrafa.

Um homem árabe se aproximou sentando-se em minha mesa. O encarei sem entender.

— Desculpe senhor. Essa mesa está ocupada.

— Você é Mariana noiva de Kamal? — perguntou.

— Não vou responder sua pergunta. — disse desconfiada. Procurei o segurança, mas não o encontrei perto da porta onde estava minutos atrás.

— Kamal é um amigo meu. — disse se acomodando mais na cadeira.

— Sério? — eu não acreditei. — Então você deve saber que ele não vai gostar de te encontrar sentado nesta mesa conversando comigo. — girei o olhar pelo restaurante.

*Onde está o segurança?*

— Você é bem estressadinha.

O encarei. Um frio de alarme descendo pela minha espinha. Isso estava indo longe demais. Eu precisava arranjar uma solução para tirar esse homem de minha mesa.

— Eu vou ao toalete. — informei. — E se eu voltar e você continuar aqui. Vou acionar a gerência do restaurante. — ameacei.

Ele pegou a garrafa de vinho e encheu a taça à sua frente. Me encarou em desafio e bebeu todo o líquido. Me levantei indo em direção ao banheiro feminino. O banheiro ficava mais atrás do restaurante. Um pequeno corredor levava aos toaletes que ficavam um de frente ao outro. Entrei e me olhei no espelho. Eu não queria usá-lo, só queria fugir do homem inconveniente. Havia uma mulher no banheiro, que sorriu simpática e logo saiu.

Respirei fundo. Nervosa com a demora de Kamal. Quanto mais os minutos passavam, mais o nervosismo me atacava pela conversa que teríamos e essa demora era angustiante. E para completar tinha esse homem estranho. Eu precisava achar o segurança que havia sumido, nem louca eu iria voltar para aquela mesa.

Sai do banheiro decidida ir atrás do segurança, mas não consegui dar mais nenhum passo, porque uma mão forte me segurou. Tentei gritar, mas um pano logo foi posto em meu rosto.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei tonta. A inconsciência me dominando.  
O *que estava acontecendo?*

PERIGOSAS ACHERON



## Capítulo 20

Acordei  
com a  
cabeça

pesada. Olhei ao redor. *Onde estou?*

Eu estava em um quarto pequeno e desconhecido. Levantei lentamente procurando minhas coisas. *O que aconteceu?* Eu não lembrava muito. Só que eu havia ido até o restaurante que Kamal combinara. Esperei por ele. Depois um cara estranho apareceu. O segurança sumiu. Fui ao banheiro e depois nada.

Encontrei meu vestido pelo chão e pela primeira vez percebi que eu estava só de lingerie. *Mas que merda.* Fiz uma análise minuciosa em mim. Eu não havia sido estuprada. *Oh Deus! Isso é um sequestro?* Vesti a roupa rapidamente analisando o conteúdo da minha bolsa. Eu também

PERIGOSAS ACHERON

não havia sido roubada. Calcei os sapatos.

Caminhei cautelosa até a porta colocando o ouvido para ouvir se havia alguém do outro lado. Sem movimentos. Girei a maçaneta. Destrancada. Coloquei a cabeça para fora olhando de um lado a outro. Corredor vazio. *Isso está muito estranho.* Segui pelo corredor até a escada. Desci cautelosa e um jovem atrás de um balcão de atendimento me saudou com um sorriso:

— *Sabah alkhyr!*<sup>[45]</sup>

*Só se for para ele!*

— Onde estou? — perguntei me aproximando.

— No motel Ali Babá. Mil e uma noites de prazer.

Eu tinha certeza que estava que nem pimenta de vergonha. *O que danado eu estava fazendo aqui?*

— O quê? Como eu cheguei aqui?

O rapaz me olhou sem entender. Ele parecia não me julgar por estar num lugar como esse. Eu já tinha ido a motéis e não me envergonharia disso sendo solteira. Mas agora eu estava comprometida e ainda mais não tinha noção de como tinha ido

PERIGOSAS ACHERON

parar ali. De uma coisa eu tinha certeza, não tinha sido com Kamal. Como também havia uma grande diferença em ir a um motel no Brasil e um na Arábia.

*Qual seria a punição para essa transgressão?*

— Você veio com seu namorado. — respondeu. — Não se lembra? — perguntou. *Não, eu não me lembro.* — Não se preocupe. Nós não vamos julgá-la por isso. Muitos casais vem aqui em busca de diversão. Nosso lema é: Não julgues para não seres julgados.

— Muito bíblico. — murmurei. — Você sabe onde está meu seques...*namorado?* — dei um sorriso inocente.

— Ele foi embora faz algumas horas.

*Horas?*

— Que hora é?

Ele olhou seu relógio de pulso.

— Onze e treze da manhã.

*Manhã? Eu estava desaparecida a mais de doze horas? Meu Deus! Kamal deve está louco atrás de mim.*

Sai em disparada em direção à porta. Eu  
PERIGOSAS ACHERON

precisava voltar para a mansão e explicar o que havia acontecido.

— Ei moça. — chamou o rapaz segurando meu braço. — Ainda falta você pagar a conta.

*Ótimo! O cara me sequestra e ainda deixa a conta para eu pagar.*

Tirei o cartão de crédito da bolsa e entreguei. Ele recusou.

— Só aceitamos dinheiro.

O encarei de boca aberta olhando quanto eu tinha na bolsa. *Perfeito!* Paguei o árabe ficando com míseros *dirhams* na bolsa.

Assim que pus os pés na rua às pessoas me olharam estranho. Pensei que fosse por eu estar saindo de um motel. Mas depois percebi que era por causa do meu vestido *chique*. Revirei os olhos e olhei a região. Essa não parecia uma região agradável de se estar e não precisei de muito tempo para ter certeza. Porque logo fui abordada por alguns senhores estranhos que levaram minhas jóias e meus únicos *dirhams*.

*Como eu vou voltar para casa?*

*Casa?* Eu já estava chamando a mansão de casa.

Caminhei alguns metros encontrando um ponto de táxi. Entrei rapidamente aliviada por sair desse lugar. Kamal teria que pagar o táxi. Mas pelo menos agora eu estava segura. Dei o endereço ao senhor baixinho e ele ligou o carro. Mais de uma hora depois eu estava dentro do codomínio em frente a mansão.

— O senhor aguarda um momento? — perguntei. — Vou buscar seu dinheiro.

O taxista não reclamou por ter que esperar e agradei aos céus por isso.

Entre na mansão preocupada. Eu não sabia o que tinha acontecido comigo e não sabia como explicar meu sumiço. Samira logo apareceu saindo da sala.

— Mari, que bom que você está bem. — ela me abraçou aliviada. — O que aconteceu?

— Uma longa história. Depois conversamos. — eu precisava encontrar Kamal. — Onde está seu irmão?

— No escritório.

Dei um passo em direção ao escritório, mas parei me voltando para ela.

— Samira! — chamei me lembrando do  
PERIGOSAS ACHERON

taxista. — Será que você pode pagar o taxista. Eu estava sem dinheiro para voltar.

Foi quando ela me analisou.

— Onde estão as jóias?

— Fui roubada. — expliquei.

— Por Allah! — murmurou. — Claro! Não se preocupe, vou pegar o dinheiro.

Concordei me virando para ir ao escritório quando vi algumas malas perto da escada.

— Você vai viajar? — perguntei. Mas logo percebi que as malas eram minhas. — O que minhas malas estão fazendo aqui?

— Acho melhor você conversar com Kamal. — disse se retirando.

Paralisei um instante antes de seguir em direção ao escritório. E a cena que eu vi quando entrei me atordoou.

Kamal estava sentado na cadeira de seu pai, um copo com um líquido âmbar em cima da mesa. Havia olheiras embaixo de seus olhos e a barba estava por fazer. A camisa de linho estava amassada com alguns botões abertos. Ele parecia cansado, como se não tivesse dormido. E quando me olhou tive certeza que ele havia passado a noite

## PERIGOSAS ACHERON

em claro. Por um momento vi alívio em seu olhar, mas de repente seus olhos endureceram.

Eu não tinha noção do que dizer. Como explicar para ele que acordei num lugar desconhecido porque algum louco me tirou do restaurante desacordada. Eu não sabia por onde começar.

— Kamal. Eu posso ex... — ele me cortou.

— Preciso que volte para o Brasil. — disse curto e grosso.

Meu coração parou uma batida. *Ele estava me mandando embora?*

— O quê? — perguntei perplexa.

— Preciso que volte para o Brasil.

— Eu não acredito nisso. — murmurei para mim mesma. — Você está brincando?

— *Lays*.<sup>[46]</sup>

— Você está falando sério?

— *Nem*.<sup>[47]</sup>

— Não acredito que você está me mandando embora sem mais nem menos, sem me dar a chance de explicar o que aconteceu.

— Não torne as coisas piores Mari. — ele se levantou. Suas mãos em punho diante do seu corpo.

*Ele estava terminando comigo?*

— Não me chame de Mari. — gritei agora entendendo a situação. As lágrimas banhando meus olhos. As segurei. Eu não iria chorar.

— Por favor! — pediu em um fio de voz.

— Então é assim que termina? — ele abaixou o olhar calado. — Não acredito que isso esteja acontecendo. — murmurei ainda sem entender.

— O motorista a levará ao aeroporto. Tudo já está arranjado para sua partida.

Bufei.

— Percebi minhas malas na entrada. — engoli a bile que subiu pela garganta. Eu não iria chorar! O encarei. Ele ainda não olhava para mim. — Kamal. — chamei. — Vamos conversar. O que está acontecendo? — tentei novamente e dei um passo para me aproximar, ele deu um para trás. Parei.

— Não. Preciso que você volte. Ponto final!

A mesa parecia mais interessante do que eu. Aquilo doeu. O observei alguns segundos, sem saber o que falar ou fazer.

— Kamal! — chamei.



— Não! — pediu.

Abri a boca abismada. *Como uma pessoa pode mudar tanto do dia para a noite? Algo está acontecendo.* Esse não era o Kamal que eu conhecia. Mas o meu orgulho ferido pela rejeição não iria me permitir humilhar-me mais.

— Tudo foi uma mentira? — perguntei. — As palavras, as promessas, o amor?

Ele não respondeu. Controlei as lágrimas que insistiam em cair. Eu não iria chorar.

— Tudo bem. — disse decidida. — Depois de tudo o que passamos nunca imaginei que terminaria assim. — balancei a cabeça para impedir as lágrimas e respirei fundo. Se ele não me queria aqui, eu que não iria insistir. — Se é assim que você quer. Adeus! — cuspi a última palavra com raiva. Estava quase na porta para ir embora, quando me virei para ele. — E só para você saber. Eu ia ficar com você aqui.

Essa era a minha decisão. Eu ia arriscar meu futuro e deixar meu passado para estar com ele. Isso antes do que aconteceu. A noite passada era um escuro sem fim. Eu ser sequestrada não era motivo para me mandar embora. Mas Kamal não

PERIGOSAS ACHERON

queria nem me deixar explicar. Ele não perdeu tempo em arrumar minhas coisas e me mandar embora. Eu fui uma tola em ter acreditado em seu amor.

*Amor! Ele nunca me amou.*

Quem ama não faz o que ela acabou de fazer. Ele engoliu em seco me encarando, abriu a boca para dizer algo mais a fechou. Sai do escritório sem olhar para trás. Marília estava no corredor. Ela estava séria e não falou comigo. Dei um passo e ela entrou no escritório fechando a porta. Mas não antes que eu pudesse escutar sua voz.

— Você fez bem filho!

*O quê?* Eu estava perplexa diante de suas palavras. Eu confiei nela, pensei que ela havia mudado e estava me aceitando. Mas eu estava enganada. Eu não duvido nada se ela tiver algo haver com o meu suposto sequestro. Isso não importa agora. Kamal não me quer aqui, ele não confia em mim e muito menos me ama. O melhor para minha dignidade é ir embora, enquanto eu ainda a tenho.

Entrei dentro do carro que já estava abastecido com as minhas malas. Não me despedi

PERIGOSAS ACHERON

de Samira. Eu não conseguiria. A ida até o aeroporto foi angustiante e sofrida. Mas eu não iria chorar. Despachei as malas, peguei meu bilhete e segui em direção ao portão de embarque. Me sentei na primeira classe. Por um momento pensei em trocar meu bilhete pela econômica, mas pensando bem. Eu merecia receber um bom tratamento de volta por tudo que ele me fez passar.

O piloto saudou e avisou que estávamos prontos para voar. Meu coração acelerou e apertei a cadeira com força. Só aliviei a pressão quando o avião já estava no ar. Eu odiava voar e estava começando a odiar meus olhos traidores que insistiam em banhassem em lágrimas, enquanto meu coração sabia o que estava deixando para trás.

\*\*\*

Meu celular tocou freneticamente dentro da bolsa. Atendi rapidamente na esperança de ser Kamal. Eu ainda acreditava que tudo não passava de um mal entendido e estava disposta a perdoá-lo. Mas a voz do outro lado era feminina.

— Milena? — perguntei. — Onde diabos  
PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

você estava?

Eu sabia que era na Índia, mas já fazia semanas que ela não dava notícias.

— *Ah Mari. — suspirou. — Eu nem te conto.*

— O que aconteceu? — perguntei preocupada.

— *Quando você chegar em casa do trabalho nós falamos.*

— Casa? Você está no Brasil? E a viagem?

— *Eu voltei mais cedo. Desculpe-me não ter te ligado para ir me pegar no aeroporto, mas eu estava sem celular, acabei de comprar um.*

— Por que você estava sem celular?

— *Longa história Mari.*

— Certo!

— *A que horas você pode chegar ao meu apartamento?*

— Hum... Milena. — chamei olhando ao redor do aeroporto. — Temos um pequeno probleminha.

— *Qual?*

— Eu estou no aeroporto Internacional de Joanesburgo.

A linha ficou muda por um momento.

PERIGOSAS ACHERON

— *O que você está fazendo na África?* — gritou.

— Eu... — comecei pensando no que dizer. Eu não queria conversar sobre Kamal pelo telefone, mas minha voz falhou e lágrimas deslizaram pelos meus olhos. Eu não sabia se era saudade de Milena que fez as comportas se abrirem, mas eu não conseguia mais aguentar.

— *Você está chorando?* — *seu tom era preocupado.* — *O que está havendo Mari?*

— Eu me apaixonei.

— *Oh! Isso é uma merda.*

— O problema não é esse.

— *E qual é o problema?*

— Foi pelo meu chefe. — chorei mais.

— *Você está chorando porque se apaixonou por um árabe gostoso, bonito e rico?*

— Sim. — haviam mais coisas envolvidas, como por exemplo ele me expulsar de sua casa.

— *Entendi.* — *eu sabia que ela tinha. Ela era minha metade.* — *Mas o que isso tem haver com você estar na África?*

— Eu estava na Arábia. — expliquei.

— *Com ele?* — *ela parecia surpresa.*

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— *O que aconteceu nesse tempo que estive fora?*

— Muita coisa! — eu não queria nem lembrar. Doía demais.

— *E por que você está voltando?*

— Por que ele me expulsou.

Dizer essas palavras em voz alta doía mais do que em minha cabeça. Mais lágrimas mancharam meu vestido. O mesmo que não tive chance de trocar. Eu sai da Arábia do mesmo jeito que entrei. Sem direito a um banho. Isso era tão irônico.

— *Ele o quê? Eu castro aquele árabe. — resmungou com raiva. — Quando você chega?*

— Amanhã. Acredito que antes do almoço se o voo não atrasar.

— *Tudo bem. Vou te pegar no aeroporto.*

A moça no interfone fez a chamada para o meu voo.

— Preciso ir Mi. Estão chamando.

— *Tudo bem. Cuidado. — começou preocupada. — Respira fundo se entrar em pânico por causa do avião, finge que eu estou segurando a*  
PERIGOSAS ACHERON

*sua mão.*

Dei um sorriso diante de suas palavras.  
Milena sempre cuidando de mim.

— Ok. Vou me lembrar disso. Obrigada!

— *De nada. Mas quando você chegar vai me contar direitinho essa história. E eu vou caçar esse árabe até ele virar areia.*

Sorri.

— Até logo!

— *Até.*

Desliguei o celular e segui em direção ao portão de embarque. Agora era oficial. Eu estava voltando para casa.

## Capítulo 21

Milena  
estava  
lá para

me abraçar no aeroporto. Me agarrei a ela como uma tábua de salvação. Eu havia sentido tanta saudade dela. Como ela também de mim. As pessoas que passavam por nós, nos olhavam preocupadas. Porque não era só saudade pelo qual chorávamos. No meu caso era por Kamal e tudo o que me aconteceu. No caso dela eu não sabia, mas tinha certeza que algo de grave havia acontecido com minha metade. Eu podia sentir.

Ela também estava lá sentada no meu sofá para me abraçar e apoiar quando contei a minha triste história. Eu chorei até as lágrimas secarem. Milena ouviu tudo sem interromper. Depois de um

PERIGOSAS ACHERON



tempo o cansaço me dominou e deitamos na cama para terminarmos a conversa. A noite seria longa.

— Eu não acredito que depois de tudo que vocês passaram ele simplesmente te expulsou. — eu também não estava acreditando, mas depois que entrei no meu apartamento percebi o quanto tudo era real. — Tem alguma coisa que você está deixando passar Mari.

— O quê, por exemplo? — eu estava chateada. Meu sofrimento se transformou em raiva depois que Milena começou a dar uma de *Sherlock Holmes*. Isso depois de xingá-lo e ameaçá-lo. Para ela, Kamal estava escondendo algo. — Ele simplesmente me olhou e disse: *Mari. Preciso que volte para o Brasil.* — tentei imitar sua voz. Mas ao lembrar-me da cena, lágrimas invadiram meus olhos. As segurei engolindo em seco. *Chega de chorar!*

— É isso. — gritou empolgada.

— O quê? — a olhei assustada.

— Ele disse preciso. Não. Quero.

— Ah me poupe Mi. — resmunguei não lhe dando atenção. Que importância tinha o verbo que ele utilizava. — Você agora vai ficar do lado dele.

— Não. Só estou querendo entender.

— Pare de querer entender esse canalha mulhereengo de uma figa e me ajude a desarrumar as malas.

Levantei-me da cama e comecei a abrir as malas. Milena me ajudou. Estava separando as roupas para guardar quando Mi chamou minha atenção.

— De onde você roubou isso?

O colar de brilhantes que eu havia usado no primeiro evento que fui na Arábia estava em suas mãos. Me aproximei lhe arrancando a caixa com os brincos e pulseira. Lembranças agradáveis e não tão agradáveis invadindo minha mente. Me irritei.

— Solta isso. — tirei o colar de sua mão o guardando na caixa. *De onde isso veio?*

Olhei o conteúdo da mala que Milena estava arrumando. Os vestido, sapatos e jóias que usei na Arábia estavam todos aqui. Menos as jóias que haviam sido roubadas, mas todo o restante estava aqui. Eu não acreditava nisso. *Até a abaya.* Pegue as roupas nas mãos com as lembranças pipocando minha mente. Joguei tudo dentro da mala fechando-a. A arrastei até a sala.

— O que você vai fazer com tudo isso? —  
perguntou Milena curiosa.

Minha vontade era tocar fogo.

— Despachar para a Arábia. Não quero nada  
dele.

— E o que você vai fazer com o anel.

A encarei com o cenho franzido.

— Que anel?

Ela apontou para o meu dedo. *O anel!* Eu  
havia me esquecido do anel. Passei tanto tempo  
com ele no dedo que eu já havia me acostumado  
com seu peso. Encarei o anel de noivado e engoli  
em seco.

— Vou devolver. — disse o tirando. Milena  
o tomou de minhas mãos.

— Devo confessar. O cara tem bom gosto.

— Infelizmente. — murmurei olhando para a  
mala. Muito bom gosto. — Você despacha a mala  
para mim amanhã? Vou colocar o endereço.

— Claro.

Peguei o anel das mãos de Milena e o  
coloquei na caixa junto com os brilhantes. Voltei  
para o quarto e para a minha tarefa. Eu precisava  
pensar em outra coisa que não envolvesse um árabe  
PERIGOSAS ACHERON

de olhos intensos. Milena estava muito calada, pensativa. E isso não era de seu feitio. Eu sabia que tinha algo errado com ela, mas desde o momento que parei de chorar ela não disse nada.

— Então. — comecei. Chega de falar de mim. — Vai me contar agora o que aconteceu com você?

Milena me encarou um segundo e fechou os olhos com força.

— Eu me apaixonei. — essas palavrinhas me espantaram. Eu me apaixonar era difícil, mas a Milena era um caso impossível.

— Oh! Isso é uma merda. — repeti suas palavras. Ela abriu os olhos e sorriu.

— Você não é uma pessoa criativa.

— Eu faço o que posso. Agora conta.

— Tudo bem. — disse com um suspiro e olhou para cima. Ela estava tentando segurar as lágrimas. Aproximei-me a abraçando de lado, ela colocou a sua cabeça em meu ombro. Seja lá o que tenha acontecido com minha metade a desestabilizou e isso era uma coisa difícil de acontecer.

— Parece que estamos na merda juntas. —  
PERIGOSAS ACHERON

murmurei.

— Como sempre você com inveja de mim.  
— brincou. Sorri, mas logo meu sorriso se perdeu em meio as palavras de Milena.

\*\*\*

Segunda-feira. Foi difícil acordar na hora. O fuso horário mexeu com meu sono. Mas eu tinha algo a fazer e não podia deixar para amanhã. Usei meu cartão para passar pelas catracas de segurança e entrei no elevador apertando o botão do último andar.

Dei de cara com uma loira sentada na minha mesa. Agora ela não era mais minha, já que Marcus ficara no lugar de Kamal e Marcela sua secretária fora remanejada para lá.

— Mari. — disse Marcela feliz por me ver.  
— Pensei que você não fosse voltar.

Não respondi seu comentário.

— Oi Marcela. — sorri para ela. — O Marcus está?

— Está. Quer falar com ele?

— Por favor!

Marcela fez a chamada e o Marcus me mandou entrar. Abri a porta de sua sala. E quando ele me viu, sorriu e veio me abraçar. Dei um soco em seu rosto. *Tudo isso era culpa dele.* Gemi de dor, balançando minha mão freneticamente. *Acho que quebrei um osso. Droga! Eu devia só ter dado um tapa ou uma joelhada.*

— Aí! Você enlouqueceu? — perguntou se sentando no sofá que havia no meio da sala com a mão no rosto.

— Pode se dizer que sim. — murmurei tentando aliviar a dormência da minha mão.

— Posso saber o que eu fiz para merecer isso?

— Você encheu a cabeça de Kamal com ideias absurdas, me fazendo ir parar na Arábia, onde acabei me apaixonando por ele e depois ele me expulsou. Quer mais?

— Não. — respondeu desconfiado. Me sentei ao seu lado. — Sinto muito.

— Deve sentir mesmo.

— Mari. Kama... — o cortei.

— Não quero saber. Eu vim aqui só para pedir demissão.

Marcus me encarou alarmado.

— O quê? Mas... — o cortei novamente.

— Eu não quero mais trabalhar para as Empresas Abdo. — disse decidida.

— Está tudo arranjado para você ocupar o cargo nas relações públicas. — disse.

— Não quero um cargo barganhado através de mentiras.

— É muito nobre de sua parte, mas tenho ordens... — não o deixei terminar de novo.

— Não quero saber das ordens de Kamal. Ele que se dane!

— Mari, não deixe essa oportunidade passar. O mercado de trabalho está difícil.

— Eu sei. — murmurei. — Mas posso me virar.

Marcus suspirou pesado.

— Vamos fazer o seguinte. — começou pensativo. — Infelizmente eu já tenho uma secretária, mas a Blanca a nova vice-gerente está à procura de uma. Você aceita ser sua secretária?

— Eu não quero mais trabalhar aqui. — disse. Esse lugar me dava muitas lembranças.

— Só até você conseguir algo. Vai ser PERIGOSAS ACHERON

melhor. — ele sorriu. — Por favor! Dormirei melhor à noite sabendo que você não está passando fome.

— Eu não estou passando fome. — resmunguei.

— Por favor! — pediu juntando as mãos em uma prece.

Pensei por um momento.

— Não.

— Tudo bem então. Mas você terá que cumprir o aviso prévio.

— De quanto tempo?

— Três meses.

— O quê? Por quê? Eu não vou fazer isso.

— Se você não cumprir o aviso prévio terei que descontar do seu salário os três meses.

Fiz as contas. Eu não estava na empresa a muito tempo, se ele descontasse os três meses eu não receberia nada. Mesmo querendo arrumar outro emprego eu precisava desse dinheiro para sobreviver por algum tempo. *Droga!*

— Tudo bem. — cedi. — Mas só até eu conseguir outro emprego. E não pense que não vou.

*Amanhã mesmo começaria a enviar*  
PERIGOSAS ACHERON



*currículos.*

Ele me olhou satisfeito.

— Tenho fé em você. Mas enquanto isso, vamos conhecer sua nova *chefa*.

Acenei concordando. *Pelo menos eu não ficaria nesse andar.* Encarei seu rosto.

— Você devia colocar gelo. — aponte para sua bochecha. — Está ficando roxo.

— Você tem a mão pesada para uma mulher. — comentou andando em direção à porta.

Sorri.

— Fiz algumas aulas de autodefesa.

Marcus gargalhou.

— Você e seus cursos inacabados. Tem algum curso que você tenha terminado?

— O ensino médio conta? — brinquei. Marcus deu outra gargalhada. O acompanhei. Era bom sorrir.

\*\*\*

Blanca é a pior pessoa para se trabalhar. Eu já havia ouvido falar dela, mas nunca tive o desprazer de conhecer, até o momento. Ela é rude,  
PERIGOSAS ACHERON

ignorante e irritante.

— Não pense que por você ser a noiva do chefe pegarei leve. — foram suas palavras depois que Marcus me deixou com ela. Não tive nem oportunidade de explicar que eu não era mais noiva de Kamal porque Blanca entrou em sua sala.

*Ela não lia as fofocas não?*

Abri o computador entrando no site de buscas. Eu não sabia o que os sites de fofocas andavam falando de mim durante esses dias que passei trancada em casa. Mas o que *não* vi me surpreendeu. Não havia nada dizendo sobre o *nosso* rompimento. Só havia uma nota do porquê eu estava voltando para o Brasil.

**“ Por ter contraído uma virose na sua viagem à Arábia. Mariana Assunção noiva do milionário Kamal Abdo voltou ao Brasil para se tratar. Informou a assessoria de imprensa das Empresas Abdo.”**

Encarei a mentira lavada na tela do computador. *Virose?* Bufei. *Por que eles mentiram ao invés de contar a verdade?*

O telefone em cima da mesa tocou.

— Empresa de tele... — não consegui terminar minha saudação.

— *Mari. — uma voz conhecida gritou ao telefone.*

— Cristina? — perguntei confusa com sua reação. Ela estava muito feliz em me ouvir.

— *Não acredito que você voltou por causa de uma virose. — resmungou. — Lá não tem médicos para te tratar?*

*Era isso que eu estava pensando.*

— Acredito que não! — resmunguei.

— *Você está bem? — perguntou preocupada.*

— Estou sim. Como você sabia onde me encontrar?

— *O Marcus acabou de ligar dizendo que você era a nova secretária da Blanca. Essa mal-amada. — resmungou.*

Sorri.

— *Vamos almoçar?*

— Com certeza. — eu precisava voltar a minha rotina e isso incluía Cristina.

— *Precisamos conversar sobre essa sua aventura pelos Emirados Árabes. — disse*

*maliciosa. — Kamal veio com você?*

— Não. Precisamos conversar Cristina. — disse séria. Eu não iria continuar mentindo para os meus amigos.

— *O que houve? — perguntou alarmada.*

— No almoço.

— *Tudo bem.*

— Te encontro às doze.

— *Está bem. Até logo.*

— Até.

Quando o ponteiro marcou meio-dia me encontrei com Cristina no saguão e contei toda a verdade sobre o que realmente aconteceu comigo e Kamal. Chega de mentiras. Toda essa confusão só aconteceu porque eu aceitei mentir para ele. E eu não ia continuar fazendo isso. Se ele não quis contar a verdade a imprensa sobre nós, problema dele. Mas eu não iria mais mentir.

Eu iria superar e seguir em frente.

\*\*\*

A porta do elevador se abriu e eu segui em direção ao meu apartamento rapidamente. *Milena*  
PERIGOSAS ACHERON

*ia me matar.* Estava procurando as chaves quando meu celular tocou.

— *Onde você está Mari? — ela estava mal-humorada.*

— Tentando enfiar a chave na fechadura. — eu realmente estava. Entrei em casa.

— *Sem brincadeiras.*

— Já estou chegando Milena. — joguei minhas coisas pela casa e rumei ao meu quarto. — Fiquei presa no trabalho. Aquela *jararaca* está fazendo da minha vida um inferno.

*Eu já disse que Blanca é a pior pessoa para se trabalhar?*

— *Tudo bem. Mas se apressa. É sexta e hoje eu quero extravasar.*

Milena tinha um jeito diferente de *superar*. Ao contrário de mim que preferia me acabar no sorvete enquanto assistia um filme de acabar o coração. Ela preferia sair, beber e transar.

— Vai com calma Milena. — orientei.

— *Estou te esperando na entrada. Não demora. — e desligou.*

*Por que ela sempre faz isso?*

Encarei o celular um segundo antes de jogá-  
PERIGOSAS ACHERON

lo sobre a cama e correr para o banheiro. Vesti uma calça jeans colada, uma blusa de alças brilhante e prendi os cabelos. Estava tentando dar um jeito na minha cara apagada quando a campainha tocou. Franzi o cenho intrigada. Eu não estava esperando ninguém.

A campainha tocou novamente. Corri para atendê-la. Abri a porta e encarei a pessoa. Uma morena de cabelos longos, olhos como a noite, bonita, rica e árabe estava na minha frente.

— Samira? — meu espanto era evidente. — O que você está fazendo aqui?

O abraço que Samira me deu, me desestabilizou e quando ela começou a chorar percebi que havia algo errado. A puxei para dentro do apartamento sentando-a no sofá e voltando para pegar sua mala.

— O que houve? — me sentei perto dela segurando suas mãos.

— Eu preciso de um lugar para ficar? — disse.

Acenei compreendendo, mas eu não sabia o motivo.

— Por quê? O que houve?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fugi de casa.

Abri a boca surpresa.

— O quê? Por que você fez isso?

Ela me olhou com aqueles olhinhos brilhando de arrependimento.

— Eu estou perdida.

Eu não entendia muito bem o que ela queria dizer. Meu telefone tocou.

— Oi! — atendi já sabendo quem era.

— *Onde você está? Estou quase entrando sem você.*

— Mi. Temos um pequeno probleminha. — disse encarando Samira no sofá.

— *E quando não temos? O que foi dessa vez?* — *resmungou.*

Hoje ela estava mais mal-humorada do que os outros dias. A Milena apaixonada era “UÓ”.

— A irmã de Kamal está aqui.

— *O árabe mentiroso está aí?*

— Não. Só a irmã dele. Samira. — expliquei.

— *O que ela está fazendo aí?*

— Conto quando eu descobrir e quando você chegar.

— *Já estou indo.*

## PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada! — desliguei.

Me sentei perto de Samira novamente. Ela se deitou em meu colo chorando e comecei a alisar os seus cabelos.

— Vai me dizer o que realmente aconteceu? — perguntei muito preocupada. Algo muito grave devia ter acontecido para ela ter fugido.

— Eu não sabia o que fazer Mari. — confessou. — A primeira coisa que pensei foi em te procurar. Você não iria me julgar.

— Você fez bem. — disse tentando acalmá-la. Ela estava muito alterada. — Eu vou cuidar de você. Pode confiar em mim Sami.

— Eu estou perdida Mari. Minha família não vai mais me aceitar. — murmurou.

— O que aconteceu Sami? Pode confiar em mim.

— Eu perdi minha pureza. — disse se debulhando em lágrimas. — Eu sou uma perdida.

Abri a boca sem acreditar. Eu não esperava isso de Samira. Eu já havia percebido que ela conversava com alguém pela internet, só não imaginava que ela fosse muito além. Pensei ser um “*namorico*” inocente. Como eu estava enganada.



Eu só esperava que as conversas que tive com ela não a tenham influenciado em sua decisão. Porque se não a *perdida* seria eu.

\*\*\*

Milena não demorou a chegar. Ela havia chegado no exato momento que Samira terminava de contar sua história. Mesmo não entendendo uma palavra do que Samira dizia em árabe, Milena escutou tudo até eu contar a ela o ocorrido. Sami estava triste e desolada, mas pelo menos havia se acalmado e parado de chorar.

Eu estava na cozinha com Milena preparando algo para Samira comer.

— O que você vai fazer com ela? — Milena sussurrou.

— Não sei, mas não posso mandá-la embora. Samira me procurou pedindo ajuda e eu iria ajudá-la. Ela era minha amiga.

— Você sabe que *ele* virá atrás dela, não é? Isso era o que eu temia.

— Sei.

— E você está preparada para reencontrá-lo?

Respirei fundo tentando acalmar meus medos em reencontrar Kamal.

— Você quer que eu faça o quê? — a encarei. — A expulse? Eu não vou fazer isso. Ela fica.

— Você que sabe. — deu de ombros. — O coração é seu.

A olhei com os olhos prensados. Depois que Milena voltou de sua viagem, ela estava uma vaca, chata e irônica. Disparando para todo lado. Eu só esperava que essa raiva passasse logo. *Eu quero minha irmã de volta.*

Samira se aproximou calmamente se sentando no banquinho da ilha. Ela não falava português direito, mas conseguia entender um pouco do que falávamos. No meu tempo com ela, eu havia ensinado um pouco da nossa língua, por isso fiz cara de paisagem com a sua aproximação. Sorri para ela.

— Está se sentindo melhor?

— ‘Ana. [\[48\]](#) — deu um pequeno sorriso em agradecimento. Passei o sanduíche para ela.

— Isso é a única coisa que tenho no momento.

— Está perfeito! Obrigada.

— Não acredito que você entendeu o que ela disse. — comentou Milena nos encarando. Não respondi. Samira nós encarou.

— Vocês. Iguais. — comentou em português.

Quando Milena chegou ela tinha ficado impressionada com a semelhança entre nós. Eu tinha contado de Milena para ela quando estávamos em seu país.

— Tirando o nariz. — alfinetei.

— E o cabelo. — acrescentou Milena. — O meu é mais liso.

— Tenho certeza que é chapinha.

Samira sorriu voltando a comer. Acho que ela entendeu o que Milena disse.

— Por que você voltou para o Brasil? — perguntou Samira me encarando depois de um tempo de silêncio. A olhei sem entender. *Ela não sabia?*

— Seu irmão não te contou? — perguntei curiosa. Eu não queria falar de Kamal, mas Samira não saber que seu irmão me expulsou, era novidade.

— Não. Ele só disse que você precisava  
PERIGOSAS ACHERON

voltar. — disse pensativa. — No outro dia saiu uma nota na imprensa dizendo que você estava doente. Por que você não ficou na Arábia para se tratar? Temos ótimos médicos por lá. Então eu percebi que esse não foi o real motivo de você ter ido, você estava bem quando falou comigo.

Ela apreciava perdida em suas palavras. Como se não entendesse. Eu também não entendia. Bufei.

— Sami. — chamei sua atenção. — Seu irmão terminou comigo.

Ela me encarou com cara de quem não acreditava.

— Tem certeza?

— Claro. Ele me mandou de volta para o Brasil.

— Mas você não está realmente doente. Não é? — ela estava preocupada com minha saúde.

— O que vocês estão conversando? — perguntou Milena olhando de uma para outra. Nós estávamos conversando em árabe.

— Ela está perguntando se eu estou doente, por causa da nota na imprensa.

— Não. — Milena respondeu por mim encarando Sami. — Como você pode ver ela está

# PERIGOSAS ACHERON

bem saudável. Seu irmão que é um idiota por ter feito o que fez e nem deu a chance dela se explicar.

Samira franziu o cenho tentando entender Milena.

— Milena. Ela não entendeu tudo o que você disse. — murmurei.

— Entendi Mari. — disse Samira em português.

— Que ótimo. Seu irmão é um idiota. — repetiu Milena. Revirei os olhos.

— Ok. Chega! — me virei para Samira falando em árabe. Eu estava irritada e estava na hora de algumas verdades. — Olha Sami. Seu irmão me pediu para ser sua noiva de mentira. Ele me enganou para me levar para a Arábia com o pretexto de que precisava de uma noiva para ganhar a presidência que estava concorrendo com seu primo. Nós não éramos um casal quando chegamos a Arábia. Não tínhamos nenhum compromisso. — dei de ombros. — Depois nos nós apaixonamos e começamos a namorar. Pelo menos eu me apaixonei. Depois seu irmão me expulsou. Eu havia sido sequestrada e ele nem me deixou explicar o que havia acontecido àquela noite. Ele

PERIGOSAS ACHERON

provavelmente se cansou de mim e usou isso para me mandar de volta. Essa é a verdade.

Ela me olhou com olhar envergonhado.

— Eu sei.

— O que você sabe?

— Eu sabia do falso noivado. Kamal havia ligado para mim pedindo minha ajuda. Ele queria que eu fosse sua amiga.

— Então esse tempo todo você estava fingindo? — eu estava indignada. Eu tinha Samira como uma irmã mais nova.

— Não. — disse em pânico. — Eu gostei de você logo de cara. Você é uma pessoa fácil de se gostar. — explicou. Aceitei suas palavras. — Você pode está chateada com Kamal. Se eu fosse você eu também estaria, mas de uma coisa eu sei. Ele realmente te ama. Eu nunca vi meu irmão tão feliz e apaixonado. E tudo por sua causa. — parou pensativa. — Mas esses dias ele não tem sido ele mesmo.

Ignorei suas últimas palavras. Eu não queria saber como Kamal estava. Eu tinha que me preocupar comigo, pelo menos com o que sobrou de mim.

— Ele não me ama. — disse firme. — Ele terminou comigo Sami. Ele me mandou de volta para o Brasil.

Ela me olhou indecisa.

— Mari. Eu não sei o que aconteceu para Kamal fazer isso. — disse me olhando apavorada, tentando entender. Ela começou a tagarelar. — Kamal chegou em casa irritado te procurando naquela noite, quando percebeu que você não tinha voltado, ligou para a polícia informando seu desaparecimento. A polícia apareceu lá em casa para pegar a sua descrição e te procurar, mas enquanto ele falava com a polícia recebeu uma mensagem no celular. Depois disso ele ficou muito estranho e mandou a polícia ir embora dizendo que foi engano. Ele, papai e mamãe se trancaram no escritório e só saíram tarde da noite. Kamal permaneceu lá. Ele não quis me dizer o que aconteceu. — ela respirou me encarando. — No outro dia você voltou. Achei estranho suas malas feitas, mas ninguém queria me dizer o motivo. Sinto muito, mas não acho que meu irmão tenha terminado com você. Ele te ama!

Suas últimas palavras me irritaram mais

## PERIGOSAS ACHERON

ainda. *Ele não me ama.*

— Sami você pode ficar o tempo que quiser. Ficarei feliz em recebê-la na minha casa. É pequena, mas nós duas conseguiremos nos arranjar. Só tenho uma regra. Não quero saber de seu irmão. Então, por favor nada de falar dele.

Sai da cozinha entrando no quarto. Eu precisava de um pouco de distância de Sami. Ela se parecia muito com Kamal e isso me deixou irritada e triste. Ela me fazia lembrar dele. Eu não sabia como ia fazer com ela aqui. É como ter uma lembrança feminina de Kamal.

— Eu também acho que seu irmão não terminou com ela. — disse Milena da cozinha para Samira.

— Eu ouvi. — gritei do quarto. Eu só queria esquecê-lo e com Sami aqui seria mais difícil do que eu imaginava. E tinha hora que minha própria cópia não cooperava.

\*\*\*

Sai do meu quarto para encontrar uma Milena vestida como “*piriguete*” e uma árabe  
PERIGOSAS ACHERON



vestida como uma freira. Mas eu sabia que por baixo ela estava divina. Eu não sabia onde Milena estava com a cabeça quando chamou Samira para ir a uma boate. Ela ainda não estava acostumada com os costumes brasileiros. Eu preferia esperar mais uma semana para então levá-la para a noite, mas ela estava curiosa. Principalmente quando Milena disse que essa era: “*Noite das garotas*”.

Samira estava conformada com sua nova vida. Já estava até fazendo planos de ficar no Brasil. Segundo ela sua família não viria atrás dela. E eu estava contando com isso. Não estava a fim de ver Kamal. Fora que Samira é uma mulher adulta e pode tomar suas próprias decisões.

— Você vai assim? — perguntou Milena quando estávamos saindo do apartamento. Fiz sinal de negativo para ela. Eu não queria que Samira se sentisse desconfortável.

— Está ruim? — perguntou Samira em português. Nesses últimos dias ela coseguira aprender muito.

— Garota, você tem que mudar seu guarda-roupa.

— Milena! — repreendi.

Milena revirou os olhos e se aproximou de Samira.

— Pelo menos vamos retirar o véu. — e Milena tirou. — Melhorou. Você tem o cabelo lindo.

— Obrigada! — disse Sami.

— Você não tem jeito. — reclamei com minha cópia. — Não ligue para ela Samira. Você está linda assim.

— Eu não preciso usar o véu? — perguntou.

— Se você não quiser. — respondi.

Ela sorriu assentindo.

— Tudo bem. — abandonou o véu sobre o sofá e retirou a *abaya*. Milena abriu a boca surpresa quando viu o vestido desenhado de Samira e as joias que a adornavam.

— É isso aí garota. — comemorou Milena impressionada. — Só não aconselho a andar com tanto ouro pelas ruas.

Samira me olhou sem entender.

— Ladrões. — expliquei.

— Oh! — ela rapidamente tirou algumas jóias. Ao contrário das minhas e das de Milena, as jóias de Samira eram verdadeiras.

— Vamos! — disse Milena saindo do apartamento.

Pegamos um táxi para chegar a boate. E assim que entrou, Samira ficou impressionada. Eu sabia que ela nunca havia ido em uma. As que existiam na Arábia eram clandestinas e garotas como Sami não conseguiriam entrar.

— Então Sami. O que está achando? — perguntei depois de um tempo que estávamos sentadas em uma das mesas do lugar.

Milena havia trazido as bebidas e desaparecido na pista logo depois. Fiquei com medo dela ter batizado o copo de Samira e o meu. Eu não queria ser descuidada com Sami, ela não sabia como era uma noite numa boate e as tolices que podia fazer e não se lembrar no dia seguinte. Mas para a minha alegria e paz de espírito, Milena não tinha feito o que eu temia.

— Interessante. — sorriu animada.

— Que bom. — sorri satisfeita. — Quer dançar?

— Não sei dançar essas danças. — disse olhando as pessoas na pista se mexendo.

— Não se preocupe. É fácil. — a puxei de  
PERIGOSAS ACHERON

pé. — Você consegue. Só é fazer o que eu faço.

E ela fez. Ela logo aprendeu e já estava misturando sua dança com as nossas. Era divertido e entrei na sua onda. Samira estava se divertindo e a noite das garotas não podia ser melhor.

\*\*\*

Eu não estava me sentindo bem. Acordar estava cada vez mais difícil. Eu me sentia cansada, tonta, sonolenta, com um mal estar terrível e temi que eu realmente tivesse contraído uma forte virose na Arábia. Eu precisava ir ao médico, já fazia duas semanas que eu andava enjoada, até havia vomitado no café da manhã do dia anterior. Mas primeiro eu precisava ir a empresa ver os compromissos de Blanca.

Olhei o misto quente que Samira havia preparado com nojo. Não que ela não soubesse fazer um misto quente, ao longo desse mês descobri a cozinheira que Samira é. Mas nada entraria no meu estômago, isso se eu quisesse manter o suco gástrico dentro. Afastei a comida com uma careta.

— Acho que vou só tomar o café.

— Você devia ir ao médico. — disse Samira em português. Ela estava preocupada comigo. Ao longo do mês ela havia aprendido muito nossa língua e eu estava feliz por seu desempenho. Ela estava até preparada para fazer entrevistas de emprego.

Samira queria se sentir independente. E o primeiro passo para isso era conseguir ter seu primeiro salário. Na Arábia ela iria trabalhar na empresa da família, isso antes dela fugir. Agora ela estava por conta própria e teria que fazer uma boa entrevista para garantir seu espaço no mercado de trabalho. O único empecilho era a língua, quando ela chegou sabia muito pouco do português. Mas agora ela está preparada.

— Eu vou. Mas só depois que eu der um pulinho na empresa.

— Quer que eu vá com você?

— Não. Tudo bem. Eu consigo ir sozinha. Não quero atrapalhar sua entrevista.

Ela sorriu orgulhosa de si. Era a primeira vez que ela era candidata a uma vaga em uma empresa. Samira é formada, mas isso aqui no Brasil, muitas vezes não quer dizer nada.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou ansiosa.

— Vai dar tudo certo. — me levantei e a abracei. — Já vou indo. Boa sorte com sua entrevista. Estarei torcendo por você.

— Obrigada por tudo.

— Não precisa me agradecer Sami. Eu gosto muito de você, como se fosse uma irmã mais nova. — isso me deixou triste.

Essas palavras me fizeram lembrar que quase nos tornamos irmãs se eu tivesse me casado com Kamal. *Kamal*. Todos os dias eu pensava nele. Até o momento ele não fizera contato com Samira. E eu aguardava o momento em que ele viria buscá-la. Isso se ele viesse. Samira me dissera que sua família não viria atrás dela porque ela estava *perdida* para eles.

As semanas anteriores foram difíceis, mas com o trabalho e minhas amigas, irmãs. Eu estava conseguindo superar. E isso era o que importava. Samira deve ter percebido minha cara.

— Eu sei que você está pensando nele.

Sorri amarelo.

— Estou atrasada. — desconversei seguindo em direção a porta.

## PERIGOSAS ACHERON

— Até logo! — gritou Samira da mini cozinha.

— Até.

Cheguei a empresa com um minuto de atraso, mas eu sabia que Blanca implicaria. Eu estava tão mal que tive que descer do ônibus que estava e esperar o próximo, se não vomitaria em cima do homem que estava sentado. Foi uma tortura a viagem, e eu havia conseguido com todas as forças segurar o café que havia tomado.

Depois de um tempo que eu havia chegado Blanca me chamou pelo interfone.

— *Mariana.*

— Sim. Deseja alguma coisa? — fiz uma careta enquanto organizava alguns papéis para assinar.

— *Estão te chamando lá em cima. Na sala de reuniões três.*

Franzi o cenho. *O que o Marcus quer comigo?*

— Tudo bem. Já estou subindo.

Abandonei meu serviço e segui em direção ao elevador. Eu estava preocupada. Não era do feitio do Marcus me chamar, algo havia acontecido.

A pequena viagem de elevador embrulhou meu estômago, mas respirei fundo entrando na sala de reuniões. Estava vazia.

Estava quase saindo quando alguém entrou na sala. Encarei o homem a minha frente. Meu coração acelerou em surpresa. A bile me subiu a garganta e a vontade de vomitar voltou.

— Olá Mari. — saudou com sua voz forte. Minha coluna se arrepeiou.

— O que você está fazendo aqui? — consegui dizer em meio ao pânico e a vontade de vomitar. — Não quero saber. — disse seguindo em direção a saída, mas ele estava tapando a entrada. — Me deixe passar. — supliquei. Eu não sabia quanto tempo iria conseguir segurar.

— Não. Nós vamos conversar.

*Que droga!*

— Eu não quero falar com você. — disse tonta e enjoada.

— Mari, você está bem? — perguntou preocupado. — Você está branca.

— Me dei... — não consegui terminar a frase porque minha boca se abriu sozinha e eu vomitei. Levantei os olhos e encarei um Kamal cheio de PERIGOSAS ACHERON



vômito. Minha cabeça girou.

— Eu pedi para sair. Você que não me ouviu.  
— consegui dizer antes de desmaiar.

*Era uma boa saída para a vergonha que eu estava sentindo.*

\*\*\*

Abri os olhos confusa. Minha boca estava com um gosto horrível. Olhei ao redor. Eu estava na ex-sala de Kamal deitada no sofá. Ouvi vozes e levantei um pouco a cabeça. Marcus e Kamal conversavam no banheiro. Eu podia ver suas roupas sujas no chão. Ele estava se trocando.

*Kamal está aqui!* Essa constatação me assustou. *O que ele está fazendo aqui?*

— Estou preocupado Marcus. Vou levá-la ao hospital. — ouvi Kamal dizer.

*Hospital? Nem morta. Odeio hospitais.*

Eu não devia estar há muito tempo desacordada, já que ele só tivera tempo de me trazer até aqui. Esse era meu momento. Eu precisava sair daqui. Formulei um plano. Eu não iria conseguir trabalhar hoje. Não com Kamal na

PERIGOSAS ACHERON

empresa, mas eu precisava ainda pegar minha bolsa que estava no andar de baixo.

Levantei lentamente e minha cabeça girou. Engoli qualquer vontade de vomitar novamente e segui engatinhando em direção a porta. Essa era uma posição na qual eu não queria ser encontrada. Eles estavam tão intertidos na conversa que nem notaram o pequeno rangido que a porta deu ao abrir.

Marcela me encarou sem entender o porquê de eu estar de quatro enquanto saía da sala. Fiz sinal de silêncio para ela, que não disse nada e me permitiu ir embora. Quando cheguei as portas de vidro eu já estava em meus pés. Prefери seguir pela escada. Mais rápido e eficaz.

Assim que cheguei à minha mesa, peguei minha bolsa e segui em direção ao elevador. *Blanca que se vire sozinha*. Eu não ficaria aqui nessa empresa nem mais um segundo. Eu teria que usar o elevador se quisesse fugir dessa vez. Eu não conseguiria descer mais de trinta andares de salto. Só se fosse embolando.

Eu sabia que o certo seria eu ir para o hospital descobrir o que realmente eu tinha. Mas

## PERIGOSAS ACHERON

coragem me faltava. Eu odiava hospitais. Por isso disse para Samira que não precisava me acompanhar. Eu não estava pensando em ir.

Assim que as portas do elevador se abriram e eu entrei apertando o botão para o térreo. Kamal e Marcus apareceram em meu campo de visão. Eles pegaram as escadas pensando ser mais rápido. Sorri acenando um *tchau* para eles. As portas se fecharam e eu me escorei.

Eu estava bem. Esse mal estar não era nada demais. Eu devia ter comido algo estragado.

Estava na catraca quando Kamal me chamou. *Droga!* Ele havia descido pelo elevador de serviço. Corri em direção as portas giratórias, saindo do prédio e entrando no primeiro táxi que vi pela frente.

— Corre, corre. — pedi ao motorista desesperada, mas infelizmente Kamal conseguiu me alcançar. Ele abriu a porta. — Vai embora. — murmurei cruzando os braços. Ele se acomodou no banco. O motorista nos encarou.

— Para onde você está indo?

— Para o hospital. — menti. *Eu odeio hospitais.*

— Ótimo! — Kamal disse ao motorista para qual hospital nos levar.

Entrei em pânico. Era só o que me faltava.

— Para o carro. — gritei. O motorista nos olhou sem entender. Ele nem havia começado a dirigir. Me volvei para Kamal. — Você não vai comigo.

— Claro que vou.

— Não vai.

— Vou.

— Não vai.

— Dá para vocês se decidirem? — perguntou o motorista irritado.

— Para o hospital. — disse Kamal.

— Não ouse dirigir esse táxi até que o Sr. Abdo tenha saído. — ameacei o motorista. Ele nos olhava como se fossemos dois loucos.

— Sr. Abdo? — perguntou Kamal com uma careta. — Para o hospital, por favor.

— Não ouse. — disse ao motorista, mas meus resmungos e ameaças não resolveram de nada. Porque o motorista fez o que Kamal pediu. Até tentei fugir quando o carro parou em frente ao hospital caríssimo, mas Kamal me segurou. *Droga!*  
PERIGOSAS ACHERON

O jeito era enfrentar meu medo e ver o que realmente eu tinha.

\*\*\*

Entrei no caro hospital que Kamal me trouxera. Eu esperava seriamente que meu plano de saúde cobrisse todo procedimento. Fiz a ficha e me sentei para aguardar ser chamada. Kamal o tempo todo no meu pé que nem chiclete.

— Você já pode ir. — murmurei ao sentar.

— Não. Só quando souber o que você tem.

Revirei os olhos. Não adiantava discutir isso só iria me irritar mais. Me ajeitei na cadeira. Sua aproximação estava me afetando da uma maneira que eu não queria. Eu sempre imaginei como seria quando o encontrasse, só não esperava ir parar no hospital.

Kamal estava mais magro, dava para ver pela abertura da camisa em seu pescoço. Algumas olheiras se destacavam em seus olhos e ele estava mais sério que o habitual. Ele estava diferente. Eu queria perguntar o que havia acontecido com ele, mas me calei. *Eu não queria saber.* Esse era o meu

PERIGOSAS ACHERON

orgulho falando.

Sua perna roçou na minha e meu coração acelerou. Levantei de supetão quando o médico chamou. Ele veio atrás de mim. Parei o segurando no lugar.

— Aonde você pensa que vai?

— Te acompanhar.

— Nem pensar. Nós terminamos.

— Quem disse isso? — perguntou.

*Não acredito nisso!*

— Você! — apontei.

— Mari... — o cortei. Eu não iria permitir que ele falasse. Ele não me permitira falar. *Por que eu deixaria?*

— Chega! Não quero suas explicações. Não entendo porque você ainda está aqui. Vai embora. — pedi.

— Não vou. — disse firme. — Eu vou entrar naquela sala e você não vai me impedir.

Kamal caminhou na frente entrando na sala do médico. Entrei na sala bufando de raiva e me sentei. O médico me encarou com o cenho franzido, mas logo fez sua pergunta habitual.

— Bom dia! — cumprimentou. — Qual o PERIGOSAS ACHERON

problema Srt. Assunção?

— Bom dia doutor. — comecei. — Faz alguns dias que não venho me sentindo muito bem. Algumas tonturas, enjoos e ontem vomitei o café da manhã.

— Você está doente esse tempo todo e não procurou um médico? — perguntou Kamal indignado para mim.

— Calado. — respondi irritada. O médico nos encarou com o cenho franzido. — Hoje também eu vomitei. — disse ao médico. Era vergonhoso lembrar-me disso.

— E desmaiou. — Kamal completou.

— Entendo. — disse o médico escrevendo algo em seu computador.

— Ela viajou para a Arábia a mais de um mês e pegou uma forte gripe. Será que isso tem algo haver, doutor? — perguntou Kamal preocupado.

O médico me encarou.

— Você tomou todas as vacinas antes de viajar?

— Sim.

— Não creio. — disse balançando a cabeça  
PERIGOSAS ACHERON

de um lado a outro. — Mas vamos verificar. — e voltou a escrever no computador. — O que você é dela? — perguntou o médico a Kamal. Falamos ao mesmo tempo.

— Noivo.

— Nada. — essa era eu. Abri a boca abismada. *Como ele ousa?* — Você não é nada meu. Terminamos.

— Isso é o que você pensa. — me encarou.

— Certo. — se impôs o médico com medo que eu e Kamal nos atacássemos. — Vou passar alguns exames de sangue. Eles demoraram um pouco para ficarem prontos, mas só saberei o que você tem quando receber o resultado e só poderei liberá-la após. Enquanto isso você vai tomar soro para se hidratar. Você está pálida.

Quando o médico disse soro. O que envolvia agulhas, meu coração acelerou. Era por isso que eu estava pálida.

— Vai me furar? —

*Que pergunta idiota Mari.*

— Sim. — o médico respondeu indeciso se eu realmente havia perguntado isso.

— Não quero.



— Você precisa tomar o soro. Está pálida e fraca, vai ajudar a te hidratar. — explicou.

— Não quero. — repeti como uma garotinha de cinco anos mimada. Quem se importa. Eu não seria obrigada a isso.

— Ela vai tomar o soro doutor. — respondeu Kamal.

— Você não manda em mim. — o encarei.

Kamal não respondeu. O médico me passou os papéis para fazer os exames, mas Kamal foi rápido em pegá-los.

— Obrigado doutor. — disse se levantando. Me levantei também e rumei em direção à porta. Eu iria embora, nem louca eu vou deixar me furarem. Kamal me seguiu. — Aonde você vai? A sala de coleta é para o outro lado.

— Vou embora.

— Não vai não. — ele me segurou pelo braço. — Você não sabe o que tem. Não sabe se é grave ou não. E se você desmaiar novamente? Já estamos aqui, vamos colher o seu sangue. — e ele saiu me arrastando para o lado contrário ao que eu queria. *Droga!*

Sentei na cadeira da sala de coleta. Fechei  
PERIGOSAS ACHERON

bem os olhos e estendi o braço. Não tinha como fugir. O jeito era se render. Kamal estava ao meu lado e segurou minha outra mão quando a agulha entrou. Soltei rapidamente sua mão quando a agulha saiu de minha pele. Ainda tinha o soro. *Oh Deus!*

Seguimos em direção a enfermaria. Kamal conversou um segundo com a enfermeira e ela acenou concordando. Ela se aproximou com o soro e a agulha e pediu que a seguisse. Olhei o quarto de hospital que a enfermeira havia me trazido. Eu realmente esperava que meu plano cobrisse tudo, mas eu estava duvidando.

— Pensei que se sentiria mais confortável. — disse Kamal entrando depois de mim.

— Não precisava. — me sentei na cama.

A enfermeira se aproximou pegando meu braço e procurando minha veia. Fechei os olhos e ela colocou a agulha em meu braço, prendendo com esparadrapo. Abri os olhos e me deitei na cama com o braço estendido.

— Mari. — Kamal se aproximou.

— Eu não quero falar com você. — disse me virando para o lado contrário que ele estava. E  
PERIGOSAS ACHERON

assim permanecemos até o resultado do exame chegar.

O médico entrou na sala com um sorriso alegre. E eu sabia que eram boas notícias. Ninguém sorrir quando vai dar notícias ruim. Isso significava que eu não havia pegado nenhum vírus grave ou bactéria na Arábia. Muito menos estava doente. Provavelmente isso tudo foi proveniente do estresse. Trabalhar com a Blanca é muito estressante.

— Chegaram seus resultados. — o médico se aproximou da maca. Kamal também. — Mas antes quero confirmar com uma ultrassom.

Ele abandonou os resultados numa mesinha próxima e arrastou uma máquina estranha que havia no quarto para perto de mim.

— O que você vai fazer? — perguntei já assustada.

— Só vou olhar sua barriga. Levante a blusa por favor.

Fiz como ele mandara. Ele passou um gel na minha barriga e começou a passar um objeto que parecia um scanner em mim. Ele começou a mover o pequeno suporte como se estivesse procurando

PERIGOSAS ACHERON

algo. Até que parou.

— Você está vendo esse pontinho? —  
apontou para a tela.

— Sim. O que significa? — perguntei  
encarando a tela sem entender.

*Aí Deus! Será que o que eu tenho é grave?*  
*Mas ele entrou na sala sorrindo.*

— Parabéns, você está grávida!

## Capítulo 22

*I*mpossível. Foi  
o meu  
primeiro

pensamento. *Maldito Árabe. Me engravidou.* Esse foi o segundo. O terceiro foi mais um choque de realidade. *Oh Deus! Eu estou grávida.*

— Isso é mentira. — disse ao médico. Eu estava apavorada. — Olha direito aí.

O médico franziu o cenho.

— Não. É verdade! — respondeu apontando para a tela. — Você está com seis semanas.

Fiz as contas em minha cabeça perturbada. Eu não podia estar grávida. A soma batia com meus dias na Arábia, mas precisamente quando nos perdermos. *Maldito deserto!*

Encarei Kamal. Ele estava pálido e encarava  
PERIGOSAS ACHERON

a tela assustado. Eu não sabia se era porque ele estava pensando as mesmas coisas que eu. Ou se era pelo fato que agora pelo resto da vida ele de alguma forma estaria na minha vida. Isso se ele quisesse assumir a criança.

— Mas eu tomo anticoncepcional. — insisti. Isso devia ser alguma pegadinha.

— Eles podem falhar. — o médico deu de ombros, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. Para mim não era.

— Um por cento. — levantei o dedo indicador na cara do médico. — Eu não posso ser esse um por cento.

O médico me olhou por um instante.

— Você está muito agitada. Tente se acalmar. — pediu o médico tirando o aparelho da minha barriga por um instante. — Senão terei que pedir a enfermeira que te dê um calmante.

— Não. — murmurei me ajeitando na maca. — Já me acalmei. — respirei para demonstrar minha falsa serenidade.

— Ótimo! Respira. — disse ele me ajudando a respirar. — Percebo que você não esperava por isso. Mas devia estar feliz. — ele apontou para a

PERIGOSAS ACHERON

tela novamente onde a imagem estava parada. — Olha esse pequenino. Você está gerando uma nova vida.

O encarei aflita. Eu não estava feliz. Daí se tirava que eu seria uma péssima mãe.

— Eu não posso ter esse filho. — disse em pânico, com os olhos cheios de lágrimas.

— Nem pense nisso.

Ao ouvir as palavras rosnadas de Kamal me dei conta do que disse. Eu estava em pânico, mas não tiraria a vida de um inocente.

— Eu não estava... — ele me cortou.

— Se você fizer isso Mariana, eu juro por tudo que é mais sagrado que você vai se arrepender.

Meus hormônios explodiram. *Quem ele pensa que é?*

— Você nem sabe se o filho é seu. — impliquei.

— Não sou idiota. Eu sei fazer as contas.

Encaramos-nos em uma batalha silenciosa. Eu estava disposta a fulmina-<sup>[49]</sup>lo com o olhar, mas infelizmente eu não era a *Super Girl*.

— Vocês gostariam de ouvir o coraçãozinho?

— perguntou o médico nervoso com a situação. O encaramos.

— É possível? — perguntou Kamal.

— Talvez. Vai depender do seu filho.

— Queremos. — Kamal respondeu por mim. Engoli em seco.

O médico voltou o instrumento para minha barriga e apertou um botão. O som de um batimento ecoou pelo quarto. Meus olhos se encheram de lágrimas. E a ficha caiu. *Eu vou ser mãe!*

— Como isso foi acontecer? — eu ainda não estava acreditando. *Como o anticoncepcional falhou?* Isso ainda era um mistério.

— A única explicação é a falha do anticoncepcional. — explicou o médico.

Kamal começou a conversar com o médico.

— Ela ficou doente na viagem e eu lhe dei alguns antibióticos. Isso pode ter afetado a ação do remédio que ela estava tomando?

— Sim. É possível.

*Merda! Maldita amoxicilina. Como não me lembrei dela.*

— Entendo. — disse Kamal pensativo. — E  
PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

o que faremos agora?

— Vocês precisam de uma obstetra para fazer o acompanhamento.

— E como conseguimos uma?

— A Dra. Marques está de plantão. Vocês gostariam de uma consulta com ela?

— Por favor.

— Vou conversar com ela e ver se pode atendê-los. — o médico se virou para mim. — Se sente melhor?

Acenei confirmando. Eu estava sem a capacidade de falar. Eu estava em choque.

— Vou pedir a enfermeira que venha tirar o soro.

Acenei mais uma vez e Kamal agradeceu ao médico que saiu em seguida. Encarei Kamal com lágrimas não derramadas nos olhos. Eu queria me agarrar a ele e chorar. Eu não estava preparada para isso. Eu não estava. Mas então me lembrei que estava com raiva dele.

— Mari. — chamou se aproximando.

— Agora não. — me virei para o lado contrário. Eu precisava pensar no que iria fazer de agora em diante.

## PERIGOSAS ACHERON

Eu não podia mais me demitir para ficar longe de Kamal. Ninguém contrataria uma grávida. Eu precisaria de um apartamento maior. O meu é muito pequeno para abrigar a mim, Samira e um bebê. Meus pais vão pirar. Milena vai pirar. Eu estou pirando. Kamal segurou em meu ombro me tirando de meus pensamentos.

— Só quero que saiba que eu estou aqui. Você não está sozinha.

Suas palavras me trouxeram um pouco de conforto. Mas eu ainda estava perdida em como gerir minha nova vida.

\*\*\*

Sentei na sala de espera aliviada pelo cateter ter sumido do meu braço. Eu odiava aquele “*troço*”. Kamal sentou ao meu lado. Se antes Kamal tinha grudado em mim que nem chiclete, agora que descobrira que íamos ter um filho ele virou a minha sombra. Até no banheiro comigo quis entrar, mas eu o expulsei.

— Por que você ainda está aqui? — perguntei um pouco impaciente. Eu não tinha

PERIGOSAS ACHERON

reparado minhas oscilações de humor até o momento.

— Porque eu quero e você está carregando *nosso* filho.

— Nosso? — bufei. — A partir do momento que você me mandou embora ele se tornou meu filho. — provoquei. — Então por favor, se manda.

Kamal me olhou irritado e abriu a boca, mas não teve oportunidade de expressar sua opinião porque meu nome foi chamado. Levantamos-nos e quando nos aproximamos da doutora, Kamal ficou tenso. Encarei a médica. Ela era bonita. Encarei Kamal.

— Kamal? — perguntou a mulher com um belo sorriso nos lábios. Então eu soube. — Há quanto tempo.

Sua empolgação em vê-lo ia além dos limites da ética profissional.

— Eu não acredito que a obstetra é uma das suas amantes. — murmurei irritada. Ela deve ter ouvido porque me encarou com um sorriso murcho.

— Srt. Assunção? — perguntou sem graça. Acenei confirmando. — Por favor, me siga.

— Eu não vou. — disse dando meia volta.

PERIGOSAS ACHERON

Era só o que me faltava. Me consultar com uma de suas seguidoras.

Kamal segurou meu braço.

— Mari, por favor. Depois você pode escolher qualquer outra obstetra para te acompanhar. Mas no momento eu quero ter uma noção de como cuidar de você e dessa criança. Não se esqueça que você desmaiou.

O encarei. Ele estava preocupado. Meu coração não devia se derreter por isso, mas ele era um traidor. Suspirei.

*Tudo bem. Se ele quer uma consulta com a ex, ele vai ter.*

— Certo. — respondi.

Entramos em seu consultório. Sentei na cadeira como uma criança birrenta. Com os braços cruzados. A médica nos encarou e depois olhou alguns papéis.

— Pelo prontuário vejo que você está grávida. — disse.

— Eu não estaria aqui se não estivesse.

— Mari! — Kamal chamou minha atenção. Me volvei para ele e segurei sua mão.

— Oh querido, vamos ser sinceros ela fez  
PERIGOSAS ACHERON

uma pergunta idiota.

Kamal me olhou com o cenho franzido e deu um sorriso de lado. Ele sabia o porquê de eu estar agindo assim. Me volvei para a médica, ela me encarava com um misto de curiosidade e raiva. Oh! Eu ia gostar dessa consulta.

— Acabamos de descobrir. — respondeu Kamal. — Ela desmaiou a algumas horas. Isso é normal?

A médica olhou meus exames.

— A glicose dela está baixa. — ela se virou para mim. — Você tem se alimentado bem?

— Não. — respondi sinceramente.

— A falta ou a má alimentação pode causar desmaios. — explicou. — É normal no começo da gestação se sentir enjoada com certos alimentos. Mas é preciso se alimentar, principalmente na parte da manhã.

— Quais são as recomendações doutora? — pelo seu tom ele estava irritado. E eu sabia que era comigo. A culpa não é minha se esse bebê não gosta de café da manhã.

— Que tal transar muito. — respondi antes dela. — Li em algum lugar que os pais devem abrir

PERIGOSAS ACHERON

o caminho para o bebê.

Kamal se aproximou e sussurrou em meu ouvido.

— Se você quiser. Estou disposto em ser seu café da manhã.

Meu corpo se arrepiou em resposta. *Merda! Acho que não foi uma boa ideia tentar irritar a médica.*

— Você é o pai? — perguntou a doutora pasma com a informação. A encaramos.

*Jura que ela não sabia?*

— Ele não estaria aqui se não fosse.

— Eu pensei que ele a estava acompanhando. Bufei.

— Kamal acompanhando uma mulher no obstetra? Poupe-me.

— É. — limpou a garganta. — Você tem razão.

— Então. — Kamal voltou a pergunta inicial. — Quais as recomendações?

— É... — ela parecia um pouco perdida depois da descoberta. — Frutas. Frutas, sopa, papa. Alimentos leves geralmente não causam enjoos. Mas não se preocupe é só uma fase. O mais PERIGOSAS ACHERON

importante é se alimentar para não ocorrer os desmaios. — ela pegou um receituário. — Vou receitar alguns medicamentos que ajudaram com os enjoos e com a perca de ferro. É bom manter o acompanhamento do bebê.

— Não se preocupe. Eu vou fazer o acompanhamento. Vou procurar uma médica que não tenha dormido com o pai do meu filho. — dei um sorriso cínico.

A coitada ficou vermelha. Ela achava o quê? Que depois daquela ceninha eu não havia reparado? Kamal me deu um cutucão na perna. Depois disso nada mais foi dito enquanto esperávamos ela terminar de receitar.

Saímos do hospital depois de algumas horas. Eu estava cheia de papéis de novos exames para fazer e remédios que deveria tomar.

— Vamos almoçar? — perguntou Kamal.

Minha barriga roncou. Parece que esse pontinho só gosta de almoçar. Mas nem louca eu almoçaria com Kamal. Dar uma nova chance a ele está fora de questão.

— Não. Eu vou para casa.

— Mari! — ele segurou em meu braço.

— Por favor. — pedi. — Muita coisa aconteceu hoje. Eu me sinto cansada, apavorada, assustada. Só quero ir para casa, deitar em minha cama e dormir.

— Tudo bem. — cedeu me seguindo até o ponto de táxi.

Kamal sentou ao meu lado em silêncio. Chegamos ao meu prédio. Desci e pensei que ele iria continuar a viagem, mas ele não estava disposto a me abandonar tão cedo. Entrei dentro de casa e me joguei no sofá. Eu estava enjoada. A corrida de táxi não me fizera bem.

— Precisamos conversar.

— Agora não. — gemi frustrada fechando os olhos. Eu só queria dormir e esquecer por um tempo a confusão que a minha vida se tornara.

— Agora sim. Isso não é mais só sobre nós dois. — disse se sentando. — Onde está Samira? — perguntou. Abri os olhos rapidamente o encarando.

— Você voltou por causa dela? — agora estava explicado. Ele sabia que ela estava comigo. Saber que ele estava aqui pela Samira fez meu coração doer.

— Não. — respondeu. — Eu voltei por sua

PERIGOSAS ACHERON



causa.

— Por quê? Você acabou tudo comigo. — me levantei.

— Isso é o que você pensa. Eu só queria salvar sua vida. — soltou de uma vez.

O encarei pasma. Minha vida estava correndo perigo? Agora Kamal tinha toda a minha atenção. *O que estava acontecendo?*

— Tudo bem. Pode me contar o que aconteceu, mas eu não vou lhe perdoar. — disse para ele não alimentar falsas esperanças.

— Eu não vim para obter o seu perdão. — isso me chocou. — Não fiz nada de errado para tal. Eu fiz o que era melhor para você.

*O quê?*

— Então por que você está aqui? — cruzei os braços irritada. *Como ele não fez nada de errado?*

— Para implorar que você me aceite de volta. — ele se ajoelhou. Meus olhos se arregalaram. — Eu não tive escolha. Eu realmente precisava que você voltasse para o Brasil, como também precisava que você tirasse conclusões precipitadas.

— Por quê? — perguntei perdida em suas palavras. — Por que você precisava tanto que eu

PERIGOSAS ACHERON

voltasse?

— Porque minha avó estava disposta a te entregar para as autoridades. — ele me encarou. — E sabe o que iria acontecer a você?

— Seria deportada? — arrisquei. Ele negou.

— Não. Condenada à morte.

\*\*\*

A risada nervosa que dei se perdeu no silêncio que se formou entre nós.

— Não entendo. — disse temerosa. *Como assim condenada à morte?*

Kamal suspirou e se levantou. Dei um passo atrás ainda assustada com suas palavras.

— Minha avó foi a responsável pelo seu sequestro. Ela contratou um homem para tirar fotos com você na cama de um hotel para enviá-las para mim.

*Então foi por isso que eu acordei num quarto desconhecido.*

— Espera aí. Fotos?

Kamal acenou.

— Fotos comprometedoras. — *eu podia ter*

*uma ideia, já que eu acordara só de lingerie. Maldita velhinha cuspidreira.* — A ideia dela era que eu acabasse com você mediante a ameaça de entregar as fotos as autoridades. Creio que você saiba o que acontece com as mulheres adúlteras no meu país.

Engoli em seco. *Morte!*

— Sei. — pensei um pouco. — Mas nós não somos casados.

— Mas diante de todos tínhamos um compromisso. Isso é o que valia.

— Se você sabia de tudo isso, por que não me deixou explicar? Por que me mandou embora?

— Eu não podia. No começo não sabia que era a minha avó que estava fazendo isso. Pensei que a Tamires era a responsável. Você estava desaparecida, não sabia o que estava acontecendo com você. Ela ameaçou te matar. — o sofrimento em seus olhos fez meu coração traidor derreter. — Eu só conseguia pensar o pior se eu não cumprisse as ordens que me fora mandada. — ele me encarou. — Se eu contasse a você o que estava acontecendo, você não iria fazer o que eu estava pedindo e eu não podia arriscar você ficar na Arábia. O PERIGOSAS ACHERON

sequestrador estava de posse das fotos e a qualquer momento você poderia ser levada pelos policiais. Eu precisava que você voltasse e ficasse segura no seu país, até que eu resolvesse as coisas. Aqui as coisas são diferentes. O meu medo era que mesmo assim o sequestrador viesse atrás de você, mas eu...

— E você me mandou para o Brasil desprotegida? — o cortei alterada.

*Aí meu Deus!* Me segurei na cadeira para não cair.

— Não. — disse ele me segurando. — Eu tinha seguranças te vigiando vinte quatro horas.

Minha respiração acelerou. Eu não estava me sentindo bem.

— Mari, você está bem? — perguntou preocupado.

— Não.

Kamal me segurou pela cintura. Sentir sua aproximação fez meu coração acelerar. Ele me guiou até o sofá e foi até a cozinha pegar um copo de água. Bebi em dois goles.

— Melhor? — ele se sentou ao meu lado.

Acenei. Minha cabeça estava girando, mas era por causa das informações que meu cérebro

# PERIGOSAS ACHERON

estava recebendo. Era muita coisa para um dia só.

— Por que sua avó faria isso?

Kamal me olhou com a sobrancelha erguida.

— Essa foi uma pergunta idiota. — disse encarando o copo vazio em minhas mãos. A avó de Kamal me odiava por ser estrangeira, esse era motivo suficiente para ela fazer o que fez. — Como você descobriu que foi ela que mandou me sequestrar?

— Minhas apostas estavam na Tamires. Não pensei que ela fosse capaz de tal ato. — disse. — O segurança que estava com você na noite do sequestro foi pago pela minha avó para contratar o homem que apareceria nas fotos com você e ajudá-lo a te sequestrar. Por sorte esse homem a viu em uma das transações e a descreveu para mim.

— Por que ele faria isso? — perguntei espantada.

— Por dinheiro. — o encarei sem entender. — Ele a estava chantageando e como ela não pagou o que ele estava pedindo. — deu de ombros. — Ele veio até mim.

*Bem feito para a vovó do mal.*

— Uma coisa que eu não entendo. Como eles

PERIGOSAS ACHERON

sabiam o dia certo para me sequestrar? Eu sempre estava acompanhada com você ou Samira.

— Não sabiam. Foi pura sorte. Eles estavam preparados. Só esperando o momento perfeito. — suspirou desgostoso. — Não paro de pensar. Se eu não tivesse ficado na reunião ou se pelo menos tivesse ido te buscar quando a reunião acabasse, nada disso teria acontecido.

*Isso era verdade.*

— Mas quanto tempo até que acontecesse? — não dava para negar que mais cedo ou mais tarde tudo iria acontecer. A velhinha cuspidreira não iria permitir que eu continuasse com seu neto.

Kamal pensou por um minuto.

— Eu não esperava isso dela. — disse pensativo. Eu podia ver que ele estava sofrendo. Além do mais era sua avó e isso também me entristeceu. De repente Kamal se levantou e se ajoelhou aos meus pés, me prendendo no sofá com os braços cada um de um lado, ficando cara a cara comigo. Eu estava presa e sem saída. Isso não iria prestar. — Agora que você sabe toda a verdade. Você entende que o que fiz não foi para te magoar, mas para o seu bem?

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu entendo.

Kamal deu um belo sorriso.

— Então você vai voltar comigo para a Arábia?

— Não. — seu sorriso murchou. — Eu entendo o que você fez e agradeço a preocupação que teve comigo, mas eu perdi a confiança em você. — engoli a bile que queria subir por minha garganta. Saber a verdade não mudava o fato de que ele havia mentido para mim, mais uma vez. E isso depois de prometer que não mais o faria. — Você não me deixa tomar minhas próprias decisões. Entendo que você queria salvar minha vida. Mas eu tinha o direito de saber o que estava acontecendo e não ser mandada embora como uma ninguém.

— Você não é uma ninguém. Eu não queria fazer o que fiz, mas foi preciso. Volta comigo Mari.

Suas palavras me desnortaram.

— E agora minha vida não corre mais perigo? — desdenhei. Me agarrei ao sarcasmo, essa era a única coisa que eu tinha no momento para não me jogar em seus braços.

— Não. Minha avó está trancada em uma PERIGOSAS ACHERON

casa de repouso, sem direito a tocar em suas finanças. Meu pai conseguiu na justiça o direito a gerir seus bens, alegando insanidade. Ela não tem mais nada. E com isso não pode fazer mal a ninguém. Eu quero que você volte comigo, principalmente agora que vamos ter um filho. — ele tocou minha barriga. Engoli em seco.

— Vamos supor que eu volte, sua avó não é a única que me quer fora da sua vida. Não podemos esquecer da sua querida amante adúltera.

— Tamires não será mais um problema.

— Como você sabe? — cruzei os braços para tentar me proteger de seus braços ao meu lado.

— Vamos dizer que os Ibraim nunca mais vão colocar os pés na Arábia.

— O que houve? — perguntei preocupada.

— Eu contei ao Ibraim que fui amante de sua esposa.

Meu espanto não podia ser maior.

— O quê? — soltei. — E como você ainda está vivo?

Para minha surpresa Kamal sorriu. Segundos depois me encarou e passou os dedos por minha face. Meu coração já alterado estava entrando em

# PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

combustão. Se ele se aproximasse mais um pouco eu iria infartar.

— Está preocupada por minha vida Mari?

— Hum. — desdenhei. — Como se eu me importasse com você.

— Você não precisa se preocupar com minha avó, com Tamires, com mais ninguém. Só comigo.

— Por que eu tenho que me preocupar com você?

Ele se aproximou mais.

— Porque eu estou a ponto de te devorar.

Meu ar se esvaiu.

— *Por favor...* — sussurrei. Eu não aguentava mais.

— Por favor, o quê?

— Vai embora. — as palavras demoraram a sair.

Kamal me encarou profundamente. Ele deve ter visto algo em meu olhar. Não sei se foi o meu medo de ceder, ou a indecisão que eu estava no momento. Por mais que eu quisesse perdoá-lo por tudo, eu era orgulhosa demais para isso. Ele se levantou.

— Tudo bem. Eu vou.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo! — suspirei aliviada.

— Diga a Samira que mais tarde passarei para falar com ela e para ver como você está. — disse indo em direção a porta. *Samira*. Nessa confusão eu tinha me esquecido dela. Eu não sabia como ela iria reagir ao saber que Kamal sabia onde ela estava. Acenei concordando.

Kamal foi embora. Mas isso não acalmou meu estado de espírito. Comecei a andar de um lado a outro sem saber o que fazer. Não era só com Kamal que eu tinha que me preocupar agora. Toquei minha barriga. Tinha outra pessoa que estava fazendo parte de mim no momento. E saber disso estava me assustando. Eu precisava da Milena.

Peguei meu celular e disquei.

— *Alô! — a voz de Milena estava um pouco diferente.*

— Mi. Preciso falar com você. Você pode vim aqui em casa? Onde você está?

— *Você não está no trabalho? — perguntou.*

— Não. Quando você chegar eu conto tudo.

— *Tudo bem. Já estou indo. Eu também preciso falar com você.*

Então eu percebi a voz partida da minha irmã.

— O que houve? Você está chorando?

— *Quando eu chegar nós conversamos.*

— Tudo bem. — e a ligação foi desligada. Voltei a andar de um lado a outro sem saber como contar a minha irmã as novidades.

Esperei ansiosamente Milena bater em minha porta. Eu ainda estava indecisa de como contar a novidade a ela. Então optei pelo sistema Abdo. *Seja direta.* Foi o que fiz. Assim que ouvi batidas na porta e o grito de Milena me chamando. Abri a porta e soltei a bomba. Eu só não esperava um eco na minha voz.

— Estou grávida.

Encarei minha cópia com os olhos arregalados.

— Milena, você está grávida?

## Capítulo 23 - Kamal

*Algumas semanas atrás.*

Encarei a noite pela janela do escritório. *Mari vai me matar.* Escutei o gerente da filial dos Estados Unidos e meu pai discutindo. Me ajeitei na cadeira.

*Isso ainda vai demorar.*

— Pai. — chamei sua atenção. — Vou fazer uma ligação. Já volto.

Ele acenou concordando e voltou a discutir com o gerente. Levantei-me da cadeira já discando o número.

— Almeida. — cumprimentei o segurança.  
— Preciso que você acompanhe a Srta. Assunção  
PERIGOSAS ACHERON

ao restaurante. Vou me atrasar por alguns minutos e não poderei pegá-la.

— *Claro Senhor.*

— Obrigado!

— *Disponha.*

Desliguei a ligação e disquei um novo número. No primeiro toque ela atendeu.

— *Onde você está?*

Tive vontade de rir e ficar conversando com ela. Passei o dia no escritório e não tive tempo de lhe ligar. Mas eu estava sem tempo. Se eu quisesse que essa vídeo conferência acabasse logo para que eu pudesse me encontrar com ela, eu tinha que ser rápido.

— Mari. Eu vou me atrasar só mais um pouquinho. Acho melhor você ir com o segurança e o motorista, eles já estão cientes. Encontro você lá.

— *Tudo bem.*

Um alarme me fez encarar o celular. *Droga!*

— Meu celular está descarregando. — e eu esqueci o carregador. — Mas não vou me demorar.

— *Tá certo. Sem problemas.*

— Te amo! — eu não cansava de dizer isso a ela.

— *Idem.* — foi sua resposta antes dela desligar o celular.

Voltei para a sala e me sentei torcendo que essa discussão entre meu pai e o gerente fosse resolvida. Eu só queria aproveitar a noite com a minha namorada.

\*\*\*

Mais de uma hora depois entrei no restaurante. Eu já estava me preparando mentalmente para a bronca que levaria. Mariana não é uma pessoa muito paciente. O metre me guiou até uma mesa com uma garrafa de vinho aberta. Mas ela não estava à mesa. Estranhei e localizei o segurança.

— Almeida. Onde está Srta. Assunção.

— Ela foi ao toalete senhor.

— Certo.

Sentei-me na mesa para esperá-la. Mas ela não apareceu. Dez, vinte, trinta minutos. *Será que aconteceu alguma coisa?* Ela não estava totalmente recuperada da virose. Corri em direção ao banheiro feminino preocupado, mas ela não estava lá.

PERIGOSAS ACHERON

Procurei por todo restaurante e nenhum sinal dela. *Onde ela está?* Voltei para onde estava o segurança.

— Almeida tem certeza que você viu a Srta. Assunção indo em direção ao banheiro?

— Sim senhor.

— Ela não está lá.

Peguei meu celular para ligar para ela. Eu não queria repetir a angústia que foi quando soube que ela havia sido presa. Foi o dia mais apavorante da minha vida. Encarei o celular com raiva. Estava descarregado. Peguei o celular de Almeida emprestado enquanto ele saía do restaurante para procurar pelas redondezas. Mas nenhum sinal dela e o celular estava desligado.

— Nada senhor. — disse ele voltando para o restaurante.

— Você não viu nada estranho Almeida?

— Não senhor. Ela estava sentada bebendo e depois foi em direção ao banheiro.

— E por que você não a seguiu?

— Imaginei que ela estaria segura.

Conversei com o gerente do restaurante que disse que não havia visto nada suspeito. Só que ela

PERIGOSAS ACHERON

havia saído sem pagar a conta. Paguei a dívida e voltei para a mansão. Talvez ela estivesse lá. Mari era imprevisível e provavelmente para se vingar pelo meu atraso voltou para a mansão sozinha. Ela era bem louca quando queria.

Abri a porta a porta da mansão com um misto de preocupação e raiva. Se isso fosse só mais uma de suas loucuras. Ela nem queira saber o que vou fazer com ela.

— Mari. — gritei no pé da escada. Essa era a maneira mais rápida.

— Filho. Aconteceu algo? — mamãe me olhou preocupada saindo da sala.

— Mariana chegou? — perguntei.

— Não. Ela saiu faz mais de horas para se encontrar com você. — explicou. — O que está acontecendo?

— Eu não sei. Cheguei ao restaurante e ela não estava.

— Liga para ela.

— Já liguei. Está desligado.

— Aqui ela não está.

Isso me deixou em alerta. Pelo tempo ela já devia ter chegado. *Será que ela se perdeu? Merda!*



*Acho melhor ligar para a polícia.*

— O que está acontecendo? — Samira apareceu na escada.

— Nada meu amor. — disse mamãe não querendo envolver Samira.

Peguei o telefone de casa e liguei para a polícia. Eles chegaram minutos depois. Eu estava desesperado sem notícias. Meu maior medo era que ela se envolvesse em confusão. Meu celular que estava carregando em uma mesinha próxima vibrou. Corri para atender, podia ser ela. Mas era só uma mensagem de um número privado.

*Não envolva a polícia e ela voltará sã e salva para casa. Aguarde novas instruções.*

Isso não é real. *Ela havia sido sequestrada?* Engoli em seco e encarei os policiais. Essa era uma decisão difícil. Será que eu podia confiar na pessoa que estava com a Mari?

— Foi um engano. — disse de repente.

— O quê? — meu pai me olhou preocupado.

— Ela acabou de me mandar uma mensagem. — menti.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh. Que bom. — disse minha mãe aliviada.

— Não precisaremos mais de seus serviços policiais. — disse ainda indeciso. *Mas que outra opção eu tinha?* Eu não arriscaria a vida dela.

Os policiais foram embora. Voltei-me para os meus pais.

— Posso falar com vocês em particular?

Eles assentiram desconfiados, mas me seguiram até o escritório. Entreguei o celular ao meu pai.

— Por Allah!

— O que aconteceu? — perguntou minha mãe preocupada.

— Sequestraram a Mariana. — respondeu meu pai por mim.

Eu ainda não estava acreditando.

— O que você vai fazer Kamal? — perguntou mamãe.

— Esperar. A mensagem dizia que aguardasse novas instruções. É isso que vou fazer.

— Tem certeza que não quer chamar a polícia novamente? — meu pai se pronunciou.

— Não. Eu não vou fazer nada que ponha a  
PERIGOSAS ACHERON

vida dela em risco. Se eles disseram sem polícia, então assim será. — disse alterado. *Como isso foi acontecer?*

Sentei em uma das cadeiras próximas e aguardei a próxima mensagem que veio quase uma hora depois. Nessa nova mensagem havia instruções específicas.

Primeiro: Eu deveria terminar meu relacionamento com a Mari.

Segundo: Não podia ser encenação. Ela não podia saber a verdade, porque se não a pessoa saberia.

Terceiro: Mariana devia voltar para o Brasil imediatamente.

Se as instruções não fossem cumpridas as fotos seriam mandadas para as autoridades que a indiciariam por prostituição e adultério.

Franzi o cenho confuso. *Que fotos?* Foi então que eu baixei os arquivos contidos na mensagem. Eram fotos de Mari de lingerie dormindo com um homem desconhecido. As posições das imagens eram comprometedoras e davam a entender que houve o ato sexual.

Larguei o celular em pânico. Meu coração

PERIGOSAS ACHERON

parando várias batidas.

— Quem faria uma coisa dessas? — perguntou meu pai pegando o celular.

— Eu só posso pensar em uma pessoa. — murmurei.

— Quem? — perguntou minha mãe preocupada.

— Tamires Dahad. — respondi.

— E por que ela faria isso?

Encarei meu pai. Eu e ele éramos os únicos que sabíamos que eu fora amante de Tamires por anos.

— Eu e Tamires fomos amantes por três anos.

A cara horrorizada da minha mãe me envergonhou. Isso não era uma coisa da qual eu me orgulhava. Não vou negar que amei Tamires por um tempo, mas depois que percebi que eu era só mais um em seu harém de amantes, meu amor por ela esfriou.

Quando meu pai descobriu o que estava acontecendo. O nosso relacionamento estava quase no fim. Por isso eu não queria ir para o Brasil. Não tinha motivos. Ninguém sabia, nós já havíamos

# PERIGOSAS ACHERON

praticamente terminado. Mas meu pai não pensava assim. Para ele Ibraim iria me matar.

— Kamal!

— Depois conversamos Marília. — disse meu pai. — Agora precisamos focar no problema maior.

— Certo.

— O que eu faço pai? — perguntei sem direção.

— O melhor no momento é fazer o que ela está pedindo. — disse irritado. — Não acredito que essa *cachorra* teve a coragem.

— Eu não posso fazer isso. — disse desesperado. — O senhor não conhece a Mari. Ela não vai me perdoar.

— Você não está fazendo nada de errado. Você está salvando sua vida. Se Tamires entregar essas fotos para as autoridades, você sabe que não tem como ela sair dessa. Ela já fora indiciada por prostituição, mais uma e ela iria ser deportada. Como ela tem um compromisso firmado com você isso também se caracteriza adultério e a pena você sabe qual é.

Fechei os olhos engolindo a bile que subia

# PERIGOSAS ACHERON

por minha garganta. Eu não queria nem pensar.

— Eu sei.

— Por enquanto filho. — consolou meu pai.  
— Só enquanto resolvemos esse assunto.

— Tudo bem.

— Vou arrumar as malas. — disse minha mãe fugindo da sala. Eu sabia que ela iria chorar. Apesar de no começo ela não ter gostado da Mari, agora que elas se conheceram melhor, sua atitude para com ela havia mudado.

Peguei a garrafa de uísque que meu pai tinha escondida na mesa de seu escritório e enchi o copo.

— Beber não é solução Kamal.

— Mas é a única que encontro no momento.

— Tudo bem. — disse meu pai cansado. Ele pegou um copo e também se serviu. — Vai dar tudo certo.

— Eu enganei a Mariana para que ela se passasse por minha noiva. — soltei de uma vez.

Meu pai cuspiu o uísque em choque.

— Você o quê?

— Ela não era realmente minha noiva quando chagamos aqui. — expliquei. — Eu estava apaixonado por ela, mas ela é uma pessoa difícil.

Achei que a trazendo para a Arábia eu conseguiria conquistá-la. Mas hoje percebo que esse foi o meu maior erro. Eu nunca devia tê-la trazido. — escorei a cabeça na cadeira. — Tudo deu errado desde o começo.

— É com os erros que se aprende Kamal. — disse o meu pai sabiamente.

— Verdade.

— Então quando você voltar ao Brasil para buscá-la. Espero que dessa vez você faça as coisas certas.

Encarei meu pai. Eu não estava feliz em abrir mão da Mari. Mas era como se o destino estivesse me castigando por ter feito tudo errado desde o começo.

Algumas horas depois minha mãe entrou no escritório.

— Terminei. — disse com os olhos marejados de lágrimas. — As malas estão no pé da escada.

— Então só precisamos esperar a Mariana aparecer. — disse meu pai.

Encarei o teto angustiado. Eu fiquei com a tarefa mais difícil: Mandar a Mari de volta ao PERIGOSAS ACHERON

Brasil.

\*\*\*

Eu não havia dormido. A expectativa era tão grande em vê-la entrar pelas portas da mansão sã e salva que eu não conseguia fechar os olhos. Então permaneci no escritório com minha garrafa de uísque. Horas antes meus pais se recolheram. Não sabíamos quanto tempo levaria para Mari voltar para casa. E meu pai precisava me substituir na empresa.

Pela manhã mamãe apareceu com uma bandeja de café.

— Kamal você precisa comer.

— Eu sei. Mas não consigo. — disse com um olhar sofrido.

Ela se aproximou fazendo uma massagem em meus ombros tensos.

— Vai dar tudo certo.

Eu já estava cansado de ouvir isso. Eu sabia que ia dar em merda, mas eu preferia não abalar a confiança da minha mãe.

— Vou tentar comer. — disse para acalmá-

PERIGOSAS ACHERON



la.

— Obrigado! Estarei fazendo minhas orações se precisar de mim.

Acenei concordando e ela se retirou. Não sei quanto tempo se passou, mas eu não conseguira comer. A única coisa que entrava era o amargo líquido. Foi então que aconteceu. Mari entrou no escritório. O alívio que senti ao vê-la bem se dissipou quando lembrei o que precisava fazer. Eu queria abraçá-la, perguntar se estava bem. Mas eu não podia. Sua segurança vinha em primeiro lugar. Apertei os braços da cadeira. *Você consegue Kamal.*

— Kamal. Eu posso ex... — não a permiti terminar.

— Preciso que volte para o Brasil. — disse curto e grosso.

O olhar que Mari me deu me desestabilizou. Eu podia imaginar o que ela estava pensando.

— O quê?

— Preciso que volte para o Brasil.

— Eu não acredito nisso. — me encarou. — Você está brincando?

— *Lays.*

— Você está falando sério?

— *Nem.*

— Não acredito que você está me mandando embora sem mais nem menos, sem me dar a chance de explicar o que aconteceu.

Fechei as mãos em punho controlando a vontade de agarrá-la.

— Não torne as coisas piores Mari.

*Por favor. Faça o que estou pedindo sem questionar.*

— Não me chame de Mari. — gritou.

— Por favor! — pedi. Eu não queria ter que dizer as palavras. Esse não seria o nosso fim.

Eu não conseguia olhá-la. Doía demais. Sua voz esganiçada por causa do choro que ela tentava controlar, demonstrava o sofrimento que eu estava causando.

— Então é assim que termina? Não acredito que isso esteja acontecendo. — murmurou.

*Droga! Ela realmente estava pensando que esse era o fim.*

— O motorista a levará ao aeroporto, tudo já está arranjado para sua partida.

*Você precisa mantê-la segura.*

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Percebi minhas malas na entrada. — murmurou desgostosa. — Kamal. — chamou. A encarei. — Vamos conversar. O que está acontecendo? — Mari tentou se aproximar, mas eu não podia deixar isso acontecer. Então me afastei.

— Não. *Preciso* que você volte. Ponto final!

Abaixei a cabeça com os olhos fechados. A bile me subiu a garganta. Mas eu não podia chorar. Não agora.

— Kamal! — chamou novamente.

— Não! — minha voz saiu mais rouca e forte do que planejava.

— Tudo foi uma mentira? — perguntou. — As palavras, as promessas, o amor?

Engoli em seco. Eu não podia responder com a verdade então preferi me calar.

— Tudo bem. — disse decidida. — Depois de tudo o que passamos nunca imaginei que terminaria assim. Se é assim que você quer. *Adeus!* — essa palavra fez meu coração doer. Tamires iria me pagar. — E só para você saber. — a encarei. Vê-la tentar segurar as lágrimas fazia minha dor dobrar. Era impossível explicar o que eu estava sentindo. — Eu ia ficar com você.

## PERIGOSAS ACHERON

*Ela ia ficar? Ela ia ficar comigo na Arábia? Deixar sua vida para trás para construir um futuro comigo?* Saber disso me fez odiar ainda mais a Tamires.

Ver a Mari ir embora era doloroso. Minha mãe entrou no exato momento que ela saiu. Sentei-me na cadeira. Eu não tinha mais forças para continuar em pé.

— Você fez bem filho! — disse se aproximando. Me agarrei a ela como uma tábua de salvação.

— Será? — perguntei com um pingo de voz. *Quem me garantia que Tamires deixaria Mari em paz depois disso?* Eu precisava resolver esse assunto o mais rápido possível.

Resolver-me com a Mari era a minha prioridade número um. Mas antes eu tinha uma adúltera para enforcar.

\*\*\*

Infelizmente Tamires e Ibraim estavam em viagem. Já fazia alguns dias que eu tentava localizá-los, mas ainda não havia obtido sucesso.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto isso, Mari me odiava e pensava o pior de mim. De hora em hora, os seguranças que contratei me enviavam atualizações sobre ela. Eu sabia cada passo que ela dava, até mesmo quando ela foi a empresa pedir demissão.

Eu sabia que essa seria a primeira coisa que ela faria. E isso eu não iria permitir. Marcus foi instruído a não deixá-la partir. Com ela na empresa seria mais fácil mantê-la segura. Se ela arrumasse outro emprego meus seguranças não saberiam o que estaria acontecendo com ela do lado de dentro do estabelecimento e eu não teria acesso às câmeras.

Vê-la trabalhar para Blanca era terrível. A mulher era chata, implicante e mal-educada. Maltratava Mari o tempo todo. Se eu tivesse a certeza que com a demissão de Blanca, Mari ficaria na empresa. Eu já a teria demitido. Mas infelizmente esse foi o único jeito que Marcus encontrou para que ela não se demitisse, eu tinha que aceitar. Por enquanto.

Meu celular em cima da mesa tocou. *Mamãe!* Atendi.

— *Kamal.* — o desespero de minha mãe era PERIGOSAS ACHERON

bem audível ao telefone. Algo muito grave havia acontecido.

Levantei-me de supetão da cadeira.

— O que aconteceu?

— *Samira fugiu de casa.*

No exato momento meu pai entrou na sala furioso. Mamãe com certeza já havia falado com ele.

— Tem certeza? — perguntei. Coloquei no viva-voz. — Ela deve estar com algumas amigas.

— *O segurança a viu saindo pelos fundos com algumas malas em um táxi. Infelizmente não deu tempo dele intervir. Ele até tentou seguir o táxi, mas não conseguiu localizar o carro. O que fazemos agora?*

— Já tentou ligar para ela?

— *Está desligado.*

— Certo. Vou tentar localizá-la pelo GPS. — disse para tentar acalmá-la. Mas eu sabia que se o telefone estivesse desligado não serviria de nada.

— *Por favor, me mantenha informada.*

— Claro mãe. — e o telefone fora desligado.

Encarei meu pai.

— Quando eu encontrar sua irmã, ela estará

# PERIGOSAS ACHERON

em sérios problemas. — rugiu meu pai.

— Calma pai, não adianta nada se estressar. Precisamos encontrá-la primeiro.

Demorou quase dois dias. Descobrimos através de um dos seguranças que contratei para Mari que Samira estava no Brasil.

— O que ela está fazendo lá? — perguntou meu pai irritado. Esses dias sem notícias foram angustiantes e estressantes. Preferimos não envolver a polícia porque sabíamos que ela não estava em perigo real.

— Ela deve ter ficado com saudades da Mari. — tentei acalmá-lo. — Elas se tornaram amigas. — expliquei. — Samira não sabe o porquê da Mari ter ido embora.

— Eu a quero de volta já.

— Talvez seja bom Samira passar alguns dias com a Mari. — minha mãe interviu.

— Não a quero envolvida com impuros que podem influenciar sua cabeça. — disse.

— Como? — perguntei ofendido. Porque isso envolvia a Mari. Meu pai percebeu o que falara.

— Então eu também devo ser uma má

# PERIGOSAS ACHERON

influência para minha própria filha. — disse minha mãe se retirando da sala. Meu pai foi atrás.

— Marília. Eu não quis dizer isso. — tentou se retratar.

Sentei-me no sofá enquanto meus pais resolviam seus problemas entre quatro paredes.

\*\*\*

*3 semanas depois.*

Meu pai me encarou preocupado. Estávamos sentados no carro em frente ao portão de uma enorme mansão.

— Tem certeza disso filho? — ele não tinha certeza do que iríamos fazer. Minha vida estava em jogo.

— Tenho.

— Você sabe o que pode acontecer?

— Assumirei os riscos. Só quero que ela fique segura.

— Tudo bem. — acenou me apoiando.

Apertei o interfone para me identificar e poder entrar na mansão Dahad. Identifiquei-me e

# PERIGOSAS ACHERON



depois de alguns minutos o segurança permitiu nossa entrada. Entramos na mansão e uma Tamires surpresa nos recebeu.

— Que a paz esteja com vocês. — saudou. Fazia mais de três semanas que eu esperava esse encontro.

— Que a paz esteja com você também. — respondemos a saudação.

— O que devo a surpresa da visita? — perguntou nos direcionando a sala.

— Gostaríamos de falar com Ibraim. — disse a seguindo. Ela parou perto de um dos sofás que havia na sala e se sentou.

— Ele não está. — me encarou desconfiada.

— Não tem problema. — disse me sentando em outro sofá. — Eu espero.

Ibraim demorou mais do que prevíamos. E quando nos viu sentados em sua sala tomando chá na companhia de sua esposa suas feições já duras pelo tempo se acentuaram.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou se aproximado de Tamires.

— Nós estávamos te esperando. — disse me levantando.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. — se voltou para sua esposa.  
— Tamires deixe-nos.

Ela se preparou para sair.

— Não. Sua esposa tem que está presente para o que vou dizer.

Ele me olhou desconfiado.

— Que seria?

Meu pai pegou um envelope em sua pasta e entregou a Ibraim. As fotos de Mari com o tal sujeito estavam dentro.

— O que minha esposa tem haver com isso?  
— perguntou confuso olhando as fotos.

— Tamires mandou sequestrar minha noiva.  
— acusei. — E pagou a esse cara para tirar essas fotos.

— Como você se atreve a acusar minha esposa de tamanha indecência.

Peguei meu celular e mostrei as mensagens que havia recebido naquela noite.

— Sua esposa é a única com motivos para fazer tamanha maldade.

— E por que ela faria isso? — jogou as fotos na mesinha de centro.

— Porque ela está com ciúmes.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tamires bufou cruzando os braços. Ela me olhou nervosa.

— Ciúmes. Ibraim eles estão loucos.

— Calada mulher. — ele me encarou. — Agora me diga o porquê minha mulher estaria com ciúmes.

— Porque nos fomos amantes por muitos anos. — soltei de uma vez.

— O quê? — Tamires se alarmou. — Isso é mentira.

— Eu não acredito em você. — disse Ibraim me encarando.

— Eu sabia que diria isso.

Meu pai abriu a pasta novamente e entregou outro envelope a Ibraim. No envelope continha algumas fotos de Tamires com seus amantes incluindo a mim. Tamires gostava de ter recordações. Foi assim que descobri que não era o único em sua vida. Infelizmente para ela eu sabia acessar seu computador e suas pastas criptografadas.

— Como pode ver não fui o único que enfeitei sua cabeça.

Ibraim jogou as fotos no chão e se aproximou

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

de mim irado. Ele iria me bater.

— Eu vou te matar. — rugiu. Meu pai se colocou em minha frente.

— Você não vai fazer isso Ibraim. — meu pai se pronunciou pela primeira vez.

— E por que não? — gritou parando. — Não acredito que você esteja escondendo as safadezas de seu filho Samir.

— Se você tocar num fio de cabelo se quer de Kamal, eu entregarei as fotos de sua esposa as autoridades. — ameaçou. — Não só as autoridades. Publicarei em todos os jornais da Arábia. Imagine na repercussão que essa história terá. Na vergonha para a sua família. Sua família que vem mantendo a postura de família exemplo por gerações. — ele olhou para mim e para Tamires. — Mesmo que eles estejam mortos e enterrados. Essa história te acompanhará até o resto de sua miserável vida. Eles serão esquecidos e você? Estará aqui para todos lembrarem que sua mulher o traiu com um homem muito mais novo que você.

— Fora! — gritou. — Fora da minha casa.

— Eu só quero que sua esposa deixe a minha noiva em paz.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu não fiz nada. Eu juro. — chorou Tamires se jogando aos pés de Ibraim desesperada. — Você precisa acreditar em mim.

— Você é a única pessoa que teria motivos para fazê-lo.

— Mas não fiz. — chorou. — Eu estava com raiva dela. Mas eu não fiz, não fiz. — me encarou. — Eu juro por Allah.

— Não jures em vão mulher. — rugiu meu pai.

— Eu quero as fotos originais. — pedi.

— Eu não as tenho.

— Entregue para eles mulher. — pediu Ibraim controlando um pouco de sua raiva. Pela sua cara a punição de Tamires seria severa.

— Eu não as tenho. Não fui eu quem fez isso. Eu juro por tudo que é mais sagrado.

— Se ela diz que não fez eu acredito. — Ibraim defendeu a esposa. Eu sabia que ele a amava, mas não imaginava que depois do que revelei ficasse do lado dela.

— Tudo bem. Mas caso essas fotos apareçam nos jornais ou em qualquer outro lugar. Tenha certeza que as suas também seguiram o mesmo PERIGOSAS ACHERON

caminho. — ameacei e me retirei. Eu não tinha mais o que fazer neste lugar. Eu queria distância dessa família. Agora era com Ibraim. Ele sim iria decidir o que fazer com a esposa. Meu pai me seguiu. Entramos no carro.

— O que acha que vai acontecer? — perguntei.

— Ele a ama. Vai perdoá-la.

— É uma pena. — murmurei saindo da mansão.

— Ela não vai mais atrás da Mari depois disso. Pode ter certeza. Ele vai perdoá-la, mas seu castigo nunca será esquecido.

Disso eu tinha certeza. Suspirei aliviado. Esse problema estava resolvido. Agora era hora de ir atrás da minha prioridade número um: Mariana.

\*\*\*

Eu estava ansioso. Amanhã eu viajaria ao Brasil para me acertar com a Mari. Mesmo não tendo as fotos originais. Tamires não seria louca de postá-las ou entregá-las as autoridades. Não com a cabeça dela a prêmio. Infelizmente Ibraim me

PERIGOSAS ACHERON

decepcionou. Ao invés de castigar Tamires por suas traições, ele fugiu do país. E pela placa de vende-se em sua mansão. Acredito que ele nunca mais vá voltar. Isso por um lado era bom. Eu estava livre de Tamires e Mari estava segura.

— *Senhor Abdo.* — Jamal meu secretário chamou pelo interfone.

— Sim.

— *Tem um senhor chamado Youssef no saguão pedindo para falar urgentemente com o senhor. Ele diz ser importante. É sobre umas fotos que foram enviadas para o senhor algumas semanas atrás.*

— Não sei do que ele está falando.

Jamal limpou a garganta.

— *Ele disse que é relacionado a sua noiva Mariana.*

Meu coração acelerou.

— Mande os seguranças revistá-lo e o deixe subir.

— *Certo.*

*Será que é o que estou pensando?*

Assim que o homem entrou em minha sala eu o reconheci. Era muita ousadia ele vim até aqui.

Levantei-me de minha cadeira pronto para atacá-lo. Ele colocou as mãos para cima em sinal de rendição, mas isso não me impediu de agarrá-lo pela camisa.

— O que você quer aqui? — rugi.

— Fazer um acordo. — murmurou.

— Eu não faço acordos com gente da sua *laia*.

— Eu tenho as fotos originais.

Soltei o idiota. Infelizmente eu precisava dessas fotos, senão quebraria a cara desse infeliz.

— E onde estão?

— Neste pen-drive. — ele retirou o objeto do bolso da calça.

— Tamires não deseja mais os seus serviços? — perguntei. Tentei arrancar o objeto de suas mãos, ele não deixou. — Você sabe que se eu quiser eu posso tomar isso de você. — vendo que não seria páreo para mim ele cedeu. Arranquei o pen-drive de sua mão e segui em direção ao computador.

— Tamires? — ele se aproximou confuso.

— Sim. A sua contratante.

Analisei as fotos.



— Não sei. Não conheço essa tal de Tamires.  
— disse negando. — Quem me contratou foi um homem. Mas sei que ele estava a mando de uma senhora, porque nas duas vezes que ele foi me ver ela estava presente.

*Uma senhora?*

— Qual era o nome?

— Não sei seu nome.

— Como ela era? — *não fora Tamires quem o contratou? Isso está estranho.*

— Não pude vê-la muito bem. Só seu rosto estava descoberto e estava escuro. Mas ela tem a pele igual a sua e os cabelos pretos também. — disse. — Pude ver seus cabelos porque no momento deu um vento que soltou seu véu. Foi muito rápido, mas olhando bem ela se parece com você.

Franzi o cenho pegando meu celular. Passei as fotos procurando quem desejava.

— É ela? — ele confirmou.

*Eu não acredito nisso.*

— Por que você me procurou?

— Ela não quis pagar um adicional. — isso queria dizer que ele a estava chantageado. Bem feito para ela.

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Essas são todas as fotos?

— Sim.

— Quanto você quer pelas fotos e para ficar de boca fechada?

— Hum milhão de dirham.

— Feito. Pedirei ao meu advogado que faça um acordo acrescentando uma cláusula de morte caso você não cumpra o combinado. Você vai sair do país e eu não quero ver sua cara novamente na Arábia. Se eu ver qualquer foto dessas circulando pelo país você é um homem morto. Entendeu?

O homem engoliu em seco e acenou.

— Combinado.

— Fique aqui. — disse indo em direção a porta. — E não adianta querer sair, tenho seguranças na porta.

Entrei na sala de papai irado.

— Papai. Pegamos a pessoa errada não foi a Tamires quem sequestrou a Mari.

Meu pai me olhou confuso.

— E quem foi?

— A vovó.

— Merda! — xingou.

*Merda era pouco para o que iria explodir no*  
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*ventilador.*

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 24 - Mariana

*Atualmente.*

Nós  
estávamos  
na

cozinha. Depois de ouvir a mais nova notícia do dia, resolvi comer algo antes que desmaiasse novamente. Mas dessa vez não seria por falta de comida. E sim pelas constantes emoções do dia.

— Quando você descobriu? — perguntei enquanto preparava um sanduíche para nós duas. Eu estava no automático pegando tudo que tinha na geladeira e colocando no sanduíche.

— Hoje. — murmurou. — E você?

— Hoje. — resmunguei. Eu não sabia o

porquê de estar tão chateada. Até sabia, só não queria assumir. Então Milena começou a rir. — O que foi?

— Você está chateada.

— E daí.

— Você está chateada porque eu estou grávida ao mesmo tempo que você.

Fiz uma careta me concentrando em minha comida.

— Você sempre querendo estragar tudo. — resmunguei.

— Sabe, eu estava com medo e insegura quando descobri sobre a gravidez. Mas agora que sei que você também está grávida, estou mais tranquila.

— O que você quer dizer com isso?

— Sei que serei uma mãe melhor que você. — disse sorrindo. A encarei perplexa, mas logo um sorriso se formou em meus lábios.

— Claro, assim que você aprender o significado da palavra.

— Haha. Engraçadinha.

Nos encaramos e começamos a rir do nada. Isso era tão surreal. Qual a probabilidade de  
PERIGOSAS ACHERON

ficarmos grávidas ao mesmo tempo? Nós nem somos casadas ou compromissadas.

Rir me fez bem, ter Milena por perto me fazia bem. Um pouco do meu temor, cansaço e estresse do dia se dissipou.

— Quem é o pai? — fiz a pergunta de um milhão de dólares. Nessas últimas semanas Milena estava apontando para tudo que é lado. Era difícil saber.

— O indiano.

A encarei duvidosa.

— E como você pode ter certeza? As últimas semanas foram bem produtivas para você.

— Eu não conseguia ir até o final. — confessou.

— O quê?

— Eu não conseguia transar com os homens que ficava na boate.

— Mas você... — comecei incerta sem entender minha cópia.

— Eu sei. Eu queria estar bem e estava fingindo que estava, mas não estou. E agora não sei o que fazer.

— Você vai contar a ele?

— Não. — disse rapidamente. — Ele não merece saber.

— Mas Mi... — comecei, mas ela me interrompeu.

— Não Mari. Esse filho é meu e só meu.

Calei-me mordendo meu sanduíche. Essa decisão era dela e se ela queria assim eu estaria aqui para apoiá-la.

— Você que sabe.

— E você? — perguntou.

— Eu o quê?

— Vai contar ao seu árabe favorito que está grávida dele.

— Ele já sabe. — resmunguei. Ao contrário dela não tive a opção de esconder de Kamal.

— Você é rápida hem.

— Kamal estava comigo quando eu descobri.

— Espera aí. Ele voltou?

Acenei concordando.

— Voltou.

— E como você está com isso?

— Melhor do que eu imaginava. — isso era verdade. Eu pensei que ficaria arrasada ao reencontrá-lo, chorando pelos cantos, mas não. Eu  
PERIGOSAS ACHERON

estava aqui, firme e forte.

— O que ele veio fazer aqui?

— Me pedir para voltar com ele.

Contei toda a história a Milena. O meu reencontro com Kamal. A descoberta da gravidez. A conversa que tivemos. A explicação para tudo o que aconteceu na Arábia. Tudo.

— Eu estou com medo Mi. — confessei enquanto me escorava no sofá. A *vidinha* em minha barriga estava satisfeita com a comida. E pelo bocejo que dei, ele ou ela queria dormir.

— Em relação a quê? A Kamal ou ao bebê?

— Os dois. — isso era verdade. Eu não sabia o que fazer. E se eu tomasse a decisão errada? Voltar com Kamal significava que eu estava deixando para lá a forma com que ele me tratou, toda mágoa e tristeza que senti durante esses meses.

— Mari, eu vou te dar um conselho. Não espero que o siga. Vovó já dizia: Se conselho fosse bom se vendia. — sorrimos ao lembrar da senhorinha travessa. — Mas... vou dá-lo mesmo assim. Pense bem no que vai fazer. Não é mais só sobre você ou Kamal, é sobre este bebê. Sei que criança hoje em dia não segura relacionamento.



Mas você o ama, ele te ama. Vocês serão papais. Ele já explicou o que aconteceu. Não vejo nada que os impeça de ficarem juntos e serem felizes. Só o seu orgulho besta.

— Você devia seguir seu próprio conselho. Srta. Orgulhosa.

— Não. Minha história é diferente. Faz quase dois meses e ele não me procurou. Isso significa que ele não gostava tanto assim de mim.

Pensei no seu conselho. Talvez a Milena tenha razão. Mas será que as coisas seriam as mesmas entre eu e Kamal? Eu odiaria me tornar uma paranóica a cada palavra que ele desse, sem saber se é verdade ou mentira. Escutei a tranca da porta ser aberta e uma Samira desolada entrar por ela. Pela sua cara ela não havia conseguido o emprego. *Ok dia. Você já pode acabar.*

\*\*\*

Acordei com vozes sussurradas em meu quarto. Eu sabia quem eram, então fingi estar dormindo. Depois que Samira chegou em casa eu contei as novidades e ao contrário de mim que

PERIGOSAS ACHERON

fiquei espantada e temerosa. Samira ficou feliz. *Claro, ela ia ser titia.* Mesmo sabendo que Kamal estava no Brasil e podia levá-la embora, nada abalou sua felicidade.

O cansaço me abateu minutos depois e como Milena precisava voltar para o trabalho, decidi dormir à tarde toda. Fazia um tempo que eu não fazia isso. *Talvez, ter um bebê tenha um lado bom.*

— Como ela está?

— Bem. Eu ainda não acredito que vou ser titia. — a empolgação de Samira fez Kamal rir.

— Precisamos conversar Samira. — falou sério.

— Temia por isso. Vamos para a sala. Lá podemos conversar melhor.

Escutei os passos saindo do meu quarto. Abri um olho para ver se havia mais alguém próximo e me levantei da cama calmante me escorando perto da porta. Sei que é feio escutar a conversa alheia, mas eu estava preocupada com o que iria acontecer com Samira. E eu queria estar preparada se precisasse intervir na conversa.

— Papai quer que você volte imediatamente para casa. — Curto e direto. Esse é o lema Abdo.

— Eu sei. Mas não posso.

— Por quê? — perguntou.

Eu não podia ver, mas pelo silêncio que Samira estava fazendo ela não sabia o que dizer. O que aconteceria se Kamal descobrisse a verdade? Eu não queria nem imaginar.

— Por que Samira? — o tom de Kamal se elevou. Ele queria uma resposta.

— Não posso contar. — eu podia ouvir a voz partida de Samira. Ela iria chorar.

Depois do que pareceu uma eternidade Kamal falou.

— Você não fugiu por causa da Mari não foi? Você não veio atrás dela porque estava com saudades. Se fosse assim você teria nos avisado. Outro motivo te trouxe para cá, me diga qual foi?

— Não posso. — chorou. Era hora de agir.

— O que está acontecendo aqui? — me intrometi saindo do quarto, ficando de frente a Kamal.

— Mari não se intrometa. — Por essa eu não esperava.

— Me intrometo sim. Enquanto Samira estiver debaixo do meu teto, eu sou responsável por  
PERIGOSAS ACHERON

ela. — cruzei os braços na defensiva.

— Ela é maior de idade. Não precisa de uma guardiã.

— Não briguem, por favor. — escutei Samira pedir antes que a discussão piorasse, mas foi em vão.

— Se ela é maior de idade não precisa explicar a você o porquê fugiu de casa.

— Claro que precisa. Eu sou o irmão dela.

— E você é um belo exemplo não. — bufei.  
Ele me fulminou.

— Você e sua boca estão insuportável hoje.  
— soltou. Fechei a boca que estava aberta.

— Eu não acredito que você disse isso.

— Eu só quero saber o que está acontecendo com a minha irmã. — gritou frustado.

— Eu não posso voltar para casa porque tive relações sexuais com um homem. — soltou de uma vez. A encaramos perplexos. Eu pela coragem que ela demonstrou em contar a verdade e Kamal por descobrir a verdade.

— Você o quê? — Kamal perguntou depois que processou suas palavras.

— Eu estava apaixonada. — Samira  
PERIGOSAS ACHERON

começou a explicar aos soluços. — Eu sabia que a vovó havia arranjado um pretendente para mim, mas eu não queria me casar com um desconhecido. Pensei que me entregando a ele tivéssemos uma chance de ficarmos juntos, mas eu não imaginava que ele só queria me iludir. Ele não queria assumir um relacionamento sério comigo.

Pela cara de Kamal ele parecia que iria bater em Samira. Não comigo presente. Me joguei na frente de Samira antes que Kamal esperasse por isso e fechei os olhos. Minha impulsividade às vezes aborrece até a mim. Mas o golpe não veio. Quando abri os olhos encontrei Kamal de cabeça baixa sentado no sofá. Eu e Samira não tínhamos coragem de nos mover, então esperamos. E esperamos. Depois de um tempo ele nos encarou e se levantou. Sua expressão era decidida. E eu estava temendo o pior.

— Eis o que vamos fazer. — começou. Estremeci com seu tom. — Parabéns Samira, você é a nova vice-gerente da nossa filial aqui no Brasil.

— O quê? — falamos ao mesmo tempo. Eu não sabia quem era que estava mais surpresa. Eu ou Samira. Talvez, ainda pudéssemos salvar esse

PERIGOSAS ACHERON

longo dia.

— E o papai? — perguntou.

— Não se preocupe. Eu me resolvo com ele.

— E a Blanca? — perguntei. Porque se Samira iria ser a nova vice-gerente. O que iria acontecer com ela?

— Eu a demiti está tarde.

*Uou.* Abri um sorriso de contentamento. Sei que é feio ficar feliz pela desgraça dos outros, mas eu estava. Principalmente por que estava livre daquela mal-amada.

— Você está me deixando ficar aqui?

Samira ainda não estava acreditando. Para falar a verdade nem eu.

— Vai ser melhor você passar um tempo fora da Arábia assim como passei. Papai vai entender.

— Você vai contar a ele? — ela se alarmou.

— Não. Vou dizer que essa é uma ótima oportunidade para você conhecer as nossas filiais e aprender mais sobre os negócios da família.

— E o noivado?

— Vovó está numa clínica de repouso. Não vai poder te obrigar a casar.

— Obrigado!

Samira se jogou nos braços do irmão chorando de alegria. Meus olhos também se encheram de lágrimas.

— Eu quero o nome. — disse ele se afastando e a encarando.

— Não. Eu não posso dar a você.

— Kamal. — pedi.

Ele suspirou desistindo.

— Tudo bem. Outra hora. — ele me encarou.  
— Mari será que eu posso falar um minuto a sós com Samira?

— Você vai brigar ou bater nela?

— Não. É outro assunto.

— Tudo bem.

Voltei para o quarto me escondendo atrás da porta, mas dessa vez Kamal fora esperto e sussurrou para Samira em árabe. Não consegui escutar nada. Não demorou muito e ele se virou para vir para o quarto. Me apressei deitando na cama e fechando os olhos. Como se não estive espionando.

— Mari? — chamou. Abri os olhos.

— O que é?

Kamal se sentou no chão ao lado da cama.  
PERIGOSAS ACHERON

Me virei para ele. Sua mão contornou minha face.

— Me desculpa. Eu não queria dizer aquilo.

Suspirei cansada. Ultimamente eu andava assim. Cansada de tudo. Acredito que a gravidez tenha algo haver com isso.

— Mas disse.

— Nada justifica meu estresse. — ele passou a mão nos cabelos chateado. — Não tive uma tarde muito boa. Aconteceram muitas coisas desagradáveis. E quando chego aqui na esperança de aliviar minha tensão, acabo percebendo que minha irmã anda escondendo as coisas de mim. Ela nunca escondeu as coisas de mim e você tentando protegê-la...

— É ruim quando isso acontece não. Esconder as coisas. — isso refletia bem o que estava acontecendo entre nós. Kamal bufou.

— Você tem razão, não é legal. — disse pensativo.

— O que aconteceu? — perguntei querendo saber mais do porquê ele estava tão chateado.

— É melhor você não saber.

— E como você quer que eu volte a confiar em você, se você continua a me esconder as coisas?



## PERIGOSAS NACIONAIS

— foi uma jogada baixa da minha parte, nos nem estávamos mais juntos. Ele não me devia explicações. Mas eu estava muito curiosa.

— Raquel me procurou na empresa hoje a tarde e nós discutimos. — ele me observou por um segundo. — Ela ameaçou você.

— Ótimo! Outra louca querendo me matar.

— Eu não vou permitir que nada aconteça com vocês. — sua declaração no plural me emocionou. — Os seguranças continuarão de olho em você.

— Nem pensar. Agora que eu sei que tem pessoas me vigiando as quero bem longe de mim. Vai saber o que esses homens virão. — olhei ao redor desconfiada. Com certeza eles me virão pelada em meu quarto. A varanda vive aberta.

— É para a sua segurança e do bebê.

— Raquel não é tão louca assim. — *ou é?*

— Isso é o que não sabemos.

— Aí meu Deus! Maldita hora que eu aceitei me passar por sua noiva.

A campainha tocou nos atrapalhando.

— Quem será? — eu não estava esperando ninguém.

## PERIGOSAS ACHERON

Kamal se levantou do chão.

— Deve ser a comida *italiana* que pedi. Você de estar com fome. Samira disse que você dormiu à tarde toda.

— Dormi. — minha barriga roncou. — Eu realmente estou com fome.

— Ótimo. Eu também.

— Espera aí. — disse levantando da cama. — Você vai comer com agente?

— Claro. Todos os dias, todas as noites. Até você perceber que eu sou o único homem para você.

Parei atônita enquanto Kamal seguia em direção a mini cozinha, onde Sami já abria as sacolas com a comida.

Eu sabia que a batalha estava perdida. Eu não conseguiria mais resistir. Meu coração se amoleceu desde o primeiro momento que o reencontrei. Mas enquanto eu permanecesse de calcinha. Iríamos a guerra.

\*\*\*

— Bom dia *chefinha*. — saudei saindo do  
PERIGOSAS ACHERON

quarto ao ver Samira na cozinha.

— Do que você me chamou?

— Chefinha. Chefe. Agora que você ficou no lugar da Blanca e eu era secretária dela... — deixei a frase morrer. — Isso se você me quiser como sua secretária.

O sorriso que Samira me deu era minha resposta.

— É claro que eu a quero como minha secretária. Na verdade eu ainda acho que você devia ter ficado com o cargo nas relações públicas, mas você sabe o que faz.

— Eu já disse Sami. Não quero algo barganhado com mentiras e enganos.

— Mas vocês não estavam fingindo. No começo sim. — reformulou. — Mas depois a coisa se tornou real.

— Não. — balancei a cabeça negando. Essa era a minha deixa para encerrar o assunto. Peguei minha bolsa. — Vamos?

— E você não vai comer?

— Estou sem fome. — disse indo em direção à porta.

— Mari. — chamou. A olhei. Samira  
PERIGOSAS ACHERON

levantou as duas chaves que estavam em seus dedos. Eu estava trancada. — Kamal me deu instruções específicas para alimentá-la pela manhã.

— Eu não preciso de uma babá.

— Talvez precise. — uma coisa era certa pelo olhar que Samira estava me dando. Ela só me deixaria sair depois que eu comesse algo. Então observei o que ela tinha preparado e tomei o copo de suco de laranja que estava próximo a mim de uma só vez. — Satisfeita?

— Quase.

Revirei os olhos me sentando na banquetta. Se eu quisesse ir trabalhar teria que comer. E rápido.

— Pensei em sairmos à noite para comemorar meu primeiro dia. — falou empolgada.

— Tudo bem. — disse pegando um misto quente e o mordendo. Eu só esperava que ele permanecesse no meu estômago.

\*\*\*

Samira e eu pegamos o ônibus. Desde que ela veio morar comigo ela não tinha andado de  
PERIGOSAS ACHERON

coletivo. As poucas vezes que saímos foi de táxi, para conhecer um pouco da cidade. Mas hoje achei por bem pegar o coletivo para ensiná-la o caminho. Já que ela iria ficar no Brasil precisaria saber a rota para qualquer eventualidade. Nunca sabemos quando vamos precisar do tal “*amado*” ônibus.

Como sempre eu estava odiando ir em pé. Mas para Sami era uma experiência única. Pena minha barriga estar pequena. Senão eu iria exigir meu lugar no preferencial.

Kamal nos aguardava na nova sala de Samira. Ela sorriu para mim antes de entrar na sala e eu me sentei em minha mesa. Estava revendo o que teríamos para hoje, quando uma silhueta parou na minha frente. Levantei a visão. Se ontem ele estava bonito. Hoje estava simplesmente arrebatador.

— O que você está fazendo aqui?

— Trabalhando? — respondi o óbvio.

— Você devia ficar em casa. Você desmaiou ontem.

— Kamal. Eu estou grávida, não doente. Eu estou bem.

— Mas... — fomos interrompidos por um  
PERIGOSAS ACHERON

novo visitante no andar.

— Onde está a minha nova vice-gerente? — salva pelo gongo. Ou melhor dizendo pelo Marcus. Não estava a fim de discutir com Kamal sobre o quê uma mulher grávida podia ou não fazer. — Mari. — sorriu para mim. — Soube da novidade. Meus parabéns.

— Faça-me o favor de não me dirigir a palavra.

Passei a noite juntando as peças e percebi que o Marcus me manipulou para ficar na empresa porque assim Kamal poderia me vigiar. Cinco dias da semana, de oito às seis da noite.

— O que eu fiz agora? Ela descobriu que eu estava interceptando os currículos? — perguntou a Kamal.

— Você o quê? — me levantei da cadeira.

— Oh! Você não sabia? Então esquece que eu falei.

— Eu não acredito nisso.

Então era por isso que eu não tinha recebido nenhuma ligação. *Merda!*

— A ideia não foi minha. — disse na defensiva. Encarei Kamal.

# PERIGOSAS ACHERON

— Claro que não.

Samira escolheu essa bela hora de tensão para aparecer.

— O que aconteceu? — nos olhou preocupada.

— Nada. — disse me sentando.

Kamal limpou a garganta e apresentou o Marcus a Samira.

— Sami. Esse é o Marcus. Um grande amigo e gerente de nossa filial. Ele ficará responsável pelo seu aprendizado. — se virou para o Marcus. — Marcus, essa é a minha irmã Samira.

Samira estendeu a mão e o cumprimentou. Marcus levou sua mão até seus lábios.

— Kamal não me disse que tinha uma irmã tão bela.

— Cuidado Samira. A ex-noiva dele morde. — resmunguei.

— A gravidez te deixou com a língua mais afiada.

Sorri cinicamente.

— Estou muito empolgada. — começou Samira. — Espero que você tenha paciência porque não conheço muito o português, mas estou

PERIGOSAS ACHERON

aprendendo. Mari tem me ajudado bastante.

— Espero que só palavras boas e úteis. — disse o Marcus sorrindo.

Sorri com a sua insinuação do meu “*baixo*” linguajar. Kamal fingiu um engasgo, mas eu podia ver o sorriso por baixo de sua mão.

— Traidor é uma delas.

Samira gargalhou e eu a acompanhei.

Feita as apresentações cada qual seguiu seu caminho e eu comecei a trabalhar. *O dia só estava começando.*

Kamal voltou algumas vezes para me ver e em todas elas, ele estava com algo na mão para eu comer. Eu estava adorando ser mimada, meu corpo estava adorando sua atenção. Mas desse jeito eu iria ficar gorda e necessitada. E isso era o que eu não queria. Porque a guerra estava só começando.

\*\*\*

Eu estava cansada e só queria dormir. Mas eu havia prometido a Samira que iríamos comemorar seu primeiro dia no emprego. Então rumei ao banheiro e tomei um demorado, e relaxante banho.

PERIGOSAS ACHERON



Quando sai, me deparei com um lindo vestido prata na cama. Ele era divino, exposto e do meu tamanho. Definitivamente não era de Samira. O analisei e sai do quarto. Samira estava atacando a geladeira como sempre. Uma coisa que descobri nesse tempo morando com ela. Ela era uma amante de comida.

— Sami. Alguém esqueceu esse beleza na minha cama. É seu?

— Você acha que eu usaria um vestido desses?

Analisei sua roupa fechada. Samira parecia que ia a um lugar muito chique. Muitas jóias a ornamentava. Ela estava divina. Mas eu sabia que ela logo se cobriria com a *abaya*. O que era uma pena. Mas eu entendia seu costume e respeitava.

— Então de quem é?

— Seu. É um presente para você. Uma forma de agradecer por tudo o que tem feito por mim.

Sorri por sua atitude nobre.

— Obrigada. — disse a abraçando. — Não precisava, mas agradeço.

— Quero que o use.

— Hoje? — estranhei.

— Sim.

— Aonde vamos? Eu pensei que iríamos a boate ou a algum restaurante.

— É uma surpresa.

— Tudo bem. — disse voltando para o quarto.

Eu não queria fazer uma desfeita. Então vesti o vestido e me arrumei como se fosse a um daqueles chatos e entediantes jantares beneficentes que Kamal me levava. O vestido pedia essa produção.

Depois de pronta, entramos no elevador. Quando chegamos ao térreo uma limusine nos aguardava. Um segurança abriu a porta para nós. Isso era estranho.

— Você contratou uma limusine? — perguntei.

— Er... Sim.

— Samira. O que está acontecendo?

Parei antes de entrar no carro. Mas ela foi rápida, me empurrou de leve. Cai sentada no estofado e uma mão me puxou para dentro, enquanto o segurança fechava a porta.

Era impossível não saber quem era. Seu  
PERIGOSAS ACHERON

toque era inesquecível.

— Você. — resmunguei me soltando dele e me acomodando no banco.

— Eu.

*Droga! Eu devia ter desconfiado quando ela disse que o vestido era um presente. Porque só tinha uma pessoa que me dava presentes assim: Kamal!*

## Capítulo 25

A limusine estava em movimento antes que eu pudesse pensar em fazer algo. As portas foram trancadas pelo motorista. *Eu estava presa.*

*Ah! Samira você não perde por esperar.*

— Posso saber o motivo do meu sequestro?  
— perguntei sem olhá-lo. Era tentação demais para um dia só. Eu podia imaginar seu caro terno emoldurando seu lindo corpo. Fechei os olhos com a visão. Mas o abri rapidamente. *O que é que eu estou fazendo?*

— Nada demais. Só preciso que me acompanhe em um jantar beneficente.

— E você não podia simplesmente me pedir?

— encarei o asfalto do outro lado da janela.

— Você iria?

— Não.

— Aí está sua resposta.

— Kamal. — o encarei. *Péssima ideia*. Ele estava divino. — Quando você vai parar de fingir. Nós acabamos.

— Para o mundo você ainda é minha noiva, Mari. — meu coração doeu quando ele disse isso. Mas tratou logo de completar. — Para mim você é muito mais que isso. É minha *haya*.<sup>[50]</sup> — ele pegou minha mão e beijou o dedo onde devia estar a aliança. — Onde está o anel?

— Eu mandei a Milena devolver. — disse já puxando a mão de seu toque.

Ele me olhou sem entender.

— Você não recebeu a mala cheia de roupas e jóias? — perguntei. Ele negou. *Eu vou matar a Milena*. Mudei de assunto. — Eu não vou continuar mentindo para você. — encarei a janela e cruzei os braços. Eu estava começando a enjoar com o balanço da limusine.

— Não é mentira quando o que sinto é de verdade. — eu podia sentir seu suspiro em meu  
PERIGOSAS ACHERON

pescoço. *Merda! Perto demais.* — Me dá uma nova chance. Por favor! — sussurrou próximo. Me arrepiei. Fechei os olhos.

Pedindo assim não tem como resistir. Mas eu sou forte. Ou pelo menos eu acho que sou.

— Não. E amanhã você vai dizer a todo O mundo que terminamos.

— O que eu tenho que fazer para você mudar de ideia? — ele se aproximou mais de mim, seus lábios em meu ouvido. — Eu ainda te amo. Nada mudou.

Essas palavras aqueceram meu ser.

— Golpe baixo. — sussurrei.

— Tenho que lutar com as armas que tenho se quero te ter de volta.

Virei o rosto. O seu estava a centímetros do meu. Eu só precisava me aproximar um pouco. Só um pouquinho. Ele estava esperando minha decisão. Ele queria que eu desse o primeiro passo. Que eu o aceitasse. E foi o que fiz. Uni nossos lábios e o beijei.

Eu não sabia quanta saudade eu estava sentindo até seus lábios tocarem os meus. O puxei para mim, devorando seus lábios com intenso  
PERIGOSAS ACHERON

desejo. Mas um lampejo de sanidade pairou sobre mim quando sua mão alcançou minha coxa.

— Espera. — o empurrei.

— O que foi?

— Não posso. — *não posso ceder agora.*

Não posso deixar que ele me dobre tão fácil assim.  
*Você é mais forte que isso Mari.*

— Por quê? O que está te impedindo?

Pensei por um minuto. O que me impedia?  
Por que eu não conseguia esquecer a mágoa e seguir em frente? Dar-lhe uma segunda chance? Será que o Edu realmente me estragou para os homens? Será que eu realmente tenho um dano psicológico?

— Esse beijo não significou nada. — disse tentando me recompor.

— Acredito que significou algo. Já que foi você quem me beijou e com tanta vontade. — desdenhou com um sorriso nos lábios.

— Impressão sua. — arranjei uma desculpa para minha recaída. — Só estava querendo ver se ainda sentia algo por você.

— E o que você sentiu?

— Nada. — menti. Ele sorriu. Beijar Kamal

era como comer chocolate. Gostoso e prazeroso. E no final sempre ficava um gostinho de quero mais.

— Tem certeza? Que tal repetirmos para você ter certeza? — perguntou com aquele olhar cafajeste de quem torcia para que eu aceitasse sua proposta.

Eu estava indecisa. Eu queria beijá-lo novamente. Mas se eu o fizesse me entregaria por completo dessa vez.

— Melhor não. — murmurei.

— Tudo bem. Eu sei esperar Mari. — sussurrou em meu ouvido e se afastou. — Eu tenho a noite toda.

*Droga! Onde Samira foi me meter?*

\*\*\*

A entrada do evento estava cheia de fotógrafos. Eram tantos flashes que eu não conseguia acompanhar. Depois de uma discursão tediosa e cansativa, decidi por falta de escolha acompanhar Kamal no jantar. O que eu podia fazer? Fugir não era uma opção quando me deparei com o guarda-costas de dois metros atrás de nós. E

PERIGOSAS ACHERON



como eu não queria aparecer no jornal da manhã seguinte como a noiva fujona, baixei a guarda e me deixei ser levada por Kamal.

Fomos parados por uma jornalista. *Malanie Green*. Eu descobri seu nome porque ela gritou, assim como o nome da revista para qual trabalhava. A mulher quase caiu à nossa frente para tentar nós alcançar. Mas um dos seguranças do evento a segurou.

— Por favor. — pediu a mulher. — Não vou me demorar.

Kamal suspirou cansado e permitiu a mulher se aproximar.

— Dois minutos.

— Ok. Certo. — começou a mulher toda atrapalhada. — Todos gostariam de saber o porquê você demorou dois meses para voltar enquanto sua noiva estava doente?

— Assuntos pessoais. Próxima pergunta.

A mulher o encarou e engoliu em seco.

— Tudo bem. Mariana. — me chamou. Tomei um susto porque não imaginei que ela fosse me fazer alguma pergunta. — Posso chamá-la assim? Melhor não? É íntimo demais. — fez uma PERIGOSAS ACHERON

careta.

— Você pode fazer logo sua pergunta? — perguntou Kamal rudemente. Desde que começamos a sair juntos, só houvera duas vezes que ele se permitira ser entrevistado. Quando anunciou o nosso falso noivado e essa. Acredito que ele não goste de jornalistas tanto quanto eu.

— Percebi que você está sem aliança, posso saber o porquê?

*Perfeito! Hora de dizer a verdade.*

— Porque nós não esta... — comecei, mas Kamal me interrompeu.

— A entrevista acabou. — ele me arrastou para dentro do evento deixando a jornalista para trás.

— Por que você fez isso? Era a hora perfeita para contar a verdade.

— Não, não era. — ele parou e se virou para mim. — A única mentira que vejo aqui é você enganando a si mesma. Para Mari. Para de fingir. Eu sei que você não me esqueceu.

— Eu não estou fingindo nada. O único que finge algo aqui é você. — cruzei os braços.

Ele me olhou com um olhar de desdém e saiu  
PERIGOSAS ACHERON

andando sem esperar por mim.

Pensei em sair por onde tinha acabado de entrar. Dei a volta. Mas infelizmente ele estava lá. O cara grande de dois metros, vestido de preto que estava nos acompanhando. Ele me olhou com aquele olhar de: *“Sei o que você vai fazer, mas não faria se fosse você.”*

Acho que Kamal está levando essa ameaça de Raquel sério demais. Ou o guarda-costas era para o caso de eu tentar fugir? Fico com as duas opções.

Dei-me por vencida e segui Kamal para mais uma chata e entediante noite com gente rica e esnobe.

*Obrigada Samira!*

\*\*\*

— Eu estou com fome. — disse me aproximando da enorme mesa cheia de quitutes e bebidas próximo a entrada. Passei por quase todos os pratos com o nariz franzido.

Já fazia mais de meia hora que estávamos rodando o salão, cumprimentando as pessoas. E eu

PERIGOSAS ACHERON

estava desempenhando meu papel muito bem. A boa e submissa noiva do jovem milionário, que fica lá parada e sorri como se nada estivesse acontecendo. Pensei que se eu me mantivesse quieta essa tortura passaria logo. Porque cada minuto ao lado de Kamal é um tormento. Minha recaída estava bem vívida em meus lábios. E eu sabia que se tivesse a oportunidade faria de novo.

— O que foi Mari?

— Essas comidas estão me dando enjoou.

— Tudo? — perguntou preocupado.

Passei por uma bandeja cheia de um crustáceo alaranjado.

— *Eu odeio camarão!* — gemi frustrada. Mas mesmo assim me vi pegando vários camarãozinhos para o meu prato. Procurei um lugar para me sentar e devorei minha odiosa refeição. Com certeza esse bebê não puxou a mim.

Kamal me deixou sossegada por um tempo. Eu com meu prato de comida. E ele com seus negócios. Vendo que eu estava quase terminando a refeição se despediu do senhor que conversava e se aproximou.

— Vamos dançar. — disse quando terminei.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero.

— Não foi uma pergunta. — pegou minha mão e me levantou da cadeira. Ele me arrastou para o meio do salão onde vários casais dançavam.

— Eu não sei dançar.

— Claro que sabe. Você já dançou comigo muitas vezes. Você não vai fugir dessa.

A mão esquerda de Kamal foi parar na minha cintura. Tentei controlar minha respiração e a vontade de pular em sua boca. Eu olhava para qualquer lugar, menos para ele. Se o fizesse eu não responderia por mim.

— Você se lembra da primeira que eu te trouxe para um desses janatares? — perguntou depois de alguns segundos valsando pelo salão.

— E você ficou de olho numa morena peituda? Lembro. — resmunguei de mal gosto. Naquele tempo eu não tinha noção dos meus sentimentos por ele.

Kamal sorriu.

— Ah Mari, às vezes você é um pouco lerda para entender as coisas.

— O que quer dizer? — o encarei. Péssima ideia.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu estava querendo provocar alguma reação em você. Nem que fosse de raiva por ter te deixado sozinha. Dessa maneira eu podia perceber que talvez, por um mísero milagre você estivesse interessada.

— E?

— Você não estava. A necessidade por outro lado te fez vim até mim. — sorriu. — Acho que devo agradecer ao Montenegro.

Lembrei-me do cara chato que ficou atrás de mim perguntando de Kamal. Varri o salão e o encontrei escurado num canto.

— É seu dia de sorte. Olha ele ali. — apontei. Kamal acompanhou meu olhar. — Quem é ele?

— Dono de uma empresa de comunicações.

— Por isso ele ficava me fazendo perguntas. Devia deduzir que era repórter. — disse olhando outros casais que sorriam um para o outro ao dançar. De repente me senti mal. Eu e Kamal podíamos estar sorrindo e se curtindo agora se eu lhe desse uma nova chance.

— Mariana? — ele chamou minha atenção.

— Oi. — o encarei.

— Eu já disse o quão bonita você está hoje?

— Não. — sussurrei engolindo em seco.

Kamal se aproximou mais do meu ouvido e começou a sussurrar.

— Sabe o que eu gostaria de fazer com você neste momento? — sua mão que estava na minha cintura desceu um pouco mais para baixo. — Eu tiraria esse vestido de você. Me deleitaria com a visão de seu belo corpo. Começaria por seus seios. Os beijaria, acariciaria, chuparia... Eu já disse que adoro os seus seios? — sua voz estava rouca de desejo. E eu já estava sem ar imaginando toda a cena. Com o balançar da melodia eu conseguia sentir seu membro rígido e minha calcinha não podia estar mais molhada. *Droga!* Abri os olhos e olhei ao redor. Nós estávamos num lugar público.

— Kamal. — chamei.

— Sim. — disse se aproximando mais.

— Preciso ir ao banheiro. — não esperei resposta. Simplesmente me afastei e segui em direção ao toalete.

Entrei no banheiro rapidamente me escorando em um canto qualquer. Respirei diversas vezes tentando acalmar minha libido. Peguei o

## PERIGOSAS ACHERON

celular, disquei o número e esperei Samira atender.

— *Alô?*

— Samira. Onde você está?

— *Oi Mari. Como está o evento? — perguntou e sorriu. Ela sorriu?*

— Péssimo. Ainda não estou acreditando que você fez isso comigo.

— *Ah Mari, deixa de ser chata. — outra voz falou.*

— Eu vou te matar Milena.

— *O que eu fiz? — perguntou sonsa.*

— Você não devolveu a mala. Onde está?

— *No meu apartamento.*

— E o que você estava pensando quando não a devolveu?

— *Que um dia você fosse precisar? — perguntou cínica.*

Respirei fundo para não começar a gritar pelo telefone. Não pegaria bem para mim se alguém me ouvisse falar tudo o que estava entalado na garganta desde que fui sequestrada na porta de casa. E olhe que não eram palavras bonitas.

— Onde vocês estão? — perguntei mais calma. Não adiantava brigar quando não se tinha o  
PERIGOSAS ACHERON



corpo presente para esganar.

— *Num restaurante muito chique. Como você estava ocupada com seu árabe bonitão, eu combinei de comemorar o novo emprego com Samira.*

— Eu preferia estar aí com vocês. — gemi frustrada. — Odeio esses jantares. E esse bebê enjoou quase tudo. A única coisa que consegui comer foi camarão. E eu odeio camarão. De tanta coisa, esse bebê tinha que gostar do que mais odeio. — resmunguei.

— Você está grávida? — uma voz atrás de mim me assustou.

— Jasmim?

— Você está grávida. — repetiu pensativa piscando os olhos como se não acreditasse no que ouvira.

Sorri sem graça.

— Hum... Depois eu falo com vocês. — disse desligando o celular. Me virei para Jasmim. — De onde você tirou isso?

— Eu escutei você falando ao telefone.

— Sua mãe nunca te ensinou que é feio escutar a conversa dos outros.

— O lugar que você escolheu para conversar é um pouco público.

Olhei o banheiro. Havia algumas mulheres, mas nenhuma que eu conhecesse.

— Eu não estou grávida. — menti. A última coisa que eu queria era a mídia no meu pé por causa disso. Fora que se Raquel descobrisse seria um perigo. Eu não sei até onde ela iria para fazer uma loucura.

— Tudo bem. Vou fingir que não ouvi.

— Por quê? — perguntei desconfiada.

— Você não precisa mais se preocupar comigo. — deu de ombros. — Se você está ou não grávida, o problema é seu e de Kamal.

*Isso era estranho!*

— Ok. — disse desconfiada já saindo do banheiro. Mas voltei quando lembrei de algo que Jasmim havia me dito anteriormente. Parei bem próxima a ela que estava retocando a maquiagem e sussurrei. Não estava afim de que me ouvissem. — De uma coisa você tinha razão. Ele partiu meu coração.

Era uma verdade que eu não podia negar, muito menos para ela.

— Mas ao contrário de você e das outras. Eu tenho o dele. — sorri com seu olhar trincado através do espelho. Me afastei saindo do banheiro.

Essa era outra verdade que eu tinha que aceitar.

*O coração de Kamal era meu.*

Encontrei Kamal me esperando na porta do banheiro. O encarei e segui em direção ao salão. Ele logo veio atrás de mim. Passamos por toda a programação do evento como o esperado. Fingindo que tudo estava bem. Mas não estava. Eu precisava dar um basta em tudo. E com isso tomar uma decisão. Eu só esperava que eu estivesse certa e não me arrependesse depois.

Entrei na limusine exausta. O dia fora cansativo e eu não tive um minuto de descanso, e para completar tive que passar a noite como atriz. Eu me sentia sem forças. *Não é assim que se trata uma grávida.* Eu merecia um descanso. Meus olhos pendiam para a escuridão e eu não resisti a isso. Eu estava tão cansada.

— Kamal. — sussurrei escorada no aconchegante estofado.

— Sim.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Me acorde quando chegarmos.

— Certo. — E a exaustão me dominou.

Senti meu corpo ser movido do lugar. Tentei abrir os olhos e me soltar de seja lá quem esteja me segurando, quando uma voz conhecida sussurrou.

— Shi. Pode voltar a dormir.

— Não precisa me carregar. — disse sonolenta me aconchegando mais ao seu ombro. Não sabia que gravidez nós deixava inválida. *Onde estão minhas forças quando preciso delas?*

— Na situação que você se encontra, acredito que devo.

— Por que não me acordou? — resmunguei ainda de olhos fechados.

— Eu tentei. Mas você resmungava e mudava de posição me ignorando. E mesmo que eu desejasse acordar com você dentro de um carro novamente... — ouvi seu riso. Ele devia estar lembrando de nossa breve estadia no deserto. Eu estava. — ... Hector precisa guardar o carro e ir dormir.

Virei meu rosto mais fundo em seu ombro e inalei seu cheiro. Eu devia ter suspeitado de algo, mas era tão bom estar perto dele. Eu estava com tanta saudade. Algo em meu ventre revirou.

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

Suprimi o desejo pelo sono. Apertei os olhos me entregando a escuridão. Eu precisava dormir e descansar, estar lúcida antes de tomar qualquer decisão precipitada.

*Que Deus me ajudasse a fazer o certo. Para nós três.*

# PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 26

**E**spreguicei-me e abri os olhos lentamente. Raios de sol invadiam o quarto. *Espera aí. Onde eu estou?* Me levantei olhando ao redor. O quarto era todo masculino, cores neutras. Eu estava com uma camisa e pelo cheiro que emanava dela, era de Kamal. Olhei por baixo da camisa. *Graças a Deus! Eu estava de calcinha.*

Olhei ao redor admirada. Eu nunca havia estado no quarto de Kamal. Eu sabia que era seu quarto pelas diversas coisas pessoais na mesinha próxima, que incluía a foto da família Abdo. E o que agente faz quando está no quarto do homem da sua vida sozinha? Bisbilhota.

Foi o que fiz até não encontrar nada de interessante. Eu não sabia nem o que estava

procurando. Então tecnicamente não podia ser achado. Era só vã curiosidade feminina.

Sai do quarto em direção a sala. O único cômodo que conhecia de seu apartamento. Ele estava sentado em uma mesinha perto da enorme janela, — que dava para ver pelo menos metade do estado, — lendo o jornal e tomando café.

— Não sabia que a ideia final era me sequestrar para o seu apartamento. — resmunguei. — Pena que eu estraguei sua ideia de sexo selvagem babando em seu travesseiro.

— Bom dia! — saudou me encarando com um sorriso. Não respondi. — Você adormeceu no carro. Não tive oportunidade de perguntar se você queria vim passar a noite comigo em minha cama.

— Muito engraçado. — disse me sentando à sua frente.

Tatiana, a empregada de Kamal apareceu com uma bandeja cheia de comida.

— Srta. Assunção. — saudou. — Que bom revê-la.

— Também é bom revê-la Tatiana.

— O Sr. Abdo me avisou de sua condição. Preparei uma comida leve, não se preocupe que a senhorita não vai colocar tudo para fora.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Corei.

— Que bom.

— Com licença. — disse a mulher com um sorriso.

Acompanhei com o olhar Tatiana sair da sala. E a única coisa que eu conseguia pensar era quem mais sabia que eu estava grávida. E que meus pais provavelmente seriam os últimos a descobrir. Típico de mim. Preciso ligar para eles. Mas primeiro eu precisava pensar em como dar a feliz notícia. Eu estava ferrada.

— Está com fome? — perguntou Kamal tirando-me de meus pensamentos.

— Não.

— Mari. — repreendeu.

— Kamal. — usei o mesmo tom. Para não brigarmos peguei a papa que havia na bandeja.

— Quem mais sabe que eu estou grávida?

— Que eu contei?

— Sim.

— Marcus e Tatiana.

— Certo. Não quero que mais ninguém saiba. Não quero a mídia no meu pé. — e que meus pais descubram sobre isso através dos programas de fofocas. Minha mãe ama assistir a tais programas.

## PERIGOSAS ACHERON



*Eu estou realmente ferrada.*

— Tudo bem. Agora coma.

— A Jasmim sabe. — soltei de uma vez.

Kamal abaixou o jornal e me encarou com o cenho franzido.

— Você contou?

— Eu tenho cara de quem troca confidências com ela? — ele negou. — Ela me ouviu no telefone ontem. — dei de ombros remexendo na minha papa.

— Você acha que ela vai dizer a alguém?

— Não sei. Mas acho que devemos estar preparados.

— Para quê? — falou despreocupado, mas eu tinha muito que me preocupar.

— Para os meus pais.

Ele entendeu o que eu quis dizer e acenou concordando comigo. Passamos alguns minutos em silêncio só com nossos pensamentos. Meu pai sempre quis que eu e a Milena nos casasse direitinho na igreja antes de termos filhos. E aqui estou eu. Mãe solteira. Então lembrei. A Milena também está grávida. Meu pai vai infartar.

— Vou ter que te dar a comida na boca? — perguntou Kamal sério chamando minha atenção. E

## PERIGOSAS NACIONAIS

quando digo sério era com a expressão de que realmente iria fazer o que estava dizendo. Dei-me por vencida e comecei a comer.

— Satisfeito? — três colheradas depois Kamal relaxou em sua cadeira.

— Mari. — chamou. — Você sabe que não posso ficar muito tempo aqui, não é?

— Eu sei. — continuei comendo.

Kamal agora tinha responsabilidades maiores que só gerir uma filial.

— Mas ficarei até você mudar de ideia.

O encarei largando a colher e colocando a mão na testa. Meu estômago revirou, mas ignorei o enjoou que me atingiu.

— Por quê? Por que você voltou? Eu já tinha aceitado que tudo entre nós havia acabado. — eu estava falando comigo mesma tentando achar respostas que eu já tinha. Era mais fácil esquecê-lo com ele bem longe de mim. Mas agora. Eu não sei se eu consigo fazer isso. Vamos ter um filho e eu sei que a qualquer momento eu irei ceder. Então porque adiar o inevitável?

— Mari, você está bem?

— Não. — outro enjoou me atingiu.

— Você está verde.

## PERIGOSAS ACHERON

Senti a vontade de vomitar vim com força total. *Droga! Tatiana me prometeu que eu não iria vomitar.*

Sai em disparada para o banheiro. Não dando atenção ao chamado preocupado de Kamal. Me joguei na bacia do banheiro e coloquei tudo para fora. Senti mãos segurarem meus cabelos e alisarem minhas costas. Pus tudo para fora. Até o maldito camarão da noite anterior. Segundos depois me escorei ao lado do vaso respirando fortemente, sem forças. Não é fácil estar grávida. Kamal estava à minha frente sentado no chão.

Me levantei lavando minha boca e molhando o meu rosto. Kamal permaneceu na mesma posição. Dedici me sentar no chão novamente.

— Tudo bem.

— Tudo bem o quê? — perguntou sem entender.

— Eu aceito voltar com você. — disse. — Com algumas condições.

— O que você quiser. — disse empolgado se aproximando para me abraçar. O barrei no meio do caminho.

— Ei, não tão cedo *playboy*. Você não quer ouvir as minhas condições primeiro?

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sua empolgação desapareceu e ele voltou a posição inicial. De frente para mim.

— Tudo bem. Pode falar.

O analisei um segundo antes de começar minha lista. Não era muita coisa, mas eram coisas importantes para mim.

— Eu vou mudar toda minha vida por você, nada mais justo que você abrir mão de certas coisas também.

— Estou ouvindo.

— Eu não quero mudar quem eu sou. — aponte para mim mesma lembrando-me dos sacrifícios que Marília tivera que fazer. — Você me conheceu assim e é assim que eu sou. Impulsiva, complicada, desconfiada...

Ele me parou.

— Pensei que essa questão já fora resolvida. Eu não quero que você mude.

— E eu não quero usar burca. — soltei outra condição.

— Tudo bem. Você não é obrigada a isso.

— Eu quero poder usar minhas roupas. — comentei frustrada.

Kamal parou pensativo.

— Tudo bem. Só peço que leve em

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

consideração as horas que você passou na cadeia.

Encaramos um ao outro. Isso com certeza era algo que eu não gostaria de fazer novamente.

— Usarei roupas mais compostas em público. Mas não a burca.

— Ótimo! — Kamal suspirou como se tivesse vencido uma guerra.

— Eu não quero morar com seus pais.

— E nem eu.

— Eu quero trabalhar.

— Sua vaga não fora preenchida.

— E para finalizar você terá que falar com meus pais.

Ele sorriu confiante.

— Isso será moleza.

— Eu não ficaria tão confiante assim.

— Por quê? — perguntou desconfiado.

— Bom... Você vai ter que dizer ao meu pai que está levando a filhinha dele para o outro lado do país. E ainda que a engravidou antes de casar. Meu pai não vai ficar feliz em te conhecer.

Kamal engoliu em seco. Gargalhei.

— Qual é a graça?

— Você. — continuei a sorrir. Eu iria me divertir muito com isso. — Você aceita minhas

## PERIGOSAS ACHERON

condições?

— Eu aceito.

— Ótimo. — disse pulando em cima dele e o beijando. — Eu não aguentava mais.

Kamal me deu um sorriso sacana e voltou a me beijar. Os momentos seguintes foram uma sequência de roupas tiradas. Eu não sabia como aconteceu. Só sei que em menos de um minuto tínhamos nos livrado das roupas e estávamos nos tocando, agarrando, apertando em todo lugar. Não sei se a culpa é dos hormônios, do tempo que se passou, ou do meu corpo traidor que não resiste a ele. Mas quem se importa? Nesse momento. Eu não.

Ele nos mudou de posição, me colocando de costas no frio piso do banheiro. Depositou vários beijos em meu ventre. Ri. Sua boca desceu um pouco mais. No V entre minhas pernas. A cada beijo e lambida eu me contorcia e gemia. Minutos depois ele subiu lentamente por meu ventre, passando pelo vale em meus seios e encontrando a lateral do meu rosto.

— Eu te amo tanto. — sussurrou em meu ouvido o mordiscando depois. Isso enviou uma onda de arrepios por meu corpo. Eu podia sentir a

## PERIGOSAS NACIONAIS

minha intimidade encharcada. Eu não aguentaria mais disso.

— Me ame. — foi a única coisa que consegui pronunciar em meio ao êxtase.

— Com prazer.

E foi exatamente isso que eu senti quando ele me penetrou. Muito prazer.

\*\*\*

Estávamos deitados no frio chão do banheiro depois da terceira rodada. Meu rosto apoiado em seu ombro. Suas mãos alisando meus cabelos. Olhei ao redor e comecei a rir.

— O que foi?

— De todos os lugares eu nunca imaginei que nossa reconciliação fosse no chão do banheiro.

Ele riu.

— Para você ver o quão imprevisível você é.

— Verdade. — eu que havia o atacado. — Mas eu estou feliz. — sorri.

— Eu também. — ele beijou meu rosto.

Então eu lembrei.

— Aí meu Deus! — dei um pulo do chão tentando juntar minhas roupas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — Kamal parecia desnorteado com minha atitude.

— Tenho que ir trabalhar. Eu ainda tenho um emprego.

Ele deu um suspiro de alívio. *Será que ele pensou que eu iria fugir?*

— Eu pensei que hoje podíamos... tirar um dia de folga?

— Mas e a Sami? Ela ainda precisa de mim para ajudá-la. — ela ainda não estava acostumada com a rotina da empresa.

— Ela tem o Marcus.

Pensei por um segundo. Eu sabia que isso não iria prestar. Sorri.

— Bom. — dei de ombros jogando as roupas no chão. — Se é assim.

Segui em direção ao box ligando o chuveiro. Olhei para trás e Kamal continuava deitado no chão.

— Você não vem?

Ele me deu aquele olhar sacana e eu sabia que ia sair desse banheiro toda assada.

— Com certeza. — respondeu se levantando como um pedrador.

Estremeci em expectativa. *Pobre de mim!*

## PERIGOSAS ACHERON



\*\*\*

O dia não podia estar sendo melhor. Como eu havia me recusado a ficar trancada no apartamento, mas precisamente no quarto em cima da cama pelada o dia todo. Resolvemos bater perna pela cidade. Nós nunca tínhamos passado um tempo juntos. E eu estava amando.

Kamal nunca tinha ido a uma feira de rua e foi legal levá-lo para um passeio na cidade. Visitamos o museu. Fomos ao parque. Ao shopping, onde compramos a primeira roupinha do bebê. Isso me emocionou. Ultimamente eu ando muito emotiva.

O dia perfeito. O nosso dia.

Já era noite quando chegamos ao meu prédio. Mas a noite não havia acabado. Eu só estava passando para tomar um banho e trocar de roupa. Nós iríamos jantar. Aonde? Eu não sabia. Mas Kamal estava ficando estranho. Nós havíamos passado em seu apartamento. Ele estava vestido com um belo terno. Entramos no elevador.

— Eu estava pensando em deixar o apartamento para Samira. — comentou. Ele parecia

nervoso.

— Ela vai amar.

Samira iria ficar um tempo no Brasil e o luxuoso apartamento de Kamal era um bom lugar para ela.

Quando abri a porta do meu apartamento uma comitiva me esperava. Até o Marcus estava por aqui. Milena foi a primeira a se pronunciar e se aproximar com uma mala. Ela parou de frente para mim e apontou.

— Aqui estão suas coisas. Eu não as despachei porque eu sabia que isso ia acontecer.

— Isso o quê?

— Que vocês dois iam voltar.

— E quem disse que voltamos?

— Ah, qual é Mari. Você passou o dia com ele. Só não digo para ter cuidado para não engravidar, porque você já está grávida. — comentou sorrindo. Ela se virou para Kamal. — Ainda não fomos apresentados oficialmente.

— Mas eu já conheço você. — disse ele com um sorriso de lado. Ele devia estar se lembrando do dia da boate, quando a Milena se passou por mim. Ela riu estendendo a mão.

— Naquela época você não era meu

## PERIGOSAS NACIONAIS

cunhado. Milena.

— Kamal. — disse apertando a sua mão. Ela segurou mais forte.

— Da próxima vez que você fizer minha irmãzinha chorar eu vou atrás de você.

— Não vou. — disse Kamal.

— Ainda bem. — ela soltou sua mão. — Odiaria ser uma assassina.

Ela me abraçou e seguiu em direção a porta.

— Aonde você vai? — perguntei preocupada.

— Embora. Tenho um compromisso.

— Milena.

— Não se preocupe. É só sexo. — piscou o olho para mim e saiu. Suspirei sem saber o que fazer. A cada dia eu me preocupava mais com ela. Isso me fez pensar que nós havíamos invertido os papéis. Eu que era a louca inconsequente, não ela. Ela sempre foi mais responsável que eu.

— Eu também vou indo. — disse o Marcus se levantando da cadeira que estava sentado. — Eu só vim trazer a Samira em casa. — ele parou a nossa frente. — Estou feliz por vocês dois. — deu um sorriso triste, duas batidinhas no ombro de Kamal e se retirou.

## PERIGOSAS ACHERON

Encarei Marcus ir. Ele estava sofrendo e tudo por causa daquela hipócrita da Raquel. Se eu me encontrar com ela eu não respondo por mim.

— Vocês se resolveram? — Samira se aproximou sorrindo.

Sua alegria era sempre contagiante. Sorri.

— Sim.

— Que bom. — disse empolgada.

Se ela estava feliz por nós, imagina quando descobrisse que ganharia um apartamento.

— Kamal tem algo para te dizer Sami.

— Tenho? — perguntou sem entender. Ele estava ficando estranho. O encarei.

— Sim. O apartamento.

— Ah sim. Sami eu pensei que seria melhor você ir morar no meu apartamento. Eu pretendo partir o quanto antes e já que você vai ficar aqui, pensei que gostaria de morar lá.

Ela me encarou.

— Mari. Eu gostaria de ficar aqui se você não se importar.

Isso me surpreendeu.

— Claro que não me importo. — pensei por um segundo. — Mas Sami. O apartamento é enorme, chique, num bairro seguro, não se

compara... — olhei ao redor. — ...aqui.

— Não importa. Eu gosto daqui e quero ficar aqui.

— Tudo bem. — disse Kamal também sem entender. — Vou providenciar um motorista para levá-la todos os dias ao trabalho.

— Não quero. — Sami sorriu. — Eu quero ter todas as experiências possíveis nesse país. Eu vou de ônibus.

— Mas Sami... — tentamos dissuadí-la.

— Não. Eu vivi a minha vida toda sendo seguida por seguranças, sendo levada de um lado a outro por motoristas. Eu quero fazer as coisas sozinha, por favor. — implorou ao irmão.

— Tudo bem. Só não deixe o papai ficar sabendo disso. — ela o abraçou. — E cuidado.

— Eu vou ter. — disse Samira feliz. — Prometo.

Sorri feliz com as novas conquistas da Sami. Entrei no meu quarto e rumei ao banheiro. Eu precisava de um banho.

\*\*\*

Eu conhecia o caminho que estávamos

percorrendo. E quando Kamal parou o carro em frente ao prédio eu não entendi.

— O que vamos fazer na empresa?

— Você já vai ver.

Seguimos em direção ao elevador. A curiosidade me consumia e quando ele apertou o botão para o último andar, eu tinha que perguntar novamente.

— O que estamos fazendo aqui Kamal? — perguntei desconfiada.

— Você vai ver. — disse nervoso. Eu não estava gostando nada disso. Desde que chegamos ao meu apartamento ele ficou estranho. Muito estranho.

Assim que as portas do elevador se abriram, Kamal saiu e eu o segui em direção a sala de reuniões. Assim que ele abriu a porta, eu vi. A enorme mesa de reuniões fora trocada por uma mesa pequena arredondada bem arrumada no meio da sala com castiçais, velas, flores espalhadas, duas cadeiras, um garçom e um músico tocando uma melodia. Mas não era uma melodia qualquer, era a música que Kamal pôs no seu apartamento um dia antes de viajarmos. Meus olhos se marejaram.

— Mari. — Kamal se ajoelhou e pegou a

minha mão. O encarei segurando as lágrimas. — Eu não sou bom nisso, treinei muito em frente ao espelho. — sorriu, mas logo ficou sério. — Nós não começamos bem. Nosso relacionamento começou com uma mentira e não é isso que eu quero para nós nessa nova fase. Eu te amo. Passei a te amar a cada dia que te via sentada naquela mesa. Você me esnobava, ignorava e acredito que isso contribuiu para eu me interessar. — ele bufou sorrindo com alguma lembrança. — Nunca tinha recebido um tapa na cara de uma mulher. — sorri.

— Você mereceu! — disse com a face banhada em lágrimas.

— Verdade. Quando eu coloquei aquela aliança em seu dedo no carro foi pelos motivos errados. Eu fui egoísta. Eu ia embora e queria que você viesse comigo. Eu só não sabia como fazê-la se interessar por mim. E eu preciso te pedir perdão por isso. Por causa do meu egoísmo e covardia eu te fiz sofrer. Tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse te dito a verdade logo no começo. Você me perdoa?

— Eu já te perdoei a muito tempo.

Ele pegou uma caixinha no bolso do terno.

— Eu quero fazer tudo certo dessa vez. E

nada melhor que o lugar que nos conhecemos pela primeira vez. — disse me encarando. Então me dei conta que essa era a sala de reuniões que Marcus me deixou no meu primeiro dia. Isso fez mais lágrimas caírem de meus olhos. Ele soltou minha mão e abriu a caixinha. Uma aliança diferente da anterior ofuscou minha visão. — Mariana Assunção. Eu te amo. Eu quero passar os meus dias ao seu lado. Quero dormir e acordar com você. Eu quero tomar café da manhã com você. Brigar e fazer as pazes. Dividir minha vida, meus anseios e desejos com você. — ele tocou minha barriga. — Ter filhos com você. Só você, do jeitinho que você é. Eu não mudaria nada em você. Porque amar é isso: aceitar o outro. E eu te aceito. Quer se casar comigo?

Eu não estava conseguindo falar, as lágrimas já tinham ofuscado minha visão minutos atrás. Eu só conseguia escutar. Tentei me acalmar e olhei de Kamal para a aliança.

— O anel é diferente. — foi a única coisa que consegui pensar.

Kamal sorriu.

— Esse é o nosso novo recomeço.

— Nosso novo recomeço. Eu gostei.



— Então... O que me diz? Aceita se casar comigo e me fazer o homem mais feliz do planeta?

Sorri o ajudando a se levantar.

— Sim. Eu aceito.

Me joguei em seus braços e o beijei. Ao som da música. A nossa música.

\*\*\*

Apertei o botão do elevador com um sorriso nos lábios. Eu ainda não acreditava que minha vida havia mudado do dia para à noite. Toquei o anel de brilhantes em meu dedo.

Nosso novo recomeço.

As portas se abriram e quem eu não esperava nunca mais ver na minha vida saiu toda poderosa do elevador.

— O que você está fazendo aqui? — cruzei os braços. O sangue já fervendo de raiva. Eu queria me jogar em cima dela e dar umas boas tapas nesse rosto cínico de botox, mas agora eu precisava pensar no meu bebê.

— Procurando você.

Olhei ao redor. Nem sinal de Marcus ou Kamal. Só Marcela a secretária do Marcus nos

observava de sua mesa.

— Me procurando? Você não tem permissão para subir.

Apertei o botão do elevador novamente, infelizmente ele tinha ido. *Droga!*

Encarei o elevador pedindo ao pai celestial em uma oração apressada que ele chegasse logo. Mas ele estava descendo para o térreo.

— Vai droga. — apertei o botão diversas vezes, mas isso não ia resolver minha situação. — Deixa para lá. — disse seguindo em direção às escadas. Era só um andar, não iria me fazer mal. Ela me seguiu.

— Você não pode sair assim. — reclamou. — Eu estou falando com você.

— Eu não tenho nada para falar com você Raquel. Some das nossas vidas, nos deixa em paz.

Comecei a descer o primeiro lance quando ela me segurou pelo braço.

— Você se acha melhor, mais esperta, superior. Mas você não é nada além de uma secretária. Eu sim sou mulher para ele. Eu tenho berço, nome e dinheiro.

Puxei meu braço de sua mão e subi um degrau para me igualar a ela. Sorri.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, uma secretária. — resmunguei. — Mas foi por uma secretária que ele se apaixonou, está noivo e futuramente casado. — esfreguei minha aliança em sua cara. — Não precisei de berço, nome e muito menos dinheiro para conquistá-lo.

— Golpista!

— Pense o que quiser Raquel, mas não é você que está esquentando a cama dele á noite. — provoquei. — E não é você que vai se casar com ele. Sou eu.

— Não se depender de mim — disse com raiva me empurrando. Ainda tentei me equilibrar, mas era em vão.

Eu estava caindo, girando. E a única coisa que eu conseguia pensar era em proteger minha barriga. Eu não estava prevendo isso. Eu não imaginei que ela seria capaz disso. Mas Kamal me avisou. Pena que eu não dera ouvidos.

Gemi de dor quando parei de girar na escada, minha cabeça havia batido com força no degrau e eu ia perder a consciência. Eu podia sentir o sangue, a dor. Mas nada foi pior que a certeza que tive quando senti um líquido sair de mim. Eu estava perdendo meu bebê.

## PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## Capítulo 27

**L**evei a mão a cabeça lentamente. O lado direito de minha cabeça estava dolorido e com um curativo. *Estranho. O que um curativo faz na minha cabeça? Eu me machuquei?* Levantei de súbito quando as lembranças do que havia ocorrido me atingiram.

— Raquel! — gritei assustada tentando encontrar a louca que me empurrara escada abaixo, mas ela não estava à vista. E eu não estava mais nas escadas de incêndio. Braços fortes me seguravam tentando me colocar de volta na cama.

— Calma Mari. Ela não está aqui.

Encarei o dono da voz enquanto um soluço escapava de meus lábios.

— Kamal! — me agarrei a ele chorando.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem amor. Eu estou aqui. — me consolou alisando meus cabelos.

— Raquel me empurrou da escada. — disse ainda chorando em seu ombro.

— Eu sei. — sussurrou.

Então um dor forte me abateu. Não física, mas emocional. Eu estava me lembrando aos poucos de tudo que havia acontecido e isso fez meu coração se apertar, eu não conseguia respirar.

— Mari? — Kamal me puxou de seu ombro preocupado.

— Eu perdi o bebê não foi?

O olhar que Kamal me deu foi sem dúvidas o mais triste e angustiante da minha vida. Ele não disse nada, não precisava, seus olhos mostravam a verdade. Ele apenas me abraçou enquanto eu chorava.

— Ela vai pagar. — rosnou. E percebi por sua voz entrecortada que ele também estava chorando.

Estremeci com suas palavras. Mas por outro lado um sentimento de vingança se apoderou de mim. *Raquel vai pagar!*

Não sei quanto tempo ficamos abraçados na cama. Eu não queria me mover. Queria continuar

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

assim até essa dor passar, mas eu sabia que não podia, uma hora teríamos que nos afastar.

— Não paro de pensar que se tivéssemos te achado antes. — resmungou me apertando mais forte em seus braços.

— Como assim? — perguntei o afastando.

— O médico disse que se tivéssemos te socorrido no momento da queda, você não teria perdido o bebê. Mas eu só te achei quase uma hora depois.

— Eu fiquei desacordada por uma hora?

— Não. Você está desacordada por quase vinte quatro horas.

Essa afirmação me assustou. Então encarei Kamal de verdade pela primeira vez desde que acordei. Ele estava com os olhos inchados e com olheiras, sua roupa era a mesma do dia anterior e estava amassada. O cabelo bagunçado, a barba por fazer. Ele devia ter ficado comigo o tempo todo.

— Por quê? Por que fiquei desacordada por tanto tempo?

— No momento da queda você bateu fortemente a cabeça. Felizmente não foi nada grave, mas isso fez com que você ficasse desacordada.

## PERIGOSAS ACHERON

Como se soube que estávamos falando dela, minha cabeça latejou. Levei a mão a cabeça e o curativo continuava lá.

— Você teve um corte não muito profundo nessa região. Levou cinco pontos. — disse tocando o curativo. — Tiveram que raspar sua cabeça ao redor do corte para dar os pontos e pôr o curativo. — meu olhar assombrado deve ter revelado algo a Kamal porque ele logo acrescentou. — Foi bem pouquinho, não vai dar nem para perceber quando você cobrir com o cabelo.

Fechei os olhos tentando ignorar esse fato. Um pouco de cabelo raspado não fazia mal. O importante era está viva. Minha garganta se fechou. Eu estava viva, mas meu bebê não. Segurei a vontade de passar a mão na minha barriga. Se eu fizesse isso iria cair no choro novamente. Eu já tinha me acostumando com a ideia de ser mãe.

Encarei Kamal.

— Como você me encontrou?

— Eu tinha ido verificar você. Estava preocupado porque você tinha estado bem enjoada pela manhã. Mas você não estava em sua mesa, nem com Samira, nem no banheiro. — ele parou refletindo a preocupação do tempo que ele passou



## PERIGOSAS NACIONAIS

me procurando. — Procurei por todo prédio, ia acionar a segurança quando Marcela disse que te viu indo pelas escadas mais cedo e que uma mulher estava com você.

— Raquel! — sussurrei.

— Sim. — suspirou cansado. — No começo eu não sabia que era ela. Então pedi aos seguranças para revisarem as câmeras da última hora. Nela aparece você e Raquel discutindo perto dos elevadores e depois vocês indo em direção as escadas. Logo depois aparece Raquel indo em direção aos elevadores assustada. Informei a polícia. Eles passaram as últimas horas procurando-a.

— Não encontraram ela? — perguntei levando a mão a testa. Minha cabeça estava doendo.

— Você está bem? — perguntou preocupado.

— Minha cabeça dói.

— Vou chamar o médico. — disse se levantando.

Assim que Kamal abriu a porta do quarto Milena entrou como um furacão. Se jogou em mim com um abraço apertado.

— Eu estava tão preocupada com você.

## PERIGOSAS ACHERON

Olhei por sobre seu ombro. Marcus e Samira nos olhavam aliviados.

— Eu estou bem. — tentei tranquilizá-los. Mas isso não era de toda verdade.

Milena me encarou um segundo. Ela me conhecia muito bem, talvez até podia sentir o que eu estava sentindo. Mas ela não disse nada. Samira me abraçou chorando de alívio e Marcus segurou em minha mão. Nenhum deles falou sobre o bebê. E eu agradeci por isso.

O médico apareceu segundos depois fazendo perguntas e me examinando. Aparentemente eu estava fora de risco. Só com um corte na cabeça e algumas escoriações no braço. Mas mesmo assim ele iria me manter em observação por algumas horas. Ele receitou um analgésico para a cabeça e se retirou.

A polícia também apareceu para pegar meu depoimento do que havia acontecido. Eu não queria lembrar do momento que perdi o bebê, mas era necessário se eu quisesse que Raquel pagasse pelo que fez. E ela iria.

Fui liberada no final da tarde. As ruas da cidade estavam tranquilas e a noite já começava a cair. Foi então que percebi que esse não era o

caminho para o meu apartamento.

— Para onde estamos indo?

— Para minha casa.

— Mas...? — Kamal pegou minha mão, me olhando de um jeito amoroso. Um arrepio passou por minha espinha.

— Deixe-me cuidar de você. — sussurrou beijando minha mão. Me escorei em seu ombro, escondendo minha face em suas roupas.

— Tudo bem. — aceitei com uma lágrima solitária rolando pelo rosto.

Kamal me abraçou apertado como se estivesse com medo que eu fosse fugir. Mas eu não tinha forças para isso e nem queria. Eu só queria que ele me abraçasse e amasse até que meu coração parasse de doer.

\*\*\*

*Duas semanas depois.*

Acordei com um Kamal inquieto andando de um lado a outro no quarto enquanto falava ao telefone. Me ajeitei na cama esperando ele terminar. Eu ainda estava sonolenta, mas precisava

## PERIGOSAS NACIONAIS

me apressar se quisesse chegar ao trabalho na hora.

Minutos depois ele desligou o telefone e me encarou tenso.

— Aconteceu alguma coisa?

Ele se aproximou largando o celular na mesinha de cabeceira e se sentando ao meu lado.

— Encontraram a Raquel.

Essas palavras acenderam algo em mim que havia se apagado durante essas duas semanas que se seguiam. A sede de justiça. Raquel iria pagar por tudo o que fez e isso tirou um sorriso dos meus lábios.

— Onde?

— Ela estava escondida na casa de uns parentes.

Kamal continuava tenso. Ele não parecia feliz com a captura dela. O que era estranho, já que nas últimas semanas ele sempre estava em contato com a polícia para saber se a tinham encontrado. Alguma coisa estava errada.

— O que aconteceu? — perguntei preocupada.

— No momento que a polícia chegou. Raquel conseguiu fugir de carro, no meio da perseguição ela sofreu um acidente e veio a falecer.

## PERIGOSAS ACHERON

— explicou.

O sorriso que eu estava sustentando em meu rosto desapareceu. Eu queria que Raquel pagasse pelo que fez, mas nunca desejei a sua morte. Por um lado isso mostrava que estava tudo terminado. Eu não tinha mais nada para fazer no Brasil. O que me prendeu aqui durante essas semanas fora Raquel. Eu queria que a polícia a encontrasse e que ela fosse julgada por seus atos. Mas creio que Deus se encarregou disso.

— Eu quero ir embora. — murmurei.

Por um momento Kamal ficou confuso. Mas logo entendeu minhas palavras. Passamos os últimos dias falando disso, que assim que Raquel fosse encontrada nós iríamos para a Arábia Saudita. E esse momento chegou.

— Quando você quer ir?

— Amanhã.

Kamal me encarou estranhamente.

— Por que tão cedo? Se quiser podemos esperar um pouco mais.

— Eu só preciso ir. — eu não sabia como explicar a minha necessidade de sair daqui e começar de novo. — E eu sei que você já ficou tempo demais por aqui. — comecei me

## PERIGOSAS NACIONAIS

aproximando. Sentei em seu colo. — Eu quero recomeçar minha vida com você. Para que ficar adiando o inadiável?

Kamal me beijou ternamente antes do beijo se aprofundar. Ele parou quando viu que eu tentava tirar minha camisola, já que ele estava só de cueca box.

— Mari.

— O que foi? — perguntei beijando seu pescoço.

— Nós não...

— Já fazem duas semanas Kamal. — o encarei. — Eu estou bem.

Ele me olhou em dúvida. Desde do acidente/atentado Kamal não me tocara intimamente e isso estava me matando. Eu o queria, precisava dele. Eu sei que estou abalada emocionalmente por tudo o que aconteceu. Mas já fazem duas semanas. Isso não significa que esqueci, só que quero seguir em frente.

— Por favor! — pedi com olhos suplicantes.

Ele tocou minha cabeça onde os pontos desapareciam por causa do cabelo que os cobria e voltou a me beijar. Kamal me depositou na cama e me ajudou a retirar a camisola que me cobria.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem mesmo? — perguntou em tom preocupado.

— Eu só quero que as coisas voltem ao normal. — sussurrei.

— Eu te amo! — disse enquanto acariciava o meu rosto.

— Então me ame. — instiguei. — Eu preciso.

Kamal se aproximou de mim beijando meus lábios ternamente e me amando. Eu podia ver isso em cada ação de suas mãos, em cada carícia de seus lábios, em cada olhar de desejo.

— Eu também te amo Kamal. — sussurrei entre seus lábios voltando a beijá-lo.

\*\*\*

Cheguei atrasada ao trabalho. Mas tinha valido a pena. Samira já me esperava sentada em minha mesa.

— Como você está? — perguntou quando me aproximei.

Sorri para ela. Eu me sentia feliz pela primeira vez em semanas.

— Bom dia para você também.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ah. — murmurou. — Você não sabe?

— O quê?

— Encontraram a Raquel.

Encarei Samira. Meu sorriso morrendo em meus lábios. Não vou mentir que esqueci de Raquel enquanto um pingo de felicidade raiava no meu coração entristecido. Mas agora era hora de encarar a realidade.

— Eu sei.

Samira me encarou cabisbaixa.

— O Marcus está... — ela parecia não conseguir encontrar uma palavra adequada. Até que se decidiu por uma. — Inconsolável.

Samira já sabia toda a história entre Marcus e Raquel. E pelo seu olhar ela estava sofrendo por ele. Meu coração se apertou. Eu me senti insensível diante da situação. Eu não estava feliz por Raquel ter morrido, mas me sentia feliz nesse dia especial, porque finalmente eu estava seguindo em frente. A dor já não era tão forte e eu estava conseguindo pensar com clareza o meu futuro. Mas o Marcus havia perdido alguém importante para ele, mesmo que esse alguém não prestasse.

— Nós vamos embora. — disse tentando quebrar o clima chato que ficara no ar. E não



querendo mais falar de Marcus e Raquel.

Samira me encarou e se aproximou para me abraçar.

— Vou sentir saudades.

— Eu também. — disse a abraçando de volta.

— Eu estou me apaixonando pelo Marcus. — confessou com lágrimas nos olhos. Suspirei com pesar. Eu já tinha percebido o interesse de Samira. Durante esses dias a vida dos outros era bem melhor que a minha.

— E o que você pretende fazer?

— Eu não sei. Ele a amava muito. — soluçou. A abracei novamente.

Isso era verdade e meu coração sofria por ela. Eu não sabia por quanto tempo Marcus estaria de luto e se compartilhava os mesmos sentimentos que Samira.

— Ah Sami. — eu não sabia o que dizer. Mas sabia o que fazer. A levei para sua sala e sentei com ela no seu sofá.

Samira colocou a cabeça em meu colo e eu fiquei lá, alisando seus cabelos até que se acalmasse. Eu não sabia o que iria acontecer. Só o tempo iria nos dizer o que estava reservado para

eles.

Depois que Samira se acalmou. Voltei a minha mesa para começar a trabalhar. A partir de amanhã eu não estaria mais aqui e não podia deixar ela perdida. Meu celular tocou segundos depois. E pelo toque que atribui a pessoa já sabia quem era.

— Oi Mi.

— *Mari, eu já estou sabendo. — disse preocupada. — Como você está?*

— Eu estou bem, mas que bem para falar a verdade. — confessei.

— *Ainda bem. Pensei que teria que comprar sorvete e alugar algum filme pornô. — brincou.*

Sorri. Eu ia sentir falta da minha cópia, como também do meu sobrinho que nem conheço, mas que já amo. Milena me ligou todos os dias durante essas semanas. No final de semana eu fui dormir na casa dela e tomamos sorvete ao bom e velho filme pornô. Como nos velhos tempos. Ia ser difícil me acostumar sem ela por perto.

— Você não aluga. Você é presenteada com esses DVDs.

— *É verdade. Mas ninguém precisa ficar sabendo.*

— Você precisa dar fim a esses DVDs

quando o Murilo nascer.

— *E quem disse que vai ser menino?*

— E como você sabe que não é?

— *Intuição de mãe.*

Sorri novamente. Eu e ela havíamos apostado no sexo do bebê. Eu achava que era menino, — já o tinha batizado, — e ela uma menina. Quem perdesse ficaria encarregada de dizer aos nossos pais. Pensar neles me inquietou. Eles não sabiam de nada que estava se passando conosco, mas eu não podia lhe dar com eles agora. *Eu precisava de um pouco de tranquilidade.* E com os meus pais nada seria tranquilo, não depois que descobrissem as coisas que suas filhas andaram fazendo.

— A mamãe ligou para você? — perguntei.

— *Não. Ela ligou para você?*

— Sim. Ontem à tarde.

— *Você contou algo a ela? — perguntou temerosa.*

— Não de você. — comecei. — Eu disse a ela que estava noiva. Só para o caso dela ver alguma foto minha em alguma revista por aí. — eu sabia que havia várias, principalmente quando noivei de mentirinha com Kamal. Sorte minha que meus pais passaram os últimos meses viajando. Era

## PERIGOSAS NACIONAIS

uma viagem que eles haviam planejado a muito tempo. E agora com a aposentadoria conseguiram realizar. — Mas eu e Kamal conversamos e decidimos ir lá no Natal. Ele colocou na cabeça que precisa pedir minha mão ao meu pai.

Milena gargalhou.

— *Boa sorte para ele.*

— Verdade.

Papai era bem mal-humorado. E eu sabia que Kamal iria sofrer na sua mão.

— Eu estou indo embora amanhã. — soltei de vez com pesar. Eu já estava ficando com saudades.

Um minuto de silêncio.

— *E quando você pretendia me contar? — gritou ao telefone.*

— Nós só resolvemos isso hoje. Eu ia te chamar para jantar lá em casa.

— *Vou sentir saudades. — murmurou tristonha.*

— Eu também.

— *Acho que você não contou a mamãe sobre a viagem.*

— Eu só decidi hoje quando soube da Raquel.

## PERIGOSAS ACHERON

— *Tudo bem. Eu te dou cobertura.* — lembrei dos velhos tempos quando íamos fazer traquinagens e ela "*me dava cobertura*". — *Além do mais só faltam dois meses para o Natal.* — falou maliciosa. — *Acho que eu também vou aparecer por lá para ver papai massacrando seu árabe. Acredito que minha barriga não vai estar tão grande para demonstrar que estou grávida.*

— Você não presta Milena. — sorri ao telefone.

— *Eu nunca disse que prestava.* — falou com tom inocente, mas eu sabia suas verdadeiras intenções.

\*\*\*

Consegui almoçar com Cristina para me despedir de minha amiga, depois de muito choro e confidências eu voltei para a empresa. Evitei encontrar com o Marcus. Não porque eu achava bom o que tivera acontecido com a Raquel, mas porque eu não sabia o que dizer a ele. Eu não podia consolá-lo. Não depois de todo mal que ela me fizera.

Kamal se aproximou da minha mesa às seis

horas em ponto.

— Terminou?

— Sim. — disse desligando o computador.

— Como ele está?

Kamal sabia que eu me referia ao Marcus. Nas últimas horas ele me atualizava sobre o seu bem estar já que eu não me sentia à vontade de ir ao seu encontro.

— Mais calmo agora.

— Hum. — me envergonhei por estar sendo tão insensível. Kamal deve ter percebido algo em meu olhar.

— Ele sabe Mari.

— O quê?

— O porquê você não foi vê-lo. Ele pediu para me desculpar com você sobre a Raquel.

Meu coração se apertou

— Mas ele não fez nada. — murmurei.

— Ele sabe. Mas se sente um pouco responsável pelo que te aconteceu. — Kamal suspirou cansado. — Foi ele que permitiu a entrada dela no prédio. Por isso que ela tinha conseguido entrar.

— A culpa não é dele. — murmurei novamente. Independente dele ter permitido seu

acesso, não fora ele que me empurrara escada abaixo.

Kamal me encarou um segundo e pegou minha mão.

— Vamos para casa. — disse cortando a conversa.

O que agradei com um sorriso. Eu não queria me sentir pior do que já estava. Mesmo que inconscientemente eu fiz o Marcus pensar que ele era em parte culpado pelo que me aconteceu. A minha recusa em vê-lo não tinha nada a ver com isso. Eu só não conseguiria vê-lo sofrer por ela. Ela não merecia seu sofrimento. E eu não podia dizer isso a ele. Por isso eu precisava me afastar. Eu não seria de grande ajuda nesse momento.

\*\*\*

Assim que Kamal abriu a porta do apartamento percebi que havia algo de errado. Todas as luzes estavam apagadas. Mas logo se acenderam e uma pequena comitiva gritou: "Boa viagem!"

Sorri feliz para as pessoas que nos aguardavam. Não era muita gente, mas os que eu

## PERIGOSAS NACIONAIS

levaria no meu coração sempre. Abracei Kamal. Ele parecia mais surpreso que eu.

— Pela sua cara imagino que você não sabia de nada.

— Nem um terço. — disse sorrindo.

Abracei Milena que estava se aproximando de nós.

— Você acha que eu deixaria você ir para o outro lado do mundo sem uma reunião de despedida? — perguntou sorrindo.

— Não. Não deixaria. — a abracei novamente. — Vou sentir saudades.

A próxima a receber um abraço foi Samira.

— Você guardou segredo o dia todo. — resmunguei. Eu nem tinha percebido nada quando ela disse que sairia mais cedo. Ela parecia bem melhor agora, mas aqueles olhinhos não me enganavam.

— Cristina. — disse a abraçando. Eu ia sentir muita falta dela também. Quando cheguei a empresa ela fora muito legal comigo se tornando minha amiga. — Vocês todas guardando segredo de mim.

— Sua irmã nos ameaçou se contássemos algo para você. — disse Cristina sorrindo.

## PERIGOSAS ACHERON



Abracei Tatiana agradecendo por tudo. Eu sabia que tinha sido ela que havia preparado os quitutes. O cheiro de sua comida era irreconhecível. Eu estava feliz que Samira resolvera ficar com Tatiana. O bom era que agora ela iria poder ir para casa todos os dias e não precisaria dormir no trabalho.

Ela estava no canto escorada junto com Hector. Kamal o havia colocado à disposição da empresa. Ele agora ficaria encarregado de levar as pessoas da diretoria onde quisessem. O bom era que ninguém perdera seus empregos.

Olhei para à noite que caia pela janela. Foi quando eu vi um intruso na sacada. Suspirei cansada e segui até lá. Eu tinha que enfrentar as coisas uma hora ou outra, não dava para ficar fugindo.

— A reunião é lá dentro. — disse me escorando na parede. Ele não se virou para me olhar.

— Eu não estou com vontade de festejar. — ele se virou se escorando na sacada. — Só vim para desejar-lhes uma boa viagem.

— Obrigado. — disse com um bolo na garganta. Ver Marcus como estava vendo agora

estava partindo meu coração. E me senti mal por tê-lo ignorado hoje. Ele não merecia isso da minha parte. Eu tinha sido insensível e mesquinha. Mesmo com a roupa passada e alinhada, seu rosto mostrava seu sofrimento. Seus olhos inchados e vermelhos, era uma indicação forte que ele estivera chorando.

— Me perdoa Mari. Se eu não... — ele parou sem conseguir falar. As lágrimas nublando a sua voz. Foi o fim, eu não podia ser mais indiferente ao seu sofrimento.

— Ei. — disse me aproximando e o abraçando. — Você não tem culpa Marcus. O que Ra... Ela fez não teve nada a ver com você.

— Mas eu me sinto responsável.

— Se é tão importante para você. Eu lhe dou meu perdão, mesmo não tendo o que perdoar. Eu só não quero lhe ver sofrer por isso. — disse com lágrimas nos olhos. — Ela não merece.

— Obrigado. — disse me abraçando mais forte. Minhas palavras foram como bálsamo para o ferido. Eu podia ver que ele ficara mais aliviado depois disso.

— Agora vamos entrar. — disse o puxando.

— Vou só falar com Kamal e ir embora. Eu preciso ir ao... — ele parou sem saber se me dizia

que estava indo ao velório de Raquel. Eu sabia o que estava acontecendo neste momento. A mídia não deixava nada de fora. O pai de Raquel era um homem muito importante, tanto que encobriu a morte da filha. Ninguém além de nós nesta sala sabe que Raquel estava sendo perseguida pela polícia.

— Tudo bem. — disse o apoiando. Ele precisava dar adeus a ela.

Marcus se despediu de nós, nos desejando uma boa viagem. Para os que ficaram foi uma noite muito agradável. Bebemos, conversamos e dançamos. Kamal tinha um Xbox<sup>[51]</sup> em casa. Por essa eu não esperava. Ele disse que o tinha comprado logo quando se mudou e começou a receber alguns amigos em sua casa. Alguns deles gostavam de jogar e dançar.

Milena não perdeu a chance e caiu na pista da TV. Ganhando de todo mundo. Até Kamal entrou na onda. Para todos os efeitos eu estava tendo a melhor despedida de todas.

\*\*\*

— Bom dia dorminhoca. — abri os olhos

## PERIGOSAS NACIONAIS

bem devagar e encarei Kamal. Virei para o outro lado. — Ah, qual é Mari? Hora de levantar. — disse puxando o lençol de meu corpo.

— Me deixa dormir.

— Não. Temos que nos organizar se não quisermos perder o avião e ainda temos que esperar o corretor para entregar as chaves e o contrato do apartamento.

Por causa da minha pressa em sair do Brasil. Kamal teve que apressar as coisas para a venda do apartamento e o corretor de imóveis que ele vinha falando a dias iria vim conhecer o imóvel e pegar o contrato para só assim poder trazer os possível compradores.

— Mas eu quero dormir. — resmunguei entre os travesseiros.

— Mariana Assunção. — repreendeu.

— Kamal Abdo. — disse no mesmo tom. — Isso tudo é culpa sua. — o encarei. — Se tivesse me deixado dormir depois que todos foram embora nada disso estaria acontecendo. — resmunguei lembrando da reunião de despedida que Milena preparou.

— Mas você estava tão *ladhidh*<sup>[52]</sup> dançando. Eu não tive como resistir.

## PERIGOSAS ACHERON

Sorri levantando da cama lentamente com um olhar travesso. Eu amava quando ele falava palavras em árabe para mim. Cheguei bem próximo a ele, coloquei meus braços ao redor de seu pescoço, abaixei lentamente passando por uma bochecha. Ele me apertou.

— Vou tomar banho. — sussurrei em seu ouvido pulando da cama e me encaminhando para o banheiro da suíte. Com um olhar sombrio Kamal acompanhou o caminho que eu fazia até o banheiro, antes de se pôr em movimento e tentar me pegar. O resultado disso foi uma hora bem perdida no banheiro.

Sorte minha que Tatiana havia feito nossas malas. Eu não estava levando muita coisa. A maioria Milena iria mandar depois para mim. Hector já havia carregado o carro e só nos aguardava tomar o café da manhã. E ainda tínhamos que esperar o tal corretor que iria pegar o contrato que estava com Kamal.

Estávamos agora sentados na mesa tomando nosso café da manhã. Olhei pelas janelas de vidro. Eu ia sentir falta dessa vista.

A campainha tocou.

Kamal se levantou para cumprimentar o

corretor enquanto eu ainda tomava meu café e admirava a vista pela janela. Mas eu podia ouvir os dois conversando.

— Seja bem-vindo. Eu sou Kamal Abdo.

— Prazer. Eu me chamo Pablo Santos.

Paralisei. Eu conhecia aquela voz, como também o dono dela. Lentamente virei o rosto para onde os dois homens estavam e eles estavam se aproximando. *Merda! O que fazer? Fingir que não conhece é uma boa opção.*

— Mariana. — saudou Pablo surpreso por me encontrar. Corei. *Merda! Não dá mais para fingir. De todos os corretores da cidade tinha que ser logo ele?*

Coloquei um sorriso falso na cara.

— Pablo. Como vai?

— Bem. E você? Não me ligou mais. — disse sorrindo.

*Merda!*

— E porque ela ligaria? — perguntou Kamal nos encarando.

— Nada. Ele é corretor. — disse o óbvio.

Então algo deve ter passado por Kamal porque ele encarou Pablo por um longo momento e depois bufou se afastando e sentando na mesa.

Kamal me vira saindo da boate meses atrás com Pablo. Ele deve tê-lo reconhecido.

— Assinei o contrato que você me enviou por e-mail. Está com a Tatiana. — começou Kamal apontando para a mulher que já esperava perto da cozinha. — Ela vai mostrar-lhe a casa e lhe entregar as chaves ao terminar. Ela vai lhe dizer tudo o que você precisar saber.

Tatiana se aproximou de Pablo com um sorriso gentil.

— Por aqui Senhor.

— Claro. — disse ele. Mas antes se aproximou de onde eu estava. — Foi um prazer revê-la Mariana. Faça uma boa viagem. — sorriu e se afastou seguindo Tatiana.

É claro que ele sabia que íamos viajar. Kamal vinha se comunicando com ele a dias. Será que Kamal sabia quem era ou fora pura coisa do destino? Vai saber. Eu que não iria perguntar. Também não importava. O que aconteceu entre mim e Pablo foi antes de Kamal e não há motivo para alarde.

Sentei-me na cadeira voltando a comer e admirar a vista. Segundos depois encarei Kamal. Ele estava esmurrando o celular com o dedo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você está assim? — perguntei.

— Você dormiu com ele. — resmungou ainda sem me encarar.

Arrisquei uma risada. Ele me encarou como se eu fosse louca.

— Você está com ciúmes?

— É claro que eu estou com ciúmes. Sentirei ciúmes de todos os homens que a tocaram pelo resto da minha vida.

— Até do meu pai? — brinquei.

Kamal resmungou algo em árabe e se levantou chateado pegando suas coisas. Nós já tínhamos nos despedido de Tatiana e como ela estava com o corretor era melhor não cutucar a onça.

Sorri pegando minha bolsa o seguindo. Kamal era muito fofo quando estava com ciúmes. Antes de sair olhei uma última vez o apartamento que durante duas semanas se tornou um lar, um refúgio. Fechei a porta sem olhar para trás entrando no elevador com Kamal.

Era hora de começar uma nova vida.

\*\*\*

## PERIGOSAS ACHERON



A ida até o aeroporto fora tranquila. Muito diferente da última vez. Chegamos na hora certa, fizemos o check-in tranquilamente. Eu havia tomado banho. Tudo certo. Nada para se preocupar. E essa tranquilidade estava me deixando nervosa.

— Você está bem? — perguntou Kamal sentado ao meu lado na área de espera.

— Estou. — disse olhando ao redor com desconfiança. — Eu só estou nervosa. — confessei. — Parece que estou esperando algo de ruim acontecer a qualquer momento. Sempre que estamos bem e feliz algo acontece.

Kamal me observou por um minuto.

— Nada vai acontecer Mari. Todos que um dia pensaram e fizeram mal a você, a nós. Estão mortos, internados numa casa de repouso ou fugiram. Agora é só eu e você. — disse com um sorriso tranquilizador.

Sorri.

— Você tem razão. Dizem que depois de uma grande tempestade vem a calmaria. Só preciso me acostumar com ela.

— E você vai. — disse ele beijando minha testa enquanto anunciavam o nosso voo.

Kamal se levantou estendendo a mão para

mim.

— Preparada?

Aquela palavra significava tanta coisa. Eu estava preparada para recomeçar a minha vida? Para as coisas que iriam surgir ao longo do nosso caminho? Para voltar ao país onde passei por vários problemas? Não. Eu não estava, mas precisava tentar.

— Você vai segurar a minha mão? — perguntei sorrindo. E eu não estava perguntando no sentido dele segurar minha mão no avião enquanto decolamos.

Kamal me encarou por um segundo interpretando minhas palavras. O sorriso que ele me deu afastou o medo, o nervosismo e as incertezas que insistiam em surgir em minha mente.

— Sempre.

Sorri enquanto segurava sua mão indo para a ala de embarque. Eu podia não estar preparada para muitas coisas na vida. Mas se ele estivesse comigo, segurando minha mão para que eu não caísse. Conseguiríamos ultrapassar os obstáculos que surgissem.

— Eu já disse que te amo hoje? — perguntei enquanto nós aproximava da fila para entrar no

avião.

Kamal sorriu.

— Não.

— Eu te amo Kamal. — disse sorrindo e beijando sua bochecha.

— Eu também Mari. Eu também.

## Epílogo

Bati na porta calmamente.

Ao contrário de mim, Kamal estava nervoso. Era a primeira vez que ele ia conhecer meus pais e o medo que Milena fez a ele não estava ajudando. Olhei de relance a sua postura rígida e seu tique nervoso de comprimir os lábios apertados.

Eu nunca tinha reparado esses pequenos detalhes sobre ele, mas depois de alguns meses juntos comecei a perceber suas manias. Quando está nervoso, comprimi os lábios. Ansioso, bate o pé repetidas vezes. Com raiva, aperta as mãos até ficarem brancas.

— Não precisa se preocupar. Vai dar tudo certo. — disse com um sorriso tranquilizador.

Eu não estava preocupada.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem disse que estou preocupado? — resmungou. Sorri. Meu querido árabe arrogante.

— Posso perceber pelo seu tique nervoso.

— Que tique?

Olhei de relance com um pequeno sorriso.

— Eu já disse: Vai dar tudo certo.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Eu só tenho.

A porta foi aberta e uma mulher do meu tamanho, com cabelos lisos me abraçou.

— Minha pequena está em casa. — falou emocionada segurando o meu rosto em suas mãos.

— Olá mãe. — disse com lágrimas nos olhos. A abracei novamente. — Eu estava com saudades.

— Eu também.

— Feliz Natal.

— Oh! Para você também querida. Estou tão feliz que você e a sua irmã estão aqui.

— A Milena já chegou?

— Sim, ela está lá dentro com o seu pai. — sua visão foi parar no homem atrás de mim. — Você deve ser Kamal? — perguntou.

— Sim, senhora. Feliz Natal. — disse lhe entregando a garrafa de vinho que compramos no

## PERIGOSAS ACHERON

caminho.

— Ah, venha cá. — e assim ela o abraçou. Kamal não estava esperando, mas logo relaxou e toda a preocupação desapareceu. Não era com ela que ele tinha que se preocupar. — Estou feliz que finalmente a Mariana tomou juízo e resolveu se casar. Eu já tenho idade para ter netinhos.

Minha respiração parou e Kamal me observou por um minuto. Talvez pensando o mesmo que eu. Faz alguns meses, mas esse episódio sempre estará marcado nos nossos corações.

Meus pais não ficaram sabendo da minha gravidez, muito menos que perdi o bebê. Eles só sabem que estou noiva.

— Por que não entramos mãe? — perguntei para quebrar a tensão que se instalou entre mim e Kamal. Eu não quero que meus pais saibam o que aconteceu. — Estamos muito cansados.

— Sim, claro. — disse nós guiando para dentro da casa simples e familiar.

Meus pais não são ricos, mas vivem com conforto. Eles sempre trabalharam para dar o melhor para mim e Milena. E agora que estão aposentados querem aproveitar viajando pelo

mundo.

Minha mãe nós guiou para a sala de estar. Sorri com o sofá florido que a minha mãe insiste em manter. Ele é uma recordação viva de nossos dias de criança. As coisas pareciam estar no mesmo lugar.

— Eu ainda não acredito que você está morando na Arábia. Quando contei ao seu pai ele quase infartou.

— Onde está o papai? — perguntei me sentando.

— Ele está conversando com a Milena. Agora me conta. — disse sentando perto de mim. — Como é viver na Arábia? Estive pensando em ir com o seu pai, e agora com você lá, temos mais um motivo para ir.

— É bom. — disse procurando Kamal pela sala. Ele estava perto de uma estante vendo algumas fotos antigas de família.

— Só isso? Bom? — perguntou com expectativa. Eu conhecia minha mãe, ela queria um itinerário completo. Então eu comecei a contar com era minha vida nos Emirados Árabes enquanto esperávamos meu pai chegar. Não demorou muito.

— Onde está o indivíduo que quer casar com

a minha *coelhinha*?

Dei um pulo do sofá correndo para abraçar meu pai. Fazia alguns anos que não os via. Eu estava com muita saudades deles.

— Pai. — ao me ver ele esqueceu do meu noivo e me abraçou apertado.

— É bom te ver coelhinha.

Sorri.

— Também é bom estar aqui papai.

— Bom. Agora me mostre esse ser que quer se casar com você.

Meu pai sempre foi dramático. Ele não tem preferência entre mim e a Mi, mas por eu ser a mais nova, ele colocou na cabeça que devia me proteger, assim como minha cópia. Era bom quando eu era mais nova, porque eu sempre fui muito atrapalhada e me metia em problemas, mas agora eles precisam ver que eu já cresci.

— Pai. — disse o guiando até Kamal que estava no mesmo lugar de antes. — Este é Kamal.

— Prazer em conhecê-lo senhor. — disse meu árabe com a mão estendida.

Meu pai passou alguns segundos o analisando com cara de homem mal. Ele amava amedrontar meus namorados. Sorri. Kamal iria



## PERIGOSAS NACIONAIS

sobreviver. Ele agarrou sua mão o puxando para perto.

— Quais são suas intenções com a minha filha?

Olho no olho Kamal respondeu.

— As melhores. Eu a amo e quero me casar com ela.

A resposta parece ter agradado ao meu pai. Ele soltou Kamal com um sorriso e o segurou pelos ombros apertado.

— Bem-vindo a família filho. — disse o soltando e indo se sentar no sofá perto da minha mãe.

Me aproximei de Kamal segurando em seu braço.

— Eu disse que ia dar tudo certo.

— E você tinha razão. — disse com um sorriso relaxado.

Nos sentamos no sofá contrário ao que meus pais estavam. Milena estava num canto nos observando pensativa.

— Eu tenho algo a dizer.

Olhei para minha irmã. Nós havíamos conversado sobre esse dia. Acho que ela ouviu meu conselho de contar ao nossos pais sua condição.

## PERIGOSAS ACHERON

Ela se aproximou ficando de frente para os nossos pais, me levantei para segurar sua mão dando apoio. Ela suspirou algumas vezes criando coragem.

— Eu estou grávida.

Fim

## Próximo lançamento



Aslan Özdemir é um turco bonito, rico e perigoso.

Dono de um boate clandestina na Turquia. Aslan não pensa duas vezes em quebrar a lei. Porém o que as pessoas não sabem é que a boate é uma fachada para algo muito mais obscuro.

Criado por seu tio desde os seus 13 anos.  
PERIGOSAS ACHERON

Aslan não pensa em se amarrar tão cedo. Até que conhece Beatriz. A doce Beatriz Rodrigues que está de férias com a sua melhor amiga Amanda De la Cruz.

Depois de concluir a residência, ganhar a viagem para a Turquia foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Graças ao pai de Amanda.

O que parecia uma viagem tranquila e inocente se torna algo mais quando ela se envolve com Aslan. Ela não esperava ter seu coração acelerando e se apaixonando por ele.

Nem que seu segredo iria destruí-la.

**Até a próxima...**

---

[1] Palavra árabe. Significa: gostosa.

[2] Tradução: *Passe o telefone para meu filho.*

[3] Tradução: inferno

[4] Tradução: inconsequente

[5] Tradução: por favor!

[6] Tradução: Por isso eu gosto de você.

[7] Gaia – expressão popular nordestina.

[8] Expressão popular para pênis.

[9] Tradução: Por favor!

[10] Tradução: Mande entrar.

[11] Tradução: Ótimo!

# PERIGOSAS NACIONAIS

[12] Mánage a trois: Sexo entre três pessoas.

[13] X9: dedo-duro, fofoqueiro, delatador.

[14] Tradução: Interessante.

[15] Tradução: Sim.

[16] Tradução: Não.

[17] Tradução: Hoje nada pode dar errado.

[18] Tradução: Haverá muita gente conhecida.

[19] Tradução: Pronto.

[20] Tradução: Verdade.

[21] Tradução: Não.

[22] Tradução: Para quê?

[23] Tradução: Nada.

[24] Comida típica árabe.

[25] Burca é uma peça do vestuário tradicional das mulheres muçulmanas, principalmente as afegãs, e que é caracterizada por cobrir todo o corpo, o cabelo e o rosto.

[26] Gamão é um jogo de tabuleiro para dois jogadores, realizado num caminho unidimensional, no qual os adversários movem suas peças em sentidos contrários, à medida em que jogam os dados e estes determinam quantas "casas" serão avançadas, sendo vitorioso aquele que conseguir retirar todas as peças primeiro.

[27] Tradução - O que significa isso?

[28] Tradução - Que a paz esteja com vocês!

[29] Tradução - Que a paz esteja com você, também.

[30] Expressão popular – sair para passear, andar.

[31] Alcorão é a palavra literal de Deus revelada ao profeta Maomé ao longo de um período de vinte e três anos. A palavra Alcorão

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar; Alcorão é portanto uma "recitação" ou algo que deve ser recitado.

[32] O "manto" de abaya, às vezes também chamado de aba, é uma vestimenta simples e solta, essencialmente um vestido parecido com um manto usado por algumas mulheres em partes do mundo muçulmano, inclusive no norte da África e na Península Arábica.

[33] The Globe – É um restaurante sofisticado que fica localizado em Riade, Arábia Saudita.

[34] Um cosmopolitan, ou simplesmente Cosmo, é uma bebida alcoólica, ou um coquetel feito com vodca, triple sec, suco de oxicoco e suco de limão espremido ou adoçado.

[35] Tradução: Comida?

[36] Tradução: Sim.

[37] Tradução: Ali.

[38] Nômades pessoas que não têm uma habitação fixa, que vivem permanentemente mudando de lugar.

[39] Tradução: Temos um acordo?

[40] Moeda oficial do Emirados Árabes.

[41] Tradução: Mamãe.

[42] Tradução: Vó.

[43] Tradução: Sangue ruim.

[44] Tradução: Puta.

[45] Tradução: Bom dia!

[46] Tradução: Não.

[47] Tradução; Sim.

[48] Tradução: Estou.

[49] Personagem fictício que tem poderes.

# PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

[\[50\]](#) Tradução: Vida.

[\[51\]](#) Jogo virtual.

[\[52\]](#) Tradução: Gostosa.

# PERIGOSAS ACHERON